GLOSSARIO
DAS PALAVRAS E FRASES
DA
LINGUA FRANCEZA,

QUE POR DESCUIDO, IGNORANCIA, OU NECESSIDADE SE TEM INTRODUZIDO NA LOCUÇÃO PORTUGUEZA MODERNA; COM O JUIZO CRITICO DAS QUE SÃO ADOPTAVEIS NELLA.

POR

D. Fr. FRANCISCO DE S. LUIZ,

Bispo Reservatario de Coimbra, Conde de Arganil, do Conselho de Sua Magestade, Presidente da Camara dos Senhores Deputados da Nação Portugueza, e Socio effectivo da Academia Real das Sciencias.



LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS.

1827.

Com licença de S. MAGESTADE.

Do que se antigamente mais prezaram
Todos os que escreveram, foy honrar
A propria lingua, e nisso trabalharam.

Ferreir. Liv. I. Cart. 3.ª

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA SESSÃO DE 6 DE MAIO DE 1823.

Determina a Academia Real das Sciencias, que seja reimpresso á sua custa, e debaxo do seu privilegio o Glossario das palavras e frases da lingua franceza, que se tem introduzido na locução portugueza moderna, *composto, e apresentado, pelo seu Sociô D. Fr. Francisco de S. Luiz. Secretaria da Academia* 21 *de Abril de* 1827.

Joze Maria Dantas Pereira,

Secretario.

PREFAÇÃO.

Tentamos desempenhar nesta Memoria, se nossas forças o permittirem, o primeiro assumpto proposto pela Academia Real das Sciencias no programma de 1810, na classe de litteratura portugueza, o qual consiste em hum *Glossario, ou catalogo de palavras e frases, em que se mostre com toda a individuação as que são proprias da lingua franceza, e que por descuido ou ignorancia se tem introduzido na locução portugueza moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o genio da nossa lingua, e como taes inadoptaveis nella.*

Para executarmos este proposito, lemos muitas obras dos nossos modernos escritores, assim traduzidas do francez, como originaes, que correm impressas; e nos servimos das observações, que já tinhamos feito, ou de novo fizemos sobre a sua linguagem, bemcomo sobre os vocabulos ou frases mais usadas na conversação familiar, nos escritos não impressos, e nos sermões, e outros discursos das pessoas litteratas, e dadas á lição dos livros francezes; comparando-as com a locução dos nossos classicos, e examinando-as á vista dos diccionarios da nossa lingua.

Não presumimos assim mesmo de haver cumprido pontualmente com o que a Academia deseja, por serem sobremaneira numerosos os termos e expressões francezas, com que se acha desfigurada a

natural formosura da nossa linguagem: mas trabalhamos por ajuntar neste catalogo tudo o que nos pareceo mais notavel e digno de reparo, e por dar ácerca de cada cousa o nosso particular juizo e opinião.

Como não he do nosso intento censurar escritor algum nomeadamente, julgamos escusado citar as obras, donde forão extrahidos os vocabulos e frases, que vão neste Glossario: mas quem tiver tido a curiosidade e o trabalho de ler as traducções, e ainda outros escritos dos nossos portuguezes modernos, facilmente conhecerá que lhes não impomos erros, ou descuidos, em que não tenhão cahido muitas vezes.

O juizo que fazemos sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder, ou não, adoptar na nossa lingua, não o declaramos sem algum receio de errar; por quão difficil nos parece conciliar neste ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos. Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra: « que sendo o vocabulo de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo, e harmonico, se podia adoptar e trazer á nossa lingua, ainda quando nesta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito »; porque estamos persuadidos, que convêm a qualquer idioma ter não só vocabulos correspondentes a cada idêa, mas ainda variedade delles com o mesmo significado; paraque o douto e avisado escritor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição, evitando a fastidiosa repetição dos mesmos termos, e a cançada uniformidade da locução e estilo.

Quando a alguma palavra ou frase, que nos parece inadoptavel, substituimos duas ou mais de

bom cunho, e de igual significação; não queremos indicar que estas sejão sempre exactamente synonymas, ou que indifferentemente se possão empregar, sem escolha e discrição, em todas as circumstancias; mas sim e tamsómente, que cada huma dellas póde em diversos casos traspassar com propriedade e energia a palavra franceza, e supprir o gallicismo refugado.

Em alguns artigos ajuntamos, quando nos pareceo conveniente, exemplos classicos, que autorizem o nosso juizo, ou verifiquem os modos de fallar menos usuaes, e pouco conhecidos: o que não será desagradavel aos leitores amantes da nossa lingua, nem parecerá superfluo aos doutos, que a sabem com perfeição, e que não carecem deste soccorro.

Das palavras technicas das sciencias e artes, por acaso mettemos alguma neste catalogo; porque seria obra mui longa fazer menção de todas as que se tem innovado, e cada dia estão innovando; e porque entendemos que em rigor nos não competia julgar do merecimento dellas, e da sua boa ou má derivação; mas sim aos professores dessas artes e sciencias, vistoque cada huma dellas tem particulares preceitos, pelos quaes se deve dirigir na formação de seus proprios vocabulos, e linguagem.

Como no programma da Academia sómente se requer o catalogo das palavras, e frases francezas, que se tem introduzido na nossa linguagem *moderna*, hesitamos em fixar a epoca, donde havia de começar o nosso exame: e attendendo a que nos principios do seculo XVIII., e com o reinado do Senhor Rei D. João V. começou a restauração da nossa litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros francezes, que tem sido a principal causa daquella introducção; resolvemos contar desde

tura do concilio, *da universidade* &c. Tambem se usa com a significação de *aberta*, *fenda*, *greta* &c.: mas dizer *aberturas* por *primeiras proposições*, ou *propostas preliminares*, que se fazem em qualquer negociação, parece gallicismo contrario ao uso da lingua, e desnecessario.

ABORDO: (*abord*) Temos visto empregado este vocabulo para significar o *acolhimento*, que huma pessoa faz a outra. Neste sentido se diz, que *alguem he de facil*, ou *difficil abordo*, i. e. *accessivel*, *conversavel*, *communicavel*, ou *innaccessivel*, *intractavel*, *incommunicavel*, de *facil* ou *difficil accesso* &c. He innovação desnecessaria.

ABRUTECIDO: (*abruti*) Parece outra innovação escuzada, visto termos o adjectivo *embrutecido*, que diz o mesmo. Com tudo ha em portuguez alguns vocabulos, que sendo compostos com as duas particulas *a*, e *em*, conservão significação identica, como por ex. *apossar* e *empossar*; *acostar* e *encostar*; *aparamentar* e *emparamentar*; *asenborear-se* e *ensenborear-se* &c.

ABSURDIDADE: (*absurdité*) He escuzado em portuguez, aonde temos *absurdo*, *desproposito*, *disparate*, e talvez *desvario*, *desatino* &c.

ABUSADO: (*abusé*) por *enganado*, *illudido*, parece gallicismo. Os nossos diccionarios não trazem este adjectivo; mas vulgarmente se diz *homem abusado* o que crê em *abusões*, ou em *ridiculas opiniões populares*: e *Madureira*, na sua *Orthografia*, diz algumas vezes: *este vocabulo anda abusado*, i. e. *erradamente escrito*, *ou pronunciado*.

ACANTONAR: *Acantonado*: *Acantonamento*: (*cantoner* &c.) São vocabulos derivados modernamente do francez *cantoner*, *cantoné* &c. Tinhamos em portuguez *acantoar* e *acantoado*, *encantoar* e *en-*

cantoado, compostos e derivados do simples *canto*, com a significação de *pôr ao canto*; e figuradamente *viver em retiro*, *fóra da conversação da gente* &c. Mas *acantonar* e *acantonado*, no sentido, que hoje se lhes dá, sómente podem ser derivados do francez *canton*, i. e. *bairro*. Os nossos bons antigos diziaõ *alojar*, *aquartelar*, *alojamento*, *aquartelado*, &c. Com tudo o diccionario da Academia já traz *acantonado* e *acantonar* com nota de *termos militares usados*, e na Cart. Reg. de 5 de Janeiro de 1797 vem *acantonamento*.

ACTIVAR: He tomado modernissimamente do francez, tambem moderno, *activer*, e significa *diligenciar*, *zelar*, *promover com zelo e actividade*, *pôr em actividade* &c. Não o julgamos necessario, aindaque tenha boa derivação.

ADEPTO: (*adepte*) Significa geralmente o que he *iniciado* nos principios ou dogmas de alguma seita. He termo scientifico, e originariamente latino, e por isso adoptavel.

ADRESSE: He vocabulo puramente francez, que não tem lugar na nossa lingua: significa *memoria*, *memorial*, *representação*, *petição*, ás vezes *epistola dedicatoria*, *sobrescrito*, ou *bilhetinho*, que ensina a dar com huma rua, ou com a morada de alguem &c.

AFFARES, ou *Affaires*: He tambem palavra franceza, da qual diz *Bluteau* que alguns, no seu tempo, a querião introduzir como necessaria, *quando se falla em negocios politicos*, mas que outros a julgavão superflua. O uso geral decidio a favor dos ultimos, e com justa razão, ao nosso parecer. Hoje apenas se acha em alguma pessima traducção. Na provincia de *Entre Douro e Minho* (e não sabemos se tambem nas outras) he mui vulgar o vocabulo

afazeres no sentido generico de *negocios*, *occupações* &c, v. gr. *gastei o tempo em varios afazeres*: *não posso com tantos afazeres*, &c. &c.

AFFECTADO: por *movido*, *commovido*, *tocado* de algum sentimento ou paixão, he gallicismo, que se deve evitar, por ser contra o uso da nossa lingua, e por causa da homonymia. Algumas vezes se exprimirá bem por *abalado*, como neste lugar da *Vid. do Arceb.* L. 2. C. 19: *neste passo se sentio subitamente* abalado *de hum desejo de consolar e animar aquella santa innocencia*, e outras vezes por *impressionado* do verbo *impressionar*, elegantemente usado por Vieira no Tom. 2. das Cartas, Cart. 95, onde diz: *não fazendo eu caso de nada disto*, *como tão costumado a padecer falsidades*, *o que não pude deixar de sentir muito foi chegarem estas a S. Magestade*, *e se deixar* impressionar *tanto dellas*, *que disse a meu sobrinho* &c.

AFFIXAR: He hum vocabulo portuguez, que significa *pregar em lugar publico* v. gr. hum edital, hum cartel, hum aviso &c. mas *affixar a incredulidade*, *affixar o engenho* &c. he gallicismo intoleravel, em lugar do qual diremos *fazer alardo*, *fazer gala*, *fazer timbre da incredulidade*; *ostentar de engenho*, *pavonear-se de incredulo*, *basofiar de engenhoso* &c.

AFFIXE: por *cartel*, *edital*, *papel que se affixa em publico*, *aviso*, e ás vezes *pasquim*, he puro francez, mal derivado para a nossa lingua, e desnecessario.

AFFROSO: (*affreux*) por *horrendo*, *horrivel*, *espantoso*, *medonho* &c. he gallicismo grosseiro e intoleravel.

AGUERRIDO: *Aguerrir-se*: São vocabulos tomados immediatamente do francez *aguerri*, *s'aguer-*

rir, e hoje mui frequentes entre nós. D'antes diziamos exercito *guerreiro*, soldados *guerreiros*, *acostumados ás armas*, *afeitos á guerra*, *usados ás armas*, *á guerra*; ou *usados na guerra*; *endurecidos*, *instructos*, *adestrados*, *experimentados*, *amestrados na guerra*: *acostumar-se*, *afazer-se á guerra*, *ás armas* &c.

ALAMBICAR: *Alambicado*: São tomados do francez *alambiquer* e *alambiqué*, que em portuguez dizemos *estillar*, *estillado*, ou *destillar*, e *destillado*. Tem boa origem na palavra *alambique*, e *Bernardes*, Nov. Flor. tom. 1. pag. 223, o usou já no sentido figurado, dizendo: *affectão com as suas Cloris esta pureza de amor alambicado.* O diccionario da Academia o traz, aindaque com a nota de *pouco usado*, citando o proprio lugar de *Bernardes*. Nós não o julgamos proprio do estilo grave, e muito menos da eloquencia do pulpito, aonde o temos visto empregar muitas vezes com ridicula affectação. Assim, em lugar de *razões alambicadas*, *estilo alambicado* &c. diriamos *razões sutís*, *sutilezas*, *agudezas*, *pensamentos exquisitos*, e *remontados*, *estilo requintado* &c. &c.

ALARMA: *Alarmar*: *Alarmado*: (*alarme*, *alarmer*, *alarmé*) O primeiro destes vocabulos parece ser tomado por nós dos hespanhoes, e já foi empregado por *João Franco Barreto* na *Eneid. Portug.* L. 9. Est. 111, e L. 11. Est. 102. Por este motivo não ousamos reprovalo, maiormente conservando-se no nosso idioma outros semelhantes vocabulos derivados da mesma lingua, como são *alapar*, *alfim*, e tambem *a la moda*, que he de Vieir. tom. 1. dos Serm. pag. 459. Comtudo o uso mais geral tem quasi excluido da lingua portugueza estes vocabulos de composição estrangeira; e nós prefeririamos sempre dizer

a par, *em fim*, *á moda*, e tambem *á arma*, ou *ás armas*, como communmente se lê nos classicos. O verbo *alarmar*, e o adjectivo *alarmado* parecem-nos compostos contra a analogia da nossa lingua, onde não temos observado vocabulo algum, que seja composto de *preposição* junta com o *artigo*, salvo nos derivados do arabe. Poronde em lugar de *alarmar* diriamos antes *tocar arma*, ou *á arma*, ou *ás armas*, *dar rebate*, *repicar*, que he de *Barros*, &c. e no sentido figurado *atemorizar*, *assustar*, &c. O adjectivo parece que sómente tem uso neste ultimo sentido por *assustado*, *atemorizado*, *espantado*, e não o julgamos de modo algum adoptavel.

ALTERADO: (*altéré*) por *sequioso*, *avido*, *sedento*, he gallicismo grosseiro, e má traducção da palavra franceza *altéré*, que tem ás vezes aquelle significado.

AMBICIONAR: *Ambicionado*: parecem tomados immediatamente do francez *ambitioner*, e *ambitioné*: mas são necessarios para evitar circumloquio; tem boa origem, e são conformes com a analogia: v. *Bluteau* no *Suppl. ao Vocabul.*, e o *Diccion. da Acad.*

AMOBILAR: *Amobilação*. Veja-se *Moblado*.

AMPARAR-SE: (*s'emparer*) por *senhorear-se*; *apossar-se*, *apoderar-se*, *asenhorear-se*. &c. he gallicismo grosseiro, e intoleravel.

ANECDOTA: (*anecdote*) Este vocabulo, que parece haver sido tomado immediatamente do francez, aindaque de origem grega, está hoje adoptado entre nós pelo uso geral das pessoas doutas. Vej. *Blut. Suppl.* palavr. *Anecdotos*.

ANIMOSIDADE: (*animosité*) *Em francez significa rancor* (diz *Bluteau*) *e na media latinidade valor: em portuguez se usava em lugar de insolen-*

cia. Pareceo que não devia admittir-se nas primeiras significações, e usar-se pouco na segunda. Tal foi a decisão da sociedade litteraria, que com o nome de *conferencias eruditas* se ajuntava na bibliotheca do *Conde da Ericeira*, na sessão de 26 de Fevereiro de 1696, como se vê das *Prosas Academ.* de *Bluteau* P. 1. pag. 17. O mesmo Bluteau porém o traz no *Vocabul.* como adoptado na significação de *valor*, *ousadia*, e tambem *insolencia*. Vej. o *Diccion. de Moraes*. Na significação de *rancor* parece ser empregado no Alvará de 13 de Novembro de 1756, aonde se diz: *prisões e pleitos, que não terião outros objectos, que não fossem a* animosidade *e vexação*, e neste mesmo sentido he usado no foro. Por *ousadia*, ou *insolencia* he de *Jacintho Freir. Vid. de Castro* L. 4. §. 59. *o qual* (Governador) *logoque entendeo que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprendeo asperamente sua* animosidade &c.

ANNUIDADE: He palavra modernamente tomada do francez *annuité* para significar em geral qualquer *renda*, ou *consignação annual*; e mais em particular *aquella, que o devedor satisfaz annualmente, e por certo numero de annos ao crédor, na qual se comprehende a renda do capital, e huma parte deste, de sorte que no fim do prazo fique o devedor livre, e a divida extincta*: ou tambem huma *renda annual e vitalicia, sobre certo capital, o qual, por morte, fica ao que se obriga a pagala.* Acha-se este vocabulo nos decretos de 29 de Outubro, e 7 de Novembro de 1796, e como tem huma significação determinada, e restricta, que se não exprime bem por outro algum vocabulo portuguez, o julgamos adoptavel, e necessario.

APARTAMENTO: (*apartement*) por *quarta de*

casas, *camara*, ou *retrete*, parece gallicismo, que hoje soaria mal nos ouvidos cultos. Tem comtudo a seu favor a autoridade de *Sá de Miranda*, *Moraes* no *Palmeir.*, *Vieira*, e outros. Vej. o *Diccion. da Academ.*

APATHIA: *Apathico.* Estes vocabulos, que por ventura forão tomados immediatamente do francez *apathie*, e *apathique*, tem origem grega, e são adoptados na linguagem scientifica, e no uso geral dos homens doutos. O primeiro exprime propriamente a *carencia de paixões*, a *incapacidade de sentir affecto algum*; a *estoica insensibilidade* de certas pessoas, que com nenhuma cousa se abalão &c. O segundo significa o homem que tem aquellas qualidades, que he *insensivel*, que *não tem affectos*, que he *incapaz de paixões* &c. e diz-se tambem analogamente do homem *deleixado*, *inerte*, *indolente*, *que de nada cura* &c.

APROVISIONAR: *Aprovisionado*: *Aprovisionamento*: São vocabulos trazidos do francez, conformes com a analogia da nossa lingua, e hoje adoptados pelo uso geral. Dizem tanto como *prover*, *bastecer*, *fornecer*, *municionar* — *provido*, *bastecido*, *fornecido*, *municiado* — e *provisão* ou *provisões*, *provimento*, *fornecimento*, *munições*, *bastimentos* &c.

ARABESCO: diz *Bluteau* no *Suppl.* que he termo da arte de pintura tomado do francez *arabesque*. He necessario em portuguez, vistoque não temos outro, que exprima precisamente a mesma idêa.

ARMADA: (*armée*) na significação de *exercito de terra*, aindaque por acaso se ache em algum dos nossos classicos, hoje todavia he contrario ao uso geral, e sôa a gallicismo.

ARMISTICIO: por *tregoas*, ou *suspensão de ar-*

mas parece ter-nos vindo immediatamente do francez *armistice*. *Bluteau* no *Suppl.* diz que os militares o havião introduzido de pouco tempo: hoje he adoptado, e autorisado.

ARRANJAR: *Arranjo*: *Arranjamento*: &c. Parecem tomados do francez *arranger*, *arrangement*, e significão *pôr em ordem*, *coordenar*, *arrumar* &c. Não o achamos nem no *Vocabul. de Bluteau*, nem no *Diccion. da Acad.*, salvo o verbo *arranjar* com a nota de *termo da arte de tanoeiro*: mas são por certo mui expressivos, e na provincia do Minho tão vulgarmente usados da gente douta e indouta, que nunca os tivemos por de moderna introducção.

ARRIÇADO: *arrissado*: *erriçado*: *enriçado*: *beriçado*: *irriçado*: De todos estes modos achamos trasladado nas traducções impressas o francez *hérissé*. Não podemos concordar com os que taxão este vocabulo de gallicismo, vistoque o achamos usado de muitos escritores nossos da melhor nota: (vejão-se os *Diccion.*) mas cumpre que se fixe a sua orthografia, e que nos não esqueçamos dos outros modos de exprimir a mesma idêa, para com elles variarmos a frase, e evitarmos a fastidiosa repetição dos mesmos termos. Assim em lugar de *cabello*, ou *pello arriçado*, poderemos dizer *arripiado*, e talvez *estacado*: em lugar de náo *arriçada de artilharia*, náo *crespa* de artilharia &c. &c.

ASCENDENTE: (*ascendent*) por *influxo*, *influencia*, *superioridade*, *predominio*, *imperio* &c. que alguem tem sobre outrem, he gallicismo, que se deve evitar, por escusado, e por causa da homonymia. Em lugar delle diremos v. gr. o *poder*, o *predominio* da verdade — ter *imperio*, *influencia* sobre alguem &c. Comtudo *Bluteau* diz, que já no seu tempo se hia usando em discursos academicos.

ASSEMBLEA: (*Assemblée*) Acha-se adoptado pelo uso geral, tem a seu favor boas autoridades modernas, e já foi usado por Vieira na Cart. 74. do tom. 2. Vej. *Blut. Suppl.* e o *Diccion. da Academ.* He porém abuso intoleravel, e affectação ridicula chamar ao homem *assembléa maravilhosa de duas naturezas differentes*, como achamos escrito em huma obra impressa.

ATACAR: *Atacado*: *Ataque*: (*ataquer* &c.) Ainda que todos estes vocabulos sejão mui proprios do idioma portuguez, e se possão empregar sem violencia no sentido figurado, para significar por ex. os *ataques da inveja*, *da enfermidade*, *da fortuna*, *da adversidade*; *atacar o adversario na disputa*; *ser atacado de razões contrarias* &c. &c.; julgamos comtudo, que se faz delles uso immoderado, nascido da lição dos livros francezes; e que se não devem desprezar, nem esquecer os vocabulos igualmente expressivos, e em certo modo mais portuguezes, com que os nossos bons escritores exprimem a mesma idéa. Assim diremos v. g. *os insultos da inveja*; *os accommettimentos da molestia*; *os assaltos da adversidade*; *os accessos da febre*, *do furor*, *da colera*; *combater o adversario*; *ser salteado de tribulações* &c. &c.

ATTITUDE: que alguns erradamente escrevem *attitude*, e *aptitude*. (do francez *attitude*, ou antes do italiano *attitudine*) He termo das artes de pintura, esculptura, e dança, e parece adoptado pelo uso geral dos artistas, e homens doutos. Os nossos classicos dizião *postura*, *geito*, talvez *gesto*, *apostura* &c. v. gr. Camões, na bellissima descripção do gigante Adamastor, Cant. 5. Est. 39.

> *O rosto carregado, a barba esqualida,*
> *Os olhos encovados, e a postura*
> *Medonha e má* ...

E nas *Rimas*, Od. 10.

O gesto bem talhado,
O airoso meneo, *e a* postura

Mousinh. Affons. African. Cant. 8.

Os olhos poz no campo, *e divisava*
Hum Mouro na apostura *e segurança.*

Souz. Vid. do Arceb. L. 6. Cap. 7.

Mostrava a pintura huma companhia de gente a huma estante, *que nos gestos e trajo se divisava serem clerigos*, *e no* geito *cantarem.*

E no mesmo L. Cap. 8.

Os religiosos estavão com os olhos nelle, *com hum* geito *de gente que pasmava do que via.*

Fr. Marc. de Lisb. Chron. P. 1. L. 1. C. 78.

Segundo o affecto da oração, *assim tinha o* gesto *e continencia corporal.*

Usemos pois embora de *attitude*: mas não desprezemos os nossos bons, e igualmente expressivos vocabulos portuguezes. *Aptidão* porém, em lugar de *attitude*, he hum erro grosseiro, que achamos em certa traducção impressa, confundindo o traductor, por ignorancia, ou descuido, a palavra *aptitude* com *attitude*, que tem diversa orthografia, e mui differente significação em francez.

AVURDIDO: (*étourdi*) por *estouvado*, *desattentado*, talvez *aloucado*, he gallicismo desnecessario.

AUDACIOSO: (*audacieux*) Não temos achado este vocabulo nos nossos autores classicos, e comtudo não o reprovamos, visto ter boa origem, e analogia, e ser harmonico, e bem soante. Significa tanto como *ousado*, *audaz*, *atrevido*, *denodado*, *desenvolto em commetter qualquer empreza* &c.

AUTORIDADES CONSTITUIDAS: He expressão inteiramente franceza, e hoje todavia muito da moda entre nós. Os nossos classicos, quando que-

não abranger todas as pessoas, que tem jurisdicção, e autoridade, chamavão-lhes *Ministros publicos*; *officiaes da republica*; *ministros e officiaes civis, militares, e ecclesiasticos*; ou *ministros, juizes, e officiaes de justiça, fazenda, e guerra, e ecclesiasticos* &c. Hoje querem que se diga *autoridades civis, militares, e ecclesiasticas*, que na verdade he expressão mais simples; mas a palavra *constituidas* he absolutamente superflua, e deve rejeitar-se; porque entre nós quem diz *autoridade*, já suppõe que he *constituida*, e não o sendo, he *illegitima, usurpada*, e *abusiva*.

AVANÇAR: (*avancer*) Tem suas significações proprias no nosso idioma: mas parece-nos gallicismo dizer v. gr. *não ha absurdo algum, que não tenha sido* avançado *por algum filosofo*, i. e. *ouzadamente affirmado*. — *Sem fundamento* avançais *que a terra* &c. i. e. sem fundamento *vos abalançais a affirmar*; ou sem fundamento *ouzais affirmar* &c. *Avançar dinheiros* por *dalos adiantados*, e *sommas avançadas* por *adiantadas* &c. tambem são expressões tomadas do francez, mas já naturalizadas entre nós, e empregadas até nos papeis ministeriaes. *Avanço* he de *Vieira*, que na *Inform. ao Conselh. Ultramar. sobre as coisas do Maranhão* pag. 109 diz: *Sobre a introducção da moeda, que tambem se propoz na mesma Carta com o* avanço *de cento por cento, não me atrevo a dar juizo* &c. (Vej. a respeito deste ultimo vocab. o *Diccion. da Academ.*)

B.

BAIXO POVO: *Baixo Clero*: (*bas peuple*: *bas clergé*) Estas expressões usadas com frequencia pelos nossos traductores modernos tem resabio de gal-

licismo; e a segunda he tão alhêa e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido. (Vej. a respeito da expressão *bas clergé* a judiciosa reflexão de *La Harpe* no Tratado *Du fanatisme dans la langue revolutionaire* §. II.) Em lugar de *baixo povo* diremos mais á portugueza *plebe*, *gentalha*, *povo miudo*, *gente baixa* &c. E pelo que respeita á expressão *baixo clero*, he de notar 1.° que a palavra *clero*, na sua accepção mais generica, comprehende os *bispos*, *pastores*, *sacerdotes*, *e ministros* da igreja universal, ou de alguma igreja particular, e neste sentido dizemos o *clero da igreja catbolica*, o *clero da igreja de Portugal*, o *clero da igreja de França* &c. 2.° que tomando a mesma palavra em huma accepção mais particular, distinguimos entre o *clero* e o *bispo*, e dizemos v. gr. o *arcebispo de Braga*, *e o seu clero*; *o bispo do Porto*, *e o seu clero* &c. Poronde quando quizermos fallar separadamente dos bispos e do clero, não diremos *o alto clero*, e *o baixo clero*, como introduzírão os francezes, acaso por orgulho, e soberba do seu *alto clero*; mas sim diremos com linguagem mais decente, e mais theologica *os bispos e o clero*, ou *a ordem episcopal*, *e a clerezia*, separando deste modo as jerarquias. Fallando sómente dos bispos e pastores subalternos, he tambem da linguagem theologica dizer *os pastores da primeira ordem*, *os pastores da segunda ordem*, ou como se explicava Gerson: *os prelados maiores*, *e os prelados menores* &c.

BANCA-ROTA: (*banque-route*) He vocabulo adoptado para significar *fallencia de bens*, *quebra de negociante*, que não tem com que pagar as suas dividas, ou letras. *Fazer banca-rota*, ou, como dizião os nossos antigos, *banco roto*, quer dizer *fallir*,

quebrar de bens &c. Vej. *Blut.* no *Vocab.* e *Suppl.* palavra *Banco.* He notavel o uso que faz deste vocabulo em sentido figur. *Fr. Heitor Pint. Dial. da Lembr. da morte* Cap. 2. aonde diz: *qualquer que se faz amigo do mundo*, faz banco-roto *com Deos*, i. e. *quebra com Deos*, *rompe com elle*, ou *faz-se seu inimigo.*

BANDIDO: (*bandi*, ou *bandit*) por *banido* he de *Paiva*, *Vieira*, e outros: hoje se usa tambem com a significação franceza de *salteador*, *assassino*, *ladrão*, *malfeitor* &c. e como a primeira significação he autorisada, não ha motivo de reprovarmos a segunda, que tem analogia com ella. Veja-se adiante a palavra *Brigante.*

BARRICAR: tomado modernamente do francez *barricader*, diz tanto como *entrincheirar*, ou atalhar com *tranqueira*, e *entrincheiramento* o passo de algum lugar. He gallicismo desnecessario, e vocabulo pouco expressivo na nossa lingua. O mesmo dizemos do substantivo *barricada*, por *trincheira*, *entrincheiramento*, *tranqueira* &c.

BASTONADA: por *pancada dada com bastão* he vocabulo tomado do francez *bâtonnée*; mas não desdiz da analogia da nossa lingua.

BELLO ESPIRITO: (*bel'esprit*) Entre os francezes he expressão, comque se significa o homem *de bom juizo*, que tem *engenho vivo*, *boa fantasia*, que he *discreto*, *avisado* &c. Em portuguez sôa a gallicismo, e indica affectação.

BELLO SEXO: (*beau sexe*) Não reprovamos absolutamente esta expressão, empregada para significar o *sexo formoso*, o *sexo feminino*, ou *as mulheres*: mas somos de parecer, que se deve usar com moderação, a fim de evitar affectação, e resabio de gallicismo.

D

BEM AMADO: (*bien-aimé*) *Meu bem amado*, *meu filho bem amado*, *minha esposa bem amada* &c. parece linguagem franceza, e affectada. Em portuguez mais corrente dizemos: *meu querido*, *meu filho mui amado*, *mui querido*, *minha espoza dilecta*, meu *dilectissimo*, meu *muito caro amigo* &c. &c. Comtudo, alem de vir autorisado em *Moraes* com o *Docum. das Prov. da Hist. Geneal.* Tom. 5. fl. 441, tem analogia nas palavras *bem-aventurado*, *bem-afortunado*, *bem-acondicionado*, *bem-ditoso* &c.; e na modernissima traducção de *Horacio* por *Elpino Duriense*, cuja autoridade he para nós de grande peso, achamos:

E mais Latona, do summo Jove
A bem querida.

L. 1. Od. 19.

BEM MAIS: *Bem menos* (*bien plus*: *bien moins*) por *muito mais*, *muito menos*, sôa a gallicismo, e não se deve usar, ao menos com frequencia. E comtudo não negamos que o adv. *bem* se acha algumas vezes nos classicos junto a outros adverbios, ou adjectivos, significando *quantidade*, v. gr. em *Paiv. Casam. Perf.* C. 6. « *bem mais quieto* » em *Bernard. Rim. Sagr.* « *bem melhor dia* ». em *Barreir. Trat. da Signif. das Plant.* pag. 335 « *bem d'antes lhe tinha prognosticado* ». em *Fern. Alv. Lusit. Transf.* L. 2. Pros. 9. « *bem junto de hum penedo* » &c. &c. Porém a affectada frequencia póde fazer reprehensivel huma expressão, que aliàs he boa, e classica.

BEM-SER: (*bien-être*) He gallicismo, e má traducção; porque o verbo *être*, nesta expressão, refere-se ao *estado*, e não á *essencia* ou *existencia*; e

quando se julgasse necessario traspassalo tão litteralmente, devêra dizer-se *bem-estar* (como dizem hoje os castelhanos) e não *bem-ser*. Em portuguez corrente podemos traduzilo por *prosperidade*, *felicidade*, *boa fortuna*, talvez *commodidade* &c. &c. Temos comtudo analogamente *bem-fazer*, *bem-querer*, *bem-viver* &c.

BIZARRO: *Bizarramente*: (*bizarre*, *bizarrement*) com a significação de *extravagante*, *extravagantemente*, i. e. *que se aparta do uso e termo commum de proceder*, são puros gallicismos, de que não temos necessidade. *Bizarro*, *bizarria*, *bizarramente*, em bom portuguez significão *loução*, *louçania*, *galhardo*, *galhardia*, *galhardamente*, e tambem *brioso*, *generoso*, *franco*, *liberal*, *primoroso*, &c.

BOA-MANHÃ: (*de*) He má traducção do francez *de bon matin*, que diz tanto como o portuguez corrente *de madrugada*, *muito de madrugada*, *de manhã cedo*, *na primeira luz*, *ao romper do dia* &c. Com igual razão, ou semrazão, se traduziria a outra expressão *de grand matin* por *de grande manhã*, devendo dizer-se *alta madrugada*, *ao romper da aurora* &c.

BOAS-GRAÇAS: *Estar nas boas graças* do soberano: *decahir das boas graças* &c. são outros tantos gallicismos inadmissiveis, em lugar dos quaes dizemos em portuguez: *estar na graça do soberano*; *lograr a sua benevolencia*, *decahir da graça*, *crescer na graça do principe*, *arriscala*, *merecela*, *subir a ella* &c. &c.

BOLETIM: (*bulletin*) Significa primeiramente *bilhete em que se dá recado para o exercito*, donde tomamos a significação de *bilhete militar para apozentadoria dos soldados*, a que vulgarmente chama-

mos *boleto*. Hoje se diz tambem *boletim* por *diario*, *em que se participão ao exercito*, *ou ao publico*, *diariamente*, *as operações dos differentes corpos de tropas*: e finalmente se tem ampliado a mesma significação a qualquer *diario*, em que se communicão ao publico quotidianamente algumas noticias. He vocabulo propriamente francez, que se deve empregar com discrição. (Vej. o *Diccion. de Moraes.*)

BOM DEOS: Temos achado muitas vezes esta expressão *o bom Deos*, traduzida palavra por palavra do francez *le bon Dieu*; e o mesmo *Moraes* na traducção das *Recreações do homem sensivel* diz, não me lembra em que lugar: *Esperemos no bom Deos, que elle se compadecerá de nós.* Porêm a nossa lingua não admitte esta expressão *com o artigo*, e nem costuma commummente, no estilo familiar, ajuntar epitheto algum á palavra *Deos*, que he por si só a expressão de toda a bondade, e de todas as perfeições.

BOM TOM: Chamão hoje os afrancezados *homem de bom tom* o que *traja á moda*, que se *attribue o bom gosto das modas*, e *cujas maneiras* e *modos de pensar e obrar são da moda*. Parece-nos expressão affectada, de que podemos carecer.

BONOMIA: (*bonomie*) Usa-se tambem hoje muito nas conversações, e talvez em obras impressas. Os francezes o derivárão modernamente, segundo parece, da expressão *bon-homme*. Nós poderemos traduzillo por *simpleza*, *sinceridade*, *ingenuidade*, *singeleza*, *bondade*, *simplicidade de animo* &c.

BRIGANTE: Os nossos escritores modernos tem usado deste vocabulo, acaso por não acharem outro, com que exprimir a idéa completa do francez *brigand*. Nos diccionarios francezes-portuguezes *brigand* significa *ladrão*, *salteador*, *assassino*, *concussionario*

&c. Poderemos tambem algumas vezes traspassalo em hum sentido mais generico por *malfeitor*, *malvado*, *facinoroso*, *desalmado* &c., e com muita propriedade por *bandido*.

BROCHADO: *Brochura*: (*broché*: *brochure*) São termos da arte de *encadernador de livros*, que o uso geral, e a necessidade parece terem adoptado. D'antes diziamos por *brochado* livro *encadernado em papel*, e por *brochura*, *folheto*, ou *caderno*.

BRUSCAMENTE: (*brusquement*) He gallicismo escusado. Em lugar de *sahir bruscamente* diremos *precipitadamente*; *respondeo bruscamente* i. e. *asperamente*, *seccamente*, *sacudidamente*: tratar alguem *bruscamente*, i. e. *desabridamente*, *com esquivança* &c. Temos comtudo em portuguez o adjectivo *brusco* i. e. *escuro*, *annuviado*, donde dizemos *dia brusco*, *tempo brusco*, *atmosfera brusca* &c. D'aqui derivamos para o sentido fig. *homem brusco*, *semblante brusco*, i. e. *triste*, *carregado*; e neste sentido, formando o adverbio *bruscamente*, diriamos v. gr. *respondeo bruscamente*, i. e. *tristemente*, *carregadamente*, *com carregume* &c. Mas esta parece não ser a propria significação do adv. francez *brusquement*.

C.

CABOTAGEM: *Cabotar*: São gallicismos, que hoje se vão introduzindo, e que, ao nosso parecer, se devem corrigir. Por *cabotar*, temos o portuguez *costear*, que he classico, e significa *navegar costa a costa*: e por *cabotagem* dizemos *navegação de costa a costa*; mas se quizermos exprimilo por hum só vocabulo, ¿por que não diremos *costeagem*, ou *costeação*, assimcomo de *marear* dizemos *mareagem*, ou *mareação*?

CADASTRO: He tomado do francez *cadastre*, que significa *registro publico*, *lista*, ou *encabeçamento*, em que se contêm o genero, e valor das terras de cada comarca, e o nome de quem as possue. Poderia exprimir-se muito melhor por *censo*, que não he desconhecido na nossa lingua neste mesmo sentido, e que vem do latim *census*, i. e. *descripção e estado exacto dos nomes*, *bens*, *idade*, *e condição dos cabeças de familia*, *feita perante os magistrados* &c. Tambem se poderia exprimir por *alistamento geral*, ou *recenseamento* &c. Comtudo *cadastro* já vem usado nos papeis do governo.

CALCULADO: Temos em portuguez *calcular*, e *calculado*, com a sua primeira significação de *contar*, *contado*: mas no sentido figurado, quando se diz v. gr. *este papel foi* calculado *para produzir irritação*, *e não inclinação*: *dêo huma resposta* bem calculada *para agradar* &c. parece novo em portuguez o uso deste vocabulo, que todavia he expressivo e energico, e se não póde supprir por outro algum com igual força de significar, maiormente quando de proposito queremos dizer, que tal discurso ou acção foi de tal maneira concebido, *ponderado*, e executado, que houvesse de produzir provavelmente o effeito que se pretendia.

CAMPANHA: (*campagne*) Este vocabulo he usado em sentido militar pelos nossos classicos, que a cada passo dizem *pelejar em campanha aberta*, *correr a campanha*, *acabar a campanha*, *campanha da primavera*, *peça de campanha* &c. Tambem dizem a *campanha de Roma*, entendendo *territorio de Roma* (Blut.). Mas tomado genericamente por *campo*, *campina*, pareceria hoje affectação de francezismo: comtudo acha-se em *Vieir. Serm.* tom. 6. p. 390: *Morto está o Brasil*, *e ainda mal*, *por*

que tão morto e sepultado: fumeando estão ainda, e cubertas de suas cinzas essas campanhas. Em *Jacint. Freir. Vid. de Castr.* l. 1. § 62. « *tinhão ao norte huma pequena serra, donde descião alguns rios sem nome, que assim servião ao deleite, como á fertilidade da* campanha. » E modernamente no *Feliz Independ.* l. 19. « *¿ Quantas vezes se tem visto por esta só causa correrem tintos de sangue os rios*, as campanhas *inundadas de cadaveres, os incendios da guerra ateados?* » &c. E em hum poeta de mui distincto merecimento, que não duvidou dizer:

. . . . e outras hervas
A' luz colhidas da nascente lua
Nas campanhas *do Ponto e da Thessalia.*

E em outro lugar:

E á mal distincta luz da froxa lua
Sobre a raza campanha *Abracadabro*
Com huma curta vara quatro linhas
De circulos pequenos logo traça.

CARNAGEM: (*carnage*) Ha muito tempo se advertio, que o portuguez *carnagem* não tem a mesma significação, que o francez *carnage*. *Fazer carnagem e agoada*, dizem frequentemente *Barros* e *Castanheda* para significarem *fazer provimento de carnes e agoa*. O francez *carnage* deve traduzir-se por *mortandade*, *matança*, *carniceria* &c.

CHEFE D'OBRA: (*Chef d'œuvre*) por *obra prima*, *obra perfeita*, *primor*, *perfeição* &c. he hoje mui usado, e *Moraes* no *Diccion.* cita em abono delle hum *edital da Real Meza Censoria*. O mesmo *Moraes* o usa algumas vezes na traducção das *Recreações do hom. sensiv.* Comtudo hum filologo moderno de conhecido merecimento não duvidou re-

provar este vocabulo, expressando-se da seguinte maneira a respeito delle: *Sempre se disse no nosso idioma* obra prima *por coisa bem acabada, ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da lingua chamão* chefe d'obra; *clausula absolutamente franceza, que em nossa linguagem de nenhum modo póde ser admittida, por lhe não ser analoga, nem em sentença, nem em soido; por ser de rude e dissonante pronunciação; e porque no meio tem desagradavel cacafonia. Obr. Poet. de Franc. Dias Gomes*, not. 7. á od. V. Nós acrescentamos, que da mesma palavra *chefe* tomada só por só, se faz hoje hum uso immoderado, e digno de correcção. Pelo que em lugar de *chefe de familia, chefe do estado, chefe do exercito* &c. &c. deveremos, ao menos algumas vezes, variar a expressão, dizendo com os nossos antigos *tronco, cabeça de familia; cabeça do estado, cabo do exercito, da armada, cabeça da provincia, da comarca, cabeças do povo* &c. &c.

CHICANA: (*chicane*) He palavra puramente franceza, de que não temos necessidade alguma. Em portuguez de bom cunho dizemos *trapaça, cavillação, enredo, tergiversação, dolo forense, rabulice* &c. *Sousa* na *Vid. do Arceb.* l. 4. cap. 30 descreve os que usão da *trapaça forense*, dizendo: *Trampões erão huns avogados, que com* manhas e astucias *dilatavão as demandas, e entretinhão a justiça.*

CHOCAR: *Chocado*: *Choque*: (*choquer* &c.) Dizemos em portuguez *chocar* por *dar huma bóla na outra* no jogo da *chóca*: d'aqui *chocarem os navios* por *encontrarem-se, embaterem huns nos outros, abalroarem*; e tambem *choque na guerra*, por *encontro de corpos inimigos*, briga entre elles &c. Porêm no sentido figurado *chocar as opiniões; este procedimento chóca os bons costumes; as paixões se*

chocão entre si; *o choque dos interesses*: *sofrer os choques da fortuna* &c. parecem gallicismos escusados, e que se devem evitar, maiormente no estilo culto, attendendo á idêa baixa e torpe, que talvez excita o verbo *chocar*. Diremos pois em melhor portuguez: *combater*, *contrastar* as opiniões; este procedimento *offende*, *affronta* os bons costumes; as paixões *se combatem*, *se encontrão*, *contendem*, *pugnão* entre si; o *combate* dos interesses; *a pugna*, *a opposição* entre elles; sôfrer os *encontros*, os *impetos*, os *contrastes*, os *revezes*, os *vaivens* da fortuna &c. &c.

COALIÇÃO: *Coalizado* (*coalition* &c.): São vocabulos trazidos modernamente do francez, e ao nosso parecer desnecessarios. Em bom portuguez dizemos *liga*, *colligação*, *confederação*, *colligar-se*, *confederar-se*, e *colligado*, *confederado* &c.

COCAR: ou *Cocarda*: Bluteau o traz no *Suppl.*, e diz que significa *humas plumas levantadas no chapeo*. Modernamente se tem usado para significar o *tópe*, ou *divisa*, que tambem se traz no chapeo. He derivado do francez *cocard*; e como temos com que o supprir em portuguez, parece-nos que não he para se adoptar.

COMITE': Do inglez *committee*, que significa *Junta de deputados para examinar qualquer negocio*, tomárão os francezes o seu *comité* com a mesma significação. Os nossos portuguezes modernos o tem igualmente usado, conservando a propria pronunciação, e orthografia franceza. Mas nós não o temos achado em proposição, ou discurso algum, em que se não podesse traduzir commodamente, e com propriedade, pela palavra *Junta*, ou *Commissão*, e por isso o julgamos escusado.

COMMANDAR: *Commandante*: *Commando*: São

E

termos militares tomados do francez *commander* &c.; e hoje adoptados no nosso idioma. Em lugar delles diziamos d'antes *mandar* o exercito; *mandar* huma armada; *capitanear* a gente de guerra; *ter mando* della; *ter cargo* de huma batalha; pelejar debaixo do *mando* e *capitania* de alguem &c. *Cabo* por *commandante* tambem he vulgar nos nossos classicos. *Commandamento* por *commando* parece-nos não ser approvado pelo uso, e muito menos na significação generica de *preceito*, *ordem*, *mandado* &c.

COMMISSIONADO (*commissioné*): Parece, que não diz precisamente o mesmo que *commissario*, e que estes dois vocabulos nem sempre se podem reciprocamente permutar. Porisso o julgamos conveniente, muito mais tendo boa derivação, e analogia. Significa *o que tem commissão para fazer alguma cousa*; *o que he encarregado de tratar algum negocio* &c.

COMPLACENTE (*complaisant*): Temos lido em algumas traducções *caracter complacente*, *homem complacente*, *marido complacente* &c. He gallicismo, em cujo lugar diriamos com melhor analogia *comprazenteiro*, e talvez com igual significação, *condescendente*, *indulgente*, *cortez*, *benevolo* &c. Comtudo não ousamos reprovalo, visto ter origem latina, ser de algum modo necessario, e ter analogia com a palavra classica *complacencia*. No *Espelho de perfeição* impresso em 1533 achamos já esta frase «*conhecer e cumprir a* placentissima *vontade de Deos.*»

COMPORTAR-SE: *Comportamento* (*se comporter*: *comportement*): São hoje mui usados na significação de *proceder*, *procedimento* &c., mas não tem autoridade classica, nem os julgamos necessarios no nosso idioma. Em lugar de *homem de bom* ou *mào comportamento*, diremos *de bom* ou *mào procedimen-*

to, de bons ou *máos costumes*; *de boa* ou *má vida*; *bem* ou *mal morigerado* &c. *Comportar-se com moderação e juizo*, i. e. *portar-se*, *haver-se*, *proceder* &c. *Comportar-se* segundo as leis *da honra*, i. e. *dirigir-se*, *governar-se*, *regular-se por ellas* &c.

COMPRIMENTAR: por *fazer comprimentos*, diz *Blut.* no *Suppl.* que he tomado do francez *complimenter*; e cita, para o autorizar, huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1722. Hoje está adoptado, e he sem duvida muito melhor que o circumloquio.

COMPROMETTER: *Comprometter-se* (*compromettre*, *se compromettre*): Tem estes vocabulos significação portugueza, com que são usados, e que póde ver-se em *Moraes* palavr. *comprometter*: mas quando se diz v. gr. *comprometter a autoridade*, *o credito*, *a dignidade*, *o nome*, *a palavra de alguem*, ou *comprometter-se em algum negocio* &c., commette-se gallicismo desnecessario e alheio da nossa lingua. As frases portuguezas que lhe correspondem são *arriscar*, *aventurar*, *pôr a risco*, *expôr a algum desar o credito*, *a honra*, *o nome* &c. *aventurar-se em algum negocio* &c.

COMPTABILIDADE (*comptabilité*): Tem significação mais restricta que *responsabilidade*, e diz tanto como *obrigação de dar contas*. Vai-se usando na linguagem mercantil, e já vem na Lei de 26 de Outubro de 1797 tit. 5. Melhor se escreverá *contabilidade*.

CONDUCTA (*conduite*): He hoje mui vulgarmente usado entre nós com a significação de *procedimento*, á imitação dos francezes, inglezes, italianos, e castelhanos. *Moraes* já o metteo no *Diccion.*, aonde diz, que este vocabulo *abrange ao procedimento moral e prudencial*, e que *procedimento se refere mais ordinariamente ao moral*. O P. *Pereira* tam-

bem o usou no *Compend. da Vid. escrit. e doutrina de Gerson*, impresso em 1769. E igualmente o achamos empregado nos *Estatut. nov. da Universid.* l. 2. t. 1. c. 4., e no *Feliz Independ.* l. 23. &c. A pezar porêm destas autoridades, e uso frequente, a opinião mais geral dos homens doutos, e intelligentes da lingua portugueza he contra este vocabulo, e porisso o reprovamos, e julgamos inadoptavel na referida significação. Os nossos classicos dizião em lugar delle *procedimento*, *proceder*, *modo de proceder*, *genero de proceder*, *vida e costumes*; e em lugar de *conduzir-se*, *governar-se*, *haver-se*, *proceder*, *portar-se*, &c. &c.

CONFINAR: *Confinado*: *Confinar-se* (*confiner*, *confiné* &c.): Em bom portuguez dizemos *confinar*, de hum lugar, ou povo, que *está nos confins* de outro, que *comarca*, ou *visinha* com elle, v. gr. Galliza *confina* com Leão &c.; mas he gallicismo reprovado dizer v. gr. *confinou-se no seu retiro*, *foi confinado em hum convento*, *os habitantes confinados a hum angulo do reino* &c. em lugar de *encantoou-se* no seu retiro, foi *recluso* em hum convento, os habitantes *estreitados* n'hum canto do reino &c. &c.

CONJUNCTURA: He vocabulo trazido do francez para a nossa lingua, e significa o *estado dos negocios*, a boa ou má disposição delles, a *conjuncção*, *ensejo*, *sazão*, talvez *opportunidade* &c. Vej. *Blut.* no *Suppl.*, e *Moraes no Diccionar.* Hoje está naturalizado entre nós; e em *Mousinh. Affons. Afric.* c. 5. já o achamos com a significação de *oportunidade* nestes versos:

Para que abrindo o tempo conjunctura,
Se entenda na conquista aspera e dura.

CONSCRIPÇÃO (*conscription*): He palavra, com

que nos prezenteou a revolução franceza, e que julgamos não se dever usar, senão só e precisamente, quando se trata do objecto, que motivou a sua introducção. Nem he decente, que com ella se exprima (como já temos visto), principalmente em papeis publicos, e authenticos, o methodo de *recrutamento* praticado entre nós, e tão alheio do rigor e barbaridade da *conscripção franceza.*

CONSOLANTE (*consolant*): Não temos achado este vocabulo nos nossos classicos: e posto que reconhecemos a sua natural derivação do verbo *consolar*, e a frequencia com que o nosso idioma usa de semelhantes derivações; comtudo não o julgâmos necessario, visto haver em portuguez os adject. *consolador*, e *consolatorio*, que podem supprir o francez *consolant.*

CONTAR (*compter*): Abusa-se por varios modos deste verbo, traduzindo ao pé da letra (como dizem) algumas frases, em que os francezes o empregão. Eis-aqui as mais usuaes, que agora nos occorrem, com as suas correspondentes em portuguez.

Ne compter pour rien, quelque chose: — *desprezar*, *não ter em conta*, *estimar em nada* &c. (latin. *aliquid pro nihilo ducere*).

On ne peut compter sur l'amitié de ces gens là: — nada se *póde confiar* na amizade destes homens, ou desta gente, ou desta casta de gente. (*in hominibus hujusmodi stabilis benevolentiae fiducia nulla esse potest*).

Compter plus sur le général, que sur l'armée: — *Confiar* mais no general que no exercito. (*plus reponere in duce, quam in exercitu*).

Compter sur quelqu'un: — *confiar* de alguem, *estar certo* delle, *ter toda a segurança* a seu respeito &c. (*ponere certum in aliquo*).

Il ne compte que sur vous pour toutes choses: — Em vós sómente *confia*: — em vós põe toda a sua confiança: — de vós espera tudo &c. (*ejus spes opesque sunt in te uno omnes sitae*).

On ne peut encore compter sur rien: — Ainda o caso está muito duvidoso: — ainda o negocio não está seguro: — ainda o negocio se não póde dar por feito: (*res tota etiamnum fluctuat*). &c.

CONTINENCIA (*contenance*): por *aspecto*, *parecer*, *presença*, *semblante*, *gesto*, &c. foi taxado de gallicismo por hum critico moderno; mas nós o achamos usado pelos nossos classicos a cada passo. V. gr. *Pina Chron. de D. Duarte* c. 10. «*e porém com graciosa* continencia *lhe disse*» e c. 31. «*como nas* continencias *de todos bem parecia*» e na *Chron. de D. Affonso V.* c. 2. «*o Infante volveo a* continencia *ao povo*» Barr. Dec. 1. l. 4. c. 9. «*e mui attento esteve o Çamori a todas estas palavras de Vasco da Gama, olhando muito a* continencia *com que as dizia*» e na Dec. 2. l. 1. c. 1. «*Tristão da Cunha, ouvindo estas palavras, e a* continencia, *e efficacia, com que as este Mouro dizia*» *Sousa Vid. do Arceb.* l. 2. c. 7. «*e levou após si os olhos de quantos se achavão na festa a grave* continencia *e magestade, com que o Arcebispo fez o officio*» E no l. 6. c. 20. «*moveo do lugar com muito repouso e grave* continencia» No *Mazagão Defendido*, Poem. ms. c. 2. e. 52.

Com hum airoso e grave continente
Parece confundir todo outro brio

E no c. 5. e. 15.

Estava o claro Sousa acompanhado
Esperando-os com grave continencia.

CONTRACTAR: por *contrahir*, he hum erro em que tem cahido alguns traductores, acaso por não advertirem que o verbo francez *contracter* tem ambas as significações em differentes circunstancias. Em portuguez corrente dizemos *contrahir dividas*, e não *contractalas*; *contrahir* amizades; *contrahir* hum gosto; *contrahir* huma doença; *contrahir* defeitos; *contrahir* matrimonio &c. &c. E pelo contrario dizemos *contractar* huma compra, huma venda, huma troca &c., e não *contrahir*. Na linguagem diplomatica póde dizer-se indifferentemente *contrahir*, ou *contractar* alliança; mas fallando das pessoas que figurão no tratado, dizemos *partes contractantes*, e não *contrahentes*. A observação ensinará estes differentes usos, que o bom escritor não deve alterar a seu arbitrio.

COQUÉTTE: *Coquetterie*: São vocabulos puramente francezes, que mui vulgarmente se empregão na conservação familiar, e que algumas vezes temos lido em traducções impressas, acaso por se julgar difficil traspassalas com propriedade para o portuguez. Nós entendemos que *mulher coquétte* se expressará bem no nosso idioma por *mulher garrida*, *namorada*, *namoradiça*; algumas vezes *lasciva*, *desenvolta*; outras vezes *leviana*, *presumida*, e *adamada*, dada *á galanteria* &c. Ao subst. *coquetterie* corresponde propriamente *garridice*, *galanice*, talvez *galanteio*, e tambem *damaria* &c. Vej. o *Diccion. de Moraes* palav. *Loureiro*.

CÔRTE (*cour*): por *conselho*, *tribunal*, *relação*, *camara*, he gallicismo, que se não deve admittir em portuguez. Em lugar de *côrte de justiça* diremos *tribunal de justiça*, ou *conselho*, ou *camara de justiça*: por *côrte marcial*, *tribunal marcial*, ou *de*

guerra, *conselho de guerra* &c. &c. Se em algum caso porêm não podermos explicar a força da expressão franceza por outra portugueza bem correspondente; como succede algumas vezes, quando se trata de algum particular tribunal francez; em tal caso será melhor descrevelo exactamente, ou usar do proprio nome francez, explicando-o em nota: porque as palavras afrancezadas v. gr. *côrte de cassação* não se entendem melhor do que o puro francez *cour de cassation*.

COSTUME (*costume*): Em huma traducção impressa lemos *costume ecclesiastico*; *costume leigo*, por *habito*, ou *traje ecclesiastico*, *habito* ou *traje laical*, ou *leigal*, tomando-se o vocabulo francez *costume* pelo que materialmente sôa, e não o distinguindo de *coutume*, a que corresponde o portuguez *costume*.

COSTUMES (*mœurs*): Sempre dissémos em portuguez homem de *bons costumes*, de *máos costumes*, de *costumes depravados*, de *costumes honestos* &c. &c. e tambem « os *bons costumes* são essenciaes ao estado ecclesiastico; não ha verdadeira nobreza *sem bons costumes* » &c. Hoje porêm he mui frequente, para significar *bons costumes*, tomar á maneira dos francezes o vocabulo *costumes* absolutamente, e desacompanhado do adjectivo que o qualifica, dizendo v. gr. o homem *sem costumes* he a peste da sociedade: *sem costumes* não póde prosperar o estado &c. Este uso tem ar de francezia, e não he para se imitar em portuguez sem reflexão, maiormente quando faz ambigua, e até absurda a frase, como succede por ex. nesta proposição que achamos impressa « *deve o pai* conservar os costumes *do filho* » que no nosso idioma vale tanto como dizer, que os deve *conservar*, quer sejão *bons*, quer *máos*.

CRACHÁ: Dão hoje este nome ao *habito*, *di*-

visa, *insignia*, ou *venéra* de qualquer ordem militar, quando se traz *pregada*, ou *bordada sobre o vestido*. He vocabulo francez escusado, e, ao que parece, de má origem. Na lei de 19 de Junho de 1796 se lhe dá o nome de *chapa*, ou *sobreposto bordado*, e he só permittido aos grancruzes, e commendadores.

D.

DADOS: (*données*) Entre os francezes he termo mathematico, e significa propriamente as quantidades ou termos que nos são conhecidos, ou *dadas*, e de que nos servimos para achar as *incognitas*, e resolver qualquer problema. Daqui o tomárão em sentido mais amplo para significar os *fundamentos*, *razões*, *circunstancias*, ou *noções* préviamente conhecidas, ou suppostas, sobre as quaes podemos fundar o nosso juizo a respeito de qualquer questão, ou facto: e neste sentido dizem: *Não tenho dados para decidir*; *não tenho dados*, *sobre que possa fundar o meu juizo*; *não posso ajuizar desta acção por falta de dados* &c. &c. Os portuguezes tem adoptado a mesma palavra com ambas as ditas significações: e se a primeira parece necessaria na linguagem mathematica, não ha razão de reprovar a segunda, huma vez que se empregue sem affectação, e sem demasia.

DE: Tem esta particula em portuguez tantos e tão varios usos, que só a lição assidua dos classicos os póde bem ensinar. Segundo o nosso parecer, he gallicismo empregala nas frases seguintes:

A primeira coisa que fiz, *foi* de vir *à Madrid*, i. e., *foi vir* &c.

O congresso consistirá dos deputados *das pro-*

vincias: i. e. constará *dos deputados*, ou formar-se-ha *dos deputados*, ou consistirá *nos* &c.

Rogou á sua mestra de a deixar *contar*: i. e. *que a deixasse* contar, ou que *lhe deixasse* contar &c.

Estou tentado de dizer &c. i. e. *a dizer*.

Deve-se evitar com cuidado de inflammar *a imaginação das mulheres*: i. e. deve-se evitar *inflammar*, ou, *o inflammar*, ou deve-se *de evitar* inflammar &c.

Ver-se obrigado muitas vezes até de implorar *a desgraça!* i. e. *até a implorar*.

A barbaridade não lhes permitte de saber *fazer melhor uso dos braços*: i. e. não lhes *permitte saber* &c.

O menor abuso, que fazem da vida dos vencidos, he de reduzilos *á escravidão*: i. e. *he reduzilos* &c.

Exercito forte de vinte *mil homens*: i. e. *exercito de vinte mil homens*.

Muro alto de vinte palmos: i. e. muro *de altura de vinte palmos*: ou muro *de vinte palmos de alto*: ou *muro vinte palmos alto* &c.

Paraque os nossos leitores possão comparar os usos francezes com os portuguezes, apontaremos aqui algumas frases dos nossos classicos, em que se emprega a particula *de* de hum modo não mui vulgar, e são as seguintes.

Espero de te ser este meu desejo aceito. *Ferreir.* Huma camilha, que não *se iguala de outra* alguma. *Barr. Dec.* IV. 9. 3.

Quão *grato* era *da mercê*, que tinha recebido. *Barros. Dec.* I. 9. 5.

Depoisque huma mulher deste sangue dos Naires he de idade de dez annos, em que se ha por *apta de ter* maridos. *id.* I. 9. 3.

Que ElRei e seus successores fossem *obrigados de amparar* e defender a elle Rei. *Barr.* III. 2. 2.

Chamárão-lhe de hereje luterano. Vid. do Arcebispo, l. 4. c. 6.

O vulgo melhor *conhecido do muito*, que devia ao Arcebispo *ib.* l. 4. c. 13.

O qual (Jesu Chr.) só *por obediencia do Padre Eterno* aceitou emquanto homem o pontificado. *ib.* l. 1. c. 8.

Levárão as santas reliquias para onde não havia esperança *de as tornarem a ver dos olhos. ib.* l. 6. c. 20.

Levão os olhos para a terra da promissão tão *suspirada*, *e soluçada delles.* Heit. Pint. Dialog. da Trib. c. 2.

Coge Çofar, que como monstro da terra, em que nascêra, os pais e a patria *o negávão de filho.* Vid. de Castr. l. 2. §. 151.

Desconhece-se de homem o que não sabe perdoar. *Arraes. Dial.* 5. c. 1.

Nem *desconhecía de parentes* seus primos. Id. *Dial.* 10. c. 67.

Cousa *antedenunciada de Isaias.* Id. *Dial.* 10. c. 68.

Achou os lugarinhos tão miudos, e tudo o mais tão pobre, *e de ultima miseria*, que &c. Vid. do Arceb. l. 5. c. 17.

Os nossos pelejavão abrazados, *soccorrendo-se*, por unico remedio, *das tinas* de agua para refrigerar-se. Vid. de Castr. l. 2. §. 148.

Forão nesta conserva alguns navios de particulares, que por *benevolencia do Governador* (i. e. *benevolencia para com o Governador*) servírão graciosamente o Estado. Ib. l. 4. §. 43.

Porém D. Manoel de Lima, ou por *complacen-*

cia do Governador, (i. e. *ao* Governador, ou *para com* o Governador) ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça. ibid. l. 3. §. 34.

Mulher já de trinta annos.... e muito *inclinada de fazer* bem aos pobres. Fern. Mend. Pint. cap. 124.

Não querendo ser *ingratos d'aquelle* beneficio. Palmeir. p. 1. c. 91.

O pé direito, com que *começava de entrar*. Fern. Alv. Lusit. Transf. l. 2. pros. 2.

A quem elle *desejava de comprazer*. Barr. Dec. I. 8. 10.

Ordenou de fazer a fortaleza de madeira. Id. Dec. I. 10. 2.

Promettei a Christo *de jámais* o deixardes. *Arraes* Dial. 10. c. 83.

Eu *desejo* ha muito *de andar* terras estranhas. Cam. cant. 6. e. 54.

Ordena de se tornar ao Rei. id. c. 8. e. 91.

Determina de ter-lhe aparelhado lá no meio das agoas &c. id. c. 9. e. 21. &c. &c. &c.

Devemos porém advertir, que o uso actual da nossa lingua, e a regularidade de syntaxe, que aconselhão os principios da grammatica filosofica, nos não permittirião hoje empregar indiscretamente a mesma particula em frases semelhantes a algumas das que deixamos referidas, só porque assim foi empregada por algum, ou alguns dos nossos autores classicos; vistoque estes, por falta do estudo filosofico da lingua, cahírão em muitos defeitos, no que respeita á organisação da frase e discurso, que hoje serião erros graves, e talvez indesculpaveis.

DEBOCHE: *Debochado*: (*debauche*: *debauché*) São puros gallicismos, trazidos para o portuguez sem necessidade alguma, e além disso mal soantes aos nos-

sos ouvidos. Temos em lugar delles *devassidão*, *soltura*, *despejo*, *licenciosidade*, *dissolução*, *demasias*, *estragamento de costumes* &c. *devasso*, *licencioso*, *dissoluto*, *despejado*, *estragado*, *perdido*, *sólto nos vicios* &c.

DECREPIDEZ: Parece tomado do francez *decrepitude*, que significa o estado de *velhice extrema*, *mui avançada*, *caduca*. Como não temos vocabulo algum com este significado, não reprovamos a sua introducção; mas prefeririamos *decrepitude*, que nos parece de melhor soido, e teriamos por melhor que ambos *caducidade* do adj. *caduco*, que diz o mesmo.

DEFERENCIA: (*déférence*) Não temos achado este substantivo em nenhum dos nossos classicos, e nos parece trazido immediatamente do francez com a significação de *respeito*, *attenção* para com pessoa superior. Mas temos o verbo *deferir* no mesmo sentido, e derivado do latim *deferre*, donde analogamente se póde formar *deferencia*, que aliás he já autorizado por hum uso mui geral.

DEGELAR: He tomado do francez *dégeler*, que val o mesmo, que *desfazer-se o gelo*. *Bluteau* o traz no *Suppl.*, e cita a *Gazeta de Lisboa*. He necessario, expressivo, e conforme com a analogia.

DEGRADAR: *Degradar-se*: *Degradação* &c. (*degrader* &c.) Temos em portuguez *degredo*, e *degradar*, ou *degredar* por *desterrar*, do latim *decretum* (do verbo *decerno*): e tambem *degradar*, (da particula latina *de*, e do subst. *gradus*) i. e. *privar do grão*, ou *graduação* civil, ou ecclesiastica, ou militar; e neste sentido dizemos *degradar da nobreza*, *das ordens*, *da milicia* &c. Mas quando no sentido figurado dizemos v. gr. *as paixões sensuaes nos degradão*, i. e. *nos aviltão*, *nos envilecem*, *nos deshonrão*, *nos deslustrão*: — *a indifferença*, e *despre-*

zo, *que em Portugal se mostra ás letras*, degrada *o caracter da nação*, i. e. *deprime*, *abate*, *envilece*, *desautoriza*, ou *desdoura* o caracter &c., parece ser frase franceza, que todavia não ousamos reprovar, por quão conforme he com a segunda significação do verbo *degradar*. Entendemos porêm que se deve empregar com moderação, e desaffectadamente, e sem nos esquecermos dos outros vocabulos do nosso idioma, que não são menos expressivos. Notem-se os seguintes lugares dos classicos portuguezes; e veja-se como elles exprimião com energia, e variedade o mesmo conceito. *Arraes*, *Dial.* 1. cap. 15: *Muitas casas*, *que forão nobres e illustres*, *agora estão* descahidas, e mascabadas *por causa da liga*, *e degeneração de seus descendentes*. Ibid. c. 20: *Em nenhuma cousa* se apouca *mais a natureza humana*, *que em se inclinar aos costumes da bestial*. *Vid. do Arceb.* l. 5. c. 14: *Homens comparaveis aos antigos Curios e Cincinnatos*, *que não se* abatião *a vilezas*. — Lobo Cort. na Ald. ediç. de 1649 pag. 133: *Se o amor faz cego o amante*, *todavia não o* faz vil. E logo ahi: *O cubiçoso he cego para não ver razão nem honra*, *e para* se abaixar *a todas as infamias*. Vieir. cart. 75 do tom. 1.: *Amo muito a nossa patria*, *e não tenho paciencia para a ver* desluzida, *quando Deos*, *e os homens a tem illustrado tanto* &c. &c.

DEPARTAMENTO: do francez *departement*. No principio da revolução franceza, deixada a antiga divisão por *provincias*, foi a França dividida em *departamentos*, que erão porções de territorio, a que se extendião certas autoridades estabelecidas para governo da republica, e que nós poderiamos sem erro chamar *comarcas*, ou *districtos*. Daqui ficámos adoptando este vocabulo, que sómente se deve empre-

gar, quando se trata da referida divisão, ou partes della. Mas tomando-se em geral por *repartição*, v. gr. *ministro do* departamento *da guerra* — *tem á seu cargo o* departamento *das munições* &c. — he gallicismo que se não sofre em bom portuguez.

DEPOIS: Por este vocabulo traduzem alguns erradamente o francez *d'après* nas seguintes frases: *A infiel imagem que formamos* depois *das nossas conjecturas*, i. e. que formamos *segundo*, ou *conforme* as nossas conjecturas, ou que formamos *levados* da nossas &c. — *hum retrato* depois *de Rafael*, i. e. *copiado* de Rafael — *grande deve ser a emulação dos lavradores* depois *de exemplos desta natureza*, i. e. *á vista de exemplos* taes — *mas eu posso assegurar* depois *da minha experiencia*, i. e. *segundo* a minha experiencia, ou posso assegurar *pela minha propria* experiencia &c. &c.

DESCOBERTA: por *descobrimento* v. gr. de novas terras, ou *achado novo* nas sciencias e artes &c. parece-nos vocabulo alheio da nossa lingua, e tomado do francez *découverte*. *Moraes* no *Diccion.* o autoriza com as *Orden. do Rein.* na *Collecç. ao L.* 4. *T.* 43. *n.* 1. §. 4., no que ha erro typografico, devendo ser *Collecç.* 1. *ao L.* 2. *T.* 34. *n.* 1. §. 4. Porêm este lugar não autoriza de modo algum o substantivo *descoberta*, no sentido que aqui reprovamos. As palavras da lei são estas: *Hei por bem que o Provedor das minas reparta as* descobertas, *e que se descobrirem* &c., aonde claramente se vê que *descobertas* he hum adjectivo referido a *minas*, e não o substantivo de que aqui tratamos, e pelo qual se disse sempre em bom portuguez *descobrimento*. Não occultaremos porêm, que na lei de 26 de Outubro de 1796 tit. 6. já vem com a mesma significação *novas descobertas*. Por occasião deste artigo advertimos, que

a expressão adverbial *ao descoberto*, que parece gallicismo, vem comtudo algumas vezes em Fr. Heit. Pint. v. gr. no Dial. da Tranq. da vid. c. 15. *esses vos tirão muitas vezes* ao descoberto: e no Dial. dos Verd. e falsos bens, c. 16, *então lhes dá o mundo de rosto, e lhe tira* ao descoberto, i. e. *sem dissimulação, e sem disfarce.* Igualmente he classico o subst. *encoberta* por *asilo*, *valhacouto*, *escondrijo*, *lugar em que alguem póde estar sem ser descoberto pelo inimigo* &c.

DESCONFIAR-SE: (*se méfier*) Pareceo-nos ao principio gallicismo usar do verbo *desconfiar* com significação reciproca, ou reflexa; mas depois notamos este uso em *D. Franc. Manoel Carta* de *Guia* fol. 94 vers. *a mulher* se desconfia, *vendo o pouco que fião della.* Em *Vieira* cart. 26 do tom. 1.: *E certo que se não tivera tanta confiança nas promessas de Deos, não sei se* me desconfiárão *os nossos merecimentos.* E nos Serm. tom. 6. pag. 451: *Os que se guardão para aquella hora, só tratão da saude do corpo, e quando esta* se desconfia *totalmente* &c. Na *Vid. do Arceb.* l. 1. c. 2.: *Da imbecillidade de sua natureza não* desconfiava, *porque conhecia suas forças* ... desconfiava-o, *e fazia-o temer huma profunda humildade, em que avaliava tudo quanto fazia* &c.

DESCOZIDO: (*décousu*) no sent. fig. v. gr. *estilo descozido*, *ditos descozidos* por estilo *desligado*, *solto*, *desatado*, ditos sem *nexo*, talvez *sem concerto* &c. parece-nos gallicismo escusado, aindaque a metafora seja igual. A expressão *palavras derramadas*, que achamos em alguns classicos, parece-nos que diz propriamente *palavras diffusas*, *não concisas*, e ás vezes *palavras alheas do intento*, ou *proposito* sobre que se trata. V. gr. em *Barr.* Dec. II. 6. 3. *e Vendo Affonso de Albuquerque palavras tão* derra-

madas, *e fóra do seu intento*, aonde se refere á pratica de Tuam Bandam, que vindo de mandado de ElRei de Malaca ver o grande Albuquerque, começou *a praticar com elle na disposição de sua pessoa, e se trouxera boa viagem, sem tocar na causa della, nem perguntar a que era sua vinda* &c. A este mesmo lugar de João de Barros allude, e no mesmo sentido se deve entender a frase que vem na *Malac. Conquist.* l. 6. est. 50.

> *Albuquerque*, *ás* palavras derramadas
> *Do canteloso Mouro respondendo*,
> *Assi disse* . . . . &c.

E na *Lusit. Transf.* l. 3. pros. 10. aonde se diz: *Hia por diante com os seus encarecimentos Urbano, por ser costume do amor fazer os amantes prodigos de* palavras derramadas, *em favor de quem amão* &c. he facil entender, que *palavras derramadas* significa aquelles *encarecimentos*, e expressões *largas* e *francas*, que são proprias de quem ama &c.

DESÉR: (*dessért*) Os nossos bons antigos dizião *sobremeza*, *póspasto*, e tambem *postres*, que he de *Sous.* na *Vid. do Arceb.* l. 1. c. 22. Hoje até ás palavras se estende o luxo, e francezia das mezas.

DESGOSTANTE: Com a significação de *nojoso*, *hediondo* &c. he puro gallicismo, e muito má traducção do francez *dégouttant*. Dois vocabulos tem a lingua franceza, que soão do mesmo modo, e significão mui diversas cousas, a saber: o verbo *dé-goûter*, cujas raizes são *de* e *goût* (*gosto*) e significa *desgostar*: e o verbo *dé-goutter* formado de *de* e *goutte* (*gôta*), que significa *gotejar*, *pingar*, *estilar gota a gota* &c. Deste ultimo derivárão os francezes

o adjectivo verbal *dégouttant*, com o qual se formão as expressões *dégouttant de sang*; *dégouttant de sueur* &c. i. e. *gotejando sangue*, *gotejando suor* &c.; e daqui finalmente passárão ao uso absoluto do mesmo adjectivo verbal *dégouttant* tomado em máo sentido, para significarem com elle hum objecto *nojento*, *asqueroso*, *esqualido*, *ascoso*, *hediondo*, e talvez *horrido*, *torpe* &c., quasi como nós dizemos em frase plebêa de hum homem *immundo*, e *torpe*, que he hum *pingante*, que *está pingando immundicie* &c. &c.

DESHABILHADO: (*deshabillé*) Estar *deshabilhado*, ou *em deshabilhé* dizem hoje os nossos afrancezados de quem está *desataviado*, *desalinhado*, *sem adorno*, nem *alinho*, nem *enfeite*, *mal composto*, *vestido a descuido*, *sem concerto* &c. He gallicismo reprovado, sem embargo de termos tido o vocabulo, hoje antiquado, *habilhar*, ou *abilhar*, i. e. *ataviar*, do qual falla *Duart. Nun. Orig. da Ling. Portug. cap.* 17.

DESINFECTAR: Por *desinficionar* parece tomado do francez; mas *Blut.* já o traz no *Suppl.* citando huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. *Desinfectador* he hoje adoptado na linguagem chimica, e necessario.

DESNATURAR: *Desnaturado*: (*dénaturé*) Temos ouvido tachar de gallicismos estes vocabulos, mas sem razão: *Duart. Nun.* nas *Chron.* usa frequentemente de hum e outro, tanto para significar o que hoje mais vulgarmente dizemos *desnaturalização*, i. e. *privação dos direitos de nacional*, como para exprimir o estado moral do homem, quando *despido dos affectos naturaes, e dos sentimentos de humanidade.* Outros classicos os empregão no mesmo sentido. Vej. *Mor.* no *Diccion.* Mas *desnatura-*

lizar factos por *alteralos*, *transformalos* &c. he gallicismo escusado.

DESOLADO: (*desolé*) Em bom portuguez dizemos v. gr. *cidade desolada*, *paiz desolado*, i. e., *posto por terra*, de *todo arrazado*, *arruinado* &c. e talvez no fig. *religião desolada*, por *arruinada*, *destruida* &c. Porêm *mãi desolada*, *esposa*, *amante desolada* por *angustiada*, *magoada*, *afflicta*, *amargurada* &c. he gallicismo, e metafora ao nosso parecer, pouco expressiva, por faltar-lhe o fundamento da analogia, ou semelhança.

DESTACAR: *Destacamento* &c.: São termos militares trazidos do francez *détacher*, *détachement* &c. e adoptados. Vej. *Blut. Pros. Acad.* p. 1. pag. 16.

DETALHAR: *Detalhe*: *Detalhado*: (*detail*, *detalher* &c.) São vocabulos hoje mui usados não só na locução vulgar, mas tambem nas correspondencias publicas, principalmente militares, e até nos papeis do governo. (Vej. o alv. de regim. de 7 de Jan. de 1797.) Significão *particularizar* os factos e suas circunstancias, *relatar miudamente*, *referir com miudeza*, *expôr circunstanciadamente*: — *relação por menor*, *particularidade*, ou *individuação* no referir os factos &c. Não parecem alheios da analogia do nosso idioma, aonde temos *talhe*, *talho*, *retalhar*, *retalhado*, *entalhar*, *entalhado*, *entalho* &c. Comtudo o uso das pessoas doutas e judiciosas ainda repugna á introducção destas vozes, e nós prefeririamos dizer v. gr. com *Vieir. cart.* 25 do tom. 1. « *Não posso encarecer a Vossa Senhoria quanto estimei a relação* por menor *do exercito* » em lugar de *relação detalhada*. E na carta 113, dando noticia de huma batalha entre francezes, e hollandezes: *Esperão-se as* particularidades *no correio seguinte*, que hoje se diria *os detalhes*. E na carta 32 do mes-

mo tom. 1.: *Com as cartas de Vossa Senhoria soubemos as* circumstancias (*os detalhes*), *e autoridade das capitulações, que com alvoroço se esperavão* &c. Na Vid. de Castr. l. 4. §. 30. tambem se diz: *Referio os casos da batalha com tão* particulares accidentes, *como quem sabia o successo* &c. &c. Moraes na traducção do *Compend. da Hist. Portug.* usa do verbo *miudear*, em lugar de *detalhar*, ou *referir pelo miudo.* Finalmente he erro grosseiro dizer: *Não podemos ainda dar o* detalhe circunstanciado *deste negocio*, que val tanto como *detalhe detalhado*, ou *circunstancias circunstanciadas.*

DETHRONAR: (*dethroner*) Não o temos achado nos nossos classicos, mas sim em lugar delle *desthronizar*, ou *desenthronizar.*

DIA: Lemos em obra portugueza original estas frases: *Appresentar as autoridades em o* dia *mais favoravel á causa*; *appresentar em hum* dia *favoravel os feitos que devem ser discutidos* &c. São gallicismos, em lugar dos quaes devemos dizer: Expôr os factos *pela face* mais favoravel: appresentar as autoridades *na melhor luz*, ou *á melhor luz* &c.

DIFFERENÇA: Com a significação de *desavença* entre duas ou mais pessoas, e *differente* por *desavindo*, diz *Bluteau* no *Suppl.*, que são tomados do francez; e como sómente cita a favor delles huma *Gazeta de Lisboa* de 1726, parece que os teve por modernos. Mas o primeiro he frequentissimo em *Barros* v. gr. na Dec. 2. l. 1. c. 2.: *Temendo esta visitação por parte d'ElRei de Melinde, polas* differenças, *que entre elles havia.* Dec. 3. l. 1. c. 10: *As quaes* differenças, *não somente lhe custaram honra, fazenda, e muito trabalho* &c.; e na mesma Dec. l. 1. c. 6.: *Porque entre mortos de fome, se-*

de, *doenças*, *naufragios*, differenças de alguns mal avindos, *e outros desastres* &c.

DILIGENCIA: Com o nome *diligence* nomeão os francezes certas *carruagens em que se viaja com muita brevidade.* He adoptado entre nós, e autorizado pelos papeis do governo.

DISPONIVEL: Parece-nos que a significação do francez *disponible* hem sempre se póde traspassar ao portuguez com toda a sua propriedade sem circumloquio: nestes casos usaremos de *disponivel*, assim como *Vieira* já usou analogamente de *supponivel.* Em outros casos poderemos supprir este adjectivo por *prompto*, *prestes*, *cousa que está a ponto*: &c.

DOMESTICO: (*domestique*) Tomado como substantivo na significação restricta de *criado*, *servidòr*, *moço*, parece não ser autorizado pelo uso da nossa lingua, nem termos delle necessidade. Não he porêm erro usalo com a significação mais generica, para significar *collectivamente* todas as pessoas, que compõe a familia de alguem, como *filhos*, *moços*, *criados*, *acostados*, *apaniguados* &c.

E.

ECLUSA: Por *dique*, ou *reparo*, he vocabulo francez, que hoje está em uso, e que já *Bluteau* metteo no *Suppl. ao Vocab.* Acha-se repetido no *Regulam.* publicado com o alv. de 20 de Fevereiro de 1795 art. 31 e seg.

EDIFICANTE: (*édifiant*) He termo modernamente trazido do francez para significar o mesmo que *edificativo*, *exemplar.* Tem boa derivação, e já vem nas *Prov.* da *Deducç. Chronol.* fol. 298.

EFFEITOS: (*effets*) Com a significação de *moveis*, *mercadorias*, *generos*, *fazendas* &c. he tomado do francez; mas está mui adoptado na linguagem mercantil, e já foi usado por *Vieira* na *cart.* 15 do

tom. 1., aonde diz: *Os empenhos das guerras presentes, a que os* effeitos *da Fazenda Real estão divertidos* &c. Tambem se acha na proposição do Bispo capellão mór ás cortes de 1653, aonde fallando dos dois milhões e meio offerecidos para a guerra diz: *consignastes estes na decima parte do rendimento que tivesseis, e em outros* effeitos *differentes.* Invest. Portug. em Inglat. n. 12.

EFFERVESCENCIA: A respeito deste vocabulo tomado no sentido *moral figur.* diz *Francisco Dias Gomes obr. poet.* not. 16 á eleg. 10.: *Nunca vi exemplo deste vocabulo nos nossos classicos; mas sendo muito usado pelos autores francezes, cuja lingua he assaz conhecida na nossa terra, não deve causar estranheza fazer-se delle uso: alem de que esta palavra he de significado facil, e he sonora; e posto que não exista na lingua latina, existem as suas origens, cujos significados são notorios, ainda aos que a não sabem.* No sentido proprio e fysico já o traz *Madureira*, e he adoptado na linguagem chymica.

EFFUSÃO: (*effusion*) Temos este vocabulo na significação formal por *derramamento.* Pelo que julgamos que sem inconveniente se póde adoptar no sentido figurado, para significar a *effusão do coração*, a *effusão da ternura* &c.

EGOISMO: (*egoisme*) Esta palavra, que hoje se acha adoptada pelo uso geral, parece accommodada, e até necessaria, para com ella exprimirmos aquella especie de *amor proprio vicioso*, com que o homem, attendendo sómente a si, dá huma absoluta, injusta, e mal entendida preferencia aos seus interesses, postergado o bem geral da sociedade, e os interesses legitimos dos seus concidadãos, ou ainda de todos os outros

homens. He verdade, que a expressão *amor proprio* se toma muito frequentemente pelo *amor excessivo e vicioso de nósmesmos*: mas nem esta he a natural significação dos termos, nem ainda nos parece, que esse *amor proprio excessivo* exprima tanto como o vocabulo *egoismo*, o qual se entende de hum *amor proprio* em tal maneira *vicioso*, *desordenado*, *e exclusivo*, que rompe todos os vinculos sociaes, e faz do *egoista* hum verdadeiro monstro tão abominavel, como perigoso.

ELANÇAR-SE: (*s'élancer*) He palavra puramente franceza, e trazida sem razão para a nossa lingua. Temos em lugar della *arremeçar-se*, *abalançar-se*, *arrojar-se*, talvez *arremetter* &c. Nesta frase v. gr. que achamos impressa: *Templos*, *cujas torres sobem*, *e se* elanção *para Deos*: devemos dizer em bom portuguez: *Cujas torres sobem ás nuvens*, ou *tocão o ceo*, ou *vão ás nuvens*, *e tocão o ceo* &c.

ELECTRIZAR: E os seus derivados (de origem grega) são modernos, mas indispensaveis na linguagem scientifica, e adoptados pelo uso geral dos doutos.

ELÉVE: (*élève*) Por *discipulo*, *alumno*, *escolar*, he puro gallicismo, que erradamente tem alguns querido introduzir na nossa lingua.

EM: *No*: *Na*: (*en*) He notavel o abuso que se faz destas particulas, passando ao portuguez muitas frases francezas, em que ellas entrão, e empregando-as sem discrição contra o uso do idioma. Daremos alguns exemplos dos muitos que temos notado, para servirem de aviso aos menos doutos, ou menos advertidos.

Fallar em *filosofo*, em *historiador*, i. e. *como* filosofo, *como* historiador.

Ser mandado em *parlamentario*, i. e. ser mandado *como* parlamentar, ou ser mandado parlamentar &c.

Em *homem religioso*, *e mesmo* em *homem de letras estou persuadido* &c. i. e. *como* homem religioso, e ainda *como* homem de letras &c.

O texto, *e objecto* em *questão*, i. e. *de que se trata*, *sobre que versa a questão* &c. — Esta frase « *o objecto em questão*, *o negocio em questão* » &c. he mais concisa, e a ellypse facil de entender-se, e por isso a não reprovamos.

Pôr em *facto*, i. e. *como* facto, *suppôr*, *suppôr como certo*, *dar por certo* &c.

Eis-aqui pois, *disse eu* em *mim mesmo* &c. i. e. *disse eu comigo mesmo*.

Ser mandado em qualidade *de embaixador*; *obrar* em qualidade *de pai* &c. Estas frases, que não temos achado nos classicos portuguezes, são hoje mui usadas, e tem a seu favor algumas autoridades modernas, taes como a do P. *Pereira* na *Pref. ao Livr. do Exodo*, aonde diz, mais de huma vez, fallando do divino Legislador dos hebreos « *Em qualidade de Deos*, *em qualidade de rei*, *em qualidade de principe* » &c.; e a do *Feliz Independ.* l. 18 « *hum varão maduro e politico*, *que possa* em qualidade de pai, *e supremo conselheiro assistir a seu lado* » &c. A mesma expressão se acha tambem algumas vezes nos *Estat. nov. da Universid.*, por ex. no l. 3. p. 2. t. 2. c. 1. n. 9. « *Os ouvintes obrigados a alguma parte do curso mathematico*, *poderão ouvir o resto* em qualidade *de voluntarios* » e logo no c. 4. n. 1. « *nenhum estudante poderá ser admittido á matricula de mathematica* em qualidade *de ordinario* » &c. Sem embargo porém destas autoridades, e uso, julgamos que a mesma expressão se póde supprir bem no nosso idioma pela particula *como*, ficando a frase mais concisa, e mais analoga ao uso latino.

Obrar na qualidade *de chefe de familia*, i. e. *como cabeça de familia*. Esta frase parece-nos mais reprehensivel que a antecedente. O artigo não só he escusado, mas altéra, e talvez faz ambiguo o sentido do discurso, como se vê por ex. neste periodo: *Deos permitte e tolera* na qualidade *de Principe e de Rei dos hebreos aquillo mesmo, que elle condemna* na qualidade *de Deos e de Juiz* &c.

Este direito parece odioso nos *actuaes costumes*, i. e. *segundo os actuaes costumes*. Esta e outras semelhantes expressões não duvidamos que possão adoptar-se em alguns casos; mas devem usar-se com discrição, e de maneira que não fação ambiguo o sentido de quem falla, ou escreve. Se por ex. em lugar de *direito* substituirmos outro vocabulo, e dissermos *este defeito*, *este crime parece odioso* nos *actuaes costumes*, ficará o leitor ignorando se *este crime existe nos actuaes costumes*, *e parece odioso*, ou se *existe* em geral, e *parece odioso*, porque os actuaes costumes o repugnão &c. O mesmo se deve advertir respectivamente ácerca das expressões seguintes:

Parece que no *espirito da legislação de Moisés não devião as artes ser exercitadas*, i. e. *segundo o espirito*.

He neste *projecto que elle nos prohibe*, i. e. *com este projecto*, ou *intuito* he que elle nos prohibe &c.

Na *mesma intenção obrigavão as leis* &c. i. e. *com a mesma intenção*, ou *a mesma intenção tinhão as leis*, *quando obrigavão* &c.

Ultimamente para que o leitor possa fazer mais seguramente o seu juizo, e avaliar o merecimento das differentes frases, em que se empregão estas particulas, dar-lhe-hemos aqui algumas das muitas e mui varias, que a cada passo encontramos nos classicos portuguezes, e que se devem estudar, e entender com

H

a limitação, que já apontámos fallando da particula *DE.*

Todas as cousàs de novo, e na primeira *vista contentão mais.* Lob. Cort. na Ald. dial. 14.

Os idolos são as cousas, a que em despeito *de Deos nos afeiçoamos.* Heit. Pint. dial. da verd. amiz. c. 1.

Depois que sahimos em terra. Ib. c. 16.

Passou em *Africa*: em *Asia*: em *França* &c. *Lucen. Barros*, e os mais a cada passo.

O qual aportou na cidade. — *sahir* na cidade. Barr. dec. 1. l. 1. c. 9., e l. 8. c. 9. &c.

Enchia todolos lugares . . . . . que estavão em vista *da ribeira.* Barr. d. 2. l. 6 c. 2.

Eu que vim em o mundo, *vestido* em sua *pompa.* Chr. dos Menor. c. 2. do l. 1.

A passada de ElRei D. Sebastião em Africa. *Miscellan.* de Leitão pag. 188.

Mancebo bem posto, com as abas na cinta *á guiza de caminhante.* Arraez dial. 10. c. 36.

Quem duvida nisso? Heit. Pint. dial. da lembrança da morte c. 5., e em outros lugares.

E porque o dito Rei o não quiz fazer, nem conceder nisso. Duart. Nun. Chr. de D. Affonso V. c. 51.

Os mais dos nossos erão em parecer *que não convinha pelejar com elles.* Barr. dec. 3. l. 7. c. 10.

Homem usado na guerra. Ib. l. 8. c. 9.

Se resolverão em deixar *o mundo.* Miscellan. de Leitão p. 123, e nos classicos a cada passo.

Affirmando que em razão *de homem, e letrado, e virtuoso, e de valor, não achava quem melhor merecesse o cargo.* Vid. do Arceb. l. 1. c. 6.

Propôz dois pontos muito essenciaes, ... se bem hum pouco azedos, e que ferião nos olhos *a muitos.* Ib. l. 2. c. 13.

Assi começou em chegando *a Braga a alargar a mão.* Ib. l. 1. c. 13.

E como trazia em prompto, *e como contadas pelos dedos, todas as despezas.* Ib. l. 1. c. 24.

Neste lugar vierão os fundadores em tamanha *desavença.* Ib. c. 26.

Cuidando no modo que teria para se restituir na graça *do Soldão.* Barr. dec. 3. l. 1. c. 3.

Acudindo ora n'hũa parte, *ora* n'outra. Barr. dec. 1. l. 1. c. 8.

Huma serra tão alta e ingreme, que sobe em altura *de sete legoas.* Id. dec. 3. l. 2. c. 1.

Quando a mesma avareza se sobe em alto. Barreir. Signif. das plant. pag. 321.

Mandar em presente, i. e. *de presente.* Parallel. de Princip. c. 63.

Aquelle que quizer vir em pôz *mim.* Espelho de Perf. l. 3. c. 29.

Aparelhado em o negamento *de si mesmo.* Ib. l. 1. c. 11.

O amante transportado na imaginação *do que ama* &c. Cort. na Ald.

Este he o meu filho muito amado, no qual *muito me agradei.* Vieir. Serm. p. 7. n. 221.

E elle se ouve em forma *que sempre sahio vencido* &c. Parallel. de Princip. c. 70.

Intento mais em seus *ganhos*, *que* em inquirir *verdades.* Miscell. de Leitão p. 225. &c. &c. &c.

EMBECIL. Vej. *Imbecil.*

EMBELEZANTE: (*eblouissant*) Não ousamos reprovar esta innovação, porque não desdiz da analogia, e porque os dois vocabulos conformão em significação. *Eblouissant*, coisa que *céga*, que *deslumbra com o seu esplendor*: *Embellezante* coisa que *embebeda com a sua belleza e formosura* &c. Assim po-

deremos dizer *o embellezante disco do sol*, que em portuguez mais usual se diria *o rutilante*, *o refulgente*, *coruscante* &c., ainda que não com a mesma força de exprimir. Em hum poeta moderno achamos *deslumbrante* no mesmo sentido:

> " . . . . . . *coberta a altura*
> *Do soberbo palacio*
> *Com* deslumbrante *alvissimo regêlo* "

EMBELLECER: *Embellecido*: *Embellecimento*: Temos achado muitas vezes estes vocabulos, assim como tambem o adj. *embellezado*, empregados nas traducções modernas, como respondentes ao francez *embellir*, *embelli*, *embellissement*. Porêm o adj. *embellezado* de *embellezar* tem significação mui diversa na nossa lingua: e os outros vocabulos, bem que não encontrem a analogia, parecem desnecessarios, visto termos com a mesma significação os verbos *ornar*, *adornar*, *ornamentar*, *enfeitar*, *aformosear*, *aformosentar* &c., os adjectivos *ornado*, *enfeitado*, *aformoseado* &c., e por *embellissements*, *ornatos*, *adornos*, *enfeites* &c. Temos tambem lembrança de achar em hum poeta moderno o adj. *alindado*, e o verbo *alindar* derivados do subst. *lindo*.

EM BOM PONTO: Esta expressão tomada palavra por palavra do francez *en bon point*, foi usada pelo autor do Palmeir. c. 139 "*tomou a redea ao cavallo*, *que achou* em bom ponto" e tambem se acha na *Chron. do Condest.* c. 57.: "*atá que foi são*, *e* em bom ponto" e no c. 68.: "*eu sou* em bom ponto *de minha saude.*" Hoje he expressão antiquada.

EMIGRAR: *Emigrado*: *Emigração*: São vocabulos, que modernamente tomamos dos francezes *émigrer*,

emigration &c., e significão *sahir da patria*, ou; em geral, *sahir de hum lugar* para *passar a outro*, i. e. de *hum reino para outro*, *de huma cidade para outra* &c. São de origem latina, e conformão com a analogia do idioma portuguez, aonde temos *transmigração*, que significa propriamente *o passar alem*, e *remigração*, que he de *Vieira* na cart. 39. do tom. 1., e significa *o voltar para a patria*; ou para o lugar donde se emigrou. Tambem se póde dizer *migração* tirado do latim *migratio*.

EMISSARIO: (*émissaire*) He gallicismo, de que não temos necessidade; mas que o uso vai adoptando, e que não encontra a analogia, alem de ser de origem latina. Diz tanto como *mensageiro*, e ás vezes *espia*.

EMITTIR: He tomado do francez *emettre*, e usa-se na linguagem *fiscal*, v. gr. *emittir apolices do erario*, *emittir bilhetes de banco*, por *crear apolices*, *bilhetes* &c. Não o reprovamos nesta significação, porque he expressivo, tem boa origem, e he derivado conforme a analogia. Mas *emittir hum voto*, i. e. *dalo*, *expressalo* &c. he frase escusada em portuguez.

EMOÇÃO: (*émotion*) He tambem trazido do francez sem necessidade. Em lugar delle dizemos *commoção*, *agitação*, talvez *turbação*, ou *perturbação do animo*, e propriissimamente *abalo*. Sá de Menezes na *Malac. Conq.* l. 2. est. 113 parece usar de *alterações* no mesmo sentido, quando diz:

A'quella parte inclina o rostro brando,
Novas alterações *na alma sentindo.*

EMPALLECER: (*pâlir*, ou *devenir pâle*) He innovação contratria á analogia do nosso idioma, e

tuguez *esquife*, i. e. *pequeno batel*, o belgico *schipper*, i. e. marinheiro &c.) e com ella dizemos *esquipar a galé*, *a náo* &c. por *metter-lhe a gente necessaria para a mareação*, e tambem *esquipar huma armada*, por *aprestala*, *aparelhala* &c. Daqui derivamos o subst. *esquipação* para significarmos com elle *a gente*, *e aprestos necessarios para marear o navio.* Hoje, em lugar do vocabulo *esquipação*, usamos de *equipage*, ou *equipagem*, tomado do francez *equipage*, e não só o empregamos no mesmo sentido de *esquipação*, se não tambem o ampliamos para significar, á maneira do francez, *todos os aprestos*, *e preparos de hum exercito de terra*, e além disso, *todo o apparato de criados*, *carruagens*, *alfaias* &c. que compõem o trem e comitiva de alguma pessoa, ou familia. Parece-nos adoptavel em todos estes sentidos, e hoje muito preferivel a *esquipação*, visto se ter feito tão vulgar o uso desta palavra no sentido de *extravagancia*, *singularidade* talvez *ridicula*, *modo de obrar*, *ou discorrer alheio do commum* &c.

ERIGIR-SE em juiz, *em critico* &c. he frase franceza. Em portuguez não temos achado o verbo *erigir* com significação reflexa, no sentido de *arrogar hum homem a si huma qualidade que lhe não compete.* Diremos antes *fazer-se juiz*, *constituir-se tal*, *arrogar essa auctoridade* &c.

ESCRAVIZADO: He vocabulo que vai sendo da moda, até nos pulpitos, e que parece tomado do francez, tambem moderno, *esclavisé.* Em portuguez limpo dizemos v. gr. homem *subjugado*, *cativado*, *avassallado*, *tyrannizado* das paixões, e não *escravizado.*

ESPECTADOR: (*spectateur*) He conforme com a analogia, e adoptado pelo longo uso. O mesmo dizemos de *espectavel* por cousa *digna de se ver*,

cousa *muito para ver*, *illustre*, *notavel* &c. Ambos tem origem na lingua latina.

ESPIÃO: *Espionagem*: (*espion*: *espionage*) Nos autores portuguezes de boa nota sómente achamos *espia*, *explorador*, *espiar*, *explorar*, que dizem tanto como o francez *espion*, e *espionner*. E se he necessario tambem hum nome para a arte ou officio do *espia*, por que não diremos *espiagem*, seguindo a analogia da nossa lingua?

ESPIRITOS-FORTES: (*esprits-forts*) Expressão ironica, adoptada na linguagem scientifica para significar os *incredulos*, os quaes em realidade blasonão de *espiritos-fortes*, i. e. de serem superiores ao que elles chamão preoccupações vulgares, e de desprezarem a prudente temperança de huma razão verdadeiramente illustrada, que conhece e respeita os seus limites.

ESPIRITUOSO: He adoptado na linguagem chymica: mas applicado para significar o homem *vivo*, *esperto*, *engenhoso*, *agudo*, *perspicaz*, que *tem boa fantasia*, que he *discreto* &c. parece trazido immediatamente do francez, e tomado pelos francezes do inglez *spirituous*. Tem boa origem, e derivação, e he mui expressivo. O mesmo dizemos da palavra *espirito* por *viveza*, *vivacidade*, *engenho*, *penetração* &c.

ESQUECER alguem, ou *alguma cousa*. Esta significação *activa* do verbo *esquecer* he reprovada como gallicismo por hum critico moderno, o qual suppõe que em bom portuguez sómente se póde dizer *esqueci-me da lição*, ou *esqueceo-me a lição*, e não *esqueci a lição*. Mas o uso constante e frequentissimo dos classicos mostra o contrario. *Ferreir. Castro* Act. IV.

Aquelles matas tu somente, ó morte,
Cujo nome se esquece . . . . . .

Camões 1. P. das Rim. Sonet. 22.

Antes os esqueçaes, *que* vos esqueção.

E na Eglog. 3.

Que já de mim me esqueço *co' a lembrança*
Desta mudança, que esquecer não sei.

Fern. d'Alv. Lusit. transf. l. 2. p. 89 ediç. de 1607.

Os animaes nos montes,
Os passaros nos ramos, que florecem,
Os pexinhos nas fontes
Já pelo sono esquecem
O pasto, *e repousados adormecem.*

Gabr. Per. Ulyss. c. 3. e. 99.

Que ainda ha de esquecer *por Lusitania*
Os abrazados muros *de Dardania.*

Arraez dial. 1. c. 14.

Outros lugares curiosos de Galeno, minha fraca memoria os tem esquecido.

Vid. do Arceb. l. 6. c. 1.

A gente de Vianna não podia esquecer as obrigações, *em que estava ao Santo.*

Lobo Cort. na Ald. pag. 101 ediç. de 1649.

Não tendes razão, quando vitupereis o seu officio, esquecer a grandeza *das partes delle* . . . . &c. &c.

Por occasião deste artigo, não será inutil advertir aos nossos leitores, que muitos verbos ha na lingua portugueza, que sendo quasi sempre neutros, apparecem todavia com significação activa, e até reciproca, ou reflexa, nos bons escritores nacionaes: e ao contrario verbos, que sendo activos, se encontrão tambem com significação neutra, e intransitiva. De huma e outra classe apontaremos aqui alguns exemplos.

Conversar. Diz-se *conversar com alguem*; e *conversar alguem.*

Entrar em algum lugar. — *Entrar huma Cidade.* — *A peste os tinha entrado.* — Os portuguezes *lhe entrárão o navio* &c.

Acabar, i. e. *fazer fim.* — *Acabar alguma cousa*, i. e. *concluila*, *pôr-lhe termo* ou *remate.* — *Acabar alguma cousa com alguem*, i. e. fazer que *venha nisso*, que *a conceda* &c.

Forrar despezas. — *Forrar-se alguem de palavras.* — *Acertar o alvo.* — *Acertar o encontro.* — *Acertar no alvo.* — *Acertar com a verdade.* — *Acertar com a morada de alguem.* — *Acertar de se encontrar com alguem.* — *Acertar-se de pelejar* duas vezes no dia, i. e. *acontecer assim* &c.

Haver. Ha hum homem virtuoso. — *Ha dias* que succedeo o caso. — *Ha que merece tudo*, i. e. *julga*, *tem para si.* — *Houverão grande victoria* dos inimigos, i. e. *alcançarão-na.* — *Houve-se bem* no negocio, i. e. *portou-se. Ha de havelo comigo.* — *Havia-o com homem executivo* &c.

Repugnar a alguma cousa. — *Repugnar o officio.*

Assistir a huma função publica — *Assistir o Estado*, i. e. *auxilialo*, *patrocinalo.*

Desobedecer a Deos — e — *desobedecelo.*

Desmaiar, i. e. *desalentar.* — *Perder o animo.* — A Carta de V. S. *me desmaiou*, i. e. *me fez perder o animo.*

Duvidar. Os homens confessão o poder de Deos, e *duvidão-lhe da vontade . . .* e não falta *quem até o poder lhe duvide. Vieir.*

Resistir a alguem — ou — *Resistilo* &c. &c. &c.

ESTAR AO FACTO: *Pôr-se ao facto*: (*être au*

fait, ou *se mettre au fait*) São puros gallicismos, e querem dizer *estar no caso*, *estar sciente*, *entender*, *inteirar-se*, *informar-se*, *instruir-se* &c.

ESTAR SOBRE AS SUAS GUARDAS, ou *Andar sobre* &c. Frase franceza contraria ao uso do nosso idioma. Quer dizer: *estar*, ou *andar de sobre aviso*; *com o olho sobre o hombro*; *á lerta*; *andar sobre si*; *attentar por si*; *olhar por si*, &c. &c.

ESTUDADO: Por *affectado*, *contrafeito*, v. gr. *modos estudados*, *aceio estudado*, *estilo estudado*, parece-nos trazido do francez para a nossa lingua. Comtudo a metafora he boa, e expressiva, e o termo tomado na sua significação natural he mui portuguez e classico. Temos de autoridade mui respeitavel, que o adject. *estudado* se acha com a significação de *affectado* na *Doutrina ao Infante D. Luiz* por *Lourenço de Caceres*, aonde se lê neste sentido, *estudada diligencia*, e que da mesma sorte se encontra em varios classicos. Nós não temos lição alguma daquella Obra: e nos mais classicos sómente temos achado *estudado* por cousa *dita*, ou *feita com estudo*, *reflexão*, *com cuidado*, e tambem *discurso estudado*, i. e. *ornado* &c.

ETIQUETA: (*étiquete*) He vocabulo adoptado pelo uso geral. Vej. *Blut.* no *Vocab.*, *Moraes* &c.

EVAPORADO: Tomado figuradamente para significar *homem evaporado*, *mancebo evaporado*, i. e. *homem leve*, *leviano*, *vão*; mancebo *inconsiderado*, *desattentado*, *de juizo leve*, *e voluvel*, talvez *inconstante* &c. parece gallicismo escusado na nossa linguagem.

EXACTIDÃO: (do francez *exactitude*) D'antes diziamos *exacção*, que he mais classico, e mais conforme com a analogia. Comtudo *éxactidão* parece não

desmerecer a preferencia, que hoje tem alcançado no uso vulgar, se quizermos evitar o encontro das differentes idéas, que offerece o vocabulo, *exacção*, com o qual exprimimos a *cobrança*, ou *arrecadação de tributos*, e talvez o rigor das *cobranças fiscaes*, assim como aos encarregados destas chamamos exactores.

EXECUÇÃO: He usual entre os francezes dizerem v. gr. *ces ouvrages etoient d'or, et il y avoit des piéces d'une* execution *et d'un travail fort recherché*, aonde a palavra *execution* se não póde traduzir ao pé da letra, sem gallicismo. Em portuguez corrente dizemos peças *de hum lavor primoroso*, *delicado*, *exquisito*; *de rico e primoroso artificio*; peças *excellentemente obradas*; *mui bem obradas*; *trabalhadas com admiravel artificio*; *fabricadas com grande e primorosa arte*; *peças de raro lavor*; *de polido lavor*; *de obra rara e exquisita* &c. No *Affons. Afric.* de *Mousinho* c. 12. p. 194 achamos exprimida assim a mesma idéa.

> *Vio pendurada huma lustrosa espada*
> Feitura, e obra de mão perfeita, e prima,
> *Segundo he rara aos olhos, e acabada.*

E na *Malac. Conquist.* c. 10. e. 142.

> *Em fim nesse que vês fatal escudo*,
> Obra de extrema mão, *sabio Vulcano*,
> *Está pronosticando o lavor mudo* &c.

Em estoutras frases francezas v. gr. *homme de conseil et d'execution*; *homme de peu d'execution* &c., deve entender-se *homem de conselho e efficacia*; *de conselho e valor*; *homem pouco efficaz*; *pouco activo* &c.

EXIGIR: (*exiger*) Por *demandar*, *pedir como divida*, *pedir com autoridade* &c.; diz *Moraes* no

Diccion. que he termo moderno adoptado. Tem origem latina no verbo *exigere.*

EXPORTAR : *Exportação* &c. : São vocabulos adoptados na linguagem mercantil; tem boa origem, e são expressivos.

EXTRACÇÃO : (*extraction*) Os que fallão á franceza, dizem hoje mui frequentemente *homem de baixa extracção*, por homem *de baixa origem*, *de humilde nascimento* &c. He puro gallicismo, que se não deve tolerar. Os nossos classicos disserão sempre homem *de baixo sangue*, *de baixa sorte*, *de humilde*, *de obscuro nascimento*, *de baixa condição*, *de humilde geração*, *de escura linhagem* &c.; e pelo contrario *homem bem nascido*, *de nobre sangue*, *de claro sangue*, *de clara estirpe*, *de boa linhagem*, *de bom nascimento*, *de muito sangue e qualidade* &c.

EXTRAVIAR : *Extraviado* : *Extravio* : (*extravier* &c.) São vocabulos modernamente tomados do francez, mas tem boa ogirem, e analogia, e em alguns casos parecem necessarios.

F.

FACCIONARIO : *Faccioso* : (*factionaire* : *factieux*) Achamos muitas vezes em *Jacintho Freir. Vid. de João de Castr.* a palavra *facção* no sentido de *empreza militar*, *feito de armas notavel*; e huma unica vez a palavra *faccionario*, significando o mesmo que *parcial*, que he *de hum partido*, *de huma parcialidade*, *bandeado por alguem*, no liv. 2. §. 19, aonde diz: « *Assi ficarão acordados*, *que dentro de tres dias virião os castelhanos metter-se dentro da nassa Fortaleza de Ternate*, *onde lhes darião embarcação para a India* . . . . *e que ElRei*

de Tidore seu faccionario *ficaria em nossa graça.*" Neste mesmo sentido traz *Moraes* a palavra *faccionario* autorizada com o *Tacito portuguez*. Porém não temos até agora achado em classico algum o adjectivo *faccionario*, nem o outro *faccioso*, no sentido que hoje communmente se lhes dá de *turbulento*, *sedicioso*, *dado a facções civis*, ou a *parcialidades que perturbão o Estado*: e com esta significação os julgamos modernamente derivados do francez, ou inglez. Com tudo são de boa origem, e bem derivados, e, ao nosso parecer, adoptaveis.

FANATISMO: *Fanatico*: Parecem tomados immediatamente do francez, mas tem origem grega: são adoptados nas linguas sábias, e são expressivos, e necessarios.

FARPANTE: ou *Frapante*: (*frappant*) He gallicismo intoleravel, e todavia mui usado nas traducções modernas, e na pratica familiar. *Hum facto*, *huma acção farpante*, quer dizer em bom portuguez *hum facto*, *huma acção notavel*, *admiravel*, *insigne*, *illustre*, *conspicua*, *abalizada*, *estremada* &c. O adject. verbal *farpante* derivado não do francez *frapper*, mas do portuguez *farpar*, sómente o temos achado na *Art. de furtar*, cap. 17, aonde tem mui diversa significação do francez *frappant*.

FATIGANTE: (*fatigant*) He muito menos reprehensivel, que *farpante*, por haver em Portuguez o verbo *fatigar*, donde naturalmente se póde derivar *fatigante*. Comtudo os nossos bons autores nunca usárão deste adject. verbal, em lugar do quál dizem *molesto*, *incommodo*, *trabalhoso*, *afanoso*, ás vezes *importuno*, *fastidioso* &c. He tambem frequente entre elles significarem o mesmo conceito pelo adjectivo *cansado*, dizendo por ex. *cuidados cansados*, *lagrimas cansadas*, *jornada cansada*, em lugar de

cuidados fatigantes &c., seguindo nisto a analogia, e uso elegante da nossa lingua, que frequentemente diz *enfermidades perseveradas*, *queixas sentidas*, *prantos magoados*, *entrada triunfada*, *homem lido*, *requerimentos longos*, *e trabalhados* &c. &c.

FAZER: Tem este verbo huma significação mui ampla, e generica, que se determina e limita pelos nomes, que se lhe ajuntão: e d'aqui vem as muitas e diversas applicações que tem na nossa lingua, as quaes sómente pela lição dos autores classicos, podem ser bem conhecidas. Entre as que não são muito vulgares, temos notado as seguintes:

Fazer amizades, i. e. *adquirilas*, *grangeálas*. *Feo Trat. das Fest.*, *e Vid. dos Sant.* 2. p. pag. 254.

Fazer amizades a alguem, i. e. *mercês*, *e favores*. *Arraez Dial.* 4. c. 29.

Fazer abalo v. gr. hum edificio, i. e. ameaçar *ruina*, *estar para cahir*. *Heit. Pint. da Vid. Solit.* c. 3.

Fazer ausencia de algum lugar, i. e. *ausentar-se delle*. *Malac. Canq.* l. 3. est. 85.

Fazer caminho, i. e. *andar*. *Bern. Prat. e Serm.* pag. 395.

Fazer o caminho, i. e. *concluilo*, *acabar a jornada*. *Vid. do Arceb.* l. 1. c. 10.

Fazer o caminho por alguma parte, i. e. *dirigilo por ahi*, *passar por esse sitio*. *Vid. de Suso* c. 38.

Fazer hum caminho a alguma part., i. e. *hir a essa parte*, *a esse sitio*. Cort. na ald. dial. 16.

Fazer a causa de alguem, i. e. *advogala*. *Vid. do Arceb.* 1. 19.

Fazer cabardia, i. e. *obrar cobardemente*. *Arraez*, *Dial.* 10. c. 72.

Fazer desprezos a alguem, i. e. *vilipendialo*, *menoscabar essa pessoa. Vieir.* Cart. 84 do Tom. 1.

Fazer erros, i. e. *commettelos*, *cahir nelles. Arraez* 1. 13. *Vid. de Castro* l. 2. §. 5.

Fazer emenda, i. e. *resarcir o damno. Barros*. . . .

Fazer espectaculo de alguma cousa a alguem, i. e. *dar-lhe esse espectaculo. Arraez* 6. 14.

Fazer invejas a alguem com alguma cousa, i. e. *excitar-lhas*, *causar-lhas. Vieir* Cart. 11. do Tom. 3. *Cart. de Guia* pag. 111.

Fazer informações de alguem, ou *de alguma cousa*, i. e. *tomalas*, *informar-se* dessa cousa, ou pessoa. *Vid. do Arceb.* 1. 11.

Fazer justiça, i. e. *administrala. Vid. de Castr.* l. 2. §. 5.

Fazer razão e justiça a todos igualmente, i. e. *governar bem.* Optima divisa de hum bom Principe! *Trancozo.*

Fazer lembrança de alguma cousa, i. e. *assentala em memoria. Vid. do Arceb.* 4. 21.

Fazer lembranças a alguem de alguma cousa, i. e. *excitar-lhas*, *recommendar-lhe* essa pessoa ou cousa. *Vida do Arceb.* 1. 3., e 2. 23. *Vida de Castr.* l. 4. §. 56.

Fazer jogo de alguma cousa, i. e. *fazer dessa cousa motivo de brinco*, *de zombaria. Vieir.* Cart. 78. do Tom. 3.

Fazer mantimentos, i. e. *preparalos*, *têlos promptos. Vieir.* Cart. 11. do Tom. 1.

Fazer noite em alguma parte, i. e. *pernoitar ahi. Vid. do Arceb.* 2. 3.

Fazer obediencia a alguem, i. e. *render-lha*, *significar-lha. Barros* Dec. 3. L. 6. C. 1.

Fazer as partes de alguem, i. e. *advogar por elle. Vieira Serm.* Tom. 15. p. 211.

Fazer satisfação por alguma cousa, i. e. *pagar a pena*, que por ella se devia. *Arraez* 8. 21.

Fazer saudades por alguem, i. e. *mostrálas. Vid. do Arceb.* 2. 1.

Fazer obra, ou *começar a fazer obra*, i. e. começar a *trabalhar. Vid. do Arceb.* 2. 9.

Fazer sentimento por alguem, i. e. *mostralo. Cort. Real.* 2. *Cerc. de Diu.*

Fazer serviço de alguma cousa a alguem, i. e. *offerecela de presente.* Arraez 4. 14.

Fazer significação de alguma cousa, i. e. *dar mostras della.* Arraez 1. 16.

Fazer provas de alguma virtude ou vicio, i. e. *mostrar que tem essa virtude ou vicio*, *dar provas disso.* Uliss. c. 8. E. 111.

Fazer rosto ao inimigo, i. e. *resistilo. Vid. de Castr.* l. 4. §. 18.

Fazer toque de alguem, i. e. *avaliar os quilates do seu merecimento.* Optima expressão de *Fr. Heit. Pint. no Dial. da Relig.* c. 5., aonde diz: *Se os Principes* fizessem toque *dos homens*, *e quantos quilates cada hum tivesse de merecimentos*, *tantos lhe dessem de galardão* . . . &c.

Fazer vingança, i. e. *tomala. Ferreir.* Egl. 10.

Fazer vituperios, *e torpezas contra alguem*, ou *contra alguma cousa*, i. e. *vituperala*, *tratala com vituperio.* Arraez 3. 3.

Usão tambem os nossos Classicos do verbo *fazer* em hum sentido absoluto, e não pouco elegante, e expressivo, que talvez pareceria gallicismo aos menos advertidos. V. gr. *Barros* Dec. 3. l. 5.

C. 9. *aos quaes elle respondia*, *que* o deixassem fazer, *que elle o entendia mui bem. Vieir.* Cart. 13. do Tom. 3. *Torno a pedir a V. Exc. que* deixemos fazer a Deos; *por que importa muito para a satisfação do animo conhecer a sua vontade pelas suas disposições.* &c. O mesmo podemos dizer do uso duplicado do verbo *fazer* nesta frase de *Fr. Heit. Pint. Dial. da Verdad. Amiz. C.* 19.: *fogos*, *que* fez fazer *na Cidade* &c. Não obstante porêm ser o uso deste verbo tão vario, que se não póde sem grande circunspecção ajuizar da pureza das frases, ou expressões, em que elle entra, temos comtudo por gallicismos algumas dellas, que com muita frequencia se encontrão nos nossos Livros modernos, das quaes apontaremos para exemplo as que nos forem lembrando.

Fazer o importante, i. e. *fazer-se homem de importancia*, *de con..a*, *de supposição*; *affectar de homem de porte*, *de valia*; *vender-se por homem de grande tomo* &c.

Fazer o impertinente. Obrar, *portar-se como tal*, *ser importuno* &c.

Este palacio fazia as minhas delicias, i. e. era *as minhas delicias*, *nelle punha todo o meu prazer*, *nelle me deliciava.*

Fazeis-me hum crime da minha prudencia, i. e. *attribuis a crime*, ou *culpais de criminosa*, ou *criminais a minha prudencia* &c.

Mancebos libertinos, *que se fazem huma honra de infringir as Leis*, i. e. que *se honrão de transgredilas*, que *se presão disso*, que põem nisso *a sua honra* &c.

A Religião nos faz hum dever de amar a patria, i. e. *nos impõe o dever — nos obriga —* &c.

Os vicios são os que fazem a Lei neste se-

culo desgraçado, i. e. os *que dão a Lei*, os que *regem este seculo* &c.

Em verdade elle se tinha feito huma Lei de preferir &c., i. e. *se havia imposto a Lei* &c.

Tu te fazias hum dever, hum prazer de obedecer a todos os teus caprichos, i. e. tu *te impunhas o devêr*, *te comprazias*, *punhas o teu prazer em obedecer* &c. *o teu prazer era obedecer* &c.

O toucador não fará a vossa principal obrigação, i. e. *não será . . . não fareis consistir nisso a vossa . . . . não o olhareis como vossa principal obrigação* &c.

Esta verdade faz a base do meu systema, i. e. *he a base*, *o fundamento*, ou *sobre esta verdade assenta o meu systema* &c.

Esta acção faz a vossa gloria, i. e. *vos dá grande gloria*, *vos he gloriosa*, *della depende a vossa gloria*, *nella consiste a vossa gloria.*

Isto fará o assumpto, o objecto do meu discurso, i. e. *este será o assumpto* &c.

Fazemo-nos hum dever de publicar, i. e. *julgamos do nosso dever*, *havemo-nos por obrigados* &c.

Fazer o personagem de hum pai &c., i. e. *fazer o papel de . . . representar de . . .* ou *como pai* &c. &c.

FAVORITO : (*favori*) Este vocabulo he hoje mui mimoso dos que se tem por polidos, e discretos, e visto que tem por si a auctoridade de *Jorge Ferreir.* na *Com. Ulisip.* (*Moraes* no *Diccion.*), não o notaremos de gallicismo innovado: mas não he bem que nos esqueçamos absolutamente dos nossos bons vocabulos *privado*, *valido*, *favorecido*, *mimoso*, *aceito* &c.

FELICITAR : *Felicitação* : O verbo *felicitar* com a significação de *dar parabens*, diz *Blut.* que

he tomado do Francez *feliciter*, e que *começava de ser usado no seu tempo em Portugal*, e cita em abono delle huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. O subst. *felicitações* começou a introduzir-se depois, em lugar de *parabens*, *emboras*, *congratulações* &c. Este segundo não o julgamos necessario, nem melhor que as palavras Portuguezas correspondentes, ainda que tenha derivação regular.

FEREZA: Por *ferocidade*, *crueza*, he muito usado dos nossos Classicos; mas por *altiveza*, e *orgulho* duvidamos que tenha igual auctoridade.

FILANTHROPO: *Filanthropia*: *Filanthropico*: ou *Philanthropo* &c. São vocabulos de origem Grega, que provavelmente nos vierão pela lição dos livros Francezes, e tem seu lugar na linguagem dos doutos. Significão *filanthropo* o *amigo dos homens*, ou *do genero humano*; *filanthropia*, o *amor do genero humano*, ou *a qualidade* que nos faz *amigos do genero humano*; e *filanthropico*, o que pertence a esta qualidade, ou della resulta; v. gr. *affectos filanthropicos*, *acções filanthropicas* &c. &c.

FILHA: (*fille*) Em lugar de *moça*, *rapariga*, *donzella* &c. he erro de traducção; porque a palavra *filha* não tem em Portuguez significação tão extensa como em Francez.

FINANÇAS: Diz-se hoje mui vulgarmente por *Fazenda Real*, *Rendas publicas*, *Rendas do Estado*, *Erario*, *Thesouro do Principe*, *Fisco* &c., e *Sciencia das Finanças* por *Sciencia Fiscal*, i. e. a que estabelece e ensina os principios deste ramo do Governo do Estado. Vej. *Blut.* no *Supplem. ao Vocab.*, aonde somente julga licito usár deste vocabulo, quando se falla da *Fazenda Real de França*. Nós não o temos por necessario.

FORMALIZAR-SE: (*se formaliser*) Por *offen-*

der-se, *escandalizar-se*, *picar-se*, *mostrar-se picado* de algum dito, ou facto, parece gallicismo desnecessario. Comtudo não duvidamos que seja conveniente o seu uso, quando quizermos determinadamente expressar a *demonstração externa da pessoa offendida*, que por escandalizada e picada, deixa as *fórmas familiares*, com que nos tratava, para tomar outras mais sérias, sisudas, e graves. Da mesma sorte será expressivo, e conveniente este vocabulo, quando fallarmos do *homem publico*, que nos actos do seu officio *toma as fórmas*, e o ar serio da sua auctoridade, deixado o tom, e modos familiares, que em outras circunstancias lhe não são estranhados.

FORMATO: (*format*) Não sabemos a razão por que tão vulgarmente se tem adoptado este vocabulo para significar a *fórma*, ou a *grandeza do papel*, em que está escrita, ou impressa qualquer Obra. Em Portuguez legitimo dizemos livro manuscripto, ou impresso *em folha*, *em quarto*, *em fórma de quarto*, *de oitavo*. &c. *Vieir. Cart.* 64 do Tom. I.: *nem se póde fazer o preço, sem se saber a qualidade da letra, e o numero dos volumes, e se hão de ter margem, ou não, e se hão de ser em quarto, ou* n'outra fórma.

FORMIGAR: He tomado do Francez *fourmiller*, e nos parece desnecessario, maiormente por causa da *homonymia*, visto que *formigar* tem sua significação propria em Portuguez. Esta frase por ex. *dormitações*, *que* formigão *em Homero*, póde corrigir-se dizendo *que abundão*, ou *em que Homero abunda*, ou melhor, *descuidos frequentissimos em Homero* &c.

FRAPANTE: Vej. *Farpante*.

FRIVOLIDADE: (*frivolité*) Diz o mesmo que

o termo plebeo *frioleira*, e em linguagem mais polida *futilidade*, *ninharia*, *ridicularia*, *cousa vã e frivola* &c. Alguns modernos dizem *frivoleza*, e por ventura com melhor derivação, e analogia: porque quando estes nomes abstractos não são derivados de outros Latinos, que tenhão o nominativo em *itas*, e o genitivo em *itatis*, como *castitas*, *humanitas* &c., parece que o Portuguez prefere terminalos antes em *eza*, do que em *ade*; e ainda muitos dos que tem aquella derivação Latina, tomão em Portuguez a terminação em *eza*.

Assim v. gr. derivamos

Do Latim	*austeritas*	*austeridade*, ou	*austereza*.
	simplicitas	*simplicidade*	*simpleza*.
	rusticitas	*rusticidade*	*rustiqueza*.
	raritas	*raridade*	*rareza*.
	nobilitas	*nobreza*	
	firmitas	*firmeza*	
	levitas	*leveza*. &c. &c.	

E nos abstractos, que não são trazidos do Latim, preferimos commummente a terminação em *eza*, dizendo v. gr.

De *curto*	*curteza*.	De *rico*	*riqueza*.
altivo	*altiveza*.	*bruto*	*bruteza*.
barato	*barateza*.	*ligeiro*	*ligeireza*.
estranho	*estranheza*.	*escaço*	*escaceza*. &c.

FUGITIVO: Diz-se hoje á maneira dos Francezes *Poesias fugitivas*, *Obras fugitivas* &c. Na *Observação do Conde da Ericeira sobre o num.* 64 *da Biblioth. Souz.*, que vem na *Collecç. dos Docum.*

e Memor. da Acad. R. da Hist. Port. do anno de 1735 diz aquelle douto Fidalgo: *Com o titulo de Bibliotheca Volante procurou huma Collecção de Italia conservar as* Obras miudas, *a que os Francezes chamão* fugitivas &c.

FUNCCIONARIO: He vocabulo modernamente tomado do Francez para significar em geral qualqualquer pessoa que tem *officio*, *emprego*, ou *ministerio publico*, a que os nossos chamão tambem em geral *Ministros*, *Officiaes da Republica* &c. Tem boa origem, e derivação, e não desdiz da analogia.

FUNDO: Em sentido figur. tomamos esta palavra pelo mais *difficil*, *obscuro*, ou *occulto* de alguma questão, ou negocio, e dizemos em bom Portuguez v. gr. *sondar* o fundo *da questão*, *achar* o fundo *a alguma materia*, *ver* o fundo *ás mentiras do mundo*, *entrar no fundo do negocio* &c. Mas parece-nos gallicismo dizer *esta proposição* no fundo *he verdadeira*, i. e. *na substancia*, *no essencial*, *no principal. Estes dois historiadores concordão* no fundo *da historia*, i. e. *no essencial*, *no substancial* &c. Estoutra frase Franceza, v. gr. *son mari dans le fond ne pouvoit ne persuader qu'elle lui fut infidelle*, quer dizer, seu marido não podia *em realidade* persuadir-se &c.

FUZIL: Por *espingarda*, e *fuzillar* por *espingardear* são tomados do Francez sem necessidade alguma. E como *fuzil*, e *fuzillar* tem na nossa linguagem suas significações proprias, parece que se deve evitar a *homonymia*, e o equivoco que della resulta.

G.

GALIMATIÁS: He palavra puramente France-

za, que sem razão querem alguns trazer á nossa lingua. Em portuguez corresponde-lhe exactamente o vocabulo *palavrorio*, ou *palanfrorio*, que em latim se exprime por *inanis verborum sonitus*; *canorae nugae*; *voces inopes rerum* &c. Tem differença do francez *jargon*, que exprimimos por *algaravia*, *inglesia* &c.

GARANTIR: *Garante*: *Garantido*: *Garantia*: (*garantirgarant* &c.) O verbo *garantir* vem auctorizado no *Diccionario* de *Moraes* com o *Tratado* impresso em 1713, e tanto elle, como os seus derivados, parece estarem hoje adoptados na linguagem Diplomatica. Mas temos por abuso ampliar a sua applicação a outros quaesquer assumptos, e muito mais dizer, como achamos impresso, que *só esta Sciencia* (a Mathematica) *he capaz de* garantir-nos *de illusões*, *e escuridades*. Vej. *Blut.* no *Supplem.*

GENIO: Ha muito tempo que em bom portuguez dizemos *ter bom*, *ou máo genio*, *ter genio manso*, *docil*, *ardente*, *impetuoso* &c., signifiando assim *o caracter moral* de alguem. Dizemos tambem *ter genio para a Poesia*, *para a Pintura*, *para a Eloquencia* &c., i. e. *ter aptidão*, *capacidade*, *talento*, *disposição natural*, *propensão* para essas Artes &c. E dizemos finalmente *genio* por *espirito*, ou *quasi deidade* (segundo a frase gentilica) *que influe nos homens*, *e lhes assiste*, e neste sentido disse *Ferreira* na *Castro* Act. 1.:

Ou quando minha estrella, *e cruel* genio
Te poder arrancar desta alma minha.

He porêm novo no nosso idioma, e derivado dos modernos livros francezes, tomar a palavra *genio* n'um sentido absoluto, e indeterminado, como quando dizemos: *he homem de genio*; *as obras deste grande genio*; *foi hum genio em Poesia*, &c.

O eruditissimo *La Harpe* diz que as palavras *genio*, e *gosto* tomadas neste sentido absoluto são peculiares da lingua franceza, e nella mesma *de uso moderno*. Entre nós se achão adoptadas na linguagem da Litteratura, e parecem de indispensavel necessidade: mas cumpre que se lhes dê huma significação fixa, e determinada, e tal que remova de huma vez todo o equivoco, e ponha termo ás questões que tem havido entre os doutos, por não conformarem na verdadeira noção deste vocabulo. Não julgamos da nossa competencia prevenir a este respeito o juizo dos Sabios; mas seguindo as judiciosas reflexões do mesmo *La Harpe*, (*Cours de Litterat. Introd.*) entendemos que *genio*, na accepção, de que aqui se trata, quer dizer *huma grande superioridade de talento* para qualquer Arte, ou Sciencia, ou *homem que gozou essa superioridade*; e neste ultimo sentido se diz v. gr. *Newton foi hum genio em Mathematica*: *Camões foi hum genio em Poesia* &c.

GENTES: Acha-se a cada passo nas Traducções modernas: *as gentes de bem*, *as gentes frivolas*, *as gentes honestas*, *as gentes sensatas*, *a gente de letras* &c. São outros tantos gallicismos, que em bom portuguez valem o mesmo que *os homens honrados*, *os homens sensatos*, *os homens frivolos*, *os homens de letras* &c. Hum folheto, ha pouco impresso, dizia ainda mais ridiculamente: *nove milhões* de gentes *lhe sahirião ao encontro*: *nem vinte e sinco milhões* de gentes *se aniquilão* &c. Parece que o auctor tinha receio de chamar *homens* aos homens! Não devemos porêm occultar aqui que algumas raras vezes se acha nos nossos bons Escritores a palavra *gente*, e *gentes*, em sentido analogo ao de que aqui tratamos: v. gr. na *Vid. do Arceb.* l. 2. c. 1. « *Os mais companheiros erão hum Capellão, e* gente de

serviço, *seculares sinco ou seis* » e no l. 2. c. 26. « *e ainda que se assombrava com se ver buscado e estimado* das gentes, *que ja lhe parecia genero de vaidade e tentação* &c.» Na *Cart. de Guia de Casad.* fol. 90 verso « *arrebatão sem alguma prudencia os animos singellos, e piedosos das Senhoras*, e gentes principaes &c.»

GOLPE DE VISTA: *Golpe de olho*: São as expressões, com que frequentemente achamos traduzido o francez *coup d'œil*, e com que os desdenhosos da linguagem patria enfeitão seus discursos e composições. Mas errão contra o genio da nossa lingua, e contra o seu uso. Vejamos de que maneira se explicavão os nossos bons portuguezes. Souz. *Vid. do Arceb.* l. 4. c. 30.:

> *As cousas do mundo não são dignas nem de hum* emprego de olhos, *quanto mais da affeição da alma.*

Bernard. Serm. e Prat. p. 178:

> *Servirá de espelho, que* de huma só vista *diga mudamente as faltas de todos.*

E a pag. 338:

> *Diz Deos, que a alma santa o rendeo com huma* vista de olhos . . . *com hum só* voltar de olhos.

Miscell. de Leit. p. 358:

> *Vede como está minha vida no* volver desses olhos.

Camões c. 3. e. 143:

> *Quem vio hum* olhar *seguro, hum gesto brando.*

E nas Rim. 1. P. Son. 35:

> *Hum* mover de olhos *brando e piedoso.*

E Eglog. 8.:

> *Huma só* volta de olhos *descuidada.*

Mousinh. Affon. Afric. c. 6. pag. 99 verso:

Quem pode resistir a hum doce e brando
Quebrar de olhos, *que as almas vai roubando?*

E entre os modernos Filint. Elys. Tom. 2. de seus *Versos*:

Mas que he o ouro, e a vida,
A quem perde hum mimoso olhar *de Marcia?*

Bocag. Cant. I. á Immacul. Conceiç. de N. S.:

Ah! de teus olhos hum volver piedoso
Desarme, ó Virgem bella, o justiçoso
Ente immortal, que os improbos fulmina. &c.

Quando os francezes dizem v. gr. *este lugar offerece ao observador o mais bello* (coup-d'œil) *golpe de vista*; deve traduzir-se *a mais bella perspectiva*, ou *o mais bello painel*, como se explica *Vieir. Relaç. da Missão de Ibiapaba* §. 8.; *mas depois que se chega ao alto das serras, pagão bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos hum dos mais* formosos paineis, *que por ventura ajuntou a natureza.* E quando finalmente no titulo de algumas obras dizem, por ex., *Coup-d'œil sur l'etat actuel de l'Europe*, devemos traduzir *Vista do estado actual* &c., bem como traduzem os inglezes: *A view of the state* &c., ou se quizermos mais á letra: *Lanço de vista*; ou tambem *Revista sobre o estado* &c. &c.

GOSTO: *O termo gosto* (diz *Dias Gomes, Obr. Poet.* Not. 10 á Eleg.) *no mesmo significado, em que o tomão os francezes, ja o vemos tão introduzido ha mais de trinta annos em Portugal, que se deve reputar proprio do idioma, no sentido de* bom gosto: *de modo que quer se diga* gosto, *quer* bom gosto *em Artes, tudo he o mesmo; nem se duvida da identidade dos significados, que neste sentido não requerem modificação.* Vej. o que dissemos da palavra *Genio.*

GOVERNANTE: (*gouvernant*) Por *Aia*, *Ama*, ou *Mestra*, he francezismo escusado.

GRANDE CAMINHO: Assim traduzem alguns erradamente o francez *grand chemin*, ou *grande route*, que quer dizer *estrada real*, ou *caminho real.*

GRANDE MUNDO: He hoje expressão da moda tomada do francez *le grand monde*, para significar *a gente mais abalizada*, *a gente principal do Reino*, *a Corte*, e tambem *toda a sorte de gente*, ou *gente de todos os estados e caracteres.* V. gr. he *hum homem que tem conversado o grande mundo*, i. e. que *tem tratado com muita gente abalizada*, *com a gente principal*, *com gente de todas as classes*, *e condições* &c. &c.

GRIMAÇAS: He puro francez, pelo qual dizemos *tregeitos*, *momos*, *gestos ridiculos e affectados*, e em frase da plebe *gatimanhos.*

GRUPO: (*Groupe*) He vocabulo das Artes de *Pintura*, e *Esculptura*, e significa *numero de figuras juntas*, *e apinhoadas com arte.* Parece necessario, e he auctorizado pelo uso dos Artistas. Em outros casos dizemos *magote*, e talvez *turma.*

GUARDAR O LEITO: (*garder le lit*) He expressão franceza, que em bom portuguez quer dizer *estar de cama*; ou *em cama*, por molestia.

H.

HOMENAGEM: A expressão *render homenagem* tem no idioma portuguez seu proprio significado, e quer dizer: *fazer preito*, ou *dar juramento de fidelidade ao Soberano*, quando delle se recebe alguma Praça, Governo, Terras, ou Feudo. Os francezes estendêrão esta significação primaria, dizendo

figuradamente *rendre ses hommages à quel q'un*, i. e. *acatar*, *reverenciar*, *respeitar*, *venerar alguem*, ou *render culto*, *obsequio*, *dar veneração*, *fazer acatamento* &c. D'aqui o tem tomado os nossos modernos Traductores com a mesma significação, que não reprovamos, com tanto que se empregue moderadamente, e sem affectação. *Garção* diz no mesmo sentido em huma de suas Odes:

Mil garridas, mil candidas Licoris
Vencedor me jurárão, me renderão
Do riso, do prazer no Capitolio
Humilde vassallagem.

E já *Fern. d'Alv.* na *Lusit. Transform.* l. 2. pag. 153 verso da ed. de 1607 disse:

Troca nesta tristissima viagem
Com morte a vida, que em tormentos passa,
O triste que lhe deo d'alma homenagem.

HORDA: (*horde*) Já vem em *Blut.* no *Supplem.*, aonde o auctoriza com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1726. Diz-se propriamente das *catervas*, ou *bandos de povos errantes*, *que não tem domicilio certo*.

HUM: Este vocabulo, alêm da significação que tem como *numeral*, póde em alguns casos haver-se como huma especie de *artigo*, ou *adjectivo articular*, que determina a significação dos nomes, a que se ajunta, restringindo a indefinida extensão das idéas, que elles exprimem. Assim quando dizemos, por ex. *Julio Cesar foi* hum *Principe tão insigne nas letras*, *como nas armas*, aquelle *hum* não he, nem póde ser *numeral*, mas sim *artigo* que limita a extensão da idéa significada pela palavra *Principe*. Os francezes tem, como nós, este uso, e dizem tambem, v. gr. *Pierre est* un *homme de probité* &c. mas amplião-no muito mais, e empregão a mesma

palavra com frequencia, e em certas circunstancias, em que a nossa linguagem a recusa. Devemos pois reflectir na pratica dos bons Classicos, e não nos desviarmos sem necessidade do caminho que elles seguírão. Observando esta regra geral, veremos que ha de algum modo gallicismo nas seguintes frases:

Passa o Autor a fallar de huma outra *Profecia*, i. e. *de outra Profecia.*

Qualquer que seja a vossa natureza, vós devèis viver huma outra *vida*, *fallar* huma outra *linguagem*, *e ter outras ideas*; quer dizer *viver outra vida*, *fallar outra linguagem* &c.

Nem nos demove do nosso parecer o exemplo de *Rui de Pina* no *Prologo da Chronica de ElRei D. Duarte*, aonde diz: *nos-acharmos logo outros*, *e sentirmos em nós* hum outro *singular melhoramento*; e pouco depois: *ainda por* huma outra *especialidade de obrigatorios exemplos*; porque alem de estarmos persuadidos, que nem tudo quanto vem nos Classicos he para se imitar, maiormente no que respeita á Syntaxe, e organisação da frase e discurso; he tambem certo que aquellas palavras *hum outro*, *huma outra* envolvem huma especie de redundancia, que o uso presente da lingua portugueza tem rejeitado, por onde indicarião hoje affectação, e darião ao discurso aquelle ar francez, que sobre tudo se deve evitar. Não menos julgamos reprehensivel a viciosa, e tambem affectada repetição do vocabulo articular *hum* no seguinte periodo, e em outros semelhantes, que a cada passo se encontrão traduzidos muito á letra do francez.

Póde qualquer chegar a ser hum *grande homem*, *sem ser dotado de* hum *espirito*, *e de* hum *genio superior*, *com tanto que tenha valor*, hum *juizo são*, *e* huma *cabeça bem organizada.*

Que em melhor portuguez quer dizer:

Póde qualquer chegar a ser grande homem, sem ser dotado de hum *espirito e genio superior, com tanto que tenha valor, juizo são, e boa cabeça* &c.

Tambem nos parece que se deve evitar, quanto possivel for, o ajuntamento do articular *hum* com as palavras *muito*, *mais*, *maior*, &c. v. gr. *hum muito máo coração*, *hum maior abuso*, *huma mais certa esperança* &c., e isto por causa do máo soido, que fazem semelhantes expressões &c. Ultimamente advertimos que os nossos Classicos usárão não raras vezes do articular *hum* acompanhado do artigo simples e definido: v. gr. *Fr. Heit. Pint. Dial. da Verd. Amiz.* c. 19. *claro está quam mais utiles e excellentes são* os huns *que* os outros. *Duart. de Rezende Dial. Lelio* ou *Amicitia* de M. T. *Ciceron.* ed. de 1531 *Haverá* o hum *do outro vergonha* &c. Mas este uso acha-se com mui justa razão antiquado, porque a propria natureza dos dois vocabulos o repugna.

HUMILIANTE, ou *HUMILHANTE*: (*humiliant*) Tem boa derivação, e analogia, e parece necessario ao nosso idioma.

HUMOR: Significa no sent. fig. *boa ou má disposição do animo causada dos humores, que constituem o temperamento, e influem nos costumes do homem, e no seu modo de obrar.* (*Blut.*) Entre nós he indifferente para significar *bom* ou *máo humor*, e sempre se lhe ajunta algum adjectivo, que determine a sua significação, v. gr. *bom*, *máo*, *alegre*, *festivo*, *jovial*, *aspero*, *sombrio* &c. Pelo que nos parece gallicismo reprehensivel empregalo em sentido absoluto, como nas seguintes frases: *obrar por capricho, e por humor*; *não são supposições dictadas*

pelo humor; *Obra da singularidade, e do humor.* Muito menos se póde tolerar no sentido de *enfadamento*, *agastamento*, como v. gr. nesta frase *il temoignoit beaucoup d'humeur de l'absence de son fils*, que em portuguez corrente se deve traduzir: *elle se mostrava muito* enfadado, *ou* agastado, *ou mostrava grande* enfadamento *pela ausencia* &c.

I.

JALUZIA: (*jalousie*) Achamos este vocabulo em huma Obra portugueza original, aonde o Auctor, fallando dos *affectos oratorios*, diz: *Os movimentos de amor, de odio, de medo*, de jaluzia, *e de raiva* &c., tomando *jaluzia* por *ciume*, ou *inveja*, que são os vocabulos portuguezes, que correspondem ao francez *jalousie.* Não ignoramos que *Vieira* usou mais de huma vez da palavra *gelozia* nas suas Cartas, entendendo-a no sentido do italiano *gelozia* por *sollicitude*, *cuidado ancioso* &c.; mas esta auctoridade, bem que respeitavel em tal materia, não a julgamos só por si bastante a fazer adoptavel aquelle vocabulo; já porque o uso anterior e posterior a *Vieira* recusou esta innovação, e já porque o estilo epistolar sofre algumas vezes semelhantes liberdades, sem que por isso nos auctorise para usarmos dellas em differentes circunstancias. E por certo que ninguem adoptará de *Vieira* a palavra *nombramento* usada por elle na Carta 96 do Tom. 1., nem a palavra *raconto* (*relação*) da Carta 99 do mesmo Tomo, nem finalmente a palavra *aquistar*, que vem no mesmo Tomo Carta 118.

JAMAIS: (*ja-mais*) *Este adverbio* (como advertio *Dias Gomes Obr. Poet.* Not. 4. á Eleg. 2.) *não se deve reputar por gallicismo, pois só a in-*

discreta frequencia o constitue tal, sendo, *como he*, *usado dos nossos Autores*, *como Gomes Eannes*, *Camões*, *Gabriel Pereira de Castro*, *e Ferreira*. Nós, em graça dos Leitores menos versados nos Classicos portuguezes, poremos aqui alguns dos varios modos, com que elles usão deste vocabulo, ou exprimem a sua significação.

Eneid. Port. l. 3. est. 44.:

Porem a quem jamais *pelos sentidos*
Passára, que algum tempo inda os Troyanos
A Hesperia havião de ir?

2.° *Cerc. de Diu.* Cant. 2.:

Quando perdida verás a Fortaleza
E a esperança de cobrala jamais?

Arraez Dial. 10. c. 83.:

Prómettei a Christo de jamais *o deixardes.*

Mousinh. Affons. Afric. c. 1.:

Lugar de penas e tormento esquivo
Onde jamais *se vio contentamento.*

Eneid. Port. l. 2. e. 26.:

Não descançou jamais *da furia brava.*

Cam. Rim.:

Jamais *vos não ouvirão*
Os tigres que se amansavão.

Vieir. Carta 33 do Tom. 3.:

O Turco fica fazendo em Constantinopla e Candia os maiores apparatos de guerra, que nunca jamais *se virão.*

Fr. Greg. Bapt. 1. P. *das Dom.* f. 26 verso:

Ja nunca mais *este Senhor castigou sem piedade.*

Cam. Rim.:

Lembre-vos minha tristeza.
Que jamais nunca *me deixa.*

Mousinh. Affons. Afr. c. 6.:

Esta fermosa e linda praderia
A quem jamais nenhuma *se igualava.*

Ferreir. Cast. Act. 4.:

Nem haverá ja nunca *no mundo olhos*
Que não chorem de magoa.

Mousinh. Affons. Afric. c. 3.:

Gemeram d' improviso c' hum estrondo
Nunca ja *visto as taboas abaladas.*

Camões Eclog. 2.:

O' immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem nunca *perdoas.*

Paiv. 1. P. de *Serm.* fol. 147 verso:

S. Gregorio conta em Moisés pelo maior serviço que fez nunca *a Deos. . . .* &c. &c.

A' vista do constante uso que fazem os nossos Classicos deste adverbio com a significação de *nunca*, não podemos deixar de notar aqui como gallicismo o emprego que delle fez o doutissimo P. *Pereira*, traduzindo aquellas palavras do *Genes.* IX. 12 *Hoc signum foederis, quod do inter me et vos, in generationes sempiternas*, deste modo, *eis-aqui o sinal do concerto que eu faço* para sempre jamais *entre mim e vós*, aonde parece haver tido presente o francez *pour ja-mais*, que a cada passo se acha nas Traducções francezas da S. Biblia, correspondendo ao latim *in sempiternum*, *in omne aevum*, *in generationes sempiternas*, e que nós traduziriamos melhor *para todo o sempre.*

IMBECIL: *IMBECILLE*: *EMBECIL*: De todos estes modos temos achado trasladado o francez *imbecille*, entendido como substantivo, ao qual em portuguez corrente, e de bom cunho, correspondem as palavras portuguezas *fatuo*, *nescio*, *sandeu*, *péco*, *insensato*, *parvo*, *tonto*, *desasizado* &c. Devemos porêm advertir, que achamos este adjectivo usado na

sua natural significação derivado do latim, em *Arraez* Dial. 10. c. 2. : *Por que me deixastes em minhas fracas forças humanas, que são* imbecilles, *e fracas?* E na Traducção do Livro *De Senectute de Cicero* por *Damião de Goes*, ms. fol. mihi 24: *Cyro, segundo escreve Xenophonte, dixe morrendo ja muim velho, que nunca sentira a velhice mais fraqua nem* imbecil *que a mocidade.*

IMBECILLIDADE : Temos em portuguez *imbecillidade* por *falta de forças*, *fraqueza de corpo*, ou *animo*; mas em lugar de *tolices*, *sandices*, *parvoices* &c. parece-nos gallicismo desnecessario.

IMMEDIAÇÕES: He vocabulo novo em portuguez, e derivado do francez tambem novo *immediations*. Significa o mesmo que *visinhanças*, *arredores*, ou *orredores*, *contornos*, *circumvisinhanças* de algum lugar. Não vemos razão por que seja necessario adoptar-se.

IMMORAL, e *IMMORALIDADE* : Ainda que nos hajão vindo immediatamente do francez *immoral*, e *immoralité*, comtudo são necessarios, não encontrão a analogia, e são derivados de *moral*, e *moralidade*, que sem duvida nos pertencem, e nos vierão do latim.

IMPOTENTE : He vocabulo portuguez, com que significamos o *que não póde gerar*, que *he incapaz para a geração.* Paixões *impotentes* por *desordenadas* he gallicismo, ou talvez inglezismo, de que não necessitamos, e que não condiz com a primaria significação de *impotente*. *Esforços impotentes*, *meios impotentes* para alcançar qualquer fim, he bom, e póde adoptar-se, com tanto que se evite o perigo de excitar huma idéa accessoria torpe, e indecente.

IMPERISSIVEL: (*imperissable*) He gallicismo grosseiro, e inadoptavel. Em portuguez dizemos cou-

sa *não perecedeira*, *immortal*, *perpetua*, *perduravel*, *interminavel*, *sempiterna*, *que sempre dura*, *indestructivel* &c.

IMPETUOSIDADE: He tomado do francez *impetuosité*, e parece necessario para exprimir a *qualidade de impetuoso*, que se não exprime por *impeto*.

IMPÔR: (*imposer*) Este vocabulo tem na lingua portugueza suas significações bem sabidas: mas no sentido de *enganar*, *illudir*, *seduzir* com impostura, parece gallicismo, de que não carecemos. As frases francezas, em que elle figura, podem traspassar-se de differentes maneiras, conforme o pedirem as circunstancias. V. gr. *o aspecto deste homem* impõe, i. e. *engana*, *illude*. *Os exteriores apparatosos* impõe *á multidão*, i. e. *mettem respeito*, *infundem respeito á multidão*. *As tropas já não* impunhão *ao povo*, i. e. *já o não continhão*, já lhe *não mettião respeito*, ou *medo*. *Pretendeis com paralogismos* impôr *á multidão*, i. e. *seduzila*, *embaila*. *Soube* impor ao povo *com falsos milagres*, i. e. *embair o povo* &c. Parece-nos que o termo mais proprio correspondente ao francez *imposer* neste sentido, he o verbo *embair*, cuja significação he *enganar com imposturas*, *embelecar*, *induzir em erro com boas apparencias* &c. *Arraez Dial.* 3. c. 34. *Os Judeos ousão dizer de Christo que foi blasfemo e* embaidor: e no *Dial.* 7. c. 20.: *até chamarem ao Senhor Jesus* embaidor. *A palavra grega* planos *não significa enganador de qualquer maneira*; *se não de hum certo genero*, *que professa enganar*, *e* embair &c.

IMPORTAÇÃO: *IMPORTADO*: São adoptados na linguagem mercantil, e tem bom fundamen-

to na primaria significação do verbo *importar*, i. e. *trazer para dentro.*

IMPRATICAVEL: Hum critico moderno reprova como franceza a expressão *mar impraticavel*: mas *Blut.* traz no seu *Vocabul. caminhos impraticaveis*, e *Rui de Pina* já disse na *Chron. de D. João II.* Cap. 82: *Não houve Provincia de Christãos e infieis, amigos, e imigos de nós sabida e* praticada, *em que* &c. Tambem dizemos *mar intratavel, caminhos intrataveis, mar innavegavel* &c.

INABALAVEL: Parece-nos tomado pelos nossos modernos Escritores do francez *inébranlable*, e somos de parecer, que he innovação escusada no nosso idioma, aonde temos *immovel*, *firme*, *estavel*, talvez *constante*, *immudavel*, *invariavel* &c. Camões usa de *immoto* no mesmo sentido nas *Rim.*:

Aquelle gesto immoto, *e repousado.*

E nos *Lusiad.* c. 2. est. 28:

Mas por não darem no penedo immoto
Onde percão a vida doce e cara.

No sentido figurado podemos variar a expressão, dizendo com os classicos: animo *inteiro e inflexivel*, constancia e fortaleza *invencivel*, Leis *immudaveis*, virtude *firme e inexpugnavel*, verdade *inconcussa*, constancia *incontrastavel* &c. Confessamos todavia que *Bluteau* já traz o adjectivo *inabalavel* no *Suppl.*, auctorizando-o com a *Gazeta de Lisboa de 24 de Janeiro de 1726.*

INACÇÃO: *He palavra* (diz *Blut.* no *Vocabul.*) *tomada do francez inaction. Tenho ouvido alguns Portuguezes cultos usar della. Val o mesmo que cessação de obrar, e ás vezes ocio, negligencia.* Hoje he adoptada, e auctorizada.

INCALCULAVEL: He tomado do francez; mas tem boa origem e derivação, e parece conveniente adoptar-se. Significa *cousa que se não póde reduzir a calculo*, que *se não póde contar*, *nem avaliar*, *innumeravel*, *sem conto* &c., e no fig. cousa *imponderavel*, *inestimavel* &c.

INCESSANTEMENTE: Significa o mesmo que *continuadamente*, *sem descontinuar*, *sem cessar*, *sem se interromper* &c. Mas quando se toma por *logo*, *sem demora*, *daqui a pouco*, *dentro de pouco tempo* &c., he gallicismo, e seria erro dizer *marcharei incessantemente a Lisboa*; *verei o meu amigo incessantemente* &c.

INCONCEBIVEL: (*inconcevable*) Temos visto muitas vezes empregado este vocabulo em papeis impressos, e por pessoas aliàs doutas. Em melhor portuguez diremos *incomprehensivel*, *inintelligivel*, e ás vezes *imponderavel*. Mas se se julgar necessaria a innovação deste vocabulo, deverá então dizer-se *inconceptivel*, e não *inconcebivel*; porque este ultimo, além de ter má pronunciação, he derivado contra a analogia da lingua portugueza, que fórma, á maneira da latina, *imperceptivel*, *susceptivel*, *admissivel* &c., e não *impercebivel*, *suscepivel*, ou *suscebivel*, *admittivel* &c.

INCONTESTAVEL: *INCONTESTAVELMENTE*: *He tomado* (diz *Blut.* no *Suppl.*) *do francez incontestable*, *que val o mesmo que coisa indubitavel*, *sobre a qual he inutil contender*: e ahi mesmo auctorisa o adverb. *incontestavelmente* com o *Trat. de Paz* de 1713. Hum e outro tem boa origem e analogia.

INDEMNIZAR: *INDEMNIZAÇÃO*: *INDEMNIDADE*: Parecem trazidos immediatamente do francez, e de novo introduzidos na nossa lingua,

aonde temos os correspondentes *compensar*, *resarcir*, *reparar o damno* &c., mas tem origem no latim, são adoptados pelo uso geral, e já forão usados nas Leis do Senhor D. José I.

INDOLENCIA: *Ateagora* (diz *Blut.* no *Suppl.*) *não achei esta palavra em Autor Portuguez.* Indolencia *porem, como derivada do Latim, parece necessaria para evitar circumloquio.* Os Francezes tambem dizem *indolence*, e tanto elles como nós á sua imitação, o usamos não só para significar a *insensibilidade á dôr*, (que he a força do termo latino) mas tambem a *negligencia*, *incuria*, *deleixamento*, *descuido* &c.

INESGOTAVEL: He innovação, imitada por ventura do francez *inépuisable.* Em lugar della temos *inexhausto*, *perenne*, *perennal*, *manancial* &c. Comtudo se parecer necessario, não he contra a analogia. Nós preferiremos sempre *inexhaurivel.*

INEXHAURIVEL: Os nossos classicos disserão sempre *inexhausto*; mas *inexhaurivel* conforma com a analogia, he adoptado pelo uso geral, e já vem nos *Estat. nov. da Universid. de Coimbra* T. 3. Cap. 1. n. 1., aonde diz: *ainda que as Sciencias Mathematicas são tantas, e cada huma dellas de tão grande vastidão, e* inexhaurivel *fecundidade* &c.

INFECTADO: Por *inficionado*, *contaminado*, *infecto*, *tocado do contagio*, *corrompido*, *viciado*, parece-nos gallicismo, não o temos até agora achado em Auctor classico, nem o julgamos necessario.

INFORTUNADO: (*infortuné*) Por *desafortunado*, *desaventurado*, *desgraçado*, tambem ao principio nos pareceo gallicismo. Mas vem mais de huma vez em *Corte Real*, *Naufrag. de Sepulv.* v. gr. no c. 7.:

. . . . *e a formosa*
Irmãa de Phebo passa detrimento,
Mostrando-se ali sempre infortunada.

E no C. 8.:

. . . . *o discurso*
Da peregrinação mortal, e o triste
Infortunado *fim de tanta gente.* &c.

INFRACTOR: *INFRACÇÃO*: (*infracteur* &c.) O primeiro já vem em *Blut.* no *Vocab.* no sentido de *quebrantador*, *violador*, *transgressor*, &c. O segundo tambem se usa mui vulgarmente, e *Madureira* o traz na sua *Orthografia.* Hum e outro tem origem latina, e tem por si a pratica auctorizada.

INSCREVER : *INSCRIPTO* : Estes dois vocabulos, que achamos usados pelos nossos Escritores modernos, ainda que pareção tomados immediatamente do *francez inscrire*, e *inscript*, tem comtudo boa origem no latim *inscribere*, e *inscriptus*, e por isso não ousamos reprovalos, muito menos quando são termos technicos da *Geometria* : mas a sua significação póde algumas vezes exprimir-se em portuguez por differente modo, e com igual propriedade, e energia : v. gr. *o seu nome está* inscripto *na Lista*, i. e. *escrito*, *assentado*, *registado*, *matriculado*, &c. Em lugar de *inscrever em bronze*, *em marmore*, &c. diremos muito melhor *esculpir*, ou *insculpir*, *entalhar*, *abrir*, *talhar*, *cortar*, e tambem *gravar*, que he classico (Vej. *Blut.* na palavra *Gravar.*) Finalmente o adj. *inscripto* acha-se huma vez em *Arraez* no *Dial.* 4. c. 10. aonde diz: ¿ *Que se fez da Igedita Cidade Cathedral, que chamamos Idanha?* ¿ *Onde fica com seus marmores, e letreiros* inscriptos ? (Vej. *Blut.* no *Suppl.* palavra *Inscripto.*)

N

INSIGNIFICANTE: (*insignifiant*) He vocabulo tomado do francez; mas adoptado pelo uso geral. Quer dizer: *cousa que nada significa*, *de pouca monta*, *de nenhuma importancia*, *que pouco ou nada vale* &c.

INSINUANTE: Tambem he novo na nossa lingua, e trazido para ella do francez; mas tem boa origem e derivação, e parece necessario. Já foi usado por *Elpino Duriense* na *Noticia sobre Almeno*, *e a sua Traducção da Metamorfose de Ovid.*, aonde diz: *a sua voz* insinuante *e vigorosa*, *como a dos Oradores mais eloquentes de Grecia e Roma*, &c.; e esta auctoridade, bem que moderna, he para nós de grande respeito em tal materia.

INSPECTAR: Do francez *inspecter*, parece desnecessario, principalmente adoptando-se o outro verbo *inspeccionar*, que temos por melhor, e mais conforme com a analogia. Significa *fazer inspecção*, e talvez *superintender*, &c.

INSTALLAR: *INSTALLADO*: &c. (*installer* &c.) São vocabulos desnecessariamente tomados do francez ou inglez. Em boa linguagem portugueza dizemos *constituir* alguem n'um cargo, ou dignidade, *instituir*, *investir*, *metter de posse*, talvez *estabelecer*, &c.

INSULTANTE: (*insultant*) Tem a seu favor hum uso assás geral: e com tudo temos por melhores os adjectivos *injurioso*, *afrontoso*, *vituperoso*, &c. *Jacintho Freire Vid. de Castr.* L. 2. §. 7. usa de *insultuoso*, e hum Poeta moderno, que se não póde citar sem louvor, diz, fallando da pessoa que insulta:

> *Mil graças*, *e risadas entre a bulha*
> *Do vulgo* insultador *soar se escutão.*

E em outro lugar:

Tu me vale em meus males: tu castiga
D'um genio insultador *a petulancia.*

INSURMONTAVEL: Por *insuperavel*, *invencivel*, he gallicismo grosseiro, e escusado.

INSURREIÇÃO: *INSURGENTE*: São vocabulos trazidos modernamente do francez *insurrection*, *insurgent*, e dizem tanto como *sublevação*, *levantamento*, *sublevado*, *levantado*, &c. Tem boa origem e não desdizem da analogia.

INTERDICTO: (*interdit*) Por *atalhado*, *embargado*, *enleiado*, *suspenso*, *turbado*, *attonito*, he gallicismo desnecessario.

INTERPRENDER: *INTERPRENDIDO*: Usão alguns ignorantemente destas palavras no sentido de *emprender*, ou *tomar por empreza*, *determinar-se a fazer alguma acção difficil e laboriosa*, &c., enganando-se com o francez *enterprendre*, que traduzem conforme o som material. Em bom portuguez dizemos *interprender* por *accommetter de improviso*, v. gr. *huma praça*, &c., e *interpreza* por *ataque improviso*. *Emprender* tem differente significação, e com elle he que dizemos *emprender huma conquista*, *huma jornada*, *huma guerra*, *huma obra*, &c. Vej. o *Diccion.* de *Moraes* nestas palavras.

INTRIGA: *INTRIGANTE*: &c. São tomados do francez, mas adoptados pelo uso em geral. Dizem tanto como *enredo*, *enredar*, *enredador*, &c. As palavras *mexerico*, *mexericar*, e *mexeriqueiro*, que algumas vezes se podem usar em lugar de *intriga*, &c., parece-nos que tem huma significação mais restricta, como especie subordinada ao seu genero. *Mexericar* significa propriamente *descobrir*, *e referir cousas occultas*, *que outrem tem dito ou feito*, e isto *com o fim de metter dissensões*, *e se-*

mear zizanias. Enredar porêm, e *intrigar* he mais generico, e significa *manejar com astucia toda a casta de artificios, e maquinações occultas*, para conseguir algum intento, em frase popular *fazer maçadas*, ou *embrulhadas*, &c., que em latim se exprime bem por *occulto artificio res miscere*; assim como *intrigante* por *dolis et artibus instructus*; *ad negotia implicanda et explicanda callidus*; e *intriga* por *occultae artes*; *occultarum artium doli*, &c. &c. Por onde, neste lugar v. gr. *do Feliz Independente* L. 18: *mais que tudo temo as intrigas dos Principes Latinos*, não poderiamos com toda a propriedade substituir *mexericos* a *intrigas*, e muito menos no outro lugar do L. 19: *e na presença de todos declarou toda a* intriga *do Conde, e de Neucasis*. &c. &c.

INUSITADO: (*inusité*) Pareceo-nos ao principio gallicismo pouco digno de adoptar-se, por não offerecer melhoria alguma a respeito do adj. *desusado*, que diz o mesmo. Todavia *Camões* o empregou, ainda que huma só vez, nos *Lusiad.* C. 2. E. 107.:

Ouvindo o instrumento inusitado,

e póde conseguintemente ter lugar, em algum caso para variar a linguagem Poetica.

JOGOS DE ESPIRITO: (*jeux d'esprit*) He gallicismo, a que em bom portuguez corresponde *chistes*, *ditos engenhosos*, e *conceituosos*, *agudezas*, &c. Comtudo temos *jogar de vocabulo*, e *jogo de vocabulo* por *equivoco discreto* em *Vieir. Serm.* Tom. 6. pag. 472, aonde diz: *aqui* jogou de vocabulo *o Evangelista, e usou o equivoco, que eu dizia*, e logo na pag. 473: *aqui está o* jogo do vocabulo, *e o equivoco discretissimo*, &c. Tambem dizemos *fazer jogo* por *fazer zombaria*. Vieira Cart.

78 do Tom. 3.: *Os que* fazem jogo *dos achaques alheios dizem que me veio este a bom tempo para não ver o que se vê, nem ouvir o que se ouve.* E *D. Franc. Manoel* na *Cart. de Guia* fol. 119 diz: *va mais por* jogo, *que por conselho*, usando de *jogo* por *galanteria*, *brinco*, &c. (Vej. em *Moraes* a palavra *Jogo.*)

JORNAL: Por *Diario* he palavra franceza, que nos não era necessaria: e sem embargo de ser hoje mui usada, até de pessoas doutas, não a julgamos adoptavel, maiormente attendendo á homonymia, que se deve evitar, quanto possivel for, por ser hum sinal infallivel da pobreza da linguagem.

IRREPROVAVEL: Na significação do francez *irreprochable* parece-nos gallicismo, e má traducção. Em lugar delle diremos *irreprehensivel*, *inteiro*, *incorrupto*, *de costumes sãos*, *e puros*, &c.

ISOLADO: (*isolé*) Que outros escrevem *insulado*, está hoje muito introduzido nos escritos e conversações: mas nem por isso o julgamos adoptavel. Os nossos bons Auctores por *homem isolado* dizem *homem solitario*; *só*; *só de amigos e parentes*; *desacompanhado*; *só de toda a companhia*; *só por só*, &c.; e por *lugar isolado* dizem *lugar ermo*, *solitario*, *despovoado*, *apartado*, *desamparado*, &c. *Ferreir.* L. 1. Od. 7.:

> *Sampaio*, *tu lá* só de mim *estás.*

Cam. Rim. P. 1.:

> *Derribai-os*, *fiquem* sós
> De forças, *fracos*, *imbelles.*

Resend. Chron. de D. João II. C. ult.:

> *ElRey era* só *de parentes.*

Cart. na Ald. ed. 1649 pag. 127:

> *me roubarão as joias e dinheiro*, *que trazia*, *deixando-me nestes desvios* desamparada.

Leit. Miscellan. fol. 14 verso:

Lugar muito ermo, só, e apartado.

Vid. de Suso C. 40:

Foi-se esconder n'um lugar apartado, *onde ninguem o podia ver, nem ouvir*, &c.

Em alguns casos se exprimirá bem por *estreme* v. gr. nesta proposição: *O opio dado ao enfermo* isoladamente &c., i. e. *estreme sem mistura*; *deve o Medico ser mui circunspecto em applicar o opio* isoladamente, i. e. *estreme*, *só por só*, &c.

JUSTEZA: (*justesse*) Temos no nosso idioma o adjectivo *justo* com a significação de *observador da justiça*, v. gr. *homem justo*, *Rei justo*, e d'aqui derivamos o abstracto *justiça*. E temos tambem o mesmo adj. *justo* com a significação de *exacto*, *adequado*, *pontual*, &c., v. gr. *preço justo*, *medida justa*, *porta justa*, &c., donde podemos sem erro derivar *justeza*, como de *limpo*, *limpeza*; de *claro*, *clareza*; de *agudo*, *agudeza*, &c. Julgamos pois, que este gallicismo não he para reprovar-se. No *Exam. de Artilh.* já vem: *a justeza da pontaria.* (Vej. *Moraes* no *Diccion.*) Comtudo por *escrever*, *fallar*, *pensar com justeza*, podemos bem dizer *escrever*, *fallar*, *pensar* com *exactidão*, com *regularidade*, com *precisão*, *adequadamente*, &c.

L.

LANGUIR: He hum verbo francez, que até agora não temos achado em algum dos nossos Classicos. Significa em portuguez *desfalecer*, ou *hir desfalecendo*, *estar lasso e quebrado de forças*, *hir-se extenuando*, *hir cahindo em fraqueza*, *hir-se consumindo*, *languir* &c., e estas expressões, bem que pareção menos concisas que o francez *languir*, não

deixão por isso de ser mui expressivas e energicas, por indicarem mais expressamente o *progressivo* desfalecimento, e descahimento de forças, que he a propria significação daquelle verbo. Comtudo na moderna traducção da *Lyrica de Horac.* por *Elpin. Duriens.* L. 3. Od. 12, achamos

Nem langue *Baccho em Lestrygonia talha*

traspassando as palavras do Poeta latino

Nec Lestrygonia Bacchus in amphora languescit *mihi* . . . .

E já semelhantemente parece que quiz *D. Francisco Manoel* derivar o verbo *latir* do latino *latere*, quando disse na *Cart. de Guia* fol. 106: *tomado d'aquelle adagio latino*, *que entre as hervas mimosas* latia *o aspid peçonhento*; bem como temos o verbo *delir* do latino *delere*, e a voz *dile* de *delet*, que foi usada por *Arraez* no *Dial.* 1. C. 15.

LAXO: *LAXIDÃO*: *LAXAMENTE*: (*lache*) São vocabulos portuguezes de bom cunho, cuja significação he bem sabida: mas quando se diz v. gr. *ceder* laxamente *aos movimentos da inveja*, he gallicismo, e deve-se emendar a frase, dizendo *ceder vilmente*, *indignamente*, *infamemente* &c. *Ser accusado de* laxidão *para com a patria*, i. e. *de cobardia*; *o amor da patria triunfará dos* laxos *conselhos de Venus*, i. e. *dos torpes*, *baixos*, *indignos* conselhos &c. *O laxo*, *que perde a razão no perigo*, *he hum ser degradado e corrompido*, i. e. *o cobarde*, *o poltrão*, *o infame*, que perde o animo no meio dos perigos, he hum homem baixo, e corrompido &c.

LIBERTINO: *LIBERTINAGEM*: São vocabulos trazidos do francez. O uso geral porêm os tem adoptado, e não sem causa, se com elles significar-

mos a idéa complexa de *licenciosidade com irreligião* : homem *devasso em costumes* , com *erradas opiniões religiosas* ; a qual idéa se não poderia exprimir por outro modo em portuguez , sem circumloquio.

LIMITROFE : Parece ter-nos vindo immediatamente do francez *limitrofe* com a significação de *commarcão*, *confinante*, e diz-se dos povos, ou paizes, que *visinhão*, *commarcão*, ou *confinão* entre si. A sua origem he o vocabulo latino *limitrophus*, que significa o *que está nas fronteiras.* Parece adoptado pelo uso.

M.

MAIS GRANDE : Temos lido em traducções modernas estas clausulas : *São coisas que determinão* o mais grande *numero de homens* — *Scipião*, *hum* dos mais grandes *generaes da antiga Roma* — *Eis-aqui* a mais grande *impolitica* &c. — as quaes são mais francezas, que portuguezas, devendo dizer-se: o *maior numero*, *hum dos maiores generaes*, *a maior impolitica* , &c. He verdade que lemos tambem em *Arraez Dial.* 5. C. 11: *excellente filosofo he o Rei*, *que os insultos e atrevimentos dos delinquentes castiga com* o mais pouco *sangue que pode*; e em outros Classicos póde ser que se achem outros alguns semelhantes modos de fallar : a sua frequencia porêm, na nossa actual linguagem, indicaria affectação de francezismo, e daria ao discurso aquelle aspecto estrangeiro que a desfigura , e que se deve evitar.

MAL A PROPOSITO : Expressão adverbial franceza (*mal-à-propòs*) impropriamente tomada para o portuguez. Significa *fóra de proposito*, *sem proposito*, *desapropositadamente*, *intempestivamente* &c.

MANCADO: (*manqué*) Em hum *Compendio de Rhetorica Portugueza*, querendo o Auctor tratar daquelle *vicio da Oração*, a que chamão *neologismo*, ou (como elle interpreta) *extravagancia de crear palavras novas*, diz assim: *este vicio, que pode ser reprehensivel pelo seu excesso, tem por fim enriquecer a lingua, e limitar o muito frequente uso das circumlocuções: he racionavel este fim; mas tem muitas vezes* mancado. Nas quaes palavras, deixada a incoherencia de hum *vicio*, que *tem por fim enriquecer a lingua*, notamos sómente a palavra *mancado*, que, segundo o nosso parecer, se não póde hoje usar no estilo culto sem censura. Comtudo *Fernão d'Alv.* do *Orient.* a empregou na *Lusit. Transform.* pag. 98 ed. de 1607: *por supprirmos com a diligencia da jornada a falta de tempo que* nos mancava: e *Moraes* cita no *Diccionario* outro lugar de *Alarte*, em abono da mesma palavra.

MANOBRA: (*manoeuvre*) O vocabulo francez parece significar primariamente *todo o trabalho que se faz para dar movimento a hum navio*, que em bom portuguez dizemos *mareação*. Daqui o empregárão para significar *os diversos movimentos e operações de hum exercito, ou corpo de tropas*; e ultimamente o ampliárão ao sentido moral e figurado, exprimindo por elle todos *os meios, recursos, e maneios*, que se empregão para obter e concluir qualquer negocio ou empreza. Os portuguezes modernos o tem usado, á imitação dos francezes, em todos estes sentidos, que não reprovamos, tanto pela propriedade da expressão, como por ser já de uso frequente, e auctorizado. No primeiro significado de *mareação*, já vem nos *Estat. nov. da Universidade* L. 3. P. 2. n. 5. *Pelas Mathematicas se regulão* as manobras *e derrotas da Pilotagem*, &c.

O

MANUFACTUREIRO: Parece ser tomado por nós do francez *manufacturier*, e pelos francezes do inglez *manufacturer*, e significa *fabricante*, *official que trabalha em manufacturas*, talvez *obreiro*. Não o julgamos bem derivado, e se carecessemos delle, deveriamos antes dizer *manufacturador*.

MASSACRO: *MASSACRAR*: *MASSACRADO*: (*massacre* &c.) Andão estes vocabulos tanto em moda, que até já se ouvem com frequencia da boca de pessoas indoutas, e ignorantes do francez: mas são puros gallicismos, que de nenhum modo podem ter lugar no nosso idioma. Em portuguez legitimo, e intelligivel dizemos *assassinio*, *matança*, *assassinado*, *assassinar*, *matar cruelmente* &c., e no sentido fig. v. gr. *este homem tem-me* massacrado *com as suas impertinencias*, quer dizer: *tem-me mortificado*, *importunado*, *tem-me matado*, e em linguagem familiar, *tem-me causticado com as suas impertinencias* &c.

MESMO: Este vocabulo he, fallando propriamente, hum adjectivo que exprime a *identidade* das cousas ou pessoas, e he opposto em significação aos adj. *outro*, ou *diverso*. Assim quando dizemos *o mesmo homem*, *ao mesmo tempo*, *no mesmo lugar*, *os mesmos factos*, &c., queremos significar que esse *homem*, *tempo*, *lugar*, e *factos* são identicos a si mesmos considerados em outras circunstancias, de que já temos fallado. Alem desta primeira significação, e por virtude della, usamos tambem o adject. *mesmo* junto ao nome, para expressarmos *com enfase* o proprio sujeito que o nome designa, e para fazermos que o leitor, ou ouvinte fixe nelle a sua attenção. Neste sentido dizemos: *Os* mesmos *Reis não são felices*, *se não são virtuosos*: *a virtude he recompensa de* si mesma: *O* mesmo *Deos se humilhou para*

nos ensinar a ser humildes, &c.; aonde o adj. *mesmo*, não podendo em rigor significar a *relação de identidade*, que sempre suppõe comparação; serve tão sómente para exprimir com enfase a pessoa ou cousa de que se falla, imitando a particula latina *met*, que tambem se emprega do mesmo modo, v. gr. *ego* met *vidi*: *hisce* met *oculis vidi*, &c. Estes são os significados, com que entre nós se usa do adjectivo *mesmo*, e quem ler com attenção os classicos, verá que regularmente o costumão antepôr ao nome, salvo quando he algum dos pronomes *eu*, *tu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, em qualquer das suas differentes fórmas. Achão-se comtudo exemplos em que o adj. *mesmo* vem posposto ao sujeito a que se ajunta: v. gr. em *Duart. Nun.* Chron. de D. Affons. III., ed. de 1677 pag. 83: *O Mestre no dia* mesmo *seguinte*; *João Franco Eneid. Portug.* L. 6. E. 175:

E como seu pai mesmo *a si o iguala.*

Leitão Miscell. pag. 500: *E no lugar* mesmo, *onde o encontrou. Bernard. Serm. e Prat.* P. 1. pag. 306: *Maior prodigio parece que a luz* mesma *se não conheça a si. Mousinh. Affons. Afric.* C. 8:

O monte mesmo *teme o pezo forte*
Fica o visinho bosque estremecido. &c. &c.

A lição porêm dos livros francezes parece haver introduzido outro uso deste adjectivo, que he pouco conhecido, ou pelo menos mui pouco frequente no idioma portuguez, do qual daremos alguns exemplos nas seguintes frases:

Ellas são mesmo *preciosas*, i. e. ellas *até são* preciosas.

Poderia mesmo *presumir-se*, i. e. *até poderia presumir-se.*

Dirvos-hei mesmo &c. i. e. *dirvos-hei tambem*, *ainda mais vos direi*, ou *até vos direi.*

Mas estes exemplos são raros mesmo *em França*, i. e. *até em França*, *ou ainda em França* &c. &c.

Não occultaremos porêm aqui, que deste mesmo uso se achão exemplos, posto que raros, nos nossos Escritores, como v. gr. em *Camões* 1. P. das Rim. Sonet. 93:

Que se contra mim estaes alevantados,
Eu vos ajudarei mesmo *a matar-me*.

E em *D. Franc. Manoel*, *Cart. de Guia* fol. 153 verso: *Digo eu*, *que o cazado por alegrar sua mulher*, *e familia*, mesmo *de seu movimento*, *mande fazer em sua caza duas e tres comedias cada anno* &c.

METTER: Tambem deste verbo se usa muitas vezes, empregando-o em frases, em que o não sofre a nossa linguagem. Daremos alguns exemplos dos muitos, que temos observado:

Sentimentos elevados, *que vos* mettão *em estado de conhecer o preço das coisas*, i. e. que *vos ponhão* em estado, &c.

Hum Sermão em o qual se não mettesse em obra *nem a Escritura*, *nem a Tradição*, i. e. em o qual *se não empregasse*, *se não allegasse*, *se não fizesse uso*, &c.

Metteo á contribuição *os fructos das arvores*, i. e. *fez contribuir*, &c.

Terras tão dilatadas para cuja acquisição se tinha mettido *tanto interesse*, i. e. em cuja acquisição *se havião empregado* tantos cuidados, ou cuja acquisição *se tinha procurado* com tanta diligencia, &c.

Tudo metteo em obra *para conseguir* &c., i. e. *tudo tentou*, *tudo moveo*, *tudo empregou* para conseguir, &c.

MINISTROS DO CULTO: He frase trazida do francez com reprehensivel affectação, e já póde ser que com menos religioso intento. No nosso bom e antigo portuguez dizemos *Ministros do Altar*, *da Igreja*, *da Religião*, *Ministros Ecclesiasticos*; *Clero*, *Clerezia*, &c.

MOBLADO : *MOBILADO* : *MOBILIADO* : *MOBILHADO* : *MOBELADO* : *AMOBILAR* : *AMOBILAÇÃO* : (*mobillé &c.*) De qualquer modo que se escrevão, são gallicismos escusados. Em portuguez dizemos *adereçado*, *ornado*, *adornado*, *alfaiado*, e *adereçar*, *alfaiar*, *adornar*, *aparamentar*, &c.

MOÇÃO: (*motim*) Significa primariamente *movimento*, *toque*, *impulso* no corpo, e figur. *no animo.* Os francezes o usárão modernamente para significar, como em inglez, huma *proposta*, ou *proposição* de algum assumpto, que ha de tratar-se e discutir-se em ajuntamento publico ou particular. Neste sentido he escusado em portuguez.

MONTAR EM COLERA: He gallicismo grosseiro, que achamos em huma traducção, impressa na seguinte frase: *a leitura deste papel o fez* montar em colera, i. e. *o pôz em grande colera*, *o encolerizou muito*, &c.

MORDER A TERRA: (*mordre la poussiere*) Pareceo-nos ao principio expressão franceza, e impropria da nossa lingua; mas achamo-lo depois em Auctores de boa idade, taes como *Arraez* Dial. 4. C. 14.: *He natural generoso*, *mui proprio dos Lusitanos*, *pugnar pela liberdade*, *até* morder a terra *com sua boca*, *e a regar com seu sangue. Naufrag. de Sepulv.* Cant. 9:

Com bramido espantoso se debruça

O gentio na terra, onde co' a raiva
Mortal as ervas morde, *que do sangue*
Da ferida cruel ja estavão tintas.

E no *Mazagão Defend.* Poem. ms. C. 6.:

. . . . *o furioso*
Pelouro dá n'um Turco, que estirado
A terra *com a dor mortal* mordia.

Imitação de Virgil. Aeneid. L. XI.:

Procubuit moriens, et humum semel ore momordit.

N.

NEGLIGÉ: He vocabulo puramente francez, e mui usado das pessoas mimosas e adamadas, quando dizem, v. gr. que alguem *está vestido ao negligé*, i. e. *ao desdem*, *a descuido*, *em* ou *com desalinho*, *desalinhadamente* &c. *Arraez Dial.* 10. C. 47 diz no mesmo sentido: *apertar os cabellos* . . . *com desordem e descomposição. Sousa Vid. do Arceb.* L. 6. C. 11: *o cabello ondado e louro pelos hombros* sem arte *estendido*; e logo: *o cabello tomado em tranças sobre a cabeça* com mostras de pouco cuidado. *Mousinho Affons. Afric.* Cant. 12:

As donzellas ao vento derramados
Os cabellos sem ordem, sem concerto. &c. &c.

NUANÇAS: He vocabulo puramente francez, e hum daquelles que mais difficultosamente se póde traspassar ao portuguez sem circumloquio. Parece que significa principalmente *os varios toques de huma mesma côr*; as *differenças insensiveis*, *que se vão dando a huma côr*, *quando se quer passar a outra suavemente*, *e com harmonia*; *a mistura e união de cores diversas com tão suave proporção*, *que não offende*, *antes agrada á vista*. Aos Artistas pertence achar, ou inventar o proprio vocabulo,

que deve corresponder ao francez *nuances*; mas póde ser que tenhão aqui algum lugar *sombras*, *assombrar*, &c. Tambem se usa em francez para significar em geral *as pequenas differenças*, que tem entre si objectos do mesmo genero; ou as *modificações insensiveis*, que os fazem na realidade differentes, sendo aliàs identicos nas suas qualidades substanciaes, &c.

NULLO: *NULLIDADE*: Tem significação portugueza, que todos sabem: mas não costumamos dizer *homem nullo*, por *homem inepto*, *de pouca conta*, *que de nada vale*, *que para nada presta*, &c., nem tambem *nullidade* por *ineptidão*, *incapacidade*, &c.

O.

OBRIGANTE: (*obligeant*) Por *obsequioso*, *officioso*, *cortez*, *civil*, *urbano*, &c. parece-nos innovação escusada. Em outro sentido usamos do adj. *obrigatorio*. Vej. *Moraes* no *Diccionario*.

OSTENSIVEL: *OSTENSIVELMENTE*: Começão a usar-se em papeis impressos, á maneira dos francezes, *ostensible*, e *ostensiblement*. Nós dizemos em portuguez, v. gr. *Carta ostensiva*, i. e. que *se póde mostrar*, que he *para se mostrar*, e podemos daqui derivar analogamente o adverbio *ostensivamente*, quando quizermos dizer que huma cousa se faz *por mostra*, *em apparencia*, *apparentemente*, *só para se vêr*, &c. &c. como por exemplo na seguinte frase franceza: *cet'homme faisait ostensiblement les fonctions de Sécrétaire*, &c. i. e. este homem fazia *ostensivamente*, *na apparencia*, *quanto ao que se via*, &c., as funcções de Secretario, &c.

P.

PAMPHLETO : Não comprehendemos a razão por que se pretende trazer á nossa lingua este vocabulo tomado do francez *pamflet*, ou do inglez *pamphlet.* Em melhor linguagem diremos *livrinho*, *folheto*, *papeleta*, *livrete*, &c.

PARA: Vej. adiante *Por.*

PARALYZAR : *PARALYZADO* : São vocabulos de origem grega, e tomados por nós immediatamente, ao que parece, do francez *paralysér*, e *paralysé* no sentido moral, e figurado, v. gr. *paralyzar a auctoridade*, i. e. *tirar-lhe a sua força, e energia, suspender ou enfraquecer a sua acção.* Os nossos escritores havião prevenido a falta desta expressão, usando de *paraliticar*, e *paraliticado*, ou *aparaliticado*, como lemos em *Paiva* Serm. P. 1. fol. 259 verso, onde diz: *a alma* aparaliticada, *que não sente esta repunhancia interior da fé*: e pag. 262 verso *a alma assi chega a se empedernecer, e* paraliticar, *que* &c. Comtudo não reprovamos o uso moderno, visto ser já mui commum, e não encontrar a analogia.

PARQUE: (do francez *parc*, ou do inglez *parck*) Por *tapada*, *coutada*, *bosque cercado* para caça, he de *Barros*, *Lucena*, e outros classicos. No sentido militar *parque de artilharia* parece ser moderno, e trazido do francez, mas adoptado. Vej. *Blut. Supplem.*

PATRIOTA : *PATRIOTISMO* : Significando *amante da patria*, são vocabulos modernos em portuguez, e derivados dos francezes *patriote*, e *patriotisme*, que tambem parecem trazidos do inglez *patriot*, e *patriotism.* O uso geral os tem adoptado,

e não se podem supprir por outro modo sem circumloquio.

PEÇA DE ELOQUENCIA: *PEÇA DE POESIA*: &c. Assim nomeão os francezes *piéces de eloquence*, *piéces de poesie*, alguns *Discursos Oratorios*, *Poemas* não *extensos*, &c. Não reprovamos a expressão, visto que a palavra *peça* tambem se usa em portuguez, ainda que a diversos respeitos, fallando não de *parte* ou *pedaço* de alguma obra, mas de obras inteiras. V. gr. em *Barros Dec.* 2. l. 2. c. 2. *promettendo de lhe dar livremente a Ilha Baharem, e a Villa Catifa a ella fronteira, por serem* peças *mui visinhas a Lasah.* E em Sous. *Vid. do Arceb.* L. 2. c. 31: *por ordem do Senado d'aquella Republica, lhe foi mostrado o prato, em que Christo Senhor nosso comeo o Cordeiro Pascoal na ultima Cea. He* peça *de preço inestimavel*, &c.

PENIVEL: *PENIVELMENTE*: São gallicismos desnecessarios, em lugar dos quaes diremos *penoso*, *molesto*, *incommodo*, *trabalhoso*, *afanoso*, *que causa pena* &c. e *penosamente*, *trabalhosamente*, &c. &c.

PENSAR: Por *julgar*, *entender*, *ser de parecer*, *ter para si*, &c., foi sempre usado em portuguez: mas no sentido mais generico, comprehendendo em sua significação *todas as operações do nosso entendimento*, he palavra moderna, tomada, segundo parece, do francez *penser*, e com justa razão adoptada: pelo que dizemos hoje em boa linguagem; *homem que pensa bem*, i. e. *que tem idéas exactas*; *que as combina com acerto*; *que discorre com regularidade*, &c.

PENSAR AS FERIDAS: (do francez *panser*) Por *curar*, *tratar as feridas*, parece expressão nova em portuguez: mas temos as frases *pensar a crian-*

ça, i. e. *alimpala*, *enfaixala*, *amammentala*, *e ter cuidado della*: *pensar o cavallo*, i. e. *dar-lhe de comer*, *tratar delle*, &c., nas quaes o verbo *pensar* se usa com a mesma significação.

PEQUENO: Ainda que este vocabulo seja perfeitamente igual em significação ao francez *petit*; nem sempre nos he permittido traduzir hum pelo outro; mas cumpre que examinemos o uso de ambas as linguas para não cahirmos indiscretamente em torpes gallicismos. Os francezes, por ex., se servem com frequencia do adject. *petit* para formarem os seus diminutivos, o que nos não convem imitar em todos os casos, maiormente sendo o nosso idioma tão rico e variado nestas fórmas dos adjectivos. Assim, v. gr. em lugar desta frase: *Adéla se diverte com hum lindo* pequeno *navio*, diremos muito melhor: *com hum lindo naviozinho.* Em lugar de *abraçai por mim a agradavel* pequena *Adéla*, deve dizer-se *abraçai por mim a linda Adelinha*; *a minha amavel* pequena *Constança*, i. e. *a minha amavel Constancinha*, &c. Outras expressões ha, em que convem traduzir o francez *petit* de differente maneira, v. gr. nesta frase: *o papel de desdenhosa he o de hum* pequeno *genio*, deve dizer-se *he de hum animo cativo*, *apoucado*, *acanhado*, *baixo*, &c. *a altivez he o defeito dos* pequenos *genios*, i. e. *das almas baixas*, *apoucadas*, *vís*, &c. E se nestas, ou outras semelhantes frases se julgar alguma vez expressivo o adj. *pequeno*, deverá em tal caso pospôr-se ao substantivo, v. gr. *a altivez he o defeito de huma alma* pequena; porque não he indifferente, em muitas frases portuguezas e francezas, o lugar do adjectivo. Finalmente he erro mui grosseiro traduzir *petit-fils* por *pequeno filho*, em lugar de *neto*, como temos encontrado, não poucas vezes, em traducções impressas.

PERDER A CABEÇA : (*perdre la tête*) Por *enlouquecer*, *tresvariar*, *desatinar*, *ficar alienado*, ou tambem *perder os sentidos*, *desmaiar*, *desfalecer*, &c. he gallicismo escusado.

PERICIVEL : (*périssable*) He erro grosseiro: deve dizer-se, v. gr. *bens perecedeiros*, ou *perecedouros*, *caducos*, *transitorios*, &c. Vej. *Imperissivel.*

PERSONALIDADE : *PERSONALIZAR* : (*personnalité* &c.) Tem já a seu favor hum uso mui geral, e auctorizado, e são derivados com boa analogia. Tambem se podia dizer *pessoalidade* e *pessoalizar*, e este ultimo já o achamos empregado em huma traducção moderna.

PETIT-METRE: ou *PETIMETRE* : He a palávra franceza *petit maitre*, que temos visto usáda até em traducções, e papeis impressos. Podemos exprimila por *peralta*, *peralvilho*, *casquilho*, *mancebo presumido*, *garrido*, *rapaz adamado*, que affecta mil modos e geitos no fallar e trajar, talvez *pedante*, &c. O celebre *Abbade de Jazente* já o empregou em hum dos seus *Sonetos* que andão impressos, dizendo :

Basta-me só que ás vezes nas visitas
As vejão petimetres *namorados*,
As oução sem desprezo as Senhoritas.

E em outro :

Se a moda o quer assim, calle a censura,
Em quanto o petimetre *e a dama bella*
Dança com gala, e canta com doçura.

PICANTE : Dizemos em portuguez *palavras picantes*, *sabor picante*, *remorsos picantes*, *cuidados picantes*, i. e. *pungentes*, *penetrantes*, &c. mas *contraste picante* por *notavel*, *estremado*, *assignalado*, &c. parece gallicismo escusado, bem como *maxi-*

P 2

mas escritas com huma precisão picante, i. e. *fina*, *delicada*, *viva*, *aguda*, *estremada*, &c.

PICAR A CURIOSIDADE: Por *movela*, *excitala*, tambem parece gallicismo; mas não o julgamos improprio, visto que tambem dizemos *estimulado da curiosidade*, e *estimular a curiosidade*, que he metafora igual.

PICAR-SE de honra, *de nobreza*, *de sabedoria*, &c. (*se piquer*, &c.) He gallicismo, que havemos por inadoptavel no nosso idioma: nem nos demove deste sentimento a auctoridade de *Bluteau*, que traz estas expressões no seu *Vocabul.*, sem todavia as auctorizar. A nossa linguagem tem muitos modos de exprimir a mesma idéa, com não menos energia, v. gr. *presumir de honrado*, *vangloriar-se de nobre*, *ostentar de sabio*, *jactar-se de erudito*, *gabar-se*, *gloriar-se de bom engenho*, *blasonar de valente*, *caprichar de polido*, *inculcar-se por fidalgo*, *vender-se por esperto*, *abonar-se de judicioso*, &c. He digno de notar-se aqui o uso que faz *Vieira* deste verbo no Tom. 15. dos Serm. pag. 204, aonde diz: *Taes extremos*, *como todos estes*, *faz o Senhor dos exercitos*, *quando* se pica de ciumes *da sua gloria*, &c.

PLACARD: (*placard*) Não sabemos com que fundamento *Moraes* metteo este vocabulo no *Diccionario da Lingua Portugueza*, sendo puro francez, e tendo nós *edital*, e *cartel* que dizem o mesmo. Hoje se usa tambem *placard* para significar a *insignia*, ou *divisa* das Ordens Militares, pregada, ou bordada sobre o vestido: mas ainda que o fundamento do sentido figurado não seja aqui tão vil, e torpe, como em *crachá*, comtudo não achamos bem clara e expressiva a analogia que ha entre o *edital*, que se préga na parede, e o *habito* ou *divisa* que

se borda sobre o vestido. E todos sabem que esta analogia deve ser a base do sentido figurado. Vej. *Crachá.*

PONTO DE VISTA: (*point de vûe*) He termo da *Arte de Pintura*, e significa o ponto que o Artista escolhe para pôr os objectos em perspectiva. Tambem se diz do lugar, donde se póde bem ver o objecto, ou do lugar, onde o objecto se deve collocar para melhor ser visto. He adoptado na linguagem das Artes, e parece necessario. *Bernard. Serm. e Prat.* pag. 125 diz: *huma imagem primorosa, para ver se tem defeito por alguma parte, a viramos de muitos modos, e a contemplamos* a varias luzes, i. e. *em varios pontos de vista.* Em outro sentido dizemos ver hum objecto *debaixo de diversos aspectos*, ou por *mais de huma face*, &c.

POPULAÇA: (*populace*) He palavra franceza innovada sem necessidade, e diz tanto como o portuguez *gentalha*, *infima plebe*, ou ainda mais propriamente *a escuma do povo*, *as fezes do povo*, *a escoria do povo*, *a gente da infima relé*, *o mais vil do povo*, &c.

POPULAÇÃO: (*population*) Os nossos bons escritores dizião com melhor analogia *povoação*; comtudo não reprovamos *população*, que tem a seu favor o uso frequente, e algumas boas auctoridades modernas.

POR: *PER*: *PELO*: *PARA*: &c. São preposições portuguezas, cujos varios usos e differenças se devem aprender pela assidua lição dos classicos. Parece-nos porêm gallicismo reprehensivel empregalas nas seguintes frases, que trazemos para exemplo de muitas outras que os nossos modernos Escritores tem tomado indevidamente do francez:

Todo o ente subordinado a outro, e que não

tem por elle o respeito que deve ter, &c., i. e. que *lhe não tem* o respeito.

O gosto que hum tem pelo *outro*: i. e. que hum tem *do outro*, que hum *faz do outro*, &c.

Inspirar desgosto pela leitura, i. e. *da leitura*, ou *para a leitura.*

Inspirava-lhe hum profundo desprezo por *toda a pessoa que não tivesse valor*; i. e. *de toda* a *pessoa*; ou *para toda a pessoa.*

Juramento de fidelidade e amor pelo *Principe*, i. e. *ao Principe.*

Eis-aqui os grandes fructos da vossa protecção para *Ulysses*, i. e. *a favor de Ulysses*, *da protecção que dais a Ulysses.*

Tudo vos assusta por *vosso filho*, i. e. *ácerca delle*, *a respeito delle.*

Felizmente para *nós*, i. e. *por felicidade nossa.*

A paixão de Zopiro para *Zenobia* : dir-se-ha *melhor por Zenobia.*

Ter inclinação pelas *letras*, i. e. *ás letras*, ou *para as letras*. *Sous. Vid. do Arceb.* L. 1. c. 2. tambem diz: *parecia que a natureza o criára isento da inclinação* delles (scil. *dos passatempos pueris.*)

Havia tudo que recear para elle *e sua Mãi*, i. e. *ácerca delle*, *a respeito delle e de sua Mãi.*

Mortaes, *prezareis tão pouco a virtude* para *suppordes austero hum semelhante assumpto*? i. e. prezareis tão pouco a virtude, que *vos pareça austero* — *que tenhais por austero* — *que supponhais austero*, &c. &c.

PÔR ALGUEM AO FACTO de alguma cousa: He gallicismo que diz tanto como *instruir a alguem dessa cousa*, *fazer-lha saber*, *inteiralo della*, *informalo*, &c.

PORTA-ESPADA: (*porte-épée*) He innovação escusada, visto termos *talim*, *talabarte*, *boldrié*, que dizem o mesmo.

PORTA-MANTÓ: (*porte-manteau*) He outro gallicismo desnecessario, em lugar do qual dizemos *mala*, ou *maleta*. Mas se se quizer hum vocabulo proprio, e de significação mais restricta, por que não diremos antes *porta-capa*, ou *porta-capote*, assim como os Italianos dizem *porta-cappe*, *porta-mantello*, e os Hespanhoes *porta-capa*, e nós mesmos *porta-bandeira*, e não *porta-insignia* do francez *porte-enseigne*?

PRATICADO: e *PRATICAVEL*. Vej. *Impraticavel*.

PRÉ: ou *PRÉT*; e no plural *Préts*: São palavras trazidas do francez *prêt*, empregadas nas *Condições* adjuntas ao Decreto de 27 de Junho de 1762, no Alvará de 9 de Julho de 1763, na Carta de Lei da mesma data §. 6, 9, 13, e no Alv. de 14 de Abril de 1764, e hoje mui geralmente usadas na linguagem, e Leis Militares. A origem e propria significação deste vocabulo militar acha-se na Obra intitulada *L'état actuel de la Législation sur l'Administration des Troupes*, impressa em 1808 nos seguintes termos: *La solde se payait par mois sur revues, come il se pratique encore aujourd'hui pour les Officiers, et se nommait montre. Le mauvais usage, qu'en faisaient les soldats, qui dissipaient en peu de jours tout ce qui leur revenait pour le mois, força a leur faire une* avance *tous les dix jours par forme de* prêt, *terme en usage, et dans le même sens, dès Charles VII.* &c.

PREJUIZO: Sempre este vocabulo significou em portuguez *damno*, *defraudamento*, *detrimento*, *per-*

da, &c.; hoje he mui vulgar dizer-se *prejuizo* em lugar de *preoccupação*, *prevenção*, *opinião antecipada*, &c., do francez *préjugé*. Não o approvamos, por não ser necessario, e por causa da homonymia: e comtudo não ignoramos que o latim *praejudicium* tambem significa *juizo antecipado*, e que daqui se poderia deduzir a segunda significação da palavra *prejuizo*.

PREMATURO: Parece ser trazido á nossa lingua do francez *prématuré*. He já muito geralmente usado, tem boa origem, e não desdiz da analogia. Significa *maduro antes de tempo*, e no sentido figurado corresponde a *antecipado*, *feito antes de tempo*, &c.; mas nem sempre estas duas palavras se podem empregar arbitrariamente huma pela outra, por quanto v. gr. *providencias antecipadas* póde dizer-se, e entender-se *em bom sentido*, das que se dão ou tomão *muito a tempo* a respeito de qualquer negocio: mas *providencias prematuras* parece entender-se sómente *em máo sentido* das que forão *inuteis*, ou ainda *nocivas* por *immaturas*, tomadas *fóra de tempo*, e antes que o negocio tivesse chegado ao ponto em que ellas poderião ser proveitosas &c.

PRESSANTE: (*préssant*) He gallicismo escusado, e vocabulo improprio da nossa lingua. Em bom portuguez dizemos negocio *urgente*, *forçoso*; circunstancias *apertadas*; razões *forçosas*, *apertadas*, *urgentes*; ordens *apertadas*; motivos *urgentes*, perigo *imminente*, *instante* &c.

PREVALECER-SE: *de alguma cousa*: He frase franceza. Em portuguez temos *prevalecer*, i. e. *poder mais*, *levar ventagem*, *levar a melhor*, &c.; mas *se prévaloir de quelque chose* quer dizer *valer-se de alguma cousa*, *lançar mão della*, *servir-se*, *ajudar-se della*, &c.

PRIMEIRO NASCIDO: (*premier-né*) Por *primogenito*, *filho maior*, *filho mais velho*, he abuso intoleravel, que mais de huma vez temos notado em traducções impressas.

PRODIGAR: (*prodiguer*) Por *prodigalizar*, *despender prodigamente*, *desperdiçar*, he francezismo escusado.

PROGREDIR: He vocabulo trazido de novo á nossa lingua, á imitação dos francezes, que tambem o tomárão do latim *progredi*. Significa *continuar*, *hir por diante*, *fazer progressos*, *hir avante* &c. Não o julgamos de absoluta necessidade. Comtudo na *Carta Regia* de 7 de Março de 1810 já vem o termo *progredindo*.

PROJECTO, e *PROJECTAR*: Do francez *projet*, e *projetter* são adoptados. Vej. *Blut.* no *Vocabul.*, e seu *Supplem.*

PROPRIEDADE: He erro grosseiro traduzir por este vocabulo a palavra franceza *propreté* (*limpeza*: *aceio*), como temos observado em algumas traducções, confundindo-o com *proprieté*, *propriedade*.

Q.

QUE: He hum vocabulo, que se usa de varias maneiras no idioma portuguez, e tambem no francez: mas he erro e abuso traspassalo para a nossa lingua nos seguintes casos:

1.° No principio das proposições *optativas*, *imprecativas* &c. v. gr. Que *saiba todo o mundo os nossos amores*! — Que *eu morra*, *se isto assim não he*! — Que *elle sirva de pasto aos monstros*! &c. — Neste genero de frases, costumamos dizer em portuguez: *Permitta o Ceo* que *todo o mundo saiba*.... &c., ou *oxalá* que ...., ou *praza a Deos* que ...

Q

&c., e se quizermos fazer a frase mais elliptica, e mais concisa, diremos: *Saiba o mundo os nossos amores. — Morra eu se isto assim não he. — Sirva elle de pasto aos monstros*, &c. &c.

2.° Nas frases compostas de dois ou mais membros, ou incisos, em cada hum dos quaes costumão os francezes repetir o *que*, como succede nas que começão pelas formulas *tandis-que*, *lors-que*, *après-que* &c. v. gr. *quando elles se arrastarem pelo lodo do peccado*, e que *o castigo vier* &c. *Quando a força circula*, e que *a alegria parece pular nas veias. — Depois de ter restituida Helena a Menelau*, e que *Neoptolemo fez facrificar* &c. — *Em quanto o ardente calor murchava o esmalte dos lirios*, e que *as Driades procuravão as claras fontes. — Não tereis mais* que *hum semblante*, e que *huma palavra*, &c. &c. Nas quaes palavras o segundo *que* he hum pleonasmo vicioso em portuguez, por ser empregado contra o uso, e boa syntaxe da lingua.

3.° Nas frases, onde o *que* francez tem a força da particula restrictiva *senão*: v. gr. *como esta prova não póde fazer impressão* que *sobre hum ouvido attento. — Os lugares oratorios exteriores são aquelles, que sem serem absolutamente estranhos á materia, não tem* que *huma relação indirecta com ella.* — &c. As quaes frases em portuguez corrente querem dizer: *como esta prova sómente póde fazer impressão*; ou *como esta prova não póde fazer impressão* senão *sobre* &c. &c.

Muito mais se deve evitar esta especie de gallicismo, quando da traducção litteral se segue escuridade, ou má intelligencia da frase, como por exemplo neste lugar tirado de huma traducção impressa: *Se os lavradores não alcanção pelo trabalho mais rude e mais constante*, que *huma existencia des-*

graçada, não entrarião já na classe dos associados, mas dos escravos: aonde o *que* separado do verbo *alcanção* pelas expressões intermedias, faz escuro, e quasi inintelligivel o sentido do auctor, devendo dizer-se: *Se os lavradores, por meio do mais rude e constante trabalho, não alcançassem* mais que *huma existencia desgraçada*, ou *sómente alcançassem*, ou *nada mais alcançassem que* huma existencia &c. *não deverião ser contados na classe dos cidadãos, mas sim na dos escravos*, &c.

Cumpre porêm notar aqui 1.° que achamos hum exemplo deste gallicismo em *Lobo Cort. na Ald.* ed. de 1649, pag. 135, onde diz: *não se ama a cousa* que *pelo que he*; 2.° que igualmente nos parece reprehensivel o *que* em lugar de *como*, ou *quanto*, usado nos versos de *Filinto Elysio* na seguinte frase:

> . . . . *e até das Damas*,
> *Que a natureza fez tão engenhosas*,
> *Tam validas das Musas*, que *de Venus*.

3.° Que muito portuguezmente usamos do *que* em lugar de *senão*, quando no primeiro membro da frase vem o adjectivo *outro*, *outra cousa* &c. v. gr., em *Arraez Dial.* 5. C. 21: *não sendo a virtude outra cousa*, que *huma medianeira* &c. no *Espelh. de Relig.* pag. 79: *nenhuma outra cousa lhe havião lançado* que *sal e agoa* &c. &c.

QUEIMAR A CABEÇA: (*bruler la tête*) He expressão franceza, que val tanto como em portuguez *matar*, ou mais á letra *matar a tiro dado na cabeça*.

R.

RANGO: He tomado indevidamente pelos nossos traductores modernos do francez *rang*, por ignorarem que temos em portuguez o mesmissimo voca-

bulo, posto que já com outra orthografia e pronunciação. *Duart. Nun.* na *Orthogr. da Ling. Portug.* Cap. 11 diz, que dos *francezes Limosiis* tomárão os portuguezes o vocabulo *Rench* por *têa para justa* (fileira de taboas, com que se fechava o campo), e que daqui dizemos *as cousas postas em ordem ou ala* estarem em *rench. Damião de Goes* escreve: *duas renques de homens armados*, i. e. *duas fileiras*. Hoje finalmente se diz com frequencia *pôr em renque*, ou *em renga — huma renga de arvores* &c.; — e nesta Provincia do Minho se tecem certos panos de linho mui raros, a que chamão *rengues*, ou *rengos*, aos quaes, póde ser, alludia D. Francisco Manoel nas suas *Obras Metric.* Tom. 2. pag. 60 col. 1. quando dizia:

Não me cazo co' avoengo,
De Pay de May Deos nos livre,
Sogra astuta Sogro sengo
Pede ora a capa, ora o rengo
Se he cativa, eu não sou livre.

Vej. Blut. nas palavras *Rengue*, e *Rengo*, e o *Diccionario de Moraes* nas mesmas palavras.

RECLAMAR: Tem este verbo suas significações proprias em portuguez, que se achão nos Diccionarios, e devem ser sabidas: mas com a significação de *invocar*, *implorar*, e tambem *demandar*, *exigir* &c. parece-nos gallicismo reprehensivel. Assim em lugar de *reclamar a auctoridade das Leis — reclamar a justiça do Principe — reclamar os direitos da razão — reclamar o testemunho de alguem em nosso favor* &c. devemos dizer: *invocar a auctoridade* das Leis — *implorar a justiça* do Principe — *invocar os direitos* da razão — *chamar*, *invocar em seu favor o testemunho* de alguem &c. — E em estoutras frases: *as ordens do Soberano reclamão a*

nossa obediencia — a necessidade de nos salvarmos reclama a nossa união — diremos: as ordens do Principe *exigem* a nossa obediencia — a necessidade de nos salvarmos *demanda*, *exige* a nossa união &c. &c.

RECRUTA : *RECRUTAR* : &c. *Nestas palavras* (diz *Madureira* na *Orthogr.*) *verterão alguns nossos Portuguezes militares a palavra Franceza* Recrue, *que significa a leva que se faz dos soldados para encher as companhias* &c. Vej. *Blut. Pros. Academ.* P. 1. p. 16. Hoje são palavras adoptadas, e auctorizadas.

REDACTOR: (*redacteur*) Quer dizer *compilador*, *recopilador* &c. Usa-se hoje, principalmente para significar os *compiladores de noticias publicas*; os *diaristas* tanto *politicos*, como *litterarios* &c.

REGRESSAR: Dizem alguns, seguindo o francez moderno *regresser*, em lugar de *retroceder*, *voltar sobre os proprios passos*: mas este vocabulo parece não ser derivado conforme a analogia da lingua, e poder-se escusar em portuguez.

REINSTALLAR. Vej. *Installar*.

REMARCAVEL: (*remarquable*) He puro gallicismo, e todavia muito da moda. Em portuguez corrente dizemos *notavel*, *digno de reflexão*, *de reparo*, *insigne*, *conspicuo*, *estremado*, *assignalado*, *abalisado*, *que he para ver-se*, *que he muito de ver* &c.

RENDEZ-VOUS: He francez estreme, que nós traduzimos por *parada*, *paragem*, *estancia* &c., v. gr. *sa maison étoit le* rendez-vous *des personnes de la plus grande qualité*; a sua casa era a *estancia*, *a parada* dos homens da mais distincta qualidade, i. e. o *lugar de ajuntamento*, o *ponto*, ou *lugar de união* &c.

RENOMADO : Por *afamado*, *celebre*, *famoso* &c., he gallicismo intoleravel, e escusado.

REPRIMENDA: (*réprimande*) He outro gallicismo de que não temos necessidade alguma, e que significa o mesmo que *reprehensão*, e *correcção*.

REPROCHAR : (*réprocher*) Quer dizer *exprobar*, *improperar*, *lançar em rosto* algum vicio, ou defeito. He usado por *Gomes Eannes*, *Chron. do Cond. D. Pedro* C. 15 ; e já o traz *Duarte Nun.* (Orig. da Ling. Port. C. 11) entre os vocabulos, que tomamos dos francezes, posto que *Bluteau* o suppõe derivado da lingua castelhana. Pelo que não o podemos tachar de gallicismo moderno, como alguns pretendem.

RESSORTE: (*ressort*) He vocabulo puramente francez, que significa propriamente o *elasterio* ou *mola* do relogio, ou de outra maquina, e no sentido figurado qualquer *meio*, *agente*, *impulso*, ou *expediente activo*, que se emprega para a execução de alguma empreza. Podemos expressalo em bom portuguez por *móla*, usando da mesma metafora, que os francezes adoptárão; ou traduzilo por *agente*, *causa activa*, *movel*, *motor principal*, &c. &c., ou em fim usar de outras expressões de igual força, e apropriadas ás circunstancias. V. gr. nesta frase *ce-là est du ressort de la Grammaire*, diremos *isto pertence á Grammatica*, *he da sua competencia*. *Estas cousas não são* do ressorte *dos systemas filosoficos*, i. e. não são *da sua alçada*; não estão *no alcance* da Filosofia; não *o alcanção* os systemas filosoficos; *excede as balizas* da Filosofia, &c. &c.

RESSURÇAS: (*ressource*) He puro gallicismo, que tão inadvertidamente usão até pessoas doutas, e discretas. Em lugar delle temos *recursos*, *expedien-*

tes, *arbitrios*, *meios*, *traças*, *ardís*, *modos*, *artes*, *invenções*, *manhas*, *industrias* &c.

RESTO: Não reprovamos este vocabulo, que he muito portuguez; mas o uso immoderado, que delle se faz, dá ás vezes ao discurso hum resabio de francezismo, que se deve evitar variando a expressão. Assim poderemos traduzir v. gr. *o resto dos homens*, i. e. *os de mais homens*; *todo o resto se queimou*, i. e. *tudo o mais*; *o resto do dinheiro*, i. e. *o restante*, *o remanecente*; *os restos da meza*, i. e. *os sobejos*, *os residuos*; *o portador vos dirá o resto*, i. e. vos dirá *o mais*; e assim nas outras frazes, que a cada passo se offerecem. Quando se notão v. gr. os defeitos de alguma pessoa, e se conclue com esta clausula *du reste excellent homme*, seria má traducção dizermos, como hoje mui vulgarmente se diz: *de resto he hum excellente homem.* Em frase portugueza, diremos: *no mais he hum homem excellente*, ou *aliàs he hum homem excellente*, ou *homem aliàs excellente.* &c. Quanto porêm á expressão conjunctiva *au reste*, que hoje se traduz *de resto*, e a cada passo se repete na conversação familiar, confessamos não ter achado huma palavra portugueza, que exactamente lhe corresponda, devendo por isso supprir-se pelas clausulais *no mais*; *em quanto ao mais*; *no que toca ao mais* (em latim *caeterum*, ou *quoad caetera*), e algumas vezes, *de mais do que*; *sobre isto*; *com tudo isso*; *porêm*, *e de mais*; *todavia* &c. &c.

RETRETA: *Tocar á retreta*, parece que dizem hoje os nossos militares, tomando o vocabulo ou do hespanhol *retreta*, ou do francez *retraite*. Segundo o nosso parecer he escusada esta novidade. *Sonner la retraite* quer dizer em portuguez limpo *tocar a recolher*; *battre en retraite*, *tocar a retirada*;

faire une honorable retraite, *fazer huma honrosa retirada* &c. &c.

RETROGRADAR: He tomado do francez *retrograder*, ainda que a sua origem he latina. Significa o mesmo que *retroceder*, *voltar para traz*. Já vem em *Bluteau* no *Supplem.* com a significação de *retroceder*, *cessar*, *desistir de alguma cousa*, e no *Thesour. de Prud.* achamos *retrogradando por ordem do aureo numero.*

REVANCHE : He puro gallicismo intoleravel. Em portuguez corresponde-lhe *desforra*, *despique*, *satisfação*, e tambem genericamente *compensação*, ou seja em *recompensa* de acção boa, ou em *vingança* de acção má.

REVERIA: (*reverie*) He outro gallicismo igualmente grosseiro e intoleravel. Este vocabulo significa em bom portuguez ora *fantasias*, ora *pensamentos*, ora *imaginações loucas*, *delirios*, e talvez *meditações*. Refere-se mui particularmente ao estado de huma pessoa, que inteiramente se acha occupada de hum pensamento qualquer, de sorte que a nada mais attende; e neste sentido se lhe póde substituir em portuguez *meditação profunda*, e talvez *alienação.*

REVOLTAR: *REVOLTANTE*: São palavras, que os afrancezados hoje usão com muita frequencia: *isto revolta a razão*; *esta acção revolta a humanidade*; *revolta o bom senso* &c. &c. Mas são puros gallicismos. Os nossos bons portuguezes dirião: *isto escandaliza a razão*; *indigna a humanidade*; esta acção *faz exasperar*, *provoca*, *irrita*, *incita*, *causa raiva* &c. &c.

RIDICULO : Em portuguez he hum adjectivo, que significa *cousa digna de riso*, *que move a riso.* Mas não o tomamos como substantivo para dizer, v. gr. *conheço os ridiculos do mundo*, i. e. *o que o*

mundo tem de ridiculo, ou conheço *quão ridiculo he o mundo* &c. *Este homem se cobrio de ridiculos*, i. e. *se fez ridiculo*, *se ridiculisou*, ou *se portou ridiculamente* &c.

RIVAL: *RIVALIDADE*: *Até agora* (diz *Bluteau*) *não a achei em Autores Portuguezes*; *mas pela mesma razão que os Italianos*, *Castelhanos*, *e Francezes*, *a podemos admittir*; *porqne não temos outra com significado equivalente*: *os Latinos a usárão em competencias amorosas* &c. Porêm antes de *Bluteau* já esta voz havia sido empregada por *João Franco Barreto*, *Eneid. Port.* L. 4. E. 122, aonde a desditosa Dido exclama:

> *Que farei? por ventura hei de tornar-me*
> *Aos primeiros* rivaes *escarnecida*?

E antes de *João Franco Barreto*, a usára *Mousinho* no *Affons. Afric.* C. 5.:

> *Mas elles*, *qual o touro impaciente*,
> *Terror da Sylva*, *dos* rivaes *espanto*.

Vej. tambem *Moraes* no *Diccion.* na palavra *Dislate*, aonde traz *rival* auctorizado com o *Viriato Trag.* Depois se tem usado com muita frequencia, de maneira que hoje se deve reputar não só naturalizado, mas classico. Comtudo não devemos esquecer-nos dos vocabulos portuguezes *competidor*, e *competencia*, e *emulo*, e *emulação*, *pretensor* &c., que assim como *rival* e *rivalidade* significão não só *competencias amorosas*, mas quaesquer outras, e além disso em alguma occasião serão de melhor effeito na harmonia da locução.

ROLAR: He entre nós verbo neutro, que não admitte significação activa, e (como dizem os Grammaticos) *transeunte*. Pelo que os nossos modernos traductores commettem solecismo, quando dizem, segundo o uso francez, *pequenos grãos de ouro cor-*

rem com a arêa, que rola este rio *em seu magestoso curso*, devendo dizer: *com a arêa, que* este rio volve *em seu magestoso curso* &c. Assim *Camões* nos *Lusiad.* Cant. 7. Est. 11:

Não vedes que Pactólo e Hermo rios
Ambos volvem *auriferas arêas*?

E a moderna traducção das *Metamorph. de Ovid.* por *Almeno* Liv. 2.:

. . . . *donde corria murmurando*
Hum rio, que as arêas *quebra e* volve.

ROMANCE: Sempre significou entre nós a *Lingua vulgar*, ou propria de cada Nação. *Camões* Cant. 10. E. 96:

O rapto rio nota, que o romance
Da terra *chama Obi* . . . . . .

Daqui vem *romance*, e *romancear*, i. e. *traducção*, e *traduzir em vulgar*: v. gr. em *Bern. Prat. e Serm.* P. 1. p. 416: *este he* o romance *das seguintes palavras de Santo Agostinho*: e em *Fr. Greg. Bapt.* 1. P. das *Doming.* n. 241: *não* romanceio *as palavras, por que são expressamente tudo o que tenho dito* &c.; e tambem *Romances* por certa composição poetica, que semelha muito a prosa. (Vej. *Madur. Orthogr.*) Mas *Romance* por *Novella* he novo e trazido do francez: hoje porêm está adoptado pelo uso geral.

RUTINA, ou *ROTINA*: (*routine*) He gallicismo desnecessario, e porêm mui vulgarmente usado. Significa *trilha*, *usança*, *caminho trilhado*, *cousa usual*, *trivial*, *vulgar*, *sabida de todos* &c. Assim em lugar de *seguir a rutina*, diremos *seguir a trilha*, ou *o trilho*, *a usança* &c. *Politica de rutina*, i. e. *trivial*, *usual*, *vulgar* &c. &c.

S.

SALTAR AOS OLHOS: He expressão franceza, que não convem ao nosso idioma. A frase *cela saute aux yeux*, deve traduzir-se *isto he mais claro que a luz*, ou *que a luz do meio dia*, ou *isto he tão claro como o Sol* (Lat. *hoc patet meridiana luce clarius*: ou *id nemo non videt.*) ou tambem *isto está-se metendo pelos olhos.* — *Ne voir pas ce qui saute aux yeux*, i. e. *fechar os olhos á luz* (Lat. *caligare in sole*) &c. &c.

SABRE: He tomado do francez, ou do inglez *sabre*, e presentemente mui usado dos militares: mas parece desnecessario, visto exprimir o mesmo que o portuguez *terçado*, *alfange*, e *cimitarra*, ou *semitarra*.

SALVA-GUARDA: (*salve-garde*) He tambem novo em portuguez, e escusado. Diz o mesmo que *salvo-conducto*, *seguro*, *resalva*, e algumas vezes *sagrado*, *asilo*, *amparo*, *protecção*, *patrocinio* &c.

SANCCIONAR: (*sanctionner*) Por dar *sancção*, *confirmar*, *ratificar* &c., tem origem latina, he derivado conforme a analogia, e parece necessario para evitar circumloquio, visto ter significação mais restricta que os verbos *confirmar*, e *ratificar*.

SAPADOR: (*sapeur*) Significa em geral o *cavador de enxada*, e no sentido militar o que em portuguez chamamos *gastador*, i. e. aquelle que no exercito, e nos assedios *trabalha com enxada em albanar caminhos*, *abrir trincheiras*, *fazer fossos* &c. (Vej. *Blut. Vocabul.* palavra *Sapa*) *Moraes* no *Diccion.* palavr. *Sapa*, e *Sapador* diz que *Sapador* he o soldado, que trabalha com *sapa*, e que pertence á companhia dos *Mineiros*. Parece vocabulo de origem italiana.

SATELLITE: Tomado do latim *satelles*, i. e. *guarda que acompanha sempre o Principe*, he usado entre nós no sentido astronomico, por *planeta menor*, que gira em torno de outro maior, como a Lua em roda da Terra. Hoje se diz tambem, como em francez, por *esbirro*, *beleguim*, *official inferior de Justiça*, e ainda por *qualquer homem asalariado*, que acompanha quasi sempre a outrem para feitos máos, e acções criminosas &c. He metafora expressiva, e em muitos casos aceitavel.

SECUNDAR: *SECUNDADO*: He gallicismo desnecessario, pelo qual dizemos em bom portuguez *coadjuvar*, *auxiliar*, *apoiar*, *ajudar*, *assistir*, *apadrinhar*, *patrocinar*, &c.

SENSATO: Em lugar de *avisado*, *sisudo*, *prudente*, *considerado*, talvez *judicioso*, *discreto* &c., parece innovação, que nos não era necessaria: mas tem boa origem no latim, acha-se auctorizado pelo uso geral, e não desdiz da analogia.

SENSO: He vocabulo novo em portuguez, e derivado immediatamente do francez *sens*, ainda que de origem latina, e trazido com sufficiente razão á nossa lingua. Deve todavia usar-se sem affectada frequencia, e sem nos esquecermos das expressões propriamente nossas, com que declaramos os seus diversos sentidos. Assim poderemos variar da maneira seguinte as frazes, em que elle póde ter lugar:

Homem de senso, i. e. homem *de juizo*, homem *prudente*, *de razão*, *de capacidade*, *de tino* &c.

Homem de grande senso, i. e. *de grande juizo*, *de bom juizo*, *de bom entendimento*, *de muita intelligencia*, *mui avisado*, &c.

Homem que não tem senso, i. e. *mentecapto*, *insensato*, *louco*, *desarrazoado*, &c.

Perder o senso, i. e. *enlouquecer*, *perder o juizo*, *desatinar*.

Obrar como homem de senso, i. e. *como homem de juizo*, *de conselho*, *como homem prudente*, *obrar com cordura*, *com sisudeza*, *avisadamente*, &c.

Não ter o senso commum, i. e. *não ter discrição*, *não ter sizo*, &c.

SENTIMENTAL: He palavra innovada em francez, e do francez trazida para a nossa lingua; mas havemos que he conveniente adoptar-se, visto ter boa origem e derivação, e não poder-se suprir em todos os casos por outra de igual expressão e valor: porque a palavra *sensitivo*, que parece corresponder-lhe, nem he de significação tão determinada, nem o póde traspassar bem em todas as circunstancias.

SENTIMENTO: Significa em portuguez a *sensação de prazer*, *pena* &c.; a *dôr*, *pena*, ou *paixão* que se toma por alguma cousa; a *opinião* ou *parecer*, que se tem nesta ou naquella materia &c. (Vej. *Blut.* e *Moraes*) Hoje o usamos tambem á imitação dos francezes, para significarmos com ella o mesmo que com a palavra portugueza *affecto* no seu sentido generico, e dizemos, v. gr. *ter sentimentos* de humanidade, de compaixão, de benevolencia &c. para com alguem, i. e. *ter affectos* de humanidade &c., *ter bons*, *ou máos sentimentos* para com alguem, i. e. *ser-lhe affecto*, *affeiçoado*, ou *desaffecto*, *desaffeiçoado*, ter *bons* ou *máos sentimentos*, i. e. *bom* ou *máo coração*; ter *sentimentos nobres*, *baixos* &c., i. e. ter *coração nobre*, ter *alma vil* &c.; homem *que não tem sentimentos*, i. e. *impudente*, *desfaçado*, *desavergonhado* &c. He vocabulo justamente adoptado, e muito expressivo.

SERPENTEAR, ou *SERPENTAR*: São tomados do francez *serpenter*, tem boa derivação do subst. *serpente*, e são formados conforme a analogia. Mas temos exemplo classico de *serpejar* com a

mesma significação no *Viriat. Trag.*, imitado na moderna traducção das *Metamorph. de Ovidio* L. 4.:

E em corpo unido, até entrar nas grutas
Serpejárão *da proxima floresta.*

Tambem se póde dizer *serpear* com boa analogia, bem como dizemos *gotejar* e *gotear*, *rastejar* e *rastear*, *carrejar* e *carrear* &c., e desta fórma o vemos empregado a miude nos *Versos de Filinto Elysio*, por exemplo no Tomo 2.:

Qual serpeia *o regato*
Em socegada veia.

E em outro lugar:

Em seu fluido estilo vai Bernardes
Serpeando *manso e manso* . . . &c.

SEXO: No idioma portuguez he vocabulo indifferente para significar o *sexo masculino*, ou *feminino*: pelo que parece abuso empregalo absolutamente, e sem modificação, como fazem os francezes, para significar, quasi por excellencia, *as mulheres*, ou o *sexo feminino.* V. gr. nestas proposições: *no que respeita particularmente ao sexo*, deve dizer-se *ao sexo feminino*, ou *ás mulheres*; *taes mulheres não devem ser contadas entre o sexo*, i. e. taes mulheres *não merecem este nome*; ou *não devem ser contadas entre as pessoas do seu sexo*; *os caprichos do sexo*, i. e. *das mulheres* &c.

SIM: *Esta particula* (diz *Dias Gomes Obras Poet.* not. 13 á Od. 5.) *he mui portugueza*; *mas o uso immoderado, que neste tempo tem feito della Poetas e Oradores, quando servilmente imitão os Auctores Francezes, e principalmente em clausulas tão proprias da lingua Franceza, como estranhas da nossa, a constituirão gallicismo.* Parece que este critico philologo allude particularmente a certas transições affectadas, que se notão com frequencia nos

nossos modernos Oradores Sagrados, e algumas vezes nos Poetas, quando intempestivamente, e fóra de preposito usão das clausulas *sim*; *sim*, *Senhores*; *sim*, *meus ouvintes*, &c.; as quaes em melhor portuguez se traspassarião por estas: *na verdade*; *em realidade*; e *por certo que* &c. &c.

SOBRE: He preposição portugueza, cuja significação e usos devem ser conhecidos. A lição porêm dos livros francezes tem introduzido varios modos de fallar, em que ella se emprega contra o bom uso portuguez, e com huma frequencia tal, que faz o discurso affectado. Daremos alguns exemplos com as suas correcções.

Nomes inscriptos *sobre a lista*, i. e. assentados *na lista*. (Vej. *Inscrever*.)

Concordamos *sobre o fundo* da questão, i. e. *no substancial*, *no essencial*. (Vej. *Fundo*.)

Usurpação *sobre o Clero*, i. e. *feita ao Clero*.

O throno, que hum perfido usurpou *sobre mim*, i. e. que hum perfido *me usurpou*.

Ajuntou-se o Concilio *sobre a petição* do Clero, e povo, i. e. *a pedido*, *a requerimento* do Clero &c.

Tribunal fundado *sobre o modelo* dos tribunaes do Egypto, i. e. estabelecido, ou fundado *conforme o modelo*, *segundo a forma*, ou *á maneira* dos do Egypto, ou *amoldado aos do Egypto* &c.

Domou os paizes, que achou *sobre a sua passagem*, i. e. que encontrou *em sua passagem* &c.

Ganhar terreno *sobre o inimigo*, i. e. *ao inimigo*.

Conquistar a Palestina *sobre os Arabes*, *e Turcos*, i. e. *aos Arabes* &c.

O objecto dessas disposições era fazer temer ao inimigo *sobre o centro* da sua linha, i. e. inspirar-lhe temor *á cerca*, ou *a respeito do centro* &c.

Acreditar alguem *sobre a sua palavra.* Duvidamos que seja expressão classica; mas já vem no Alvará de 14 de Abril de 1764.

Dirigir as suas acções *sobre o plano* combinado da sua futura elevação, i. e. *conforme*, ou *segundo o plano* &c.

Contar *sobre alguem*, ou *sobre alguma cousa.* Vej. *Contar.*

SOBRE O CAMPO: (*sur-le-champ*) Expressão adverbial, que com summa ignorancia tomárão do francez alguns traductores nossos. Em lugar della diremos *logo*; *em continente*; *sem demora*; *no mesmo ponto*; *logo no mesmo ponto*; *logo logo*; *sem detença*; *immediatamente*; *promptamente*; *de repente*; *no mesmo instante* &c. &c.

SORTIDA: (*sortie*) Por *invectiva*, *reprehensão aspera*, *vehemente* &c. he puro gallicismo, e abuso intoleravel. Tambem nos parece erro tomalo por qualquer *escaramuça*, ou *correria militar* contra o inimigo: mas no sentido mais restricto de *tentativa que fazem os sitiados contra os sitiadores de huma praça*, he adoptado. Vej. *Moraes* na palavra *Sortida.*

SUBIR: (*subir*) Por *sofrer*, *soportar*, v. gr. *subir a pena*, *subir o jugo* &c., sem embargo de ter fundamento no latim, he abuso contrario á significação que tem em portuguez a palavra *subir.*

SUBSISTENCIA: Significando *o necessario para a vida*, *o alimento*, ou *os meios precisos para subsistir*, diz *Bluteau* no *Supplem.*, que he tomado do francez *subsistence.* Hoje he adoptado.

SUCCESSO: Significa em portuguez qualquer *acontecimento*, o *exito de qualquer empreza*, ou negocio &c., e he indifferente para exprimir o successo *bom* ou *mào*, *feliz* ou *infeliz*, *prospero* ou *adverso* &c.,

em tal maneira que so o adjectivo o tira da sua indeterminação, restringindo-lhe a extensão do significado. Pelo que he gallicismo tomalo *absolutamente*, dizendo v. gr. *prégou com successo*, i. e. *com bom successo*; *para cultivar com successo he necessaria conhecer o terreno*, i. e. para cultivar com *feliz successo* &c.

SUCCUMBIR: (*succomber*) Parece-nos derivado immediatamente do francez para o portuguez. Em lugar delle diziamos v. gr. *succumbir á dor*, *á corrupção*, *ao pezo*, i. e. *render-se á dor* &c. Comtudo *succumbir* tem origem no latim, he conforme com a analogia, he expressivo, e tem significação mais restricta, e por isso menos equivoca que o verbo *render-se*.

SUPERCHERIA: Traz *Blut.* esta palavra no seu Vocabulario, sem a auctorizar, e diz que significa *engano*, *fraude*, *dolo*, e que alguns a querem derivar de *super*, e *tricherie*, que em francez val o mesmo, que *engano no jogo*. Nós não a temos até o presente achado em auctor algum nosso de boa nota, nem a julgamos necessaria, nem digna de adoptarse: e entendemos que a sua significação se exprimirá bem por *velhacaria*, *trapaça*, *astucia fraudulenta* &c.

SUPPLANTAR: (*Supplanter*) Significa propriamente *armar cambapé*, ou *dar traça*, *com que alguem caia*, *e se arruine*, *para lhe precedermos*; *usar de sancadilhas*, *lançalas a alguem para derribalo*; *furtar-lhe o arrimo*, *e fazelo cahir para passarmos adiante*; *fazer perder a alguem o credito*, *favor*, *ou auctoridade*; *arruinalo para nos pormos em seu lugar* &c. Tem origem no latim *supplantare*; não encontra a analogia; he mui ex-

pressivo e energico; e não póde supprir-se em portuguez se não por circumloquio.

SUPPORTAR, ou *SOPORTAR*: Do latim *supportare*, quer dizer, *levar algum pezo sobre si*, *poder com elle*, *sustentalo estando debaixo* &c.; e com esta mesma significação o usámos no sentido fig., quando dizemos em bom portuguez: *Soportou o primeiro choque*, *e a primeira furia da peleja*; *soportar a violencia da artilheria*; *soportar o impeto do inimigo*, &c. (Vej. *Blut.* no *Vocab.* palavr. *Soportar*) Daqui vem a outra significação tambem figurada de *sofrer*, *tolerar*, *sobrelevar* algum mal, ou dor, i. e. levala com paciencia. Mas nunca em portuguez se disse, como dizem os francezes modernos, *soportar a artilharia com a infantaria*; *soportar o Governo com subsidios*; *soportar a esquerda com alguns batalhões*, &c. em lugar de *apoiar*, *auxiliar*, *sustentar*, *assistir*, *ajudar* &c.

SURMONTAR: (*surmonter*) He gallicismo, que diz tanto como o portuguez *superar*, *vencer* &c., e se for necessario no seu primario e formal sentido, diremos com boa analogia *sobremontar*.

SURPREZA: *SURPRENDER*: &c. Os nossos classicos dizião *soprezar* por *tomar improvisamente*, v. gr. *soprezar huma praça*, *fortaleza*, *castello* &c., e *soprezado* por *tomado de improviso*, v. gr. *navio soprezado* &c. Hoje se diz tambem *surprender*, e *surpresa* do francez *surprendre*, e *surprise*, por *tomar alguem desapercebido*, *de subito*; *de improviso*, *achado inesperadamente no facto* &c. Vej. *Moraes* no *Diccion.* palavr. *Surprender*, aonde diz que he *termo moderno adoptado*. Nós somos de parecer, que se deve corrigir a orthografia, visto que não he regular compôr hum verbo ou nome com hu-

ma palavra portugueza, e outra estrangeira. A analogia pediria, no nosso caso, *sobre-prender*, ao qual preferiremos sempre as boas expressões portuguezas *sobresaltear*, ou *sobresaltar*, e *sobresalto*, i. e. *accommetter*, ou *tomar de improviso* com alguma novidade, ou cousa inesperada; e *accommettimento imprevisto*, ou o *susto*, e *enleio*, que elle causa. Quando os francezes dizem, v. gr. *Surprendeo a minha credulidade*, *a minha boa fé*, entende-se *enganou*, *induzio em erro*, *abusou* da minha credulidade &c. &c.

T.

TAPEÇAR: *TAPIZAR*: *TAPEÇADO*: *TAPIZADO*: e *TAPESSAR*: São tomados do francez *tapisé*, ou *tapissé*, e *tapisser*; mas não são modernos, como ao principio nos parecêrão. Em *Vieira*, *Serm.* Tom. 1. pag. 307 achamos: *paredes ricamente entapizadas*. Nos *Estat. antigos da Universidade* pag. 7: *entapiçar a Capella*. *Mousinho Affons. Afric.* Cant. IV.:

Era de verde esmalte entapisada
A bella margem . . . . &c.

E no Cant. VI.:

Logo saltamos dentro, *e no regaço*
Da floresta de verde tapizada.

E finalmente o mesmo *Vieira*, *Serm.* Tom. 15. pag. 266: *o aposento de Sua Alteza* . . . *pelo inverno tinha de mais* os tapizes, &c. Conservemos pois os vocabulos, e sejamos conformes na Orthografia.

TARDIVO: e *TARDIVA*: São vocabulos que lemos em huma traducção impressa, e que tomariamos por erros typograficos, se os não vissemos repetidos mais de huma vez em ambos os generos, á maneira do francez *tardif*, e *tardive*, v. gr. *a experiencia*

filha tardiva *do tempo*; *o outono* tardivo *da idade*; *a marcha* tardiva *do homem* &c. O portuguez *tardio*, e *tardia* não he nem menos expressivo, nem menos harmonico, e por isso tal innovação he destituida de todo o fundamento rasoavel.

TARTUFO: He vocabulo novo, que parece ter sido introduzido na nossa linguagem pelo Capitão *Manoel de Souza*, na traducção do *Tartufe* de *Moliere*. Significa o mesmo que o portuguez *hypocrita*, ou *beato falso*; e seria para desejar, que nem huma so palavra nos fosse necessaria para exprimir semelhante casta de maldade e depravação.

TAXA: Este vocabulo tomado na significação de *imposto*, *tributo*, *direito*, foi modernamente censurado de gallicismo, ou inglezismo, como derivado do francez *taxe*, ou do inglez *tax*. Nós o achamos no Diccionario de *Moraes* auctorizado, no mesmo sentido, com *Goes*, *Chron. de D. Man.* P. 1. Cap. 48; mas não tivemos occasião de verificar este lugar.

TEMIVEL: He palavra ja hoje mui vulgarmente usada, e que tem a seu favor algumas boas auctoridades modernas, razão por que o não reprovamos, maiormente não encontrando elle a analogia do idioma. Os nossos bons portuguezes dizião em lugar delle cousa *temerosa*, *temida*, *para temer*, e tambem elegantemente *cousa para temida*.

TIRADA: He vocabulo tomado do francez *tirade*, ou do italiano *tirata*, que significa *passagem hum pouco extensa de alguma obra*, ou *lugares seguidos sem interpolação sobre o mesmo assumpto*. Não o julgamos adoptavel, e em lugar delle usariamos de *rasgo*, ou *lanço*, que respondem aos termos latinos *tractus*, *jactus*, assim como estes ao francez *tirade*, e ao italiano *tirata*; e em portuguez corrente dizemos *rasgo de eloquencia*, i. e. *passagem elo-*

quente seguida, e não mui extensa, e tambem *lanço de casas, de cubiculos* &c. para significar huma *serie* delles *seguidos huns a outros* &c.

TOCANTE: (*touchant*) Por *affectuoso, terno, mavioso, pathetico, amoroso, amavioso, meigo, carinhoso* &c., *parece ser gallicismo*, diz *Moraes* no *Diccionario*. Comtudo o mesmo *Moraes* o usou na traducção das *Recreações do homem sensivel*, e o P. Pereira na *Dedicat. ao Principe N. S.* impressa á frente da sua traducção da *Sagr. Bibl.* em 4.° diz que a Senhora D. Maria I. *costumava recitar todos os dias as Horas Canonicas, e nellas a parte mais devota, e* tocante *da Sagrada Escritura, quaes são os Salmos*, &c. A' vista destas auctoridades, não ousamos reprovar de todo o vocabulo *tocante*; mas preferiremos sempre algum dos muitos, que em portuguez lhe correspondem, até porque sendo elle derivado do verbo *tocar*, cuja significação he mui generica, nos parece pouco expressivo.

TODO: *TUDO*: São palavras bem conhecidas em portuguez; mas he erro empregalas em certas frases, em que os francezes tomão o seu vocabulo *tout*, com a significação de *inteiramente, absolutamente* &c. Assim nesta frase: *esta descoberta vos pertence* toda inteira, diremos em bom portuguez: *este descobrimento vos pertence inteiramente*, ou *he inteiramente vosso. Usais de adornos de hum gosto* todo novo, i. e. *totalmente novo. Fazeis* tudo *o contrario do que se deve fazer*, i. e. *fazeis totalmente*, ou *absolutamente*, ou *inteiramente* o contrario &c. &c.

TOMAR A PALAVRA: Assim dizem hoje alguns, traduzindo á letra o francez *prendre la parole*, para significarem o que *se adianta a fallar primeiro que os outros* em algum ajuntamento, e sobre algum negocio, que ahi se trata. Em melhor portuguez

dizemos *tomar a mão*. V. gr. na *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 22: *aqui* tomou a mão *o Provincial, e foi proseguindo no mesmo argumento*; e no Liv. 2. C. 10: tomou *o Arcebispo* a mão, *vendo consumida a tarde* &c. Pelo contrario *tomar a palavra* he expressão que nos nossos classicos significa *receber de alguem a promessa, fazelo prometter*: como v. gr. em *Fern. Alv., Lusit. Transf.* Liv. 2. Pros. 10: *mas quero, primeiro que peça esta mercê*, tomar-vos a palavra, *que não haveis em nenhum caso de negar-ma* &c.

TRATAMENTO: (*traitement*) Tem no portuguez sua propria significação: mas tomado por *salario, ordenado, estipendio*, v. gr. *o tratamento dos Ministros, dos Officiaes* &c., he gallicismo escusado.

TRATAR DE RESTO: *TRATAR DE BAGATELLA* &c. São modos de fallar á franceza. Em portuguez dizemos *ter em pouco, tratar com desprezo, desprezar, menoscabar, vilipendiar, ter em pouca conta, ter em menos cabo* &c. &c.

TRAVEZES: Lemos em traducções impressas as seguintes frases: *todos estes* travezes *não são naturaes ao sexo*; *todos* os travezes, *que reinão no mundo, não tem tanta força para corromper huma rapariga, como huma Mãi dissipada*; *os homens se achão confundidos com as mulheres debaixo dos mesmos* travezes, &c. São outros tantos gallicismos. *Travez*, e *travezes* tem em portuguez sua significação propria, e são termos de Fortificação: mas ao francez *travers* corresponde em portuguez *irregularidades, desregramentos, extravagancias, desconcertos, desmanchos, desordens, erros, avessos* &c.

TREM DE VIDA: Por *modo de vida, genero de vida, modo de proceder* &c. he frase franceza, alheia do nosso idioma, e escusada.

TRENÓ: (*traineau*) Significa, segundo *Moraes* no *Dicion.*, *Carro de rojo, sem rodas, em que se viaja sobre as neves do Norte. Bluteau* o traz no *Supplem.*, e o auctoriza com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1723. Poderia talvez exprimir-se por *trilho*, especie de *carro sem rodas*, puxado por bois, e sobre elle huma pessoa em pé, ou assentada; o qual serve para debulhar o trigo. Tambem se traspassaria sem erro pela palavra *zorra*, isto he, carrinho com rodas, para levar e arrastar pedras grossas e outros pezos. Vej. o mesmo *Blut.* nas palavras *Trilho*, e *Zorra*. O elegantissimo *Souza* na *Vid. do Arceb.* L. 2. C. 4. descreve o *traineau* do seguinte modo: *O meio* (diz elle) *que achou o engenho humano para vadiar este passo* (falla da descida dos mais altos picos dos Alpes para o Piemonte) *foi inventar huma maneira de andores, ou carretes sem rodas, que vão descendo, ou cahindo pelas serras abaixo, arrastado cada hum por dois homens, que não sabeis se os chameis pilotos, se cocheiros, se cavallos; porque tudo he preciso que sejão nesta perigosa distancia, e tudo são* &c.

TURBA: (*tourbe*) Achamos este vocabulo nos *Versos de Filinto Elysio*, onde diz:

Mal haja a turba, *e enxofre negro, e duro;*
Que os engenhos lhe tolda . . . . .

Parece derivado do francez, e significa certa *terra bituminosa* de que os Hollandezes usão em lugar de lenha e carvão, e que se acha em grande quantidade junto a *Setubal* na *Comporta*. Vej. as *Memor. Econom.* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Tom. 1. pag. 182 e 232, aonde se lhe dá o nome de *turba*, ou *turfa*.

U.

ULTERIOR: Era entre nós termo *geografico*, e significava o contrario de *citerior*, v. gr. *Hespanha ulterior*, *Hespanha citerior* &c. Hoje dizemos tambem, como os francezes, *consequencias ulteriores*, *pretenções ulteriores*, *successos ulteriores* &c.; mas esta significação não desdiz da primeira, tem fundamento no latim, he expressiva, e em alguns casos parece necessaria.

ULTRAJANTE: (*outrageant*) Os vocabulos *ultrage*, e *ultrajar* ainda não erão muito usados no tempo de *Bluteau*, que todavia os metteo no seu *Vocabulario*. Depois tem-se introduzido tambem o adj. verbal *ultrajante*, que não desdiz da analogia, e significa o mesmo que *injurioso*, *afrontoso*, *contumelioso*. Alguns Escritores modernos preferem *ultrajoso* a *ultrajante*.

UNIDO: (*uni*) Na significação de *igual*, *lizo*, *plano* &c. parece gallicismo. Em portuguez dizemos *mar igual*, *bonançoso*, *terreno plano*, *estilo igual*, *corrente*, *ligado*, &c. e não *mar unido*, *terreno unido*, *estilo unido* &c.

V.

VIAJANTE: *VIAJEIRO*: *VIAJOR*: *VIAJADOR*. Com todas estas fórmas exprimem os portuguezes modernos a mesma idéa. Os antigos tinhão o termo *viagem*, que parece significava mais commummente *navegação*, ou *jornada por mar*; e exprimião as *jornadas por terra* pelo vocabulo *jornada*, ou *caminho*, e sendo longas, e em paiz estrangeiro, pela palavra *peregrinação*. Hoje he geralmente adoptado o vocabulo *viagem* para significar humas e

outras jornadas, e delle derivamos com boa analogia o verbo *viajar*, pelo qual diziamos d'antes *peregrinar*, *ver mundo*, *andar por terras estranhas*, ou *fazer jornada*, *fazer caminho* &c. De *viajar* se fórma naturalmente o adj. *viajante*, que diz tanto como os antigos *viandante*, e *caminhante*. Porêm *viajor* do francez *voyageur*, e *viajador* do italiano *viaggiatore* são escusados, como tambem *viajante*, que *Madureira* pretende derivar do latim *Viam agens*. *Viajeiro*, que achamos usado pelo P. *Pereira*, e por outros Escritores, tambem não he necessario; mas tem melhor analogia, e póde bem derivar-se de *viagem*, assim como de *portagem portageiro*, de *mensagem mensageiro* &c.

VIRULENTO: He termo *Medico*, ou *Cirurgico*, e significa cousa que tem *virus*. No sentido fig. parece ser novo no nosso idioma, e derivado do francez *virulent*, cousa *maligna*, v. gr. *satyra virulenta*; mas não ha razão de o reprovar.

VISTAS: He notavel o abuso que se tem feito deste vocabulo, depois que nos familiarizamos com os livros francezes. Indicaremos aqui algumas das frases, em que os nossos modernos Escritores o empregão indevidamente, e lhes substituiremos as convenientes correcções.

Taes tem sido *as vossas vistas*, i. e. *os vossos intentos*.

Obravão com *differentes vistas*, i. e. com differentes *intenções*, ou *intuitos*.

Os designios e *vistas* do Legislador, i. e. os *designios* e *intuitos*.

Lancemos *as nossas vistas*, i. e. *os nossos olhos*. *As vistas* da Europa estão fixadas sobre vós, i. e. a Europa tem *os olhos postos* em vós, ou *fitos* em vós &c.

T

Fazer alguma cousa *com vistas* de alcançar recompensa, i. e. com *intuito*, com *desenho de alcançar* &c., ou com *o fito*, com *a mira* na recompensa.

Lancei *as minhas ultimas vistas* sobre o Paraizo, i. e. *lancei a ultima vez os olhos* &c.

Este he o assumpto que vou pôr *nas vossas vistas*, i. e. *aos vossos olhos*, que vou propôr *á vossa consideração*, *á vossa reflexão* &c.

A sabedoria das suas *vistas* politicas, i. e. dos seus *desenhos*, ou *designios*, e ás vezes dos seus *pensamentos* politicos &c.

Obra admiravel pela profundeza *de vistas moraes e politicas*, i. e. pela profundeza de *conceitos*, de *idéas*, de *reflexões* &c.

Conforme *ás vistas* de Deos, i. e. aos *conselhos* de Deos aos seus *designios*.

Lançou sobre nós *vistas* de piedade, i. e. *olhos de piedade*, olhos *compassivos* &c.

Os nossos classicos tambem usavão do vocabulo *presupposto* com a significação de *designio*, *intuito*, *conselho*, *intento* &c. V. gr. *Fern. Alv.*, *Lusit. Transf.* L. 1. pag. 58 ℣. ediç. de 1607 Pros. 9.: *tiramos do encerrado valle os nossos rebanhos, a pacer ao prado, encaminhando-os pela estrada ao conhecido pasto*, com presupposto *de tornarmos logo áquelle lugar sombrio* &c., e no L. 3. Pros. 4.: *Com este* presupposto *se auzentou Lizarte* &c.

VOLTEJAR: (*voltiger*) He gallicismo desnecessario no nosso idioma, onde temos *voltear*, e ás vezes *revoar*, que dizem o mesmo. Em relações de acontecimentos militares tambem se diz hoje *voltejadores*, devendo ser com melhor analogia *volteadores*. São soldados de certas companhias dos regimentos francezes de infantaria ligeira, ou de linha, os quaes se escolhem entre os homens mais vigorosos, ageis, e les-

tos, mas de pequeno talhe, e são destinados a serem rapidamente levados de hum para outro lugar, pelas tropas a cavallo; pelo que se exercitão particularmente em montar ligeiramente, e de hum salto á garupa do cavalleiro, em descer com promptidão, em se formar rapidamente, e em seguir a pé hum cavalleiro, que marcha a passo, ou de trote &c.

VOLUPTUOSIDADE : Desejava *Bluteau*, que se adoptasse em portuguez o vocabulo *voluptade*, como necessario para significar com toda a propriedade o que os latinos exprimem por *voluptas*. (*Pros. Acad.* P. I. pag. 25, e *Supplem. ao Vocab.*) O uso recusou aquelle novo vocabulo, e preferio *voluptuosidade*, do francez *voluptuosité*, o qual, segundo o nosso parecer, sería conveniente adoptar-se, ainda que tivessemos *voluptade*, por ser diversa a significação de hum e outro. *Voluptade* significaria então o *deleite*; *voluptuoso* o homem *dado a deleites*; e *voluptuosidade* a *qualidade habitual*, que o constitue voluptuoso.

ARTIGOS,

Que não poderão entrar commodamente na ordem alfabetica.

I.

Abuso dos Pronomes.

ABUSA-SE dos pronomes, *eu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, *isto*, *aquelle*, &c. quando se empregão no discurso contra o uso da lingua, e com mais frequencia do que

ella tolera, transportando para o portuguez hum defeito mui notavel, que os auctores francezes quererião poder evitar no seu proprio idioma. Não nos permitte o nosso assumpto entrar a este respeito em discussões grammaticaes. Mas daremos aqui alguns exemplos deste abuso, para que os nossos leitores reflectindo nelles, e observando a diversa indole de ambas as linguas, possão evitar semelhantes gallicismos, e explicar-se com a devida correcção.

1.° Exemplo. *Se* eu *conseguir o que* eu *desejo*, eu *ficarei contente*. Nesta frase não podem os francezes deixar de repetir tres vezes o pronome *je*, e he este hum dos grandes defeitos do seu idioma. Em portuguez porêm he viciosa essa mesma repetição, por ser contra o uso e genio da lingua, e porque faz o discurso embaraçado, e froxo, sem necessidade alguma. Deveremos pois dizer: *Se eu conseguir o que desejo*, *morrerei contente*; ou tambem omittindo o primeiro *eu*, se pelo teor antecedente da frase ficar removida toda a ambiguidade, como se se dissesse v. gr.: *Trabalho por levar ao fim a minha pretenção*; *e se conseguir o que desejo*, *morrerei contente*, aonde nem huma so vez entra o pronome *eu*, que segundo o genio, e uso da lingua franceza se empregaria não menos que quatro vezes.

2.° Exemplo. *Então* nós *sentimos pela primeira vez a frescura da noite* . . . *da mesma sorte que* nós *tinhamos sentido* &c. . . . nós *nos embrulhámos nas pelles*, *antes que* nós *sabissemos do Paraizo* . . . nós *nos deitámos na gruta* &c. Eis-aqui em poucas linhas repetido cinco vezes o pronome *nós*, que em portuguez corrente, e em estilo desempeçado se poderia totalmente omittir, traduzindo assim: *Então* sentimos *pela primeira vez a frescura da noite*, *bem como já* haviamos sentido &c. . . . *antes que*

sahissemos *do Paraizo*, nos envolvemos *nas pelles*....: deitámo-nos *na gruta* &c.

3.º Exemplo. *Para suffocar até os remorsos da consciencia*, elles *tem inventado mil absurdos. A palavra liberdade tem sido* aquella *de que* elles *tem feito hum maior abuso, para impôr á multidão, e enganar todos* aquelles, *dos quaes* elles *se querem servir para os seus fins.* Parece, na verdade, incrivel que hum ouvido portuguez se accommode com este modo de fallar; mas tal he o poder do habito, que á força de lermos, e imitarmos os livros estrangeiros, quasi nos familiarizamos com as suas maneiras, e talvez as reputamos melhores que as nossas! Este periodo, que he tirado de huma obra portugueza original, está cheio de gallicismos: aqui porêm somente nos pertence notar a viciosa repetição dos pronomes *elles*, *aquelles*, que fazem a oração por extremo embaraçada, e desagradavel. Poderia dizer-se mais correntemente: *Para suffocarem até os remorsos da consciencia, inventárão mil absurdos. A palavra liberdade foi a de que mais abusárão para embair o vulgo, e para enganar a todos aquelles, de quem se querião servir para os seus fins.*

4.º Exemplo. Elles *pedírão a dilação de huma hora*: ella *lhes foi concedida*. Nesta frase diremos melhor: *Elles pedírão a dilação de huma hora, que lhes foi concedida*, ou *a qual lhes foi concedida*, ou: *pedírão a dilação .... que ...* &c. ou querendo conservar toda a concisão do original: *pedírão a dilação de huma hora: foi-lhes concedida*, ou *pedírão* &c. *concedeo-se-lhes.* Semelhantemente nesta frase: *a sua Corte tinha-lhe preparado hum festejo: não se dignou* elle *de assistir a elle.* Traduziremos muito melhor dizendo: *a sua Corte lhe havia preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir,*

ou: *havia-lhe a sua Corte preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir* &c.

5.° Exemplo. *A nossa maior perda não he* aquella *das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande*; *mas aquella dos inimigos foi muito maior.* — Nesta e outras semelhantes frases parece que o pronome *aquella* he gallicismo, e redunda na oração portugueza, devendo dizer-se: *a nossa maior perda não he* a *das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande*; *mas* a *dos inimigos foi muito maior* &c. Não devemos dissimular com tudo, que nos nossos bons escritores se achão algumas vezes frases semelhantes ás que aqui reprovamos. V. gr. em *Diogo do Couto* Dec. 4. L. 5. C. 2.: *Parece que forão mortos pelos da terra*, *porque* aquelles *do Sertão são barbarissimos.* Em *Barros* Dec. 3. L. 6. C. 1.: *Finalmente com a differença destas cartas*, *e más informações das segundas*, *foi assentado entre* aquelles *do Conselho de ElRei*, *que aquella embaixada era falsa.* Na *Carta de Guia de Cazad.* fol. 181 ỳ. *Falta-me aqui por advertir alguma coiza a humas certas mãys*, *e não sei se a alguns pays*, *que dão seus geitos ás filhas*, *para que se cazem*, *particularmente* áquellas *de bom frontespicio* &c. Porêm, sem embargo destes exemplos, julgamos que se deve evitar semelhante modo de fallar, todas as vezes que o pronome *aquelle* se não refere a algum objecto ja commemorado no discurso, ou não envolve alguma particular emfase, como parece em *Vieira* Tom. 1. de *Serm.* pag. 451, aonde diz: *O mais desventurado homem*, *de que Christo nos quiz dar hum temeroso exemplo*, *foi* aquelle *da parabola das Vodas* &c.

6.° Exemplo. Isto *he blasfemia o dizer*, *que a natureza accende em nós o mais ardente dos nossos desejos para nos enganar.* A palavra *isto* redun-

da no discurso portuguez, e he hum gallicismo nascido de se traduzir muito ao pé da letra o francez *c'est un blasfême*; *c'est un erreur* &c. Em bom portuguez dizemos *he blasfemia*, ou *he huma blasfemia*, *he hum erro* &c.

7.° Exemplo. Eu *tenho visto muitos meninos*, *que se divertem a comparar as cousas novas*, *que os admirão*, *com* aquellas, *que* elles *ja conhecem.* Neste exemplo os pronomes *eu*, *aquelles*, *elles*, podem supprimir-se, fallando todavia portuguez corrente. V. gr.: *Tenho visto muitos meninos*, *que se divertem a comparar as cousas novas*, *que os admirão*, *com as que ja conhecem*: ou *com as outras que ja conhecem*: ou tambem *com aquellas que ja conhecem* &c.

Ultimamente não será inutil advertir aqui, que quando reprovamos o abuso dos pronomes, não pretendemos excluilos totalmente do discurso: por quanto alêm de poderem empregar-se muitas vezes sem erro, nem resabio de gallicismo, ha tambem occasiões, em que he absolutamente indispensavel o seu uso claro e expresso, como, por exemplo, 1.° quando ha opposição entre dois ou mais membros do periodo, e dizemos, v. gr. *eu como*, *e tu dormes*; *eu estudo*, *e tu te divertes*; *nós trabalhamos*, *e elles passeião* &c. 2.° Quando o pede a emfase, ou o ornato do discurso, como v. gr. nesta frase: *Deos he digno do nosso amor*; elle *manda que o amemos*, elle *o pede*; elle *até o solicita* &c. 3.° Quando sem a expressa declaração do pronome ficaria escusa ou ambigua a frase, ou ainda suspensa por algum tempo a sua verdadeira intelligencia, como succede, por ex., na traducção de huma excellente obra, cujo primeiro paragrafo diz assim: *Ainda que* tivesse *toda a subtileza de espirito*, *que se póde desejar nas mais agradaveis sociedades*; *bem que* tivesse *composto Obras*, *em que bri-*

lhasse todo o fogo da imaginação e do engenho; *quando* tivesse *inventado systemas capazes de emmudecer e admirar o Universo*; *ainda que* tivesse *formado projectos dignos de sustentar*, *ou realçar os Imperios* . . . . *Se não* tenho *por objecto a religião*, *a minha alma perde os seus trabalhos* &c. Aonde o verbo *tivesse* repetido quatro vezes nos quatro membros do periodo, devia ser determinado desde o principio pelo pronome *eu*, sem o que fica por muito tempo suspenso o verdadeiro sentido do discurso, e o leitor ignorando a que pessoa se refere aquelle verbo &c.

II.

Abuso de alguns Relativos.

1. O relativo francez *dont* tem, regularmente fallando, a significação dos relativos portuguezes *cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas*, *do qual*, *dos quaes*, *da qual*, *das quaes* &c. São pois mal traduzidas as seguintes frases:

Entre os contos das fadas não ha hum so, de que o objecto *seja verdadeiramente moral*, i. e. *cujo objecto*, ou tambem *do qual o objecto* &c.

Outro meio, *que vos parecerá talvez frivolo*, *mas* de que *o effeito he certo*, i. e. mas *cujo effeito* &c.

Todos os objectos de quem *as dimensões* são *extraordinarias*, i. e. *cujas dimensões*, ou *as dimensões dos quaes* &c. O portuguez *quem*, e *de quem*, quasi sempre se refere ás *pessoas*, e não ás *cousas* &c.

Notaremos neste lugar que o vulgo faz muitas vezes errado uso dos relativos *cujo*, *cuja* &c. dizendo, v. gr. *hum homem*, o cujo *he meu amigo*; *huma casa*, cuja *eu edifiquei* &c. devendo ser *hum homem*, *o qual*; *huma casa*, *a qual* &c. E deste erro não

forão totalmente isentos os nossos melhores classicos, entre os quaes o mesmo *Barros* no *Prologo* da Dec. 1. diz (se não ha nestas suas palavras erro typografico): *appresentam estes delineamentos de sua imaginação ao Senhor*, de cujo *ha de ser o edificio*, i. e. ao Senhor, *cujo ha de ser*, ou *de quem ha de ser* &c. E *Duarte Nunes* na *Descripç. de Portug.* C. 75: *Sant-Iago Interciso de cuja nação fosse, não nos consta*, i. e. *de que nação fosse.*

2.° Tem a lingua franceza os relativos *qui*, e *que*, dos quaes o primeiro serve de agente ou sujeito do verbo seguinte, e o segundo he regido delle, v. gr. nestas frases: *voi-là qui vous en dira de nouvelles*; eis-aqui *quem* vos dirá novidades. — *celui*, que *vous avez vu*, aquelle *que* vistes, ou *a quem* vistes; o primeiro *qui* rege como agente o verbo *dirá*; e o segundo *que* hé regido do verbo *vistes*, como objecto, em que se emprega a sua acção. Por não haver em portuguez a mesma differença nas fórmas destes relativos, e explicarmos huma e outra relação pela unica fórma *que*, acontece não poucas vezes traduzir-se o francez com ambiguidade, e ficar a frase pouco intelligivel, como nesta, por exemplo:

Feliz o homem que *visita as sepulchraes abobadas*, que *alumia a tocha da morte*; aonde parece á primeira vista, que ambos os *que* se referem a *homem*, quando em francez o primeiro delles he *qui*, que por si mesmo mostra ser o agente do verbo *visita*, e o segundo he *que*, o qual logo tambem indica ser regido do verbo *alumia*. Convem por tanto, que estas e outras semelhantes frases se traduzão com reflexão, a fim de se evitar, quanto possivel for, a ambiguidade. Assim diremos, v. gr. *feliz o homem*, que *visita as sepulchraes abobadas*, alumiadas *pela tocha da morte*, ou *as quaes alumia* &c.

III.

Abuso dos verbos tomados impessoalmente.

Abusa-se dos verbos tomados impessoalmente.

1.° Quando se põe huns apôz outros no mesmo periodo, fazendo a frase embaraçada, ás vezes escura, e quasi sempre de máo soido. V. gr. neste exemplo: Deixa-se *de ser homem de boas intenções*, *todas as vezes que* se esconde *com expressões equivocas*: *não* se he *obrigado a dizer toda a verdade*; *mas sempre* se está obrigado *a fallar verdade*: que em bom portuguez poderia traduzir-se assim: *Deixa hum homem de ter boas intenções*, *todas as vezes que occulta os seus sentimentos debaixo de expressões equivocas. Ninguem he obrigado a dizer a verdade toda*; *mas todos temos obrigação de fallar verdade* &c.
E tambem neste:

Quando se he *educado no seio da grandeza*, tem-se *toda a difficuldade em* persuadir-se *que* se he *semelhante ao resto dos homens*, *e que o esplendor*, de que *se está cercado*, *se dissipa como hum vapor*; quer dizer: Quando *alguem*, ou quando *hum homem*, ou quando *huma pessoa* he educada no seio da grandeza, *tem* toda a difficuldade em persuadir-se, que *he semelhante* ao resto dos homens, e que o esplendor, de que *está cercada* &c.

2.° Quando se ajunta o verbo tomado impessoalmente no numero singular com nomes do plural, como nas seguintes expressões, e outras, que a cada passo encontramos nas traducções francezas:
Nomeou-se novos Commissarios.
Fez-se duas proposições.
Fabricou-se palacios e jardins.

Desejou-se, e abraçou-se religiões commodas.
Via-se grupos numerosos. &c. &c.
Nas quaes se conhece claramente o cunho do francez: *on nomma des nouveaux commissaires — on voyoit des groupes nombreux — on fit deux motions — on fabrica* &c. &c. — devendo dizer-se segundo o genio da lingua portugueza: *nomeárão-se novos Commissarios — vião-se magotes numerosos — fizerão-se duas proposições — fabricárão-se palacios* &c.

Por onde parece defeituosa na Syntaxe esta frase de *Barros* Dec. 3. L. 2. C. 1.: *E como nas terras novamente descobertas primeiro* se nota *pelos mareantes, que as descobrem*, os perigos *do mar*, devendo dizer: *primeiro se notão os perigos.* O mesmo defeito achamos em *João Franco*, *Eneid. Port.* L. 5. Est. 15, aonde diz:

Ver-se-ha *primeiro* as náos *mais excellentes*
Correr nas salsas ondas á porfia.

em lugar de «*ver-se-hão as náos*» &c.

3.° Nesta e outras semelhantes frases: *Deve-se confessalo: este facto não he provavel*, aonde os nossos traductores enganados pela expressão franceza: *on le doit confesser*, commettem gallicismo, que a nossa linguagem reprova. Em bom portuguez diriamos: *Deve-se confessar, que este facto não he provavel*, ou *devemos confessar que este facto* &c. Da mesma sorte no seguinte periodo: «*Esta historia he allegorica*: *não* se deve tomala *ao pé da letra*; *mas vós affirmais que* se deve entendela *em todo o rigor litteral*» pede a Syntaxe, e o modo de fallar portuguez, que se diga: *esta historia he allegorica, e não se deve tomar ao pé da letra*, (ou *não devemos tomala*, ou *não convem tomala*, ou *não deve ser tomada*) *mas vós affirmais, que ella se deve entender*

(ou *deve ser entendida* &c.) *em todo o rigor litteral* &c.

....Ultimamente para darmos huma idéa geral dos varios modos de traspassar estas frases impessoaes, a qual sirva de norma aos menos advertidos; convem notar, que a particula franceza *on*, que nellas commummente se emprega, he huma contracção, ou corrupção do antigo *hom* (*homem*) que serve de sujeito da proposição; e que as frases *on dit* — *on voyoit* — *on fit* &c. equivalem, palavra por palavra, ao portuguez *homem diz* — *homem via* — *homem fez* &c. (*a*)

Pelo que parece necessario que este sujeito, ou outro seu equivalente, appareça claro, ou subentendido na traducção portugueza de semelhantes frases, ou que estas se possão reduzir ao mesmo sentido por meio de sua analyse grammatical. Eis-aqui os differentes modos, com que em bom portuguez podemos satisfazer a este fundamental preceito.

1.º Os nossos classicos imitárão frequentemente á letra o uso francez dizendo, v. gr. na *Ord. do Sñr. D. Duarte*: « *cá sem razom seria ao afflicto accrescentar* hom *afflicção* » Na traducção do livro *de Senectute de Cicero* por *Damião de Goez* ms. fol. *mihi* 21: *tambem isto reputo ser muim misero na velhice, cuidar* homem, *que naquella idade he odioso, e fastioso a toda pessoa.* Nos Serm. de *Paiva*, P. 1. fol. 254 ℣.: *porque á verdade, de ninguem* homem *corre tanto risco, como de si.* Em *Souza*, *Vid. do Arceb.* L. 3. C. 3.: *grão trabalho, e custosa cousa he fazer* homem *o que deve* &c. &c.

(*a*) Vej. *Condillac*, *Gramm.* P. 2. C. 7., e *Grammaire Génér. & raison.* P. 2. C. 19., e se conhecerá melhor, quão errada idéa tinha deste vocabulo hum Diccionario nosso, aonde vem definido assim: "*On he hum pronome, que faz os verbos passivos.*"

2.° Ainda hoje nós exprimimos a cada passo do mesmo modo, principalmente no estilo familiar, accrescentando a *homem* o adjectivo articular *hum*. V. gr. *não póde* hum homem *ser justo*, *sem se expôr á perseguição dos máos* — *não sabe* hum homem *quando lhe vem as infelicidades pela porta* — *convem que o amigo seja muito experimentado para que* hum homem *lhe confie seguramente os seus maiores segredos*. E deste modo se podem traduzir algumas frases francezas, v. gr. *On peut être solitaire dans sa maison*; *póde* hum homem *viver solitario no meio da sua familia* — *Ce qu'on fait contre son gre, réussit toujours mal*; *sempre* hum homem *se sabe mal no que faz contra sua vontade* &c. &c.

3.° Tambem substituimos ao termo generico e indefinido *homem* o outro igualmente indefinido e generico *pessoa* com o mesmo adjectivo articular *huma*, e commummente só no estilo familiar. V. gr. nestas frases: *Le monde ne merite point* qu'on *s'en occupe*; o mundo não merece que *huma pessoa* empregue nelle os seus cuidados — On ne *peut encore compter sur rien*; ainda *huma pessoa* não póde dar o negocio por seguro &c.

4.° No estilo culto será talvez melhor usar do mesmo nome generico *homem* porém com o artigo simples *o*: v. gr. *il faut* qu'on *forme son caractère dans la solitude*; convem que *o homem* forme na solidão o seu caracter — *dans la solitude* on *soulage son coeur*; na solidão alivia *o homem* o seu coração — On *croit volontiers ce qu'*on *souhaite*; facilmente crê *o homem* o que deseja &c.

5.° Tambem se usa do articular *hum*, supprimindo o substantivo *homem*, que facilmente se subentende: V. gr.: *Plus* on *s'eloigne de soi-même*, *plus on s'ecar-*

te du bonheur; *quanto mais* hum *foge de si mesmo*, tanto mais se aparta da felicidade — *dans la solitude* on *peut tout ce qu'*on *veut*; na solidão póde *hum* tudo o que quer — *Là* on *jouit de mille plaisirs innocents*, alli goza *hum* (ou *hum homem*, ou *huma pessoa*, ou *o homem* &c.) de mil prazeres innocentes &c.

6.° Algumas vezes, principalmente no estilo familiar, empregamos, em lugar do substantivo *homem*, o outro substantivo igualmente generico *gente* com o artigo. V. gr.: *ce que* l'on *prodigue*, on l'*ôte à son héritier* : *ce que* l'on *epargne sordidement*, on *se l'ôte à soi-même*. O que *a gente* desperdiça, tira-o aos seus herdeiros: o que poupa sordidamente, tira-o a si mesmo — L'on *ne sauroit s'empêcher de voir dans certaines familles ce* qu'on *appelle les caprices du hasard*, *ou les jeux de la fortune*; não póde *a gente* deixar de notar em certas familias o que chamão caprichos do acaso, ou jogos de fortuna — &c.

7.° Outras vezes usamos dos adjectivos articulares *alguem*, *cada hum*, *quemquer*, *qualquer*, sem substantivo expresso, ou ajuntando a *qualquer* o substantivo *pessoa*. V. gr.: *Si l'*on *m'oppose que c'est la pratique de tout l'Occident*; se *alguem* me oppozer, que esta he a pratica &c. — On *en croira tout ce* qu'on *voudra*; *mais je pense* &c.; *cada hum* fará a este respeito o juizo que quizer; mas eu penso &c.; ou : creia *cada hum* o que quizer; mas eu &c. — *Quoi* qu'on *en dise*: *il est une sympathie secrete, qui unit les coeurs*; diga *cada hum* o que quizer: ha huma sympathia occulta, que une os corações — *A' son air marcial*, on *le reconnoit aisément*; ao seu gesto guerreiro *quem quer* (ou *qualquer pessoa*) o reconhecia facilmente &c.

8.° Outras vezes, em lugar do substantivo *homem*,

usamos do adjectivo collectivo *todos*, (sc. *todos os homens*), e sendo a proposição negativa, do adjectivo *ninguem* (sc. *nenhum homem*). V. gr. nestas frases: *il l'a dit, et on s'en souvient*; elle o disse, e *todos* se lembrão disso — *il voudrait briller, et on se moque de lui*; elle quer brilhar, e *todos* zombão delle. — On *ne sera jamais grand, que par sa grandeur personelle*; *ninguem* jámais será grande, se não pela sua grandeza pessoal — L'on *n'ecrit, que pour être entendu*; *ninguem* escreve, se não para ser entendido. &c.

9.° Tambem se usa, em muitos casos, pôr o verbo absolutamente no plural, e na terceira pessoa, concordando com o substantivo occulto *homens* tomado em geral, ou em particular com aquelles *homens*, ou *pessoas*, de quem se falla; ou finalmente na primeira pessoa, referindo-se a *nós os homens*, ou a nós que *fallamos*, ou *escrevemos*, ou *lemos*, ou *ouvimos*. V. gr. nestas frases: On *dit que*; *dizem* que, &c. — On *dira que*; *dirão* que &c. — *Je ne crois, que cêtte étude soit aussi illusoire, aussi dangereuse qu'*on *le dit*; não creio que este estudo seja tão illusorio, tão perigoso, *como dizem* — On *ne s'en tent pas là*: on *m'interdit toute société*; não se *limitárão* a isto; ou, não se *contentárão* com isto; ou, não *parárão* aqui (sc. *as pessoas*, que me perseguião, e de que já se tem fallado, ou que se entendem pelo contexto): *prohibírão-me* toda a sociedade &c. — *La fête des tabernacles étoit, comme* on *a déjá vu, une memoire* &c.; a festa dos tabernaculos era, *como já vimos*, (sc. nós, o que escreve ou falla, e os que ouvem, ou lêm) *huma memoria* &c. — On *a raconté quelle fut la funeste suite de son entreprise*; *temos referido* qual foi a funesta consequen-

cia da sua empreza; ou *ja deixamos dito* (sc. *nós o escriptor*) &c. &c.

10.° A's vezes apassiva-se o verbo, ou usando dos auxiliares *ser*, e *estar*, com os participios passivos; ou ajuntando o caso *se* aos sujeitos da terceira pessoa, que não podem empregar a acção em si mesmos. V. gr.: On le *confirma trois fois de suite dans cêtte dignité*; tres vezes a fio *foi confirmado* nesta dignidade — On *assemblea les E'tats*; *forão celebradas*, ou *celebrárão-se* as Cortes — On connoit *les suites deplorables*; *são conhecidas*, ou *são bem sabidas as consequencias* &c. — *Tout prospére dans une monarchie, où* l'on confond *les interets de l'Etat avec ceux du Prince*; tudo prospéra n'huma Monarquia, em que os interesses do Estado *se confundem* com os do Principe &c.

11.° Finalmente outras vezes se dá differente construcção á frase; mas tal, que analysada vem a coincidir no mesmo sentido: v. gr. *Il nagea si loin*, qu'on eut *de la peine à le sauver*; nadou tanto ao largo, que *custou muito* (sc. *á gente*) a salvalo — On *touchoit à l'époche de cette solemnité*: on en *profita*; *era chegada* a epocha desta solemnidade: *aproveitárão-se* della — *Les uns prêterent le serment exigé*; *les autres le refusèrent*: ou devoit *s'attendre a cette division*; huns derão o juramento que se exigia; outros o recusárão: esta divisão *era de esperar*; ou *devia esperar-se* esta divisão — On sent *que nous voulons parler ici de* &c.: *já se vê*, que queremos fallar aqui de.... &c.; ou *já o Leitor conhece*, que he nossa intenção fallar aqui de .... &c.

IV.

Abuso dos Verbos auxiliares.

Tem os francezes, bem como nós os portuguezes, verbos auxiliares, com cujo soccorro formão algumas vozes dos verbos activos, e todas as dos passivos, v. gr. *J'ai aimé*, *je suis aimé*, *être aimé*; *eu tenho amado*, *eu sou amado*, *ser amado* &c., as quaes são formadas do adjectivo *amado*, *aimé*, e dos auxiliares *être*, *avoir*; *ser*, *ter* &c. Porêm como o *systema dos tempos dos verbos* he differente em huma e outra lingua, tambem a correspondencia dos auxiliares não he exactamente igual em ambas; e daqui resultão muitos gallicismos, que se tem introduzido em portuguez, os quaes somente se pòdem evitar (em quanto não temos huma boa Grammatica portugueza) lendo assiduamente, e com muita reflexão os auctores classicos, e observando nelles os usos dos auxiliares, e as circunstancias em que os costumão empregar. Destes gallicismos daremos alguns exemplos para servirem de advertencia aos menos doutos.

Nesta frase: *eu lhe* tenho pedido *a sua palavra de ficar aqui até o fim de maio*, *o que ella me* tem promettido; as vozes *tenho pedido*, e *tem promettido*, constituem gallicismo, o qual se corrigiria, se dissessemos: *pedi-lhe* a sua palavra de ficar aqui . . . &c. o que ella me *prometteo*, ou *pedi-lhe* que me désse palavra . . . e ella mo prometteo. Por quanto se reflectirmos attentamente no uso portuguez, veremos que as vozes formadas pelo preterito *tem*, e pelo *supino* dos verbos, v. gr.: *eu tenho amado*, *eu tenho visto*, &c. não são em portuguez hum simples pre-

terito, mas sim hum *preterito com successão de tempo, e de actos muitas vezes repetidos.* Pelo que de huma pessoa, v. gr. que não está em casa, não dizemos *tem sahido*, mas simplesmente *sahio.* Da mesma sorte a esta pergunta: *a que hora ceaste hontem?* respondemos: *ceei ás dez horas*, e não: *tenho ceado.* Pelo contrario a estoutra pergunta: *quantas terras tens andado?* respondemos com acerto: *tenho andado muitas*, e em todas *tenho visto* cousas novas &c.

Outro exemplo: *eu vos certifico, minha querida amiga, que em oito mezes, que* tenho deixado *París, não* se tem passado *hum so dia, sem felicitar-me do partido que* tenho tomado. Quer dizer em bom portuguez: *certifico-vos, minha querida amiga, que ha oito mezes, que* deixei *París, não se* tem passado *hum so dia, em que me não dê o parabem da resolução que* tomei &c.

Devemos advertir neste lugar, que quando acabamos de fazer huma acção, v. gr. de *ler hum livro, de cear, de ver hum espectaculo* &c., e dizemos *tenho lido, tenho ceado, tenho visto* &c., estas expressões não são formadas do verbo *ter*, como *auxiliar*, e dos *supinos*, para supprir tempos compostos dos verbos *lêr*, *cear*, *ver* &c., mas sim do verbo *ter*, tomado na sua ordinaria significação, e dos adjectivos *lido*, *ceado*, *visto* &c., da mesma sorte que diriamos em latim, v. gr. a esta pergunta: *leste o livro, que hontem vos dei? — lectum habeo — tenho lido. Averiguaste o negocio, que vos recommendei? — exploratum habeo — tenho averiguado* &c. &c.

A' vista do que deixamos dito, não podemos julgar corrente este lugar de *Vieira* no Tom. 3. das *Cartas*, Cart. 56: *aqui não ha novidade mais que a do Governo, em que succedeo Antonio de Sousa de*

Menezes a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia se tem embarcado *mais pobre de fazenda, e mais rico de opinião, que muitos de seus antecessores*, aonde parece que deveria dizer: *que no mesmo dia se embarcou* &c.

Tambem se erra, ao nosso parecer, quando se diz, v. gr. *hum dos mais vastos designios, que* teve *homem algum jamais* concebido. *Logo que elle* teve percebido, &c.; porque em bom portuguez não usamos de semelhantes fórmas auxiliares, e dizemos: *hum dos mais vastos designios que homem algum jamais concebeo*, ou *tem concebido.* Logo que elle *percebeo*, &c. Salvo quando o verbo *ter* não he meramente *auxiliar*, e se toma na sua natural significação, como ja acima dissemos, e parece entender-se no lugar de *Barros*, Dec. 1. L. 10. Cap. 2., aonde diz: *Pero da Nhaya, sem saber o que entre elles passava, como* teve elegido *o lugar para a fortaleza* &c. &c.

Ha tambem em francez alguns verbos, que podemos chamar *auxiliares*, os quaes não são usados como taes no idioma portuguez, e por isso se devem traduzir por outros de significação equivalente. V. gr. nestas frases: *a virtude* não saberia *ser timida ao pé do throno dos Reis — este sacrificio* não saberia *ser custoso aos corações, que amão a paz*; o verbo *saberia* constitue hum verdadeiro gallicismo, por ser contra o uso da nossa lingua. Diremos pois em portuguez corrente: a virtude *não deve* ser timida, ou *não póde* ser timida &c.; este sacrificio *não deve* ser custoso &c.

Da mesma sorte nestas frases: *nous aimons à croire — nous sommes heureux de pouvoir annoncer* &c. — não se devem traduzir litteralmente os verbos *amamos*, *somos felices*, &c.; mas diremos em estilo

portuguez: *folgamos*, *comprazemo-nos*, *fazemos gosto*, ou *temos prazer em persuadir-nos*, &c. — *temos a dita*, *temos o gosto*, *a satisfação de poder annunciar*, ou *estimamos muito*, ou *folgamos de poder annunciar* &c.

Ha finalmente em portuguez huma particular elegancia, que muitas vezes se despreza na traducção, e que não parece alheia deste lugar; e consiste em exprimirmos por huma voz auxiliar o *estado actual*, ou o *effeito progressivo e contínuo* da acção significada pelo verbo, v. gr. *eu estava lendo*; *estou escrevendo*; *andei passeando*; *hia-se definhando*; *vai escurecendo*; *vai-se arruinando* &c. &c. A qual elegancia não so dá graça á frase, mas tambem as mais das vezes exprime o pensamento com particular força e energia. Por onde deveremos empregala nas seguintes frases, e outras semelhantes:

Dans tout pays, *qui se* dépeuple, *l'Etat tend à sa ruine*; em todo o paiz, que *se vai despovoando*, tende o Estado á sua ruina.

Les batiments tomboient *en ruine*; os edificios *hião-se arruinando*.

Elle vit paroitre un homme, *qui* se promenoit *autour de la maison*; ella vio apparecer hum homem, que *andava passeando* á roda da casa.

Il languissoit *dans la misére*; elle *hia-se definhando*; *hia desfalecendo* na miseria; *hia-se extenuando* de miseria.

La conversation languit; *vai esfriando* a conversação, &c. &c.

V.

Abuso de outras frases, e modos de fallar.

1.° He mui frequente em francez exprimir-se por huma proposição positiva a consequencia negativa, que se quer deduzir, como effeito de alguma causa. O portuguez não póde *regularmente* imitar esta syntaxe, sem commetter gallicismo, e sem fazer muitas vezes ambiguo o sentido, e até contrario ao que se quer enunciar. Convem pois não traduzir semelhantes frases ao pé da letra; mas exprimir o pensamento em portuguez corrente e intelligivel. V. gr. nestas frases:

O poder e a sabedoria de Deos brilhão de huma maneira mui evidente para poderem *ser desconhecidos*; deve traduzir-se: *brilhão com tanta evidencia, que não podem ser desconhecidos.*

As nossas leis são bem conhecidas, para que *se faça necessario entrar em novas explicações*, i. e. *são tão conhecidas, que não he necessario entrar* &c.: ou *são tão conhecidas, que não precisão de novas explicações*: ou *são tão conhecidas, que não julgamos necessario*, &c.

O seu crime parece-lhe demasiadamente grande para merecer *perdão*, i. e. *parece-lhe tamanho*, ou *tão excessivamente grande, que não merece perdão*: &c.

2.° Ha na lingua franceza certas proposições, que tem apparencia de *universaes negativas*; mas que em realidade somente significão, que o attributo não convem a todos os individuos da classe, ainda que convenha, ou possa convir a alguns delles. Estas proposições exprimem-se de differente modo em francez

e em portuguez, e cumpre que se tenha presente a sua particular construcção em ambas as linguas, para não cahirmos em erros grosseiros, nem darmos á frase hum sentido falso, ou obscuro. Assim, v. gr. traduziremos as seguintes frases:

Tous les étrangers ne sont pas barbares: et tous nos compatriotes ne son pas civilisés — *Nem todos os estrangeiros* são *barbaros*; *nem todos os nossos compatriotas* são civilisados.

Toute terre ne porte pas toutes choses — *Nem todas as terras* dão tudo, ou são para tudo. (Em latim: *non omnis fert omnia tellus.*)

Il est vrai que tous ne donnoient point dans ces excès affreux — He verdade que *nem todos* cahião nestes horriveis excessos.

Les annales d'aucun peuple ne présentent l'exemple d'une telle suite de prodiges. — Não ha povo algum, cujos annaes apprresentem huma tal serie de prodigios: &c. &c.

3.° He tambem frequente em francez usar-se da particula *plus* com a significação de *quanto mais*, no principio de certas frases, que constão de dois membros, e exprimem a proporção de dois objectos entre si. Por se não attender a esta significação, he errada a construcção das seguintes frases:

Mais *eu examinava*, mais *minha admiração crescia.*

Mais *o orgulho cuida avisinhar-se ao seu fim*; mais *elle com effeito se afasta.*

Mais *Vossa Alteza se acostumará a seguir as grandes cousas*, mais *admiração lhe causarão estes conselhos da Providencia.* As quaes se devião traduzir assim:

Quanto mais eu examinava, *tanto mais* crescia a minha admiração.

Quanto mais cuida o orgulho avisinhar-se ao seu fim, *tanto mais* se afasta delle.

Quanto mais Vossa Alteza se acostumar a seguir as cousas grandes, *tanto maior admiração* lhe causaráõ estes conselhos da Providencia: &c. &c.

4.º Ha tambem em francez certas proposições, que podemos chamar *exclusivas*, nas quaes se affirma que huma cousa existiria, se se verificasse a exclusão de outra. Esta exclusão exprime-se em francez pela preposição *sans*, que nesses casos vale tanto como o portuguez *se não fosse*, *menos que*, ou *a menos que* &c. V. gr. « *J'aurois gagné mon procés* sans vous; *se vós não fosseis*, teria eu ganhado o meu processo, ou teria eu vencido a minha demanda. » He pois necessario que em portuguez se dê a estas frases o conveniente sentido, para se evitar o gallicismo, que notamos nas seguintes:

Sem o auxilio de Minerva, Ulysses perecia, i. e. *se não fosse* o auxilio de Minerva, *pereceria* Ulysses; ou Ulysses pereceria, *menos que* Minerva o não soccorresse: ou, *se Minerva não soccorresse* a' Ulysses, por certo que elle pereceria: &c.

Sem vós eu andaria exposto á inconstancia deste monstro, i. e. *se vós não fosseis*, andaria eu exposto, &c.

5.º As expressões francezas, em que entra o verbo *falloir*, v. gr. *il faut*, *il fallait*, *il fallut*, *il faudra*, *il ne faut*, *il ne faut que*, &c., nem sempre se devem traspassar da mesma maneira, e a ignorancia dos differentes significados, que lhe correspondem em portuguez, he origem de frequentes erros. Daremos alguns exemplos do modo, com que em differentes circunstancias se devem traduzir, para servirem de advertencia aos menos doutos.

Dans tout état il faut *une religion*: *il en* faut

une a tout homme; em todo o estado *he necessaria* huma religião: cada homem *deve tambem ter* a sua.

C'est aujourd'hui qu'il faut *signaler notre valeur*; hoje *cumpre* ostentarmos o nosso valor — hoje he que *devemos* distinguir-nos pelo nosso valor.

Nous sacrifierons pour eux notre repos, *notre liberté*, *notre sang même et notre vie*, s'il le faut; por elles sacrificaremos o nosso repouso, a nossa liberdade, e até, *se necessario for*, o nosso sangue e a nossa vida.

Les mysteres, s'il en faut *croire les anciens*, *etoient*, &c. Os mysterios, *se havemos* de dar credito aos antigos, erão, &c.

Néanmoins, il n'en faut *douter*, *il y aura toujours une intime union*: &c. Comtudo, *não o duvidemos*, haverá sempre huma intima união: &c.

C'etoit plus qu'il en falloit *pour flatter l'orgueil du pere*, *et de la mere d'Emilie*; era *mais que bastante* para lisongear, &c.

Il ne faut *juger des hommes comme d'un tableau*; não *se deve* julgar dos homens, como de hum painel; *cumpre* não ajuizar dos homens, &c.

Il ne falloit *pour cela qu'aider les progrès des connoissances*; *bastava* para isto auxiliar o progresso, &c. Para isto nada mais *se requeria*, ou nada mais *era necessario*, se não auxiliar &c.

Il ne faut *point supposer les hommes gratuitement criminels*; não *se devem* suppôr os homens gratuitamente criminosos — *Cumpre*, que não supponhamos os homens, &c.

6.º Repetem-se na oração franceza alguns vocabulos, cuja repetição em portuguez seria hum erro. Taes são, por ex.: 1.º as *terminações dos adverbios*. V. gr. Obra em tudo *prudentemente*, *e honradamente*, que em melhor portuguez diremos: obra em tudo

prudente, e honradamente: 2.° em alguns casos os *artigos*, ou os *adjectivos articulares*: v. gr. *o homem levado pelo interesse e a curiosidade*, i. e. *pelo interesse e curiosidade — Por seus discursos e* suas *acções, se concebião delle mui altas esperanças*, i. e. — *por seus discursos e acções*; ou *por seus discursos, e por suas acções* A este respetito não será inutil advertir, que achamos nos classicos portuguezes algumas frases, que nos parecem incorrectas, v. gr. na *Vid. do Arceb.* Liv. 4. C. 1. : *Esta alçada foi occasião de muito desgosto ao Arcebispo*, e muita despeza; aonde parece que se deveria dizer: *foi occasião de muito desgosto, e despeza ao Arcebispo*; ou, *foi occasião de muito desgosto, e de muita despeza.* Em Jacinth. Freir. *Vida de Castro* L. 2. §. 6.: *Começou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou ja por sua fortuna, ou sua industria*, i. e. *ou por sua fortuna, ou por sua industria*, &c. &c. 3.° o *que* depois de *mais*: v. gr. *não tereis mais que hum semblante, e que huma palavra*; i. e. *mais que hum semblante, e huma palavra* &c.

7.° Finalmente ha em francez muitos outros modos de fallar, em cuja traducção se commettem frequentes erros por ignorancia, ou inadverteneia. Como não escrevemos a Arte de traduzir o francez, apontaremos somente alguns exemplos, que sirvão de pôr em cautela os menos doutos.

Je crois bien; *je crois assez* — *Creio de boamente*; *facilmente creio*; ou, como ás vezes diz Vieira, *eu bem creio que* &c.

Fasse le Ciel que — *Permitta o Ceo que*; *Deos permitta que* &c.

Quelle est la disposition du moment *des esprits* — Qual he *ao presente* a disposição dos espiritos;

qual he *a actual* disposição; qual he a disposição *em que ao presente se achão* os espiritos &c.

J'eus beau prendre à temoin celui-là même .... il fut surd &c.; — *Em vão o tomei por testemunha* a elle mesmo: elle se fez surdo; ou, *por mais que o tomei a elle mesmo por testemunha, fez-se surdo ás minhas vozes* &c.

As frases francezas em que entrão os vocabulos *trait*, e *coup*, admittem differentes modos de traducção, que se devem ter presentes; v. gr.

Le sceau de sa reconciliation fut un trait *de liberalité* — O sello da sua reconciliação foi hum *lanço* de liberalidade; ou *huma acção* de liberalidade.

Des volumes nombreux suffiroient à peine pour narrer ce qui a trait *à cette partie de notre histoire* — Apenas bastarião numerosos volumes para narrar *o que diz respeito* a esta parte da nossa historia.

Toutes les découvertes, qu'elle fit .... furent des nouveaux traits, *qui déciderent son goût* &c. — Todos os descobrimentos que ella fez .... forão *novos motivos*, que determinárão o seu gosto &c. &c.

Faire un trait *d'ami* — fazer *huma acção* de amigo.

Faire un beau coup; un grand coup; un coup d'eclat — fazer *huma acção insigne*; *hum insigne feito*; *huma acção estremada* &c.

Tenir coup à l'etude — perseverar no estudo &c. &c.

VI.

Abuso na collocação dos vocabulos.

Seria necessario hum longo discurso para mostrarmos todas as differenças, que ha entre as duas linguas

portugueza e franceza, na collocação, e ordem dos vocabulos, e frases entre si: mas este assumpto, que aliàs mereceria ser tratado com alguma extensão, não cabe nos limites de hum simples *Glossario*. Bastará reflectirmos aqui em summa, que sem embargo de seguirem ambas estas linguas a ordem directa, e analytica das ideas; tem comtudo a portugueza muito maior liberdade para usar de transposições, sem fazer o discurso embaraçado, ou obscuro. Assim, v. gr. (como ja notou hum critico illustrado) o que Jacintho Freire escreve com elegancia: *não sepultárão comsigo aquelles valerosos Portuguezes toda a gloria das armas*; verte o francez com muito menos graça: *ces vaillants Portugais n'ont pas enseveli avec eux toute la gloire des armes*. E o que os francezes exprimem por esta frase: *ceux qui etoient convaincus d'avoir employé d'indignes voies pour parvenir au commandement, en etoient exclus pour toujours*; póde em muito bom portuguez traduzir-se por differentes modos, v. gr. *Os que erão convencidos de haverem empregado meios indignos para alcançar o commando, ficavão excluidos delle para sempre*; ou talvez melhor: *ficavão para sempre excluidos do commando*; ou, *ficavão para sempre reputados inhabeis para o commando os que erão convencidos de o haverem pretendido por meios indignos*. Semelhantemente este verso:

Je chante les combats, et cet'homme pieux,

que he a traducção do primeiro hemistichio da Eneida de Virgilio, e que em francez não admitte outra ordem de vocabulos, póde traspassar-se ao portuguez dizendo:

Eu canto as armas, e o Varão piedoso;

ou transpondo, como fez João Franco Barreto na Eneida portugueza:

As armas, e o Varão canto piedoso.

Por onde se vê que o escritor portuguez, tendo mais liberdade, que o francez, para inverter a ordem dos vocabulos, póde muitas vezes escolher a seu arbitrio o lugar, que cada hum delles deve occupar no discurso, a fim de que a expressão fique mais harmonica, e a imagem mais viva e animada.

Segundo este principio, que he verdadeiro, e generico, cumpre que os traductores portuguezes, adoptando a prudente liberdade que lhes offerece a sua lingua, procurem evitar a fastidiosa monotonia, que resultaria de huma traducção demasiadamente litteral, e o ar e geito afrancezado de que aliàs se reveste o discurso.

Estas expressões, por exemplo, que a cada passo encontramos nas nossas modernas traducções: *eu me lembro*; *eu vos certifico*; *eu lhe tenho pedido muitas vezes* &c.; podem, e muitas vezes devem inverter-se, dizendo, segundo o genio da lingua portugueza: *Lembro-me*; *certifico-vos*; *muitas vezes lhe tenho pedido*; ou, *tenho-lhe pedido muitas vezes*; ou, *tenho-lhe muitas vezes pedido*; ou, *pedido lhe tenho muitas vezes* &c.

Ha outras frases, em que não só he permittida, mas até (segundo o nosso parecer) muitas vezes necessaria a inversão. V. gr. nesta: « *Filippe, tendo mandado pedir aos Lacedemonios huma cousa injusta, lhe respondêrão: não.* » aonde o nome *Filippe* posto no principio da frase, como que requer hum verbo, que em realidade não apparece, ficando o sentido quasi suspenso, e o espirito do leitor embaraçado. Este defeito porêm se desvanecerá, se dissermos ao modo portuguez: *Tendo Filippe mandado pedir* &c. Da mesma sorte acontece em estoutra frase: *Os armazens das tormentas abrindo-se sahiráõ delles como em ondas*

os coriscos e raios, que em melhor portuguez pede esta construcção: *abrindo-se os armazens . . . sahirão delles* &c.

Os nossos melhores classicos não evitárão de todo este defeito. *Barros* na Dec. 4. L. 10. C. 7. principia assim: *As cousas de Diu estando no estado que contamos, o Capitão Antonio da Silveira suspeitando a vinda dos Rumes . . . mandou huma fusta* &c., devendo, ao nosso parecer, usar de transposição deste modo: *Estando as cousas de Diu no estado que contamos, o Capitão Antonio da Silveira, como suspeitasse a vinda dos Rumes, mandou* &c.

Na Dec. 2. L. 1. C. 5. diz tambem:
Havida esta victoria, e os Mouros postos debaixo do palmar, em modo de cerco, assombrava-se Lourenço de Brito ainda tanto com elles &c., que melhor se diria deste modo: *havida esta victoria, e postos os Mouros debaixo do palmar* &c.

Lobo, *Cort. na Ald. Dial.* 11., traz tambem este periodo: *Outro estudante do meu tempo, passando parte de huma noite de inverno em casa de hum amigo . . . . choveo tanta agoa, e cresceo com tanta furia o Mondego* &c.; aonde o leitor, esperando pelo verbo do sujeito *outro estudante*, acha-se por fim embaraçado na intelligencia da frase, e com esta especie de equivocação, quasi que se desgosta da leitura.

Nem se nos attribua a temeridade, ou presumpção tacharmos assim de defeituosos os nossos bons auctores. A ignorancia geral que então havia dos principios filosoficos da linguagem, os fazia cahir em muitos erros contrarios á *boa ligação das idéas*, que he a base fundamental de todos os preceitos relativos ao arranjamento dos vocabulos, e á organização interna

do discurso: concorrendo tambem para isto a demasiada, e ás vezes servil, imitação da construcção latina, procedida da errada opinião, naquelle tempo, e ainda hoje mui vulgar, de que a nossa lingua he filha della, e tem, como tal, o mesmo genio e indole.

Mas voltando ao nosso objecto: tem tambem as linguas seus particulares caprichos (por assim nos explicarmos) que o escritor polido e exacto deve respeitar: e por isso, ainda que da diversa posição dos vocabulos não resulte ambiguidade, nem má intelligencia da frase, convem todavia não alterar a fórma, que constantemente se tem adoptado para a exprimir. Por exemplo nas seguintes frases:

He desta sorte que o sabio se vinga.
He por isso que eu me resolvi.
He neste projecto que dais á luz a vossa obra.
Foi neste intuito, que o Legislador ordenou &c.

não se encontra ambiguidade ou escuridade alguma; e com tudo o estilo portuguez demanda differente collocação de vocabulos, e exprime-se desta maneira:

Desta sorte he que o sabio se vinga; ou: *assim he que se vinga o sabio*; ou ainda mais simplesmente: *desta sorte se vinga o sabio.*
Por isso he que me resolvi.
Com este projecto he que dais á luz &c. &c.

Da mesma sorte nesta frase: » *Os principaes artigos de seu commercio são trigo, legumes* &c., *e cem embarcações se carregão todos os annos deste porto para Marselha* » ainda que não haja ambiguidade, seria comtudo muito melhor traduzir assim: *Os principaes artigos do seu commercio são trigo, legumes* &c., *e todos os annos se carregão cem embarcações* &c.

E em estoutras: «*Carteis afixados em todas as ruas erão dirigidos contra esta auctoridade* » Dir-

se-hia em melhor portuguez «*em todas as ruas se vião pasquins dirigidos contra*» &c.

Mais necessaria he ainda a inversão nesta frase: «*Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes do que carregar os povos de novos impostos, vendeo os moveis do palacio imperial*» cujo sentido he: «*Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes quiz vender os moveis do palacio, do que carregar os povos*» &c.; ou «*mais quiz vender*» ou *preferio vender*» &c.

Outras vezes, ainda que a collocação franceza não seja contraria ao estilo portuguez, podemos todavia variala na traducção, aproveitando-nos da liberdade da nossa lingua para fazermos o discurso ou mais corrente, ou mais elegante. Este periodo, v. gr.:

«*Todos aquelles bens, que se não adquirem senão por caminhos obliquos, são raramente de longa duração: o Ceo para punir, sem dúvida, os que os possuem, os faz desapparecer como hum fumo*» se traduziria melhor dizendo:

«*Raras vezes tem longa duração*.... ou, *raras vezes se logrão por muito tempo*.... ou, *he raro serem de longa duração*.... ou, *raramente são duraveis os bens, que se adquirem por tortuosos caminhos: o Ceo os faz desapparecer como fumo, sem dúvida para punir os que o possuem*: ou:

«*Raras vezes tem longa duração os bens, que somente se adquirem por caminhos tortuosos: o Ceo*» &c. &c.

Com mais razão se deve variar a collocação dos vocabulos, quando do contrario se segue alguma ambiguidade, obscuridade, ou embaraço na frase, como succede por exemplo, no seguinte periodo, que achamos traduzido do francez: «*Se vós fosseis lavrador*,

que esperarieis da bondade do Principe? — Que elle me segurasse o fructo do meu trabalho, e que me deixasse gozalo, dando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher » aonde a frase *pagando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher*, faz hum sentido não só ambiguo, senão tambem falso e absurdo, o que se evitaria, arranjando assim o periodo « *Que elle me assegurasse o fructo do meu trabalho, e mo deixasse gozar com meus filhos e mulher, pagando-lhe eu o seu tributo* » ou assim « *e que mo deixasse gozar a mim, a meus filhos, e a minha mulher, pagando-lhe eu* » &c. &c.

Não adiantaremos mais as nossas reflexões a este respeito; porque seria impossivel estabelecer regras fixas e invariaveis sobre hum assumpto, que depende quasi inteiramente das particulares circunstancias do discurso; e porque o pouco, que temos dito, basta para despertar a advertencia e reflexão dos traductores, e para os mover a corrigir os multiplicados gallicismos, de que estão cheias as nossas traducções modernas. Huma só cousa porêm tornamos a repetir, e não cessaremos de inculcar, e he que só a assidua lição dos classicos nacionaes, e o aturado estudo das suas obras, junto com o conhecimento dos principios filosoficos da Grammatica Universal, podem vir a libertar a lingua portugueza das fórmas esstrangeiras, que nella se tem introduzido, e restituila á sua nativa pureza e elegancia. Seja pois este o principal cuidado dos eruditos portuguezes, que amão a sua linguagem, e não se dirá mais por ella o que ja com galanteria disse hum escritor douto: « *Que pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte.* » *Lobo Cort. na Ald.* Dial. 1.°

GLOSSARIO

DE VOCABULOS PORTUGUEZES

DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE.

GLOSSARIO
DE
VOCABULOS PORTUGUEZES
DERIVADOS
DAS LINGUAS ORIENTAES
E AFRICANAS,
EXCEPTO A ARABE.

POR
D. FRANCISCO DE S. LUIZ,
BISPO RESERVATARIO DE COIMBRA, CONDE DE ARGANIL,
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, ETC.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1837.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DA SESSÃO DE 15 DE SETEMBRO DE 1835.

Determina a Academia Real das Sciencias, que seja impresso á sua custa, e debaixo do seu privilegio, o *Glossario de vocabulos Portuguezes derivados das linguas Orientaes e Africanas, excepto a Arabe*, que lhe foi apresentado pelo seu Socio D. Francisco de S. Luiz.

Joaquim José da Costa de Macedo,

SECRETARIO PERPETUO DA ACADEMIA.

PREFAÇÃO.

Os Portuguezes eruditos, que forem versados no estudo das Antiguidades da Hespanha; não podem ignorar, que entre os povos, que nos mais remotos tempos vierão ao nosso continente; e nelle se estabelecêrão, são numerados os *Iberos*, e os *Persas*, segundo o testemunho do illustre Romano M. Varrão, citado por Plinio, e seguido por muitos outros escriptores antigos e modernos.

Os Fenicios, he tambem indubitavel, que vierão ás Hespanhas, ou em consequencia das conquistas de Josué, e fugindo ao exterminio e devastação decretada por este famoso general, ou mais depois no tempo dos Reis de Tyro, quando esta cidade florecia no commercio, e havia extendido largamente as suas navegações, o que, segundo a Historia Santa, vem a referir-se aos tempos que decorrêrão des de

David e Salomão Reis de Jerusalem, até á destruição de Tyro pelo Monarcha de Babylonia. Estes povos commerciárão, habitárão, fundárão colonias, e tiverão dilatado dominio nas Hespanhas por alguns seculos, deixando em muitos lugares vestigios de suas instituições, usos, e costumes, e acaso os caracteres da escriptura, de que usárão os antigos habitantes da Hespanha meridional, e que ainda hoje se vêem nas medalhas, que se conservão d'aquelles tempos.

Aos Fenicios succedêrão os Carthaginezes, povos da mesma origem, e antiga colonia de Tyro, os quaes ampliando muito mais o seu dominio, se fizerão senhores de grande parte da Hespanha, e nella se conservárão por quasi tres seculos, até que forão totalmente expulsos pelos Romanos, duzentos annos antes da era vulgar christãa.

Os Hebreos, ou viessem ás nossas regiões logo depois das conquistas de Nabucodonosor na Fenicia, e Palestina, como parece verosimil; ou começassem a frequentar a Hespanha, depois que firmárão paz e alliança com os Romanos em tempo de Judas Macchabeo, e maiormente depois que Pompeo os sobjugou, e reduzio a provincia do imperio; ou em fim se acolhessem á Peninsula nas duas grandes dispersões de Tito e Hadriano, ou em outras que padecêrão: he certo, que habitárão, e se propagárão em grande numero por toda a Hespanha, como attestão os mais antigos monumentos, e escriptos, sagrados e profanos, e se collige do recenseamento que delles se fez

para á sua ultima expulsão da Hespanha no fim do sec. XV.

As cidades e povos da Hespanha meridional tiverão nesses antigos tempos, e ainda debaixo do dominio dos Romanos, grande e frequente communicação com a fronteira costa aquilonar de Africa, e especialmente com os lugares da Mauritania Tingitana, como nos consta de Estrabão, e de outros escriptores e geografos antigos.

Nos principios do sec. VIII. os Arabes, depois de terem concluido a conquista de toda a Africa septemtrional, e já estreitamente unidos com os Berbers, invadírão a Hespanha, e se assenhoreárão de grande parte della. A necessidade de conservar e defender esta importante conquista, e de povoar e cultivar as terras, desamparadas de muitos de seus donos e habitantes, fez que os Arabes convidassem para isso, e trouxessem numerosas colonias, tanto de Africa, como de diversos outros paizes orientaes. Então se estabelecêrão na Peninsula mais de cincoenta mil Judeos com mulheres e filhos. Então vierão da Syria muitas e mui distinctas familias. Os conquistadóres, para tambem evitarem discordias e brigas entre os soldados, distribuírão e derramárão por differentes cidades as suas numerosas legiões: a Cordova tocárão os Damascenos; a Sevilha e Niebla os Emessenos; a Medina-Sidonia e Algezira os Palestinos; a Murcia, Lisboa, e Beja os Egypcios, etc.

Nos tempos mais modernos bem sabidas são as nossas frequentes expedições a Africa,

e os descobrimentos, conquistas, e estabelecimentos que fizemos em toda a costa occidental e oriental desta parte do mundo; a communicação, trato, e commercio, que tivemos com os seus povos; e como logo depois extendemos a nossa navegação ás costas da Arabia, da Persia, e da India, e passando muito alêm do Ganges, chegamos até ás extremidades da China e do Japão, e ao immenso archipelago das Molucas, fundando cidades, levantando fortalezas, estabelecendo feitorias, e dominando em muitas partes d'aquelle vasto e remoto Oriente.

De todo este trato e communicação com tantos povos Africanos e Orientaes, antigos e modernos, continuado por largos seculos, dentro e fora da Peninsula, necessariamente havião de vir, e effectivamente vierão, aos idiomas das Hespanhas, e em particular ao Portuguez, muitos vocabulos, frases, fórmas, e idiotismos das linguas d'aquelles povos, assimcomo nos vierão usos, costumes, e praticas, que ainda entre nós se conservão.

Estes vestigios são os que nós intentamos recolher neste glossario, tamsómente com respeito ao idioma Portuguez, exceptuando comtudo deste nosso trabalho os vocabulos, que nos ficárão dos Arabes, visto achar-se já tratada esta parte das origens Portuguezas por penna mais habil que a nossa.

Não se deve esperar de nós hum glossario completo dos vocabulos Portuguezes derivados das linguas Africanas, e Orientaes. A empreza he nova na nossa litteratura; o obje-

cto he difficil; e a nossa instrucção e meios mui limitados. Nós mesmo confessamos ingenuamente, que reflectindo ás vezes na organisação (digamos assim) material e mecanica de muitos vocabulos da nossa lingua, e conjecturando com algum fundamento que serião trazidos de alguma d'aquellas origens, não podemos comtudo chegar a verificar a nossa conjectura para os darmos por taes.

Contêm-se pois tamsómente neste glossario aquelles vocabulos, que no decurso de nossas assiduas leituras se nos offerecêrão, e com bom fundamento julgamos derivados de origem Oriental ou Africana. Este trabalho, posto que diminuto e imperfeito, servirá de estimulo a outros, que com mais capacidade e mais copia de meios o possão corregir, augmentar, e aperfeiçoar. Com isso ficaremos satisfeito, e daremos por bem empregada a nossa diligencia.

GLOSSARIO

DE VOCABULOS PORTUGUEZES

DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE.

A

ABA: regaço; gremio; fraldas do vestido tomadas na cinctura, formando regaço. He o hebraico *hhabah* [חבה] acolher, proteger, dar abrigo, ou refugio, receber no regaço: donde *hhobah* [חובה] no dialecto chaldaico, seio, gremio, guarida, acolheita.

ABBADE: titulo que damos a alguns parochos, e a alguns prelados, donde derivamos *abbadia*, *abbacial*, *abbadessa*, e outros. Vem do hebraico *ab* (אב) *pai*. He vocabulo da linguagem ecclesiastica, conhecido e usado

nas Hespanhas, seculos antes da invasão dos Sarracenos.

ABAFAR: V. *Bafo*.

ACABAR: dar fim; chegar ao cabo; fazer fim; aperfeiçoar; levar ao cabo, etc. Póde derivar-se do hebr. *hhakab* [עקב], o que he ultimo, o que he final, o que he extremo, o que põe fim. Os Arabes tambem dizem *el-aqabe*, o fim.

AÇAMAR: ligar a boca, ou o focinho de alguns animaes; pôr-lhes huma especie de freio, ou cabrestilho, com que se lhes prende o focinho ou a boca. Vem da voz hebr. *hhasam* [חסם], enfrear, pôr cabresto, ligar a boca, etc. Deste vocabulo se serve o sagrado texto hebraico no Deuteronomio cap. XXV., v. 4, que a Vulgata verteo: *non ligabis os bovis terentis in area fruges tuas*, e que em Portuguez se diria com propriedade: *não açamarás o boi, que anda debulhando os teus pães na eira.*

ACEIFA: V. *Ceifa*.

ACHA: facho, archote, teia; lasca de lenha, que se corta do madeiro para o lume, e depois de acceso serve de facho. Vem do hebr. *esch*, ou *esch* [אש] fogo, lume, donde *ascha* [אשה] o que hade ser queimado, abrazado, e secundariamente sacrificio, holocausto.

ACHACAR: ou, como hoje talvez se diz, *asacar*: accusar a alguem dolosamente de crimes e maldades, ou de graves defeitos; imputar maliciosamente, e com mentira; levantar falsos testemunhos; calumniar. (V.

A

Moraes, v. *achacar*). He o proprio vocabulo hebraico *hhaschak* [עשק] que tambem significa impôr falsos crimes; injuriar com calumnia; (lat. *dolo, fraude, malis artibus aliquem defraudare, circumvenire, opprimere*). D'aqui vem *achaque*, defeito, vicio, séstro fisico ou moral.

Açoute: instrumento feito de varas, corrêas, ou cordas delgadas para açoutar; flagello; azorrague. Do hebr. *shot* [שוט], que significa propriamente *circumagitare*; donde *shotet* [שוטט] *flagellum, scutica*.

Adonai: he hum dos nomes, que se dão a Deos nas Escripturas santas do Antigo Testamento. Em Portuguez disse hum poeta: *Já do grande Adonai o nome cantas*, etc. He o proprio vocabulo hebr. *adonai* [אדני] *dominus meus*, de *adon*, ou *addon* [אדון] senhor, que a cada passo se acha traduzido nas versões gregas por κύριος, e nas latinas por *dominus*.

Afilar: examinar as balanças, pezos, e medidas; cotejalas com os padrões publicos; *aferilas*, como hoje mais vulgarmente se diz. Vem do hebr. *p'hilass* [פלס], que significa o mesmo: (lat. *trutinare, pensitare, librare, examinare*).

Alar: (ou antes *halar*) puxar acima; fazer subir; hir ao alto: assim dizemos, v. g. *alar* o barco contra a corrente; *alar* a bandeira ao alto do masto; o incendio, ou a labareda tomou *ala*, etc. Vem do hebr. *hhalah* [עלה] que nas suas differentes conjugações significa subir, ser levado ao alto; fazer subir,

puxar acima. No rio Douro chamão *alares* aquella porção de terreno em ambas as margens, por onde fazem caminho, e vão puxando, os que *alão*, ou dão *alà* aos barcos.

ALAQUE'CA: V. *Laquéca.*

ALBINO: Encontrão-se na costa de Guiné, nos Rios de Cuama, na nova Guiné ou terra dos Papuas, e em outras partes, alguns homens de côr esbranquiçada, cabello louro, ou quasi branco, olhos avermelhados como os dos coelhos, e que não soportão bem a claridade, etc. A estes homens, que tem differentes nomes em differentes terras, e a que alguns chamão *negros-brancos*, damos nós a denominação de *albinos.* (Veja-se Bluteau, no *Supplem.* v. *alvinhos*, aonde pensa que *alvinho* he a verdadeira orthografia, e pronunciação do vocabulo, e que por erro se diz *albino.* Mas o douto escriptor foi o que padeceo equivocação neste ponto. *Albino* he o verdadeiro nome que damos a estes homens, trazido do hebraico, ou oriental *helbin* [הלבין] fazer-se esbranquiçado, empallidecer, amarellecer, de *laban* [לבן] o que he esbranquiçado, pallido, tirante à livido, da côr da lua, etc. (em francês *bléme*, *blanchâtre*, *pâle*, etc.)

ALCACE'R: vocabulo usado no Alemtejo, aonde significa o mesmo, que outros chamão *farrejo*, isto he, o senteio, cevada, ou outras hervas, que se semeão, e segão em verde para os gados. He vocabulo, que nos ficou dos Arabes, como mostra o artigo: mas tambem o achamos no hebraico em *Katzar*

[קצר] segar, vindimar, ceifar; e *Katzir* [קציר] colheita, ceifa, e tempo della. (V. *Vestig. Arab.* v. *ceifar.*)

ALCOFA: V. *Coifa*: e *Vest. Arab.* v. *alcofa.*

ALDEA: pequena povoação, de poucos visinhos, no campo, fora das villas e cidades: voz arabe, mas de origem persiana. Vej. *Sousa*, nos *Vest. Arab.*, e *Vieira* (*).

ALFARA'S: cavallo ligeiro dos Mouros, segundo Moraes. Vej. *Vest. Arab.* v. *alfarás.* Este vocabulo, e alguns outros, de que havemos de fazer menção neste Glossario, vierão immediatamente do Arabe, como se vê pelo artigo *al*, de que são compostos. Comtudo pareceo-nos apontalos aqui, tanto para mostrar a grande affinidade dos dous idiomas hebraico, e arabico, como tambem para melhor intelligencia de suas respectivas significações. *Al-faras* he o hebr. *p'harash* [פרש], que significa *cavallo*, e *cavalleiro.* Vieira diz que he arabe, e persiano.

ALFIM: que outros dizem *alfil*, e *alfir*: nome que se dá a huma das peças do jogo do xadrês; que representa o elefante. He vocabulo originario da Persia, como o proprio jogo. Em arabe se diz *al-fil*, o elefante, do art. *al* e do oriental *p'hil* [פיל] elefante. O nosso idioma mudou o *l* final em *m*, assim como de *marfil* fez *marfim*, de *carmil*, *carmim*, etc.

(*) Sempre que neste Glossario citamos *Vieira*, deve entender-se do *Vieira Transtagano*, e da sua Obra etymologica, ed. de 1789.

ALFORGE: voz arabe, de origem persiana, V. *Vest. Arab.*, e *Vieira.*

ALGARVE: ou *Algarbe.* Este nome, que nos veio immediatamente dos Arabes, como indica o artigo, he originariamente o oriental *hharb* [ערב] que em differentes dialectos se escreve *hharb*, *warb*, *garb*, *hherb*, *hhereb*, e *heurop*, em latim, *nox*, *vespera*, *occasus*, *occidens*, *occidentalis.* Por onde os orientaes derão este nome 1.° á Arabia (*hharabh*), que era o paiz mais occidental que conhecião: 2.° em geral á *Europa*, depois que começárão a frequentala: 3.° mais em particular ás regiões occidentaes da Europa e da Africa: e d'aqui veio tomarem os nossos Reis o titulo de *Reis do Algarve*, quando senhoreárão o paiz occidental, a que os Arabes davão aquelle nome; e *dos Algarves*, quando extendêrão o seu dominio ás partes tambem occidentaes de Africa: titulo, que os Reis de Castella igualmente, e pela mesma razão, adoptárão. V. *Vestig. Arab.* v. *Algarve*, e *Almograbi*: e *Vieira*, v. *Algarve.* E aqui de passagem advertimos, que a significação de *terra plana*, *châa*, *campestre*, que alguns dos nossos escriptores derão ao vocabulo *algarve*, e que o douto Sousa diz que não podéra encontrar, se acha na lingua hebraica, segundo algumas versões, como se pode ver no *Lexic. Hebraic. de Guarin*, v. ערב.

ALGAZA'RA: clamor, vozeria, gritaria de muita gente junta. Em hebr. *hhatzarah* [עצרה], que mudada a aspiração forte em *g*, e acres-

centando o artigo arabe, diz *al-gatzara*, grande ajuntamento solemne de povo, rumor e vozeria que elle faz.

ALGERÓZ: cano principal do telhado, aonde se vão ajuntar as agoas da chuva. Em hebr. *hharotz* [ערוץ], mudada a gutural em *g*, acrescentando o artigo arabe, *al-garotz*, cano; córrego formado pelas agoas correntes da aluvião, etc.

ALGIBE: cisterna, poço; cano por onde correm as agoas, que nelle se ajuntão; córrego formado pela torrente: em castelhano *algibes*. He o hebr. *ghibim* [גבים] no numero plural, canos, que conduzem as agoas dos telhados ás cisternas; e em geral, canos, caleiros, córregos, poços: no singular *ghibeh* [גבא] cova, concavidade, poça, lagôa.

ALJOFAR: vocabulo persiano, ou arabe: *Sousa, Vest. Arab.*

ALLELUIA: he o proprio hebraico *halleluiah* [הללויה], usado na linguagem ecclesiastica, que diz o mesmo que o latim *laudate Dominum*, louvai ao Senhor; ou *laudate cum jubilo Dominum*, ou, como diz S. Jeronimo, *cantate laudem Domino*, cantai louvores ao Senhor: do verbo *hallel* [הלל], *laudare cum jubilo et laetitia*. Era entre os Hebreos cantico de alegria e louvor, que elles entoavão em suas festas e solemnidades. O vocabulo se ficou conservando em todas as linguas sem alteração alguma, e nós o usamos na linguagem vulgar, dizendo v. g. sabbado de *alleluia*; appareceo a *alleluia*; tempo das *alleluias*; e até a huma planta damos o nome de *alleluia*.

ALMISCAR: he de origem persiana. *Vest. Arab.*

ALVERCA: ou *alberca*: poça, cova, tanque, lagôa, em que se ajuntão as agoas que para ahi correm. Em hebr. *berqah* [ברכה] que significa o mesmo: (lat. *piscina*, *stagnum*, *receptaculum aquarum*). *Vest. Arab.* v. *Alverca.*

ALVICERAS: ou *alviçaras*: premio que se dá a quem nos traz, ou annuncia boas novas. Vem do hebr. *bisar* [בשר] d'onde *bisherah* [בשורה] bom annuncio, premio que se dá a quem o traz. V. *Vestig. Arab.* v. *alviçaras*, e neste Glossar. os vv. *avisar*, e *embaixador.*

AMA: mulher qne cria huma criança, e lhe dá de mamar; aia; criada que talvez governa a casa, etc. He vocabulo do diccionario da infancia, que se acha em muitas linguas; e em todas com significação identica, ou analoga. Em hebr. achamos *am* [אם] mãi, dona: *amah* [אמה] nutriz, aia, criada: *amam* [אמם] cidade mãi, metropole: *aman*, e *oman* [אמן, e אומן]. aio; amo, etc. (*Vest. Arab.* v. *Ama*).

AMA'S: (antiquado): pôr em *amás*, isto he, pôr em montão; pôr humas cousas sobre outras. He o proprio vocabulo hebraico *hhamas* [עמס] impôr pezo, carregar (lat. *onerare*, *gestandum imponere*, *colligare* etc.) V. *Elucidar.*

AMEIXA: fructa vulgar e bem conhecida: voz persiana, segundo Sousa, nos *Vest. Arab.* v. *ameixas.*

AMEN: formula puramente hebraica, com que terminamos as orações que fazemos a Deos, e alguns outros actos religiosos. Della usa-

mos talvez na linguagem vulgar, em sinal de approvação, ou confirmação do que se faz ou se diz; e do adulador, que tudo approva, tudo gaba, quando quer adular, dizemos que a tudo dá os *amens*. He o hebr. *amen* [אמן], do verb. *aman* [אמן], lat. *credere*, *confidere*, *certum habere*, etc. Algumas vezes he voz de *affirmar*, e significa o que he *verdadeiro*, *firme*, *fiel*, *constante*, etc. Outras vezes se toma em sentido desiderativo; exprimindo o desejo de que a cousa *assim seja*; *assim se faça*; *assim aconteça* (lat. *fiat*, *fiat*). Tambem não parecerá improprio notar aqui, que o vocabulo *amen* se applica algumas vezes na Escriptura S. a Jesu-Christo, como epitheto caracteristico, e antonomastico, chamando-lhe *o Amen*, isto he, *o Fiel*, *o Verdadeiro*. Assim, por exemplo, no *Apocalypse*, cap. 3. v. 14. » *Haec dicit Amen* [graec. ὁ Ἀμήν] *Testis fidelis*, *et verus* » que litteralmente se deverá traduzir « *Isto diz o Amen*, *Testemunha fiel*, *e verdadeira*, etc.

ANDOR: especie de andas, liteira, ou leito de madeira, que he levado aos hombros de homens. He o vocabulo persiano *andol*, ou *andul*. V. *Vest. Arab.*, e *Vieira*.

ANGARIA: termo mui usado nos documentos da media idade para significar certos serviços que os vassallos erão obrigados a prestar aos senhores. Traz a sua origem da antiga lingua dos Persas; segundo Herodoto, Suidas, e outros. Depois que os Persas se asenhoreárão do Oriente, passou este voca-

bulo (diz Grocio) aos Hebreos, e delles aos Gregos. Entre os antigos Gregos ἀγγαρεία significava quasi o mesmo que δουλεία, trabalho, ou serviço forçado, que se exigia de alguem; especie de *servidão*, etc. Parece que ao verbo *angariar* corresponde hoje entre nós o vocabulo *apenar*, obrigar, forçar alguem a hum serviço publico, a prestar para elle bestas, carros, etc. e poderemos entender por *angaria* todo o serviço publico, para o qual se apenava, ou apena gente a isso obrigada. Aquella frase do Evangelho » *angariaverunt hominem, nòmine Simonem* » que Pereira traduzio *constrangêrão*, *obrigárão*, se diria acaso com não menos propriedade *apenárão hum homem* » etc.

Anil: especie de massa bem conhecida dos tintureiros, composta do succo sêco e preparado de huma planta da India. He vocabulo persiano, e arabico. V. *Vest. Arab.*, e *Vieir.* v. *anil.*

Apique: dizemos v. g. que hum navio vai *apique*, quando vencido, e sosobrado do pezo ou da violencia das agoas, se vai ao fundo, e he comido pelo mar. Bluteau suppõe que neste sentido *pique* significa *fundo*, e que o vocabulo he composto do *a* inicial, e de *pique*, que com differentes significações (diz) se usa em portuguez. Nós conjecturamos que esta voz he tomada do hebraico *apik*, ou *ap'hik* [אפיק] que exprime propriamente grande força de agoas; profundeza de agoas; o fundo do mar; torrente impetuosa e arrebatada, que tudo arrasta diante de si, etc.

Neste sentido se toma no liv. 2. *dos Reis*, cap. 22. v. 16, e no liv. de *Job* cap. 6. v. 15.

ARAKA: aguaardente da Persia. V. *Rak.*

ARGÃA: assim escreve Moraes este vocabulo, e parece que não pôde dar-lhe huma significação bem determinada, posto que aponta o lugar das *Ordenações Affonsinas*, Liv. 1. tit. 65. § 5, aonde se lê » *levavam* (os Adaís) *suas viandas entrouxadas em argaans, e em taleigas* » etc. Este vocabulo he o proprio hebraico *arghaz* [ארגז], que significa pequena caixa, arca, cesta, (lat. *capsella*, *capsula*, *cista*, *arca*) ou outro semelhante traste, talvez tecido de vimes, ou de canas: por onde se vê qual he a sua significação no lugar citado, e que se deveria escrever *argaz*, e *argazes*, e não argãa, e argãas. Vej. o *Elucidar.* no *Supplem.* v. *argaans.*

ARMEZIM: tafetá ligeiro, que vinha de Bengala, e de lá trouxe o nome. (*Blut. Supplem.*)

AROEIRA: certa arvore ou arbusto. Os nossos escriptores mais antigos não forão bem concordes em designar a sua especie: comtudo segundo a opinião mais commum, e mais bem fundada, se julgava ser o *lentisco.* Vej. o *Itinerar. de Fr. Pantaleão*, cap. 49. *Bluteau*, v. *Lentisco*, e *Moraes* vv. *aroeira* e *lentisco.* Hoje está fóra de duvida que a *aroeira* he o *lentisco* (Brotero, *Flora Lusit.*). O vocabulo veio, sem duvida, do hebr. *hharohhar* [ערער], cuja significação tambem não he concordemente determinada pelos hebraistas, julgando huns que he a urze, outros o medronheiro, outros a tamarguei-

ra; outros o junipero, etc. O *lentisco* dá huma especie de resina, que se chama *masticha*, e mais vulgarmente entre nós, com fórma arabica, *al-mecega*, (em *Dioscorid.* μαστίχη: em castelhano, *al-mastica*). Tambem geralmente entre nós se crê, que os palitos do páo de aroeira tem a virtude de firmar as gengives: e isto confirma de algum modo a opinião de que a *aroeira* he o proprio *lentisco;* porque aos palitos do lentisco attribuião os Gregos, e Romanos a mesma virtude; e até dos que affectadamente trazião sempre o palito na boca, dizião, que andavão *roendo lentisco (lentiscum arrodere)*, e lhe chamavão *comedores de lentisco* σχινοτρῶγες.

ARRABI: ou *Arabi*: era huma especie de magistrado, que administrava justiça aos Judeos em suas Communas, quando erão tolerados em Portugal, e se região por suas leis com as restricções postas pelos nossos Princípes. Havia tambem hum *Arrabi-mór*, superior aos outros, e todos tinhão sello proprio, com que authenticavão os seus diplomas. V. *Rabbi*, e no *Elucid.* o v. *Arabi.*

ARE'CA: vocabulo Indiano, frequentissimo nos nossos escriptores da Asia. He o nome de huma fructa, tamanha como nozes ou ameixas, que os Indianos misturão com o *betle*, e assim o andão mascando. Os nossos derão o nome de *arequeira* á especie de palmeira, que produz este fructo, e chamárão *arecaes* os bosques, ou plantações destas arvores. V. *Betle.*

ARREFENS: que em antigos documentos se es-

creve talvez *arrafenes*, pessoa, ou pessoas, que se dão em penhor, caução, ou fiança do cumprimento de alguma promessa, ajuste, ou tratado. Os Gregos tambem dizem ἀῤῥαβων, e os Latinos *arrhabo*, com a mesma significação. A sua origem he o hebr. ou oriental *hharrabon* [ערבון] ou *hharabah*, penhor, caução, arrhas, etc.

ARROBE: o vinho mosto apurado ao fogo: he o persiano *robb*. *Vest. Arab.* e *Vieira*.

ARRÔZ: grão farinaceo bem conhecido entre nós. Os Gregos lhe chamavão ὀρύζα, e os Latinos *orysa*. Parece ser o mesmo, que em hebr. se chama *hharisha* [עריסה]. Theofrasto diz que era *semente estrangeira*, vinda em seu tempo, ou pouco antes, da India » *semen peregrinum*, *et non ita pridem ex India allatum.* »

ASANHAR: e *asanhado*. V. *Sanha*.

ASIR: lançar mão de alguem, ou de alguma cousa, prendendo-a, empolgando-a, agarrando-a fortemente, e segurando-a com firmeza: d'onde o adjectivo *asido*, preso, agarrado, etc. He o hebr. *asir*, na fórma *pahul* do verbo *asar* [אסר] prender, captivar, atar, ligar, e d'ahi *asir*, ou *asur* [אסור] preso, atado, ligado; e tambem vinculo, ligadura, nó, prisão.

ASSASSINO: voz persiana, segundo *Sousa*, *Vest. Arab.*; e arabe, segundo *Vieira Specim. secund.*

ASUCAR: ou antes *açucar*: sal vegetal, que se extrahe de varias plantas; mas dá-se este nome especialmente ao *asucar de canna*,

por ter sido o unico, que entre nós foi, por muito tempo, conhecido, e empregado nos usos domesticos. Não ha razão alguma para hirmos buscar a origem deste vocabulo ao francez *sucre*, ou ao italiano *zuchero*, ou ao latim *sacharum*, como lembrou a Moraes, na palavr. *assucar*. Os Europeos, que forão ás primeiras Cruzadas no fim do sec. 11, e principios do sec. 12, achárão em Tripoli esta canna, e a substancia, que della se extrahia, a que os habitantes chamavão *zucra*, e muitos crêem que até então era o *asucar* de canna desconhecido no occidente. Nós conjecturamos que os Arabes o terião já introduzido na Hespanha antes d'aquella época. Escolano, na *Hist. de Valencia*, diz que não havendo em Hespanha no tempo dos Godos *seda*, nem *asucar*, nem *arróz*, os Mouros, depois que nella entrárão, trouxerão cá estas sementes, *as quaes* (diz) *se cultivão hoje em Valencia com tanta utilidade, que affirmão importar cada huma destas cousas hum milhão cada anno.* Como quer que seja, *asucar* he manifestamente derivado do vocabulo *zucra*, usado na Syria, cuja origem he oriental, e segundo alguns, persiana, ou arabe (*Sousa*, v. *açucar*, e *Vieir.* v. *asucar*). Ainda muitos entre nós pronuncião *açucre*, e talvez *açùcra*, que mais se approximão da origem. O escriptor allemão, que em 1451 escreveo a viagem da Infanta D. Leonor, quando foi cazar com o Imperador Friderico III., falando da cidade de Coimbra, diz « ibi crescunt optima vina, et *zuccarum* in

« cannis » e em outro lugar, numerando as excellentes producções de Portugal, diz « mel *zuckarum* in pluribus locis in cannis crescit » etc.

Asusena: ou *açucena*: especie de lirio frequente nos nossos jardins. He derivado do hebr., ou oriental *susan* [שושן] lirio, que a cada passo se encontra nas Sagradas letras. O douto Malvenda diz « lilia, hispanice, voce arabica ab hebraea deflexa, *açucenas* vocamus. » V. *Cecém*.

Ataca: pequena tira de couro, panno, etc., ou cordão de linho, lãa, seda, etc. com que se ata, e prende alguma cousa, ou algum mólho de cousas. Parece derivado do hebr. *takahh* [טקע] pregar, ajuntar, unir, prender, ou tambem de *taqah* [תכה] ajuntar, asociar. V. *Vest. Arab.* v. *ataca*.

Atacar: *ataque*: accommetter, e accommettimento. *Vieira*, *Specim. quart.*, o deriva do persiano *tach-tan*, *impetum facere*, *irruere*, *persequi*, etc.

Atafal: *atafaes*: cinta larga, talvez franjada, que rodêa a anca da besta por baixo da cauda; especie de retranca. Do hebr. *khataph* [עתף] pôr em volta; volver em roda; cobrir envolvendo (lat. *circumvolvere*, *operire*, *circumplecti*), d'onde *mahhataphah*, cobertura, vestido que cobre em redondo, etc. V. *Sousa*, *Vest. Arab.*

Atafona: especie de moinho de mão; engenho de moer, movido por homens, ou por animaes. Vem do hebr. *tahhan* [טחן] moer, donde *tahhona* [טחנה] moedura, mudada a

aspiração forte em *f*, segundo o idiotismo portuguez. (V. *Vest. Arab.*)

ATAR: ligar, prender, ajuntar alguma, ou algumas cousas, cingindo-as com fita, corda, guita, ou outro genero de atilho, ou atadura. Parece ser o proprio vocabulo hebr. *atar* [אטר], que significa o mesmo que o lat. *obstringere*, *continere*, *claudere*, *praecludere*, *ligare*. Malvenda sobre o liv. dos *Juizes* cap. 3. v. 15. nota a semelhança dos dous vocabulos. e não desapprova a derivação. Vieira deriva *atar* do arabe *hata*, *cingere*, *circumdare*.

ATILADO: V. *Til.*

ATONDO: Este vocabulo, hoje antiquado, achase em alguns documentos antigos, e não tem sido uniformemente entendido pelos nossos doutos antiquarios. Veja-se o *Elucidar.* vv. *atondo*, e *atareça*, e o sabio Academico autor das *Dissert. Chronol. e Crit.*, no tom. 4. p. 2. pag. 112, aonde diz que atondo *significa arreios e armas.* Nós fizemos tambem a nossa conjectura sobre a verdadeira significação deste vocabulo, e julgavamos ter achado a sua origem no hebr. *athon*, e *athonoth* [אתון e אתנות] que vem no liv. do *Exod.* c. 13. v. 20, e no liv. dos *Juizes* c. 5. v. 10, com a significação de *asina* e *asinae*. Advertidos porêm pelo judicioso reparo, que fez a este nosso artigo o senhor Secretario perpetuo da Academia, temos ao presente por certo, e indubitavel, que *atondo* significa não só *arreios*, e *armas*, mas em geral quaesquer utensilios, accessorios, ou per-

tenças de alguma cousa principal; como por exemplo *as armas*, do soldado; *as armas* e *arreios*, do cavalleiro; os *instrumentos*, de hum officio; os *trastes* e *moveis miudos*, de huma caza, etc. Neste sentido se acha muitas vezes empregado o vocabulo *atondo* na versão hespanhola da Biblia, impressa em *Ferrara*.

Atum: peixe frequente nas nossas costas meridionaes, o qual em antigas medalhas de Cadiz se vê representado com inscripção em letras desconhecidas: pelo que temos por mui provavel, que este nome nos veio da lingua Fenicia ou Carthagineza. V. *Toninha*. *Mayans*, e *Vieira* o julgão derivado do arabe *tun*.

Auge: o ponto mais elevado, a mór altura, etc. *Sousa* e *Vieira* dizem que nos veio do arabe; mas que he de origem persiana.

Avania: dá-se este nome a qualquer genero de vexação, e oppressão, que as autoridades Turcas fazem aos Christãos, ou a outros de diversa religião que lhes estão sujeitos, com o fim de lhes extorquir dinheiro. O vocabulo vem do turquesco *avan*, e este do arabe *havan*, segundo *Vieira*.

Avéla: *avelar*: *avelado*: vocabulo asiatico. *Chamão avéla* (diz Lucena) *aos grãos do arróz, não cozidos, mas mal torrados ao fogo.* De *avéla* formamos nós provavelmente *avelar*, e *avelado*, com os quaes exprimimos o estado de alguns fructos, que tendo perdido a maior parte da sua humidade natural, ficão engelhados, e assim se conservão sãos.

Analogamente dizemos do homem e da mulher, que *avelhou*, que está *avelado*, quando se conserva em adiantada idade, com as rugas da velhice, mas com saude: e tambem da roupa molhada ou humida, que esteve algum tempo ao lume, ou ao sol, ou ao ar, mas que não se enxugou de todo, dizemos que ficou, ou está *avelada*. Todas estas significações tem analogia com a do vocabulo asiatico, e por isso nos parece que delle nos vierão os nossos.

AVIL: vocabulo antiquado, que segundo *Moraes*, quer dizer *máo*. Elle mesmo o julga derivado do saxonio *evil*, que tem a mesma significação, e com ella se acha no inglez *evill*, máo, malvado, malfeitor. Nós julgamos, que a sua verdadeira origem he o oriental, ou hebraico *evil*, ou *avil* [אויל], tolo, estulto, inepto, poltrão, covarde, homem sem animo, sem coração, em fim *homem vil*: da raiz desusada *aval* [אול] *deficere, descire*.

AVISO, *avisar*: fazer *aviso*, isto he, annunciar, noticiar, fazer saber alguma cousa, *avisar* della a alguem. Vem do hebr. *bisar* ou *bissar* [בשר] annunciar, denunciar, dar aviso, etc.

AKA: *palavra* (diz Moraes) *de que usamos para designar huma mulher indeterminadamente, como de fulão, ou fulana, para designar hum homem.* He o mesmissimo vocabulo hebr. *ascha*, ou *aischa* [אשה, ou אישה] nome generico da *femea* do homem, imposto ao tempo, em que ella foi formada por Deos (*Genes.* c. 2. v. 23), como fórma feminina de *ix*,

ou *aix* [איש] *varão*, donde foi derivado, com o só acrescentamento da terminação propria do genero. Os latinos quizerão imitar a expressão, graça, e energia do sagrado texto, traduzindo de *vir*, *virago*. Alguns nossos Portuguezes disserão „ esta será chamada *varóa*, porquanto he tomada de varão. „ Os Castelhanos dizem *hombre*, homem, e *hembra*, femea. O vocabulo *aixa*, pronunciado *ixa*, deo origem ao portuguez antiquado *iça*, com que se nomeava a moça mal procedida, amigada, concubina, ou *femea* de algum homem. Ainda hoje se diz (ao menos na provincia do Minho) do homem, ou mulher amancebada „ *fulano tem femea* „ *fulana he femea de fulano* „ aonde *femea* he a traducção de *iça*, ou do hebr. *aixa*. No idioma Germanico achamos o vocabulo *hax*, significando a mulher *saga*, *feiticeira*. Vej. *Sousa*, *Vest. Arab.* v. *ayxa*.

AZAGAIA : lança curta, arrojadiça, ferrada com puas de ferro, ou de osso, de que usão os cafres, e outros barbaros. He vocabulo africano.

AZEITE : *azeitona* : oleo, e fructo da oliveira. Nos *Vest. Arab.* vem estes vocabulos, como de origem arabe. Os Hebreos tambem dão o nome de *zait* [זית] á oliveira, e ao seu fructo.

AZOINAR : vocabulo mui usado na provincia do Minho (e não sei se nas outras) para exprimir o enfadamento de quem ouve hum falador importuno, que por muito tempo lhe tem estrugido, e fatigado os ouvidos com cousas

impertinentes, e desagradaveis, talvez com mexericos, etc. *Azoinou-me* (dizem) *os ouvidos; azoinou-me a cabeça*, etc. Parece derivado do hebr. *hozen* [און] *orelha*, *ouvido*, donde *hhazinu* [האזינו] *ouvir*, *escutar*, *dar orelhas*. Deste vocabulo deriva *Vieira* o latim *asinus*. V. *Specim. primum*.

Azul: voz de origem persiana. *Vest. Arab.*, e *Vieira*.

B

Bacha': ou *baxá*: diz *Volney*, na *Viag. da Syria*, que he vocabulo turquesco, composto dos dous persianos *pa*, e *schah*, que significão litteralmente *vice-Rei*. Outros o derivão de *basch*, ou *bax*, cabeça, por serem os *bachás*, cabeças de provincia, isto he, governadores de provincia, prefeitos, etc.

Bacorinhos: figos *bacorinhos* chama o povo da provincia do Minho aos que vem primeiro, aos que são mais temporãos, e pequenos. Parece ser o vocabulo, a que se refere Malvenda (ao cap. 24 de *Jerem.* v. 2) dizendo, que nas linguas Valenciana e Arabe se chamão *bacoras*, ou com o art. arab. *al-bacoras*, os figos temporãos, e que esta palavra tem analogia com o hebr. *baqoroth* [בכורות] »Vox *baqoroth* (diz o escriptor) convenit cum nostra valentina, seu arabica *bacoras*, vel,

praeposito articulo arabico, *al-bacoras*, qua ficus praecoces, seu grossos appellamus; Castellani, *brevas.* » A voz hebr. he *baqor*, [בכור] o que nasceo primeiro, o primogenito, donde *baqorim* [בכורים] *primicias*, etc.

BA'CORO: pôrco pequeno, mas já apartado da mãi. Póde derivar-se do hebr. *baqor*, de que acabamos de falar, ou de *bachhur* [בחור] o que he novo, de pouca idade, e tambem selecto, escolhido, etc. do verb. *bacchar* [בחר] escolher.

BAFO: *abafar*: Bluteau deriva estes vocabulos do hebraico *bahar*, arder, querendo provavelmente entender o verbo *bahhar* [בער] accender, queimar, arder, inflammar-se, ou *bahhah* [בעה] ferver, trocada a aspiração forte do *hhain* hebraico pelo nosso *f*, como em muitos outros vocabulos acontece.

BAGADAS: este vocabulo, que não vem em Bluteau, nem no Diccion. de Moraes, he frequente na linguagem popular da provincia do Minho, aonde se diz, v. g. « cahião-lhe as lagrimas *ás bagadas* » corrião-lhe ás *bagadas* pela cara abaixo » etc., entendendo por *bagadas* grossas e grandes lagrimas, lagrimas copiosas. Parece derivado do hebr. *baqah* [בכה], lagrimas, chôro que corre em fio, do verbo *baqah* [בכה] chorar, derramar lagrimas (lat. *flere*, *deplorare*, *lugere*, *illacrimari*).

BAGAXA: mulher, ou rapaz que se prostitue. He vocabulo que tomamos (ao que parece) immediatamente do italiano, mas originario

da Persia, aonde *bagká* significa meretriz, segundo *Vieira.*

BAHAR: certo pezo usado na India, donde nos veio o vocabulo. Barros diz que equival a 4 quintaes; Goes, a 3 quintaes, 3 arrob. e 18 arrateis; Duarte Barbosa a 4 *quintaes do pezo velho de Portugal, pelo qual se vendia então em Lisboa toda a especiaria.* E como este escriptor diz tambem, que 8 quintaes velhos fazião 7 novos de 128 arrat. de 16 onças, bem se vê que o *bahar* equivalia a 3 quintaes e meio do *pezo novo* de Portugal.

BAJU': camiza da India: vestido de mulher, que não desce abaixo da cinctura « ás vezes (diz *Castanheda*) se vestem de humas roupas curtas, *que chamão bajús*, de seda, ou broeado, e de grãa com muita pedraria » etc. *Goes* tambem diz que *bajú* he como *roupeta curta.* Na provincia do Minho era mui usado o *bajú*, roupa curta que vestião as mulheres, e lhe chegava até á cinctura com pequenas abas. Hoje lhe chamão *roupinhas.* O vocabulo he Indiano.

BALÃO: embarcação como bargantim, subtil, e comprida, muito obediente ao remo. Termo da India.

BALDROCA: vocabulo usado com frequencia entre nós nesta frase popular « *fazer trocas e baldrocas* », pela qual exprimimos trocas, ou contractos fraudulentos, em que ha engano, dolo, trapaça, etc. D. Francisco Manoel nas suas *Obras metricas* diz:

„Tal mudança vai, tal troca,
„Se o tempo tange o pandeiro
„O mundo todo he *baldroca*.

isto he, todo he fraude, mentira, trapaça, embuste, etc. Na lingua persiana *drog* quer dizer *mentira*, e nos idiomas germanico, e belgico achamos *betrug*, *bedrog*, *bedrok*, e *bedroogen* significando *engano fraudulento*: pelo que pode presumir-se que dos povos do Norte nos viria este vocabulo, o qual originariamente he persiano.

BAMBU: canna da India, que se cria nos matos, a que os nossos chamão *bambuaes*. Vocabulo indiano.

BANDA: especie de fita, liga, ou faxa, que pende de hum hombro para o lado opposto, formando huma como diagonal, que divide o tronco do corpo em duas partes. He o persiano *band*, fita, faxa, liga, etc. D'aqui vem *venda*, fita que cobre os olhos, atada em roda da cabeça; e *banda*, na linguagem heraldica, linha ou fita, que divide diagonalmente o escudo, descendo da parte superior da direita para a inferior da esquerda. Em germanico *band*, e *binde* tem a mesma significação.

BANDEL: termo da Asia: bairro ou arruamento, em que habitão as pessoas de huma nação estrangeira, tolerada, talvez com magistrado e governo seu proprio: á maneira dos bairros, ou arruamentos que nós chamavamos *judiarias*, e *mourarias*, aonde habita-

vão Judeos e Mouros com separação dos naturaes.

BANZA: instrumento musico de cordas, que se encosta ao peito para se tocar, como a viola, a cythara, etc. Vocabulo africano da lingua anbunda.

BANZAR: he outro termo da lingua anbunda, e diz o mesmo que *pasmar de pena e magoa* pela consideração de algum mal mui grave que se teme.

BARREGANA: tecido de lãa bem conhecido entre nós. He vocabulo persiano. *Vest. Arab.*

BARZABU': ou *brazabú:* vocabulo de que usa a plebe nas suas imprecações, ou pragas. *Vai-te* (dizem) *com barzabú* » *Que te leve barzabú* » etc. He voz corrompida do hebr. *baal-zebub* [בעל־זבוב], nome de huma falsa e abominavel divindade, adorada pelos Accaronitas, de que se faz frequente menção na Escript. S., e a que Jesu-Christo deo a denominação de *principe dos demonios.* Matth. c. 12. vv. 24, 26.

BATUQUE: dança, ou baile, de que usão as duas nações congueza, e bunda, e a que ambas dão o mesmo nome.

BAZAR: vocabulo da Persia, que significa praça, lugar da feira, ou mercado. V. *Vest. Arab.* e *Vieira.*

BAZAR: pedra contra veneno, que se acha no ventre de alguns animaes, e a que muitos dos nossos escriptores derão o nome de *bezoar*, e *bazoar*, formando d'ahi *bezoartico*, etc. O seu verdadeiro nome he *pazar*, como já advertio Fr. Gaspar de S. Bernardino,

no seu *Itinerario.* He voz persiana, composta de *pa* contra, e *zaar*, veneno, porque nas gazellas da Persia he que se acha o melhor *bezoar*, ou *bazar.* (V. *Bluteau*, v. *Pedra-bazar*, e *Moraes*, v. *bazar*). Alguns naturalistas dão á gazella, em cujo ventre se acha esta pedra, o nome de *gazella do bezoar (gazelle du bezoard)*, e tambem notão que os orientaes lhe chamão *pazan.* V. *Sousa*, *Vest. Arab.* v. *bezuar.*

BECHANO: em Moraes *bexano*, e *bichano*: termo plebeo e familiar, com que nomeamos, e chamamos o gato pequeno, e novo. *Bluteau* diz que he nome que se dá a hum homem muito pequeno, a hum rapazinho, e ao gato de hum anno. Este singular vocabulo he o proprio hebraico *ben-schaneh* [בן־שנה] que significa litteralmente *filius anni*, filho de hum anno, ou deste anno; o que he *de hum anno*, lat. *annotinus.*

BENGALA: vocabulo que usamos appellativamente para significar hum *bastão*, ou especie de *bordão*, que se traz na mão, ou por modo de ornato, ou para servir de arrimo, ou como symbolo de autoridade. E como muitos destes *bastões* são feitos de canna do reino de *Bengala*, lhe fomos dando o nome de *bengalas*, passando o nome proprio á significação de appellativo, como tambem fizemos com *damasco*, *cambraia*, *segovia*, etc. que sendo nomes de cidades, passárão a denominar tecidos, fazendas, ou fructos, que lá se fabricavão, ou de lá nos vinhão.

BERGAMOTA: certa especie de pêra conhecida,

de agradavel gosto. Diz *Bluteau*, que veio da Turquia, e que se lhe dá o nome de *berg'-armuth*, pêra de senhor. *Vieira* o deriva das vozes persianas *bek*, nobre, magnate, senhor, e *armod*, pêra, das quaes duas vozes (diz) consta o vocabulo turco *beg-armoudi*.

BETLE: que tambem achamos escrito *bethel*, *betele*, e *betere*. Hè termo do Malabar, frequentissimo nos nossos escriptores da Asia: nome de huma planta de gosto agradavel, e aromatico, cujas folhas os indianos trazem na boca, e andão mascando, preparadas de hum certo modo, talvez misturadas com canella, aréca, ou outras plantas, que lhe dão ainda melhor sabor, e são, como elles crêem, de utilidade para o estomago. « Ao betle dos Malavares (diz *Barros*) chamão os Guzarates e Decantiis *pam*; os Malayos *ciri*; e os Arabios *tambul*. »

BEZANTE: peça de moeda de ouro, que corria em outro tempo no imperio bysantino, de cuja capital *Bysancio* dizem que tomou o nome. Applicou-se depois, na linguagem heraldica, para significar a peça de ouro, ou de prata, redonda, que se põe nos quarteis do escudo, e he semelhante ás *arruelas*, senão que estas são de côres, e os *bezantes*, de metal.

BIZARRO: Vieira diz que vem, acaso, do persiano *bizarah*, magnanimo. A significação do nosso vocabulo não *desdiz*; porque tambem chamamos *bizarro* o homem magnifico, garboso, ostentoso, etc. V. *Vest. Arab.* v. *bizarria*.

BÔDA: que tambem se escreve e pronuncía *vôda*. Significa entre nós o banquete nupcial, que faz parte da festa domestica dos cazamentos. O *Elucid.* v. *bodivo* o suppõe derivado do hebr. *boddah*, que significa (diz) alegrar-se. *Vieira* o deriva do arabe *bodoo*, *connubium*; mas veja-se tambem nas *Addições* pag. 516.

BOFETÁ: lençaria de algodão, fina, e tapada, que nos vinha da Asia. De lá veio tambem o nome.

BOGIA: ou *bugia*: pequena véla de cera fina, com que nos alumiamos. Diz *Denina* (*Clef des langues*) que he universalmente derivado de *Bugia*, lugar de Africa, aonde se fabricavão as ditas vélas, e donde passárão á Europa com o seu nome.

BONZO: nome com que os Japonezes denominão os sacerdotes, e ministros do seu culto religioso.

BRAMANE: ou *bramene*, que outros escrevem *bracmane*, ou *bracmene*, e talvez *bragmane*: nome que se dá na India aos sacerdotes dos idolatras.

BUFAR: soprar, inchando as bochechas. Vem do persiano *puff*, *spiritus emissio*, *flatus*, segundo *Vieira*, *Specimen quartum*, pag. 329.

BUGIO: nome que se julga derivado de *Bugia*, lugar de Africa septemtrional (o mesmo de que falamos ha pouco no art. *bogia*) aonde se achavão muitos dos animaes, a que os latinos davão o nome de *simia*; pelo que veio a ser entre nós como denominação generica dos mesmos animaes, que chamamos *bugios*.

BUZIO: concha de certo marisco miudo, como os caurís da India, que serve de dinheiro em alguns reinos da costa de Africa, aonde os naturaes lhe chamão *bujiis*. Diz *Barros*, que no seu tempo valia hum quintal delles de tres até dés cruzados, segundo a maior, ou menor abundancia que delles havia.

C

CABAIA: roupa turquesca, decotada, fechada por diante, descendo até meia perna. Vocabulo da Asia. Hoje dá-se este nome a hum certo tecido de seda, alludindo, sem duvida, á materia de que erão feitas as cabaias, que se trazião vestidas.

CABALA I: especie de interpretação mystica e allegorica da Escript. S., usada pelos Judeos *Cabalistas*, fundada em tradição oral, e apoiada talvez na combinação de letras, e numeros. Veio-lhe o nome do hebr. *Kabalah*, ou *Kablah* [קבלה] que quer dizer doutrina recebida de ouvida; doutrina que passa de mão em mão, sem escriptura: do verb. *Kabal*, ou *Kabl*, receber. Deste verbo, que tambem se acha em arabe com a mesma significação de *receber*, conjectura *Vieira*, que virião *gabela*, e *al-cabala*. V. tambem *Vest. Arab.* nestes vocabulos.

CABALA II: conspiração de pessoas para algum máo fim, ou mais propriamente *pratica*

secreta de pessoas, que conspirão para fazer algum mal. He o vocabulo chaldaico *chhabalah* [חבלה] que diz o mesmo.

CABRE: corda grossa que serve de amarreta de navio. He o hebr. *chhable*, ou *chhebl* [חבלי ou חבל] que tambem significa *corda grossa nautica*. Em lingua belgica *Kabel* tem a mesma significação.

CAÇAR: termo nautico: *caçar as vélas* he recolhelas, tomalas, apanhalas. He o hebr. *Kasar* [קשר] ligar, atar, prender, apertar (lat. *stringere*, *arctare*, *coarctare*). A esta mesma origem se deve referir a outra significação mais vulgar, e de igual valor, que damos ao verbo *caçar*, por apanhar, tomar, prender aves, feras, e outros animaes na *caça*.

CACHA: ficção, dissimulação, ardil, engano, com que pretendemos encobrir o que temos no pensamento, ou na intenção. *Fazer cacha* he usar de dissimulação para enganar. *Fazer cacha* no jogo he fazer envide falso. Parece vir do hebr. *Kashah* [קשה] o que he intrincado, implexo, difficil de entender-se, de explicar-se, ou tambem de *chhasha* [חשה] calar, guardar silencio, que he outro modo de fazer *cacha*; ou finalmente de *qachhasch* [כחש] negação, mentira, fallacia.

CACIMBA: diz-se na lingua anbunda de certo tempo, em que cahem orvalhos continuados, de *quixibo*, orvalho. Nos nossos Diccionarios vem *cacimba*, cova, que se faz nas praias, e lenteiros para recolher a agoa, que reçuma: do anbundo *quichima*, poço.

CADO: medida hebr., usada tambem na Attica: em geral vaso grande de barro para guardar vinho. He o hebr. *cad* [כד], o grego κάδος, e o latim *cadus*.

CADILHOS: que talvez se acha escripto *guedilhos*. São os flocos, fios, ou tranças pendentes, que formão as franjas. V. *Guedelha*.

CADIMO: V. *Vest. Arab.*, aonde vem este vocabulo, como de origem arabica. Pode tambem derivar-se do hebr. *Kedem* [קדם] o que he antes; o que he primeiro; o que he do tempo passado: do verb. *Kadam* [קדם] antecipar-se, preceder, antevir, etc.

CAFARRO: que Temreiro escreve *gafar*: tributo que se paga entre os Arabes e os Turcos da Terra santa. (V. *Itiner.* de Fr. Pantaleão, cap. 60). He o hebraico *qap'har* [כפר], remir, pagar o preço da redempção: e na verdade com aquelle tributo se paga a liberdade da passagem, e talvez da pessoa, e das fazendas.

CAIRO: nome que se dá na India ás filassas, ou filamentos, que tem o côco entre a tez, e a casca dura interior, dos quaes se fazem cordas, amarras, etc. Parece que da India nos veio o vocabulo, que a cada passo se acha em Barros, Couto, e outros escriptores.

CALAÇA, ou *calaza*: termo, que se acha em documentos antigos, pelos quaes parece que significava huma certa porção de carne de pôrco, estabelecida como foro em escripturas de emphiteuse. Moraes o explica por *costella de pôrco*, ou *banda*: outros por *calu-*

ga, ou *pescoço* de pôrco. Nós o temos por derivado do hebr. *chhalatza* (desusado no singular), cujo plural dual *chhalatzaim* [חלצים] significa *lombos*: pelo que nos parece que *calaza*, ou huma porção della, quererá dizer hum *lombo*, ou parte delle. No Genes. cap. 35. v. 11. vem *chhalatzaim* significando *lombos* » *reges de lumbis tuis egredientur* », e em Isaias cap. 32. v. 11 » *accingite lumbos vestros* » etc. V. *Elucid.* v. *calaça*.

CALAIM: vocabulo da India: nome de hum estanho mais fino que o usual, de que se fazem colheres, salvas, e outras obras.

CALAR: não falar, ou cessar de falar: e tambem dizemos v. g. *calárão* os ventos, isto he, cessárão de soprar. Parece ter analogia com o hebr. *qallah* [כלה] *acabar*, *cessar*, *fazer cessar*, *desistir*.

CALLO (pão de): *Moraes* não traz este vocabulo. *Bluteau*, no *supplem.* diz que he pão mui amassado, e que cortado não mostra olhos. Nós o temos visto na provincia do Minho e em alguns lugares proximos da Galliza com o nome de *pão de callo*, feito de farinha fina, abiscoutado, e fabricado com perfeição, e com excellente gosto. O nome parece tomado do hebr. *chhallah* [חלה], especie de pão, bolo, torta, ou pastel, feito da flor da farinha.

CAN: que tambem se acha escripto *cam*, e ainda mais corruptamente *cão*, e que melhor se escreveria, e pronunciaria *Kan*. He vocab. oriental, e significa, segundo Diogo do Couto, o mesmo que *senhor*. Acha-se

acrescentado a muitos nomes proprios nas nossas historias da Asia. O mesmo Couto 4. 10. 1. se explica a respeito delle deste modo « E porque não recresça (diz) alguma duvida aos leitores, quando lerem *Hale-han*, *Abaga-han*, *Magu-han*, achando-os nomeados nos autores *Abaga-can*, *Magu-can*, e todos com este sobrenome de *can*; saberão, que este *han* he titulo antre os Tartaros, que quer dizer *senhor* .... e como a pronunciação, com que elles o nomeão, não cabe na nossa, porque o fazem na garganta, e com huma aspiração, que não se lhes entende mais que aquelle *an* (hhan), vierão a lhe chamar *can*, e ainda se corrompeo mais, porque vulgarmente lhe chamão *cão* » Veja-se tambem Barros, 4. 4. 16., aonde diz que he vocabulo tomado dos Tartaros; que entre os Guzarates e outros povos orientaes se dá como titulo pelos merecimentos da pessoa; e que denota entre elles huma dignidade, *como em Hespanha a de Duque*.

CANDIL: termo da Asia, que significa hum certo pezo, e tambem huma moeda corrente em Ormuz. (V. *Moraes*). *Sousa*, *Vest. Arab.* v. *candiz*, entende por este vocabulo *ceirões feitos de folhas de palmeira*, *cada hum dos quaes leva vinte alqueires*, e diz que he voz persiana.

CANJA: termo da Asia: arrôz cosido até fazer caldo grosso, ou papas (*Moraes*).

CAPA: he o persiano *capa*, que significa o mesmo que em Portuguez. (*Sousa*, *Vest. Arab.* v. *capa.*)

CARA: o rosto do homem e de alguns animaes. *Vieira* o deriva do persiano *char*, que he (diz elle) o mesmo que o arabe *ghar*, e significa *vultus*, *facies*, *forma*, *color vultus*.

CARAVANA: voz persiana. *Vest. Arab.*

CARAVANÇARA: voz tambem persiana. *Vest. Arab.*

CARE'CA: vocabulo que não vem em *Bluteau*, nem em *Moraes*, mas que se usa na linguagem plebêa, e chula para escarnecer e zombar de hum calvo, dizendo que tem *caréca*, que he hum *caréca*, etc. He o hebr. *karechhah* [קרחה] que significa propriamente a *calvice* na parte posterior da cabeça. Já os rapazes hebreos insultavão com este mesmo vocabulo ao Profeta Elizeo, chamando-lhe *caréca (ascende, calve.)* Liv. 4. dos Reis c. 2. v. 23. A plebe diz ás vezes *créca* por *caréca.*

CARIMBA: *carimbar*: são vocabulos muito modernamente introduzidos na nossa lingua, em papeis do governo, para significar a *marca publica*, que se punha, ou põe na moeda-papel, ou na metallica. He o vocabulo anbundo, ou angolense *quirimbu*, i. e. *marca*, donde formão as vozes verbaes *cutaquirimbu*, e *cubaca-quirimbu*, marcar. V. *Diccion. da ling. Bunda*, ou *Angolense*, etc. Lisboa 1804. 4.

CARMIM: côr vermelha, viva, como a da grãa, ou *carmezim*. He o hebr. *qarmil* [כרמיל], que alguns julgão ser vocabulo Tyrio, e quasi todos o interpretão por *coccinum*, ou *carmezinum*: purpura côr de carmezim. Em Portu-

guez mudamos o *l* final em *m*, como fizemos em *alfil*, *marfil*, etc.

CARNEIRO: nome de hum animal mui vulgar, que achamos já em documento do sec. 11. «*sex carneros*, *et sex tocinos de carne porcina.*» Alguns etymologistas o quizerão derivar de *carne*, fundados na semelhança material dos vocabulos. Nós dissemos em outra parte, que poderia acaso vir do grego κάρνος, a que Hesyquio dá a significação de *ovis*, e *pecus*. A origem porêm, que nos parece mais bem fundada, he do hebr. *korn*, ou *karn* [קרן] *corno*, *tuba cornea*, caracterizando o animal pela armadura que tem na fronte.

CASCA: *caseas*: damos este nome não só á cobertura externa dos troncos e ramos das arvores, arbustos e outras plantas, mas tambem á cobertura externa de muitos fructos e outras producções. Assim dizemos a *casca* das arvores, a *casca* da maçãa, da melancia, da laranja, etc. as *cascas* dos ovos, das nozes, das avelãas, dos alhos, das cebolas, etc. Parece-nos ser o proprio vocabulo hebr. *chhaschasch* [חשש] palha, retraço de palha, palhiço, folhelho, grança, etc. (lat. *palea*, *stramen*, *stipula*), ou outras semelhantes materias sêccas, em geral, *casculho* (lat. *quisquiliae*).

CASTA: parece vocabulo da India, aonde com elle se exprimem as differentes tribus, ou raças, em que estão distribuidos os povos, as quaes vivem como separadas, sem se misturarem por cazamentos, nem seguirem humas as profissões ou officios das outras, etc.

Couto, 4. 7. 14. nomêa entre as *castas* do Malabar os *nayres*, que são (diz) os principaes, destros nas armas: os *tibas*, que são lavradores, pescadores e mecanicos: e os *poleás*, que chama *a mais baixa relé*, e diz que comprehende os magarefes, lavandeiros, etc. Entre nós se applica mais vezes aos animaes; cavallo de bôa *casta*, cão de boa *casta*, isto he, de boa *raça*, etc.

CATANA: especie de espada, alfange, ou terçado. He de origem japoneza.

CATEL: V. *catle.*

CATINGA: vocabulo de Angola: máo cheiro da transpiração dos negros.

CATLE: *catel: catele:* e *catre.* Significa o leito, em que se faz a cama. He vocabulo que nos veio da India, cuja origem he o persiano *catel*, segundo *Sousa*, nos *Vest. Arab.*

CATUR: embarcação pequena: voz persiana. *Sousa*, *Vest. Arab.*

CECEM (cebola) lirio branco. Tem a mesma origem que *asusena.* V. *asusena.*

CEGAR: tapar, fechar entupindo; obstruir, v. g. hum poço, huma valla, huma cova, a barra de hum rio, etc. lançando-lhe terra, pedras, arêa, ou outra semelhante materia. He o vocabulo hebr. *sagar* [סגר], que significa exactamente o mesmo. Bluteau lembrou-se de o derivar do lat. *caecare*, perder a vista dos olhos, ou tirala a alguem; e julgou descobrir a analogia dos dous vocabulos, ou de suas significações no *entupimento*, ou *obstrucção* dos orgãos visuaes, que talvez he causa da cegueira. Nós temos esta derivação por

affectada, e até não muito conforme á noção, que o nosso vocabulo exprime.

CEIFA: *ceifar*: séga, e colheita dos pães, e outros fructos. Vem do hebr. *asaiph* [אסיף] colheita, em geral, *collectio, comportatio frugum in horrea (Guarin Lex. hebr.)* do verbo *asaph* [אסף] colher, recolher, ajuntar, congregar, etc. Era este o nome que os Hebreos davão á festa dos tabernaculos, que annualmente se celebrava depois da colheita, na lunação de Setembro.

CHA': arbusto proprio da China, e Japão, mui conhecido na Europa pelo nome, e pelas suas folhas, e infusão que dellas se faz, e toma. Em japonez, *tsdjaa.*

CHAÇÃO: *Moraes* autoriza este vocabulo citando hum lugar dos *Sermões de Feo*, que diz « *Caim tirou logo para a má chação, donde nascia* » e pode apontar-se outro do *Itinerario* de *Fr. Pantaleão*, aonde se lê « *porém o queijo pela maior parte he malissimo, sécco, e de má chação* » aonde parece que *chação* se toma por *casta, qualidade*, etc. O mesmo *Moraes* se lembra, que poderá este vocabulo vir do hebr. *chisonah* (e cita *Oleastro* sobre o cap. 8. do *Genesis*) ou do arabe *chazana*, esconder, exprimindo, ou significando o que esconde máos pensamentos a respeito de outrem. Nós não achamos no lugar citado de *Oleastro* o que *Moraes* lhe attribue: achamos porêm na lingua hebraica o vocabulo *chhazon* [חזון] com a significação de *visão, observação, aspecto*: e se d'aqui quizermos derivar *chação*, entenderemos v. g. por

homem, ou cousa de *má chação*, homem ou cousa de má apparencia, de máo aspecto, de má vista, etc. Tambem achamos em hebr. *chhezaion* [חזיון] visão, monstro, apparição, etc.

CHACOTA: dizer *chacotas* a alguem he dizer-lhe palavras de escarneo, de zombaria: fazer *chacota* de alguem, he escarnecer, zombar delle. He o hebr. *schichhoth* [שיחות] dicterios, dichotes, palavras mentirosas, vãas, ineptas. Tambem entre nós se diz *cantar chacotas*, isto he, cantigas de escarneo e zombaria; e houve antigamente huma *dança* com este nome.

CHALE: nome que damos a huns lenços grandes com que as mulheres cobrem os hombros e os peitos, etc. e servem de commodo e ornato. Parece vocab. da Asia. V. *Sousa*, *Vest. Arab.* v. *xales*.

CHAMAR: nomear, pôr nome, ou dar nome a alguma pessoa ou cousa: v. g. *chama-se* João; *chamavão-lhe* o pai dos pobres; esta arvore *chama-se* oliveira; aquella pedra *chama-se* diamante, etc. Vem do hebr. *sham* [שם] nome, ou do syriaco *shamah* [שמה] nomear, impôr nome. *Vest. Arab.* v. *chamar*.

CHAMIÇA: *chamiço:* he, segundo *Moraes*, especie de junco, com que talvez se cobrem palhoças; colmo; ramos, ou pontas delles. Na prov. do Minho toma-se hum e outro vocabulo por tudo o que serve de *acendalhas*, como carqueja, tojo, frança, mato miudo e sêcco, sarmentos, etc. Vem do hebr. *chhamitz* [חמיץ], farragem, mistura de hervas;

palha miuda como sahe da eira depois de ventilado o grão, etc.

CHARÃO: verniz da China. V. *Xarão*.

CHARCO: lugar em que se ajunta agoa *çuja*, *lodosa*, *lameirenta*, *immunda*. *Vieira* deriva este vocabulo do persiano *ciark*, *spurcitia*, *caenum*, *sordes; est enim* (diz) charco *aqua caenosa*, *seu stagnum*, etc.

CHARNEIRA: certa peça das fivellas, que consta de duas chapazinhas de metal, que se unem por hum eixo, e se movem em roda delle. (V. *Bluteau*, v. *fivella*, e *Moraes*, v. *charneira*). Parece-nos que este vocabulo foi tomado do hebr. *sharnei*, ou *sharnim* [סרני] ou [סרנים] que se lê no liv. 3. *dos Reis*, cap. 7. v. 30, falando da fabrica e ornamentos da grande concha, bacia, ou vaso de bronze, que os Hebreos chamavão *mar*, e estava á entrada do templo. Os interpretes não concordão bem na intelligencia dos vocabulos do texto; mas o douto *Malvenda* diz que significão «*taboas de bronze*, *armadas de eixos*, aptas para sustentarem as bases das peças, que sobre ellas descançavão» e acrescenta, que o vocabulo mais propriamente significa *eixos*. Não será este talvez o unico lugar do texto hebraico, cujas palavras possão receber alguma luz das linguas vulgares, para a sua verdadeira intelligencia.

CHARRUA: instrumento de lavoura bem conhecido: especie de arado, com que se corta a terra. Parece derivado do hebr. *charrutz* [חרוץ], instrumento, ou maquina de *desenterroar* a terra, de desfazer os terrões, do

verbo *chharratz* [חרץ] *cortar*, *talhar*, *romper*, e ás vezes *trilhar*.

CHATIM: *chatinar:* mercador, traficante; mercadejar, traficar. Vocabulos que nos vierão da Asia. Segundo *Duarte Barbosa* os *chatins* era huma casta de gente estrangeira, natural de Charamandel, que vivia no Malabar; pela maior parte mercadores, tratantes, corretores, etc.

CHA'VENA: ou *chavana:* termo Asiatico: pequena taça, *da capacidade* (diz *Bluteau*) *de meia chicara.* Hoje usamos, quasi indifferentemente, dos nomes *chicara*, e *chávena* para significar as pequenas taças de louça fina, por onde se toma o chá, o café, o chocolate, etc.

CHERUBIM: que se pronuncia *qerubim:* anjo de huma jerarquia das mais elevadas entre as differentes ordens dos espiritos celestes. Podem ver-se as suas significações nos Diccionar. da ling. hebr., e no da Biblia de *D. Calmet.* He o hebr. *qerub* [כרוב], no plural *qerubim.*

CHIBATA: pequena vara, de que usão os cabos militares, e com que talvez castigão os soldados, donde formamos o verbo *chibatar*, dar *chibatadas.* Vem do hebraico *shebet* [שבט] vara, ás vezes açoute; vara que he insignia, ou emblema de autoridade; sceptro, etc. Deste vocabulo se serve o sagrado texto na famosa profecia de Jacob « non auferetur *shebet* de Juda » etc. isto he « não será tirado da tribu de Juda o sceptro, a vara de jurisdicção, autoridade e poder, etc. até que venha o Messias.

CHICARA: pequena taça, de uso bem conhecido e bem vulgar (V. *chávena*). Parece derivado do hebr. *shiqar* [שכר], que significa em geral qualquer bebida espirituosa, d'onde *shiqor* [שכור] vinolento; *schiqaron*, vinolencia, etc.

CHICHA: diz *Moraes* que he vocabulo plebeo, e que significa *carne de vaca.* Na prov. do Minho usa-se este vocabulo falando com as crianças, e se lhes pergunta se querem *chicha*, isto he, *mama*, ou tambem algum bocadinho de comida, quer seja de carne guisada, quer de pastel, ou bolo, ou de outra cousa que lhes seja agradavel. He o hebr. *aschischah* [אשישה], que a Vulgata traduz ás vezes por *similam frixam oleo*, e os interpretes, variamente, *pultem*, *assulam; edulium ex simila oleo macerata*, *condita*, *et frixa; laganum de sartagine;* talvez *vini lagenam*, etc. em geral, certa porção de comida ou bebida, agradavel, fricturas, bôlos, pasteis, doces, vinhos, etc. Deste vocabulo he composto, ao que parece, *sal-chicha*, e *sal-chichão.*

CHÓCAS: quando queremos dizer, que as extremidades inferiores das roupas talares, que trazemos vestidas, se enlameárão, arrastando pelo chão molhado e enlameado, dizemos que tem, ou trazem *chócas.* Parece-nos derivado do hebr. *shokah* [שקה] ensopar em agoa, fazer escorrer agoa, regar, de *shok* [שוק] rua, bêco, praça.

CHORINA: termo plebeo: nome que se dá em frase chula á cabeleira, ou cabêlo postiço,

com que se cobre a calva. Pode derivar-se do hebr. *schhor* [שער] pêlo, cabêlo, coma.

CHORRO: V. *Jorro.*

CHORUME: quer dizer substancia das carnes; çumo substancioso, gordura, etc. Tambem dizemos que he, ou está *chorudo* o animal gordo, cevado, bem medrado, cheio de carnes. Parece derivado do hebr. *schor* [שור] boi gordo, bem nutrido, fornido de carnes, de grande corpo: ou tambem de *shur* [שור] estender, alargar, donde formárão *ieschurun*, com que nomeão o boi maior que os outros, o que he mais corpulento. Na lingua Fenicia diz *Volney*, que *he-schur* significa *o touro.*

CHURDO: ou *churro*, nome que se dá á lãa ruim, çuja, de inferior qualidade e baixo preço. Pode vir do oriental, ou hebr. *shhor* [שער] pêlo, cabêlo, etc. V. *Chorina.* Do mesmo vocabulo fizemos *enxurdar-se*, revolver-se na lama; e *enxurdeiro*, lamaçal, charco, (V. *Moraes.*)

CIFA: azeite de peixe, assim denominado em Xael, Ormuz, e outros lugares da Asia.

CIFRA: ou antes *sifra*: nota conhecida entre os caracteres da escriptura numerica. Vem do hebr. *sep'her* [ספר] do verbo *sap'har*, numerar, contar.

CIMITARRA: ou *semitarra*: especie de espada, ou terçado, de que usavão os antigos Persas. *Vieira* o deriva do persiano *schemser.* Outro escriptor diz que em persiano, e turquesco se pronuncia *chimchir.*

CINNAMOMO: canna aromatica. V. *Mumia.*

COFRE: pequena caixa em que de ordinario se

guardão cousas preciosas de pouco volume, como joias, dinheiro, etc. *Mayans* diz que vem do hebraico; mas não indica o vocabulo. Pode ser o verbo *qafer* [כפר] guardar, cobrir, esconder, ou *qofer* [כופר] cobertura, lat. *opertorium*, *tectorium*.

COIFA: veo, ou cobertura da cabeça, que se ata em volta della, recolhendo dentro os cabêlos, e serve de ornato, ou talvez de encobrir algum defeito. He o hebr. *qop'ha* [כפא] que significa o mesmo. A's vezes se lhe dá o nome de *rede*, mórmente quando he feita e tecida com pequenas aberturas ou malhas em forma de *rede*. V. *Rede*, e *Vesti Arab.* v. *coifa*.

COMBALIDO: dizemos que está *combalido* v. g. hum fructo, ou hum pomo, que mostrando boa apparencia, está no interior tocado de corrupção, ou já corrompido. Do hebr. *bali* [בלי], do verbo *balah* [בלה] que significa o mesmo (lat. *contabescere*, *marcescere*, etc.)

COMO: adv. de comparação, e semelhança, que corresponde aos lat. *ceu*, *tanquam*, *quasi*, *adinstar*; *como*, *assimcomo*, *á maneira de*, etc. He o proprio vocabulo hebr. *qemo*, ou *qomo* [כמו] que tem a mesma significação. A plebe do Minho tambem ás vezes diz, v. g. *he rico como que*; *he valente como que*, formula igualmente hebr. *qomoquen*, ou *qemoqen* [כמוכן] ajuntando a *qomo* a particula *qen*.

CONDAM (varinha de), isto he, varinha magica, divinatoria: varinha de que usão os prestigiadores, e embusteiros para seus usos e

fins; e tambem os chamados védores, que adivinhão os lugares, em que se ha de achar agoa. He o persiano conda, que significa primariamente o que he douto, sabio, filosofo; e secundariamente o ariolo, adivinhador, magico: por onde *varinha de condam* he o mesmo que varinha de adivinhador, ariolo, magico, etc.

CORCHETE: são duas pequenas peças feitas de arame, que prendem huma na outra, e servem de apanhar, tomar, ligar v. g. as abas das roupas, as aberturas dos vestidos, ou outras cousas em que estão pregadas de huma, e de outra banda. O douto Marianna o deriva do hebr. *korsé* [קרס], circulo, anel, fivella. Hoje se pronuncia mui vulgarmente *colchete*, mudando o *r* em *l*.

CORCOVA: dizemos que tem *corcova*, ou que anda *corcovado* aquelle, que ou por má conformação do corpo, ou por effeito de doença, inclina para a terra, fazendo arco com as costas. Vem do hebr. *qarqob* [קרקב] ambito, rodeio, circuito. O vulgo diz ás vezes *carcóva*, *carcovado*, e *carcunda*, ou *corcunda*; e os antigos dizião *cárcova* certos lugares em que havia algum circuito, caminho em volta, em redondo, etc. Ainda hoje em huma cidade do reino conhecemos a *fonte da cárcova*, e em algumas aldêas o lugar da *cárcova*. *Rabbi Selomoh* diz: *omne quod circuit quidpiam in girum, in rotundum, vocatur qarqob*.

CORJA: vocabulo collectivo-numerico, como duzia, centenar, milheiro, groza, e outros.

Significa o numero de vinte peças da mesma sorte; v. g. huma *corja* de lençaria são *vinte peças*, etc. *Duarte Barbosa*, no art. *Chael* diz «estas sortes de panos prendem elles por *corjas*, que antre elles he hum conto de vinte, como cá dizemos duzia.» He vocabulo que nos veio da India, e talvez se applica hoje em sentido mais indeterminado, e como por desprezo, *huma corja de ladrões*, huma *corja de malvados*, huma *corja de velhacos*, etc.

cós; das calças, bragas, ou calções: he no collar das calças, e calções huma *dobradura* pela qual se enfia a fita ou cordão para os apertar. Diz *Vieira*, que vem do arabe *hoz*, ou do persiano *chozi*, que significa *duplicatura femoralium*, *per quam vinculum trajiciunt*, *quo adstringunt corpori femorale*.

CRIS: arma da feição de adaga, usada dos Malaios, dos quaes tomamos o nome.

CUMINHOS: ou *cominhos*: este vocabulo, que em grego se diz κύμινον, e em latim *cuminum*, he originariamente oriental, em hebr. *qammun* [כמן], planta vulgar, com cujas sementes se temperão algumas comidas.

D

DAMASCO: he, como todos sabem, o nome de huma cidade da Fenicia, mui mimosa de hortas, e jardins, e de tão excellentes fru-

ctos de varias sortes, que Benjamin de Tudela, no seu *Itinerario*, não duvidou preferi-la nisto a outra qualquer cidade do mundo « *Urbs ipsa* (diz) *maxima atque pulcherrima, et muris cincta: regio vero tota hortis et paradisis instructissima, ex singulis lateribus quindena continens milliaria. Nusquam alias in tota terra fructifera urbs similis visitur.* » V. o *Itiner. de Fr. Pantal. de Aveiro*, capp. 86 e 87. O nome desta cidade he o hebr. ou fenicio *dammashk* [דמשק]. Nós damos o nome de *damasco* a huma especie de seda de lavores; chamamos *damasquilho* outra seda mais leve que o damasco; e dizemos *adamascadas* as roupas, que são lavradas como o damasco. Tambem chamamos *damasco* huma fructa de agradavel sabor, e *damasqueiro* a arvore que a produz: finalmente appellidamos *damasquinos* certos alfanges, ou antes as suas folhas, que se trabalhavão com perfeição nas officinas de Damasco. Todos estes vocabulos se referem, segundo parece, áquella cidade, e indicão que de lá tivemos os primeiros, ou os melhores objectos assim denominados. *Sousa*, nos *Vest. Arab.* pensa que *damasco*, especie de seda, que se tece em varios paizes, he a voz persiana *damesque*.

DANÇAR: e *dança*. *Vieira* julga que estes vocabulos são derivados do arabe e persiano *tanz*, que he (diz) o armenio *dnás*, *ludibrium, contumelia, irrisio*; e acrescenta, que delles se formou o germanico *tanz* « *ludrica saltatio, quae cum apud orientales ab homini-*

bus infamibus ac ridiculis tantum exerceatur; propterea hujusmodi saltationem voce, ludibrium, ac contumeliam significante, appellarunt. » *Voltaire*, e *Denina* derivão estes mesmos vocabulos do celtico, e *Oláo Magno*, do gothico. Em germanico *tanz*, e *tantzer* significão *dança* e *dançarino*, do v. *tantzen*, saltar, dançar.

DECEINAR: este vocabulo, mui usado na prov. do Minho, significa o trabalho que se dá ás miadas de fiado de linho, quando depois da encenrada se mandão *deceinar*, isto he, lavar e bater para se lhes tirar a cinza, e começarem a córar e branquear. Parece vir do hebr. *deshenn* [דשן] tirar a cinza, lavar depois da encenrada (lat. *excinerare*).

DIQUE; reparo que se põe á corrente das agoas para suspender, ou retardar a sua velocidade. *Malvenda*, ao liv. 4. dos *Reis*, cap. 25. v. 1. o deriva do hebr. *daick*, ou *dik* [דיק] vallo, antemural, obra para defeza, etc. Outros o suppõe vindo do grego τεῖχος, que tem a mesma significação: outros do arabe *daique*: outros em fim do teutonico. Em flamengo tambem he *düc*; em inglez *dike*, etc. A qualidade de monosyllabo, e a generalidade do seu uso em differentes idiomas parece indicar vocabulo primitivo.

DOLANQUIM: diz *Bluteau*, que he palavra chineza, nome de huma tinta negra, que vem da China.

DRAGOMANO: ou *drogman*: V. *Turcimão*.

DROGA: tem este vocabulo em portuguez huma significação particular, e digna de notar-

se. Quando v. g. temos feito hum discurso, ou certificado hum facto, concluimos ás vezes (no estilo familiar) dizendo: *esta he a verdade, e tudo o mais he droga.* Se falamos de huma pessoa, que tinha bons costumes, e depois prevaricou, dizemos: que *deo em droga.* Em ambos os casos se pode entender *droga* por mentira, falsidade, embuste, etc. e por isso nos parece que *droga*, neste sentido he o persiano *drog*, de que já falamos, v. *Baldroca.*

E

EBANO: ou *evano:* diz *Sousa, Vest. Arab.*, que he a voz hebraica *hebnim*, e que significa a madeira de certas arvores, que se crião na India e Ethiopia, negra, e muito dura e pezada. O vocab. hebr. he *hebenim* [הבנים], que S. Jeronymo traduzio *hebenina ligna*, e Bochart *ebenum.* V. *Guarin, Lexic. Hebr.*

EMBAIXADOR: vocabulo de significação bem sabida, que nos parece derivado do idioma hebraico, da raiz *bishar*, ou *bashar* [בשר] annunciar; dar boas novas; ser mensageiro dellas, (V. *Avisar*), donde vem o participio *mbashar* [מבשר] mensageiro, nuncio, evangelista, talvez profeta, i. e. annunciador de cousas futuras; e d'aqui *mbashera*, e no plural *mbasherot*, vozes femininas, que significão mensageiras, portadoras, anuunciadoras

de boas novas, e que na Vulgata se traduzem muitas vezes por *evangelizantes.*

EMPATAR: *empate.* Na Africa oriental, nos rios de Cuama, Sena, e Tete chamavão *empata* a tomadia das fazendas dos mercadores Portuguezes, mandada fazer pelo Monomotapa, quando o capitão de Moçambique demorava o pagamento de certa contribuição a que o Estado se tinha obrigado. *A esta tomadia (diz Fr. João dos Santos, Ethiop. Orient.) chamavão dar empata.* Era, segundo parece, o mesmo que sequestro, ou embargo que se punha n'aquellas fazendas, ou para pagamento do que se devia, ou como penhor delle. Os nossos vocabulos *empatar*, isto he, embargar, embaraçar, suspender; fazendas *empatadas*, i. e. demoradas na loja ou no armazem por não terem venda; negócio *empatado*, isto he, demorado, parado, suspenso, indeciso, tem analogia com a significação do vocabulo africano, por onde conjecturamos que delle vierão os nossos, maiormente attendendo ao mais frequente uso que delles se faz na linguagem do commercio, e a não lhe acharmos outra origem nos idiomas analogos.

EMPOFIA: que hoje se diz *embofia*, e *embofiar*: engano astucioso; enganar com dolo e fraude, etc. He outro vocabulo, que nos veio da Africa oriental, aonde entre os cafres exprimia o mesmo que *trapaça*, *demanda*, ou *querella dolosa (V. Santos, Ethiop. Or.)* e he o nome que davão áquella especie de avania, que os nossos praticavão com os mou-

ros, quando os tinhão sobjugados: v. g. se o christão dava huma topada á porta do mouro, e acaso se feria, o mouro era forçado a pagar-lhe a cura á vontade do offendido. Se huma galinha de algum mouro entrava na caza do christão, dava-se por christianizada, e o christão se apossava della. Tal era a moral, e a jurisprudencia de alguns máos Portuguezes naquellas partes! V. *Avania.*

ENCALIDO: *encalir.* Estes vocabulos usados na prov. do Minho, se dizem das carnes meio-assadas, ou tostadas, que assim se preservão da corrupção por algum, ou alguns dias, e se conservão para depois se acabarem de assar, e se comerem. Vem do vocab. hebr. *Kali* [קלי] assado, tostado, torrado, sêcco no forno; do v. *Kalah* [קלה] assar, tostar.

ENXADA: instrumento de agricultura bem conhecido, com o qual se cava a terra, e se fazem outros trabalhos. Pode derivar-se do hebr. *shadad* [שדד], *occare terram; effringere glebas aratro; terram sarculare, proscindere, conterere.* Parece ter affinidade com o outro *shadah* [שדה] agro, campo de lavoura.

ENXADREZ: V. *Xadrês.*

ENXORRADA: ou *enxurrada.* V. *Jorro.*

ESCAQUES: da-se este nome na arte do Brazão a huns quadradinhos pintados sobre o campo do escudo, á maneira dos do taboleiro do jogo do xadrês, donde tirou a significação, e a origem. He vocab. persiano.

ESCARLATA: côr vermelha conhecida. Do per-

siano *scarlat.* V. *Vest. Arab.*, e *Vieira*, *Specim. quart.* v. *scarlet.*

ESGANAR: afogar, impedindo a respiração; suffocar, apertando as fauces; estrangular. Vem do hebr. *chhanak* [חנק], que significa o mesmo. Desta origem veio tambem o castelhano *escannar*, e o italiano *scannare*, com a mesma significação.

ESMALTE: Dissemos em outro lugar, que este vocabulo se podia derivar do germanico *schmeltzen*, fundir, derreter a fogo. Occorreonos porêm depois em dous, ou tres lugares da profecia de *Ezechiel*, o vocab. hebr. *hheschmal* [חשמל] que os Setenta, e a *Vulgata* traduzírão por *electrum*, metal precioso, segundo *Plinio*, composto de ouro e prata, e de huma côr accesa, mui bella, e brilhante, quasi como a do bronze polido, e candente. Outros o traduzírão por *succinum*, e outros por *carbunculus*, *pruna*, *iris*, *gemma ignita*, etc. A semelhança do vocab. hebr. com o germanico *schmeltzen*, e com o portuguez *esmalte*, e a analogia das suas significações fazem verosimil que o hebraico seja a origem de ambos os outros.

ESPINAFRE: hortaliça conhecida. Do persiano *asfanagh*, segundo *Vieira*, *Specim. prim.* V. *Vest. Arab.*

F

Farizeo: homem que he da seita dos Farizeos. Veio-nos immediatamente do grego do Novo Testamento Φαρισαῖος; mas tem origem no hebr. *pharas* [פרס] divisão, separação; porque as pessoas desta seita judaica affectavão separar-se dos outros Judeos, e professavão huma austeridade mui pontual nas cousas menos importantes da lei, desprezando as maiores e mais essenciaes, como a caridade com o proximo, a beneficencia e misericordia, a compaixão do mal alheio, a justiça, a boa fé, etc. pelo que merecêrão a severissima invectiva, que Jesu-Christo fez contra os seus vicios, e hypocrisia no admiravel cap. 23. do *Evang. de S. Matth.*

Farragoulo: roupão largo, talar, ou quasi talar, com mangas e capello, que talvez se ata pela cinctura, e cobre o homem, e os seus vestidos. Parece derivado do chaldaico *p'harraqoth* [פרכות] que alguns traduzem pelo latim *paragaudes*, especie de sobrevestido, talar, listrado de varias côres; de origem parthica. Os Rabbinos modernos usão do vocabulo chaldaico *p'harraqoth* na significação de veos, cortinas, tapetes, etc. *Vieira*, no *Specim. secund.* deriva o italiano *farraiuo* o do arab. *farui*, ou do persiano *farajat*. V.

Blut. e *Moraes* v. *ferragoulo*, e *Calepin. octoling.* v. *paragaudes*.

FARSANGA: medida itineraria dos Persas, que no Oriente se diz *fars-sank*, isto he, *pedra dos Persas*, porque com pedras se marcavão estas medidas, como tambem fazião os Romanos. Os Gregos lhe derão corruptamente o nome de *parasanga* (παρασάγγας), e assim o escrevem tambem os nossos diccionarios. Entre os eruditos tem parecido difficultoso determinar o valor da *farsanga*; mas o nosso *João de Barros* 2. 8. 1. os poderia ter illustrado a este respeito. « Os mouros (diz elle) que navegão o mar roxo, repartem a largura delle em 12 *jomos*, em que haverá pouco mais de 36 leguas, no mais largo delle: a qual medida *jomo*, ácerca delles, quer dizer oitava parte de 24, dando por singradura entre dia e noute outras tantas partes de caminho, á rasão de *farsanga* por hora, tres das quaes *farsangas* fazem hum *jomo*, etc. » Por onde se vê que *farsanga* corresponde a huma legua nossa ordinaria, isto he, a *huma hora de caminho*: e nisto parece que concordão os que fazem a *farsanga* persiana igual a 30 estadios, ou a quasi 4000 passos geometricos.

FATIA: pedaço de pão, carne, queijo, etc. cortado á faca, estreito, longo, chato, quasi á feição de huma sôpa de pão. Parece vir do hebr. *p'hath* [פת] lat. *frustum*, *offella*, *buccella*. Outros o derivão do arabe. V. *Vest. Arab.*

FIEL da balança: fio de metal, posto a prumo

no centro da gravidade da balança, pelo qual se conhece a igualdade, ou desigualdade dos pezos. He o hebr. *p'hils* [פלס], que significa o mesmo (lat. *lingua bilancis*, *libramentum*, *trutina*). Deste vocab. diz *Malvenda*, *Proverb*. c. 16, v. 11. « hispanice, consona voce, *fiel* appellamus. »

FIOS: da espada, faca, navalha, e outros instrumentos, ou armas de cortar, e talhar: gume; córte; etc. Parece derivado da voz hebr. do plural *p'hiioth* [פיות] que significa o mesmo. (lat. *acies*, *acumina*, etc.)

FIRMAN: V. *Formão*.

FOGAÇA: bolo de soborralho, do qual diz *S. Isidor. Orig.* 20. cap. 11: *panis subcinericius, cinere coctus, et reversatus, ipse est focatius.* Vem do hebr. *hhogah* [עוגה] mudada a aspiração forte em *f* (*fogah*) que tambem significa *pão de soborralho* (lat. *torta subcinericia; placenta carbonibus tosta*, etc.)

FOLANO: ou *fulano*: he o termo de que usamos, quando queremos encobrir o verdadeiro nome da pessoa, ou quando o não sabemos. Corresponde quasi ao latim *quidam*, hum certo, hum *folano*, e ao grego ὁ δεῖνα, como por exemplo no *Evang. de S. Matth.*, cap. 26. v. 18. « *ite in civitatem*, (πρὸς τὸν δεῖνα) *ad quemdam*, etc. que *Pereira* traduz « *ide á cidade a caza de hum tal (de hum folano) e dizei-lhe*, etc. Vem do hebr. *p'helani*, ou *p'heloni* [פלוני] que significa *hum certo; hum não sei quem; hum folano*, cujo nome ignoramos, ou queremos encobrir: do verb. *p'halah* [פלה] encobrir, occultar.

FORMÃO: que hoje se diz *firman*: ordenação, decreto, ordem Real do Gran-Senhor. Voz turquesca, de origem persiana.

FOTA: vocab. oriental: veo listrado, com cadilhos, que se traz em roda da cabeça, á maneira de *turbante*. V. *Turbante*.

FUÇO: arrebique, postura, côr artificial, com que algumas mulheres pintão o rosto para parecerem mais córadas, e (segundo ellas julgão) mais formosas. He do hebr. *p'huq* [פוך], que significa o mesmo, e delle veio o greg. φῦκος, e o latim *fucus*.

G

GABAR: louvar, exaltar as qualidades, merecimentos, prendas e perfeições de alguma pessoa ou cousa: *gabar-se*, jactar-se alguem, pavonear-se de seus merecimentos, prendas, etc. Pode derivar-se do hebr. *gabbar* [גבר] que significa ter superioridade; dominar; prevalecer em forças, autoridade, e poder: ou melhor, de *gaavah*, e *gaavon* [גאוה e גאון] arrogancia, jactancia, ostentação vaidosa, fasto; o mesmo que o grego τῦφος, ou ἀλαζονεία.

GADO: nome collectivo com que significamos o ajuntamento, ou copia de animaes, principalmente domesticos. Assim dizemos v. g. lavrador rico em *gados*; pastor de *gado*, ou de muitos *gados*; manadas, rebanhos de *gado* vacum, ovelhum, etc. He o hebr. *gad*

[גר] turma, tropa; do verb. *ghadad* [גדד] congregar, ajuntar.

GABELA: V. *Cabala* I.

GAFA: especie de doença, lepra, sarna, ou outra tal, que vai corroendo o corpo, encolhe os nervos, etc. *Bluteau*, no *supplem.* o suppõe derivado do hebr. *qaphaph* [כפף] curvar, torcer, tolher.

GAIOLA: V. *Jaula*.

GALA: garbo, graça, lustre, louçania no vestido e ornato. *Dia de gala*, isto he, de festa publica, em que se deve apparecer com vestido, e apparato rico, esplendido, lustroso. Pode derivar-se do hebr. *galah* [גלה] alacridade, grande alegria, estar prestes alegremente, prompto com alacridade: do monosyllabo *gal* [גל] festivo, urbano, festivalmente alegre, etc.

GALGA: tem este vocabulo differentes significações em Portuguez; mas todas fundadas em huma principal, e formal. Chamamos *galga* huma das pedras *redondas* dos moinhos de grão, e tambem a pedra *redonda*, que nos moinhos de azeitona anda com o eixo, e esmaga a azeitona. Damos o mesmo nome a qualquer pedra grande *redonda*, que se volve do alto v. g. do monte, e vem rodando até o plano, e della dizemos que toma *galga*, isto he, que ganha impeto na rotação, e corre accelerada. Usamos tambem o verbo *desgalgar* por soltar ladeira abaixo hum corpo pezado, que ganhando *galga*, se precipita com violencia e com força accelerada. Dizemos que *galga* o muro quem de hum

salto o salva, e passa além, etc. A origem deste vocabulo he o hebr. *galgal* [גלגל] roda, circulo, revolução, redondeza; do verbo *galal* [גלל] volver, revolver, etc. Pela mesma razão o salto que o cavallo dá ennovelando-se, a que chamamos *galão*, se deve derivar do hebr. *ghalam* [גלם] envolver, volver em roda, que vem da mesma raiz.

GANGA: tecido de algodão mui conhecido, que vem da Asia, e de lá trouxe o nome.

GARBO: bizarria, graça, gentileza, boa e agradavel postura, etc. Do hebr. *ghharb* [ערב] o que he nobre, grato, jucundo, aceito; o que he dotado de boas qualidades, bem aposto.

GARÇÃO: rapaz; moço de pouca idade. *Vieira* o deriva da voz persiana *karz*, moço que se prostitue (lat. *scortum*) significação que ainda se conserva no francez, na palavra *garce*, meretriz. O mesmo *Vieira* conjectura que a voz persiana veio do arabe *korraz*, o que he impuro, deshonesto.

GARRAFA: vaso de vidro com bojo e gargalo. Vem, segundo *Vieira*, do persiano *carabah*, que significa o mesmo (lat. *hydria*, *lagena vitrea*).

GAZELA: nome generico de hum animal, cujas varias especies se achão em muitas provincias do Levante, na Berberia, e terras septemtrionaes de Africa, etc. Pode derivar-se do hebr. *hhazazel* [עזאזל] que se interpreta por *cabrão errante*, mudada a gutturaI forte em *g*, segundo o idiotismo portuguez.

GEHENNA: vocabulo, que nos veio da lingua-

gem da Escriptura S., e significa *lugar de tormentos; inferno*. He o hebr. *ge-hennom* [גי־הנם] *valle de Hennom*, ou *vallis lacrimarum*; valle celebre pelos horriveis sacrificios de victimas humanas, que ahi se fazião ao idólo Moloch.

GIBO: giboso; corcovado; que tem geba. Pode derivar-se do hebr. *gibben* [גבן] que diz o mesmo.

GIMBO: fulano tem *gimbo*, diz o vulgo, falando de algum que tem muito dinheiro. He vocabulo de Angola e Congo, nome de hum marisco, que lá serve de moeda. *Moraes* escreve *zimbo*, mas diz que os negros pronuncião *gimbo*. Nós temos ouvido dizer *gimbo* a muita gente branca.

GORAR: dizemos que *gorou*, ou *se gorou* o ovo, quando apodreceo na incubação, e não produzio o animalzinho: e no sent. figur. que *gorou*, ou *se gorou* o projecto, a empreza, o negocio, quando se frustrou, e se malogrou, logo no nascedouro. Este vocabulo nos parece ter grande analogia com o hebr. *ghhorer* [עורר] do verbo *ghharah* [ערה], em latim *orbari*, ficar orfão, o que os latinos dizião tambem do pai, que perdia o filho, ou a esperança delle. Tambem pode derivar-se de *ghholel* [עולל] aborto, do verbo *ghhol* [עול] corromper; perder o trabalho; trabalhar em vão; reduzir a nada. Ou finalmente de *ghharhhar* [ערער) esteril, infecundo (lat. *sterilis*, *infoecundus*, *orbus*, *destitutus*, etc.)

GUEDELHA: flocco, ou madeixa de cabelo da cabeça, ou barba. *Oleastro*, e *Malvenda*

(ao *Deuteron.* cap. 22. v. 12) o derivão do hebr. *ghedilim* [גדילים) flocco de fios, franja, trança, cadilhos, borlas, torçal, ornamentos de vestidos, de capiteis de columnas entre os Hebreos, etc. Da mesma origem vem *guedilhos*, ou *cadilhos*. Do verbo *ghadal* (גדל), que em chaldaico, e na fórma *pael* significa o mesmo que o lat. *intorquere*, *implicare*, torcer, entrançar.

GUE'TE: acha-se em documentos antigos, significando a carta, ou titulo de liberdade, que os Hebreos davão a suas mulheres, quando as repudiavão. V. *Bluteau*, *Moraes*, e o *Elucidar.* v. *guete.*

GUISSO: (pronuncia-se *ghisso*, como em *guiza*, *guerra*, etc.) vocabulo que falta em *Moraes*, e he frequentissimo na plebe do Minho para significar os pequenos páozinhos delgados, pontas de ramos, e outros residuos miudos, que talvez ficão da lenha, no lugar em que ella esteve. He o proprio hebraico *ghisch* [גיש] que significa o mesmo (lat. *frustum*, *strigmentum*, *ramentum*, *quisquiliae*.)

H

HISSOPO: planta conhecida: do hebr. *azub* [אזוב]. V. *Sousa*, *Vest. Arab.*

HOI! ou, como sôa na vulgar pronunciação, *ooi!* ou *huoi!* interjeição de admiração, frequentissima na gente da prov. do Minho, e,

de que ás vezes zombão alguns ignorantes de outras provincias, por não a terem ouvido nas suas terras. He o hebr. *hoi!* [הוי] que exprime o mesmo.

HOSANNA: formula solemne, com que os Hebreos, nas festas e solemnidades publicas, auguravão, desejavão, e pedião a Deos saude, prosperidade, e felicidade para alguma pessoa mui notavel. Assim no *Evang. de S. Matth.* cap. 21. v. 9. as palavras « *hhosahhna* [הושענא] *filio David* » dizem o mesmo que « *saude, prosperidade, felicidade, boaventura ao filho de David* » quasi no mesmo sentido que nós dizemos « *Viva o Rei.* » *Deos salve o Rei* » etc. Segundo *Moraes*, temos tambem na linguagem vulgar *hosannas*, nome que se dá aos ramos, que se levão na procissão do domingo de ramos: e Josepho dá o mesmo nome aos ramos de palma, e de outras arvores, que os Hebreos levavão nas mãos em algumas das suas solemnidades.

I

IÇA. V. *Axa.*

INHAME: vocabulo africano. O Piloto Portuguez, que escreveo a *Navegação de Lisboa á ilha de S. Thomé* pelos annos de 1551, diz no cap. 15. que « a raiz que os indianos da ilha Hespanhola chamão batata, *chamão os negros de S. Thomé inhame*, e que a culti-

vão como fazendo della o seu principal sustento.»

JAEZ: *jaezes: ajaezar:* peças com que se aparelha, orna, e arma a pessoa, ou o animal. Hoje se diz mais ordinariamente dos apparelhos do cavallo, ou das bestas de sella. Pode derivar-se do hebr. *jezzen* [יזן] armar, aparelhar com armas.

JAGRA: ou jágara: asucar de côco, ou de palmeira. Vocabulo indiano. Deste asucar extrahem huma especie de vinho mui forte, ou aguardente, a que lá chamão *orraca.*

JASMIM: flor mui odorifera, e bem conhecída. Vem do oriental *shemen* [שמן] perfume, cheiro, oleo de suavissimo cheiro.

JASPE: especie de pedra fina. Do hebr. *iaspeh* [ישפה].

JAULA: prisão, gaiola, carcere de feras. Parece derivado do hebr. *sheoll* [שאול], inferno, carcere tenebroso, lugar em que são punidos os scelerados. Da mesma origem veio, sem duvida, o inglez *gaol*, e o portuguez *gaiola*, alterada hum pouco a pronunciação. Os castelhanos tambem chamão *jaula* a gaiola para passaros, aves, ou feras.

JESUS: he o nome puramente hebraico *ieschuahh* [ישוע] *salvador*, da raiz *iaschhah* [ישע] *salvare.* Assim chamamos *JESU-CHRISTO* ao Filho de Deos feito homem. *JESUS* (diz o P. Vieira), *que quer dizer salvador, he o nome da pessoa: Christo, que quer dizer o Ungido, he o titulo da dignidade.* (*Serm. tom.* 10. pag. 69) V. *Messias.*

JOGUE: nome que se dá no Oriente aos gen-

tios, que andão peregrinando por motivos religiosos.

JORRO: que outros dizem *chorro*. Bluteau não pôde bem determinar o significado deste vocabulo, que diz ser pouco usado; mas elle mesmo cita a frase de *Barros* «*pelo arco que faz o jorro da agoa no ar*» da qual poderia inferir-se que *jorro da agoa* he agoa copiosa, impellida com força por algum canal estreito, que cahindo talvez de alto não desce perpendicularmente, mas em arco, obedecendo ás duas forças do impulso e da gravidade. Em outro escriptor se lê «*os reçolhos da baleia, com que ella jorra para o ar*» e nós temos ouvido muitas vezes empregar a mesma palavra, significando *nascente*, ou corrente copiosa de agoa, que sahe, ou corre com impeto por abertura, ou canal estreito. Vem do hebr. *jorreh* [יורה] chuva copiosa, fecundante, util ás terras, como as chuvas do outono, que são abundantes, mas não tempestuosas: do verb. *jorreh* [ירה] lançar agoa, regar chovendo, e em geral lançar com força, atirar, arremessar, d'onde *jorred* [יורד] torrente formada de chuva copiosa. V. *Vieira*, nos vv. *chorro*, e *enxurro*, que elle julga derivados do arabe; e *Vest. Arab.* v. *chorro*.

JUBILEO: do hebr. *jobel*, ou *jubal* [יובל] que significa propria e primariamente o *anno quinquagesimo*, anno celebrado entre os Hebreos como de *jubileo;* porque nelle ficavão as terras de pousio; os escravos erão postos em liberdade; os devedores ficavão quites; os

bens vendidos restituião-se aos vendedores, etc. Era (digamos assim) o anno do descanço, e *jubilação* geral; o anno (como elles lhe chamavão) *da remissão.* E daqui veio o *jubileo* christão, quando a autoridade ecclesiastica concede de certo em certo numero de annos graças, e indulgencias copiosas aos que devidamente se dispõem para as alcançar. O lat. *jubilum*, *jubilare*, o portuguez *jubilar*, *jubilação*, etc. são derivados da mesma origem.

L

LACRE, ou *lacar:* especie de resina preparada, com que se fechão cartas. He o chinez *laac*, que os mouros orientaes dizem *lac;* gomma de certas arvores, avermelhada, transparente, agradavel ao olfato, quando arde, que se chama *gomma laca*, e da qual na India, no Pegú, em Sião, e outras partes se compunha a resina, ou cera, de que falamos. Hum escriptor francez moderno diz que alguns attribuem a invenção do *lacre* a outro francez, por nome *Rousseau*, pelos annos 1640; mas logo acrescenta, que muitos documentos ultimamente descobertos fazem remontar esta invenção aos annos 1550 até 1560. Os francezes chamão ao lacre *cera de Hespanha*, nome, que não indica *invenção franceza:* e nós possuimos muitas

cartas originaes, escritas na India antes de 1550, que forão fechadas com *lacre*.

LATE: he o nome que damos a huma maquina de tirar agoa dos poços. Consta de huma forquilha entre cujas pernas anda huma vara com o balde n'uma extremidade, e hum pezo na outra. O vocabulo veio da Asia.

LAQUE'CA: ou *alaquéca*: he, segundo Duarte Barbosa, huma *pedra branca*, *leitenta*, e *vermelha*, que sahia em grandes pedaços no sertão de Cambaia, e se lavrava de muitas feições para aneis, adagas ou seus cabos, cabos de terçados, brincos, etc. A *Orden. do Reino* L. 5. tit. 106. §. 5. prohibe levar ás ilhas de Caboverde, e do Fogo *manilhas de latão*, *e de stanho*, *e laquécas de toda sorte*, etc. Da India nos veio o nome. V. *Bluteau*.

LASCARIM: soldado da India: he vocab. persiano. V. *Sousa*, *Vest. Arab.*

LEQUE: pequeno abano que se traz na mão em tempos calmosos, para com o seu movimento agitar, e refrigerar o ar. He vocabulo da Asia chineza, e nós conjecturamos que nos veio das ilhas *Lequias*, aonde se fabricavão excellentes abanos. Em Ormuz, e outras partes da Persia corria huma moeda com o nome de *leque*.

LIMÃO: fructo bem conhecido. He o persiano *limon*, ou o arabe *laimún*. V. *Vest. Arab.*, e *Vieira*.

LIO: feixe, ou mólho de cousas atadas humas com outras; e o envoltorio dellas. Do hebr. *liioth* [ליות], loros, corrêas, ataduras, peças

com que se ata hum mólho de cousas; e tambem feixe e mólho de cousas.

LUNDU': dança usada entre os povos negros das nações congueza, e bunda, das quaes nos veio o nome.

M

MACACO: he vocabulo do reino de Congo, com o qual se denomina huma especie de bugio, que ha naquellas regiões, e em outras da Africa meridional, e parece ser o *simia cynomolgus* dos naturalistas. Delle formamos *macaquice*, dando este nome aos tregeitos, momices, ademães, e gestos affectados de algumas pessoas.

MAÇADA: certa armação de pescar, que *Moraes*, por não conhecer a origem do vocabulo, presumio dever dizer-se *naçada* (V. o *Diccion.* vv. *maçada*, e *naçada*). Vem do hebr. *matzad* [מצד], donde *matzodah* [מצודה] rede, laço, armação de caçar e pescar; no plural *matzadim*, redes venatorias, da raiz *tzud* [צוד] venabulo, ou de *tzadh* [צד] caçar.

MACHACA's: diz *Bluteau*, que he termo chulo, e que significa *grandalhão com desmancho.* Nós o temos ouvido muitas vezes na prov. do Minho, significando simplesmente *rapaz adolescente*, *mancebo já crescido*, sem idêa alguma accessoria, que confirme a explicação de *Bluteau*, antes empregado como ter-

mo de familiaridade, e affeição domestica. Vem do hebr. *maschkah* [משקה] mancebo que administra a bebida na meza (lat. *pincerna*), ou mais em geral, mancebo que serve na administração da caza, que nella foi criado, e que pertence á familia (lat. *verna*), d'onde dizem *ben-maschak*, [בן־משק] o despenseiro, mordomo, etc.

MACHOCAR: ou *machucar*: trilhar, triturar, esmagar amassando. Do hebr. *machhukah* [מחקה] quebrar esmigalhando (lat. *conquassare*).

MACHUCHO: diz-se a cada passo em frase chula, e ás vezes ironica, que alguem he *machucho* em alguma arte, sciencia, ou genero de industria, isto he, versadissimo nella, eminente, grande mestre, v. g. filosofo *machucho*, theologo *machucho*, etc. Parece vir do hebr. *maschesch* [משש] manejar, manusear, trazer frequentemente na mão, tratar a miude, e tambem investigar, perscrutar: d'onde *memaschusch* [ממשש] tratado, manejado, manuseado, etc.

MAGO: voz persiana: significava originariamente filosofo, sabio, cultor da sciencia dos astros: donde veio o grego μάγος, sabio, obrador de prestigios; e o nosso mago, maga, magico, e magica.

MALA: especie de saco de couro, lona, pano, etc., em que se levão roupas de jornada, ou outras cousas. Pode vir do hebr. *mala* [מלא] encher, ensacar, encher calcando, donde o adj. *mala* [מלא] o que está cheio, muito cheio.

MALSIM: homem que por officio e por paga accusa contrabandos, fazendas sonegadas, ou furtadas aos direitos: tambem se diz, em geral, do accusador, delator, e outros desta relé. He o hebr. *malshin* [מלשין] accusador, do verbo *halschin*. [הלשין] accusar.

MAMMONA: vocabulo da linguagem ecclesiastica, e ascetica, usado na traducção, ou explicação daquelle lugar do *Evang. de S. Matth.* cap. 6. v. 24 «não podeis servir a Deos e á mammona» *non potestis Deo servire, et mammonae* » que o P. Pereira traduzio «*não podeis servir a Deos e ás riquezas.*» Vem do syriaco *mammon* [ממון] ou do hebr. *matmon* [מטמון] thezouro, lugar de guardar dinheiros, joias, riquezas, preciosidades. *S. Agostinho* em hum de seus sermões diz: *mammona apud Hebraeos divitiae appellari dicuntur: congruit et punicum nomen, nam lucrum punice mammon dicitur*: por onde se vê que o vocabulo *mammona* era tambem da lingua punica, usada n'aquella região de Africa, ainda no tempo do S. Doutor.

MANA': he o hebr. ou chald. *manah* [מנה], nome que se dá no livro do *Exodo* ao milagroso alimento, que os Hebreos tiverão nos desertos da Arabia, quando depois da sahida do Egypto se dirigião á Palestina: do hebr. *man* [מן]. Os Arabes tambem dizem *maná*. V. *Vest. Arab.* v. *maná*.

MANDARIM: he vocabulo, que nos veio da Asia, mui usado em diversas partes, e especialmente na China, aonde se chamão *mandarins* os letrados, magistrados, ministros do

imperio, officiaes de guerra, etc., pelo que he errado o conceito de alguns escriptores estrangeiros, que conjecturárão ser *mandarim* palavra inventada pelos Portuguezes, e formada do seu verbo *mandar*.

MANDINGA: nome de hum reino de Guiné, cujos negros passavão por insignes feiticeiros. *Bluteau* diz, que o mesmo nome se dava a humas bolsas, com que alguns negros se fazião impenetraveis ás estocadas, *como se tem experimentado* (diz elle) *nesta côrte, e neste reino de Portugal em varias occasiões.* Desta crença, ou credulidade popular, veio o uso que o vulgo faz do vocabulo africano, dizendo v. g. que alguem tem *mandinga*, quando sabe tirar-se airosamente de lances perigosos; quando tudo lhe corre favoravel; quando talvez gasta largamente sem se saber donde lhe vem o dinheiro, etc., como se fizesse ou conseguisse isto por algum genero de feitiçaria.

MARABUTO: he outro vocabulo africano, nome que se dá no Senegal, e em outras partes, aos sacerdotes do paiz. V. *Vest. Arab.*

MARÃO: nome de huma serra de Portugal, bem conhecida. Parece tomado do hebr. *marom* [מרום] grande elevação; o que he muito elevado; o que he altissimo; ou de *maron* [מרון] altura; da raiz *ram* [רם] excelso, elevado, sublime.

MARGARIDA: perola; pedra preciosa. He voz persiana. V. *Vest. Arab.*

MAROTO: nome de desprezo, que se dá aos rapazes malcriados, mal ensinados, descorte-

zes, ociosos, vadios, talvez pedintes. *Bluteau*, no *Supplem.*, diz que tanto este, como os outros semelhantes nomes *marucha*, *marrufo*, *marão*, etc., usados da plebe, e no mesmo sentido, se podem derivar do hebraico *marod*, e *marodim* [מרוד, e מרודים] que tambem significão homem pobre, pedinte, vagabundo, miseravel: e cita alguns lugares dos Livros SS., aonde os vocabulos hebraicos tem aquella significação, como por ex. em *Isaias*, cap. 58. v. 7.; nas *Lamentações* de *Jerem.* cap. 1. v. 7. e cap. 3. v. 19, etc.

MARROQUIM: pelle de cabra, preparada, e tingida de amarello, azul, verde, ou outra côr. O nome he tomado da cidade e reino africano de *Marrocos*, donde provavelmente nos vierão os primeiros *marroquins*, e a arte de os preparar, assim como de Cordova os *cordovões*, de Segovia as *segovias*, de Cambray as *cambraias*, etc.

MARRUÁ'S: certa embarcação da Asia, mais pequena que não, segundo Barros. No uso da plebe chama-se *marruás* o rustico teimoso, capitoso, amarrado á sua opinião, incivil, que não cede urbanamente ao que se lhe propoem.

MARUFO: nome que em linguagem chula se dá ao vinho. He vocabulo que nos veio de Africa, aonde os conguezes dizem *maluffu*, e os bundos *maluvu*.

MASCARA: caraça de papelão pintado que se usa por brinco ou jogo. Vem do persiano *mascarah*, que, segundo *Vieira*, significa

1.° *ludicrum*, *lusio*: 2.° *homo larvatus*. V. tambem *Vest. Arab.*

MASMORRA: V. *Sousa*, *Vest. Arab.* Pode derivar-se do hebr. *maschmar* [משמר] *carcere*, *custodia*.

MASTIM: cão de gado. He frequente na Escript. S. designar o cão por huma perifrase, que diz o mesmo que o latim *mingens ad parietem*. Do hebr. pois *maschtin* [משתין] *mingens*, diz *Marianna* e *Malvenda* (ao 1. *dos Reis*, cap. 25. v. 22.) que veio ás linguas vulgares o vocabulo *mastim*. *Menochio* faz a mesma observação sobre o italiano *mastino*, que tem significação identica; e da-lhe a mesma origem.

MATAR: dar a morte: parece vocabulo derivado das ling. orientaes. V. *mate*.

MATE: he propriamente voz do jogo do xadrês, no qual dar *xa-mate*, he *dar mate no Rei*, isto he, reduzir o adversario á ultima extremidade, e ganhar-lhe o jogo. *Mate*, na arte de fazer meias de agulha, he reduzir duas malhas a huma só, fazendo desapparecer a outra, dando-lhe *mate*, para estreitar a meia. Estes usos vem da significação geral dos vocabulos persianos, hebraicos, ou orientaes *muth* [מות] *mori*; *math* [מת] *moriens*; *mathim*, *mortales*; etc. Da mesma origem julgamos derivados os verbos *matar*, *rematar*, *remate*, etc.

MEDIDA: Vem do hebr. *middah* [מדה] que tem precisamente a mesma significação, do verb. hebraico, e chaldaico *maddah* [מדה] *medir*. V. *Mesura*.

MENIGREPO: nome de certos religiosos, ou eremitães do Oriente, donde nos veio o vocabulo, com outros muitos de significação semelhante, como *grepo*, *talagrepo*, *quimão*, *roolin*, etc.

MERINO: carneiro *merino:* ovelha *merina. Moraes* escreve *meirinho* (que he a pronunciação vulgar do nosso povo) e diz « *ovelha meirinha*, *i. e. que muda de pasto nas estações do inverno e verão*, *e anda ora nos pastos dos montes*, *ora nos valles*, *e dá lãa mui fina.* Os castelhanos dizem *merino.* Este vocabulo nos parece derivado do hebr. *merih* [מריא] carneiro escolhido, gordo, pingue, cevado, do chaldaico *marah* [מרא], *impinguare*, *saginare*, *pinguefacere.* « *In Hispania* (diz Malvenda) *genus quoddam arietum merinos vocant*, *inter alios praestantiores*, *et pinguiores: quocirca vocem ipsam hebraicam et hispanicam visum est in nostra translatione retinere* » (ao 2. dos *Reis* cap. 6. v. 13.)

MESQUINHO: pobre, indigente, necessitado. Vem do hebr. *misqen* [מסכן] que significa o mesmo. Em lingua persiana se diz *mesquine*, e em arabe *masquino:* pobre, necessitoso, miseravel. V. *Sous. Vest. Arab.*

MESSIAS: em hebr. *maschiahh*, ou *maschiachh* [משיח] lat. *unctus*, ungido, do verb. משח, *maschahh*, ungir. He o nome que os Hebreos dão ao Redemptor, que os Profetas tantas vezes lhes annunciárão, e que elles ainda hoje, em vão, e infelizmente, esperão. O verdadeiro *Messias* foi JESU-CHRISTO, nosso Redemptor, e por tal o reconhecem todas

as nações christãas. Nelle se verificárão as eminentes qualidades annexas ao seu nome, e a divina uncção, que o mesmo nome exprime, á qual corresponde o grego *χριστὸς*, ungido, que nós dizemos *Christo*. V. *JESUS*.

MESURA: significa em geral *medida*; mas o nosso idioma o applica mais ordinariamente ao sentido translato, e dizemos v. g. acção *mesurada*, isto he, *compassada*, feita ao justo e com medida, bem considerada, etc. homem *mesurado*, isto he, que em tudo mede bem as circunstancias, as conveniencias, as relações dos objectos: e tambem dizemos *mesura* certa demonstração externa de cortezia. He o hebr. *mesurah* [משורה] *medida*. *Malvenda* (ao *Lev.* c. 19. v. 35.) he de parecer, que o hebr. *middah* (V. *Medida*) significava genericamente a *medida* das quantidades continuas, e tambem as *medidas* maiores; e que *mesurah* se entendia das medidas menores, e das quantidades discretas.

MISSA: he o nome que damos ao acto, em que se offerece a Deos o augusto Sacrificio da Nova Alliança; á liturgia sagrada da Igreja Catholica. Foi em outro tempo objecto de renhida controversia a origem etymologica deste vocabulo: muitos, porêm, graves e doutos escriptores são de parecer que elle nem he latino, nem grego; mas sim derivado do hebr. *missah* [מסה] que significa em geral *oblação*, e em especial *oblação espontanea*.

MOCADAM: termo asiatico: quer dizer *capitão*, ás vezes *patrão de navio*; entre os cafres de

Ethiopia *mestre da embarcação.* Em Bengala (diz *Barros*) *mocadam-olam* significa *capitão do mundo.*

MOGIL: Suppõem alguns que esta especie de roupa fôra tomada do uso dos monges, e por isso lhe dão talvez o nome de *mongil.* A sua verdadeira pronunciação he *mogil*, e a sua origem o hebr. *megghil* [מעיל] especie de roupa de sobre o vestido, usada pelos sacerdotes, e profetas, e ainda por algumas pessoas leigas, a qual cobria todo o corpo, era aberta por diante, e não tinha mangas: quasi semelhante á toga dos Romanos, ou ao pallio, ou chlamyde dos Gregos. He exactamente a mesma roupa, a que chamamos *mogil*, e que ainda na nossa idade vimos usada entre monges, com o proprio feitio e nome. Esta roupa foi usada dos primeiros christãos, que talvez erão motejados de impostores, por trajarem á maneira dos filosofos. (V. *Bluteau*, v. *mugil*, e no *Supplem.* v. *mogi*). No Psalm. 108. v. 29. se traduz o vocabulo hebr. *megghil* por *diploide:* e muitos escriptores e interpretes são de parecer, que pelo mesmo *megghil* se diz no Novo Testam. ἱμάτιον, isto he, *suprema et extima vestis*, *quae super alias induitur*, como em *S. Matth.* c. 5. v. 40. aonde referindo o Evangelista, que JESU-CHRISTO, dispondo-se para lavar os pés a seus discipulos, *deposera suas vestiduras*, usa do vocabulo ἱμάτια, i. e. *summas vestes*, as vestiduras externas. Pode ver-se ácerca deste vocabulo *Lansselio, Comment. a Baruch* c. 5. v. 2., aonde mostra,

que bem lhe correspondem os vocabulos *toga*, *pallio*, *chlamyde*, *diploide*, etc.

MOLEQUE: ou *muleque*: nome que damos aos negros ainda pequenos, e talvez a qualquer rapaz de serviço de pequena idade. He o conguês, e anbundo *moleque*, menino, moço, rapaz, e *molécca* rapariga, moça, menina. (No *Diccion.* destas ling. *adolescens niger.*)

MONO: vocab. africano: com que se designa huma especie de bugio, de longa cauda, originario do paiz dos negros (*simia mona*).

MOTA: muro, comaro, ou tapigo de terra, elevado á margem de hum rio, para evitar a inundação, e trasbordo das aguas sobre as terras cultivadas: vallo de terra á roda do pé das arvores para as calçar, e para proteger e defender as suas raizes; ou á roda do pomar, campo, quinta, ou fazenda para as defender e munir contra as entradas da gente, ou dos animaes daninhos. He o hebr. *mot* [מוט] *arrimo*, *apoio*, *defeza*, e propriamente, cousa que se põe ao pé de outra para a sustentar, defender, e proteger.

MOUSÃO: ou como hoje vulgarmente se diz *monção*, ou *monsão*: tempo proprio para navegar; ventos que soprão constantes na mesma estação, e em certas paragens, e se aguardão para fazer viagem por mar. Vem do oriental *mousim*, *estação propria*, *tempo oportuno*. *Lucena*, no liv. 6. c. 5. diz « estas são na India as que tantas vezes chamamos *monções* . . . termo proprio da terra, e que igualmente anda já na boca dos nossos Por-

tuguezes, pelo qual entendemos o *vento geral*, com que em certos tempos se navega a certas partes, e não a outras, como he de Goa para o cabo de Comorii, depois de entrado Setembro, etc.» Em *Moraes* v. *monção* se pode ver a ridicula etymologia, que *Duarte Nunes* inventou, e quiz dar a este vocabulo. Os nossos escriptores antigos dizem a cada passo *moução*, e assim se lê muitas vezes nas primeiras edições. Os Francezes tambem dizem *mousson*. A verdadeira orthographia em Portuguez devêra ser *mousão*.

MOXINGA: ou *muxinga*: çurra, açoutes. He o proprio vocabulo conguês e anbundo *muchinga*, ou *michinga*, ou *mussinga*, que significa o mesmo.

MUMIA: corpo embalsamado, de homem, ou de animal, que assim se conserva, talvez por muitos seculos. He vocab. oriental, formado de *mum*, aroma, porque com aromas se embalsamão e conservão as *mumias*. Do mesmo vocab. *mum* se compõe *cinna-momo*, do qual diz Couto, que he *páo aromatico*, ou *cheiroso*, *da China*. Mas este escriptor equivocou-se, suppondo que a palavra componente *cinna* queria dizer *China*. No hebr. *kinnamon* [קנמן], que he a origem do greg. κιννάμωμον, e do latim *cinnamomum*, o componente *kinna* he o vocab. *kanneh* [קנה] que significa *canna*, e *kinna-mom* diz precisamente o mesmo que *canna aromatica* (lat. *calamus aromaticus*).

N

NACIBO: que outras vezes se acha escripto *nacivo*, ou *nassivo*. He vocabulo turquesco, segundo *Bluteau*. Significa o *fado*, ou *destino*, que aquelles povos julgão escripto nos astros para governar as acções dos homens. Os nossos escriptores o usão no mesmo sentido, e ás vezes dizem *andar ao nacivo*, por andar *ao acaso*, *á toa*, sem destino certo, quasi como conduzido pelo *fado*.

NAÇO: vocabulo plebeo: pedaço tirado, ou cortado de alguma peça maior, ou inteira, v. g. pedaço ou *naco* de pão, *naco* de presunto, etc. Vem do hebr. *nakah* [נקה] cortar, donde *nake* [נקי] tirado, cortado, separado.

NARDO: aroma que se extrahe de huma planta indiana do mesmo nome, do genero da lavandula. Em hebr. *nard* [נרד].

NAVA: significa campinas extensas, continuadas, pela maior parte planas, ou com pequenos outeiros, em que ha relvas, pastos, charnecas, algumas povoações, etc. Nós o usamos, falando da celebre batalha das *Navas* de Tolosa. Communmente se diz que he vocabulo vasconso. Comtudo em hebr. achamos *navah* [נוה] com a mesma significação.

NAZARENO: epitheto que se dá a Jesu-Christo no Novo Testam., e que se escreveo no titulo da Cruz, não só por elle habitar com seus pais em *Nazareth*, cidade de Galiléa, e por se cumprirem as antigas profecias « *que se chamaria Nazareno* » (*Evang. de S. Matth.* c. 2. v. 23); mas tambem (como diz S. Jeronymo) por allusão á particular consagração dos *Nazarenos*, e ao voto e profissão, que fazião de huma vida mais santa, e separada do commum (*Numer.* cap. 6.) Vem do hebraico *nazireh* [נזירה] do verb. *nazar* [נזר] separar, segregar. No principio do estabelecimento da igreja christãa tambem se dava o nome de *nazarenos*, isto he, discipulos de Jesus Nazareno, aos Christãos: e os que havia em Columbo, na ilha de Ceilão, no seculo 14., e os que os nossos Portuguezes achárão no Malabar em 1508, tambem se appellidavão *natzari*, i. e. *nazarenos*.

NEGAÇA: pôr, ou armar *negaça* he pôr v. g. huma ave da mesma especie da que queremos caçar, para que com o seu canto a chame, a allicie, e a obrigue a acudir ao reclamo. Analogamente dizemos pôr, armar, ou fazer negaça a alguem, quando obrigamos essa pessoa a vir ao nosso intento, usando para isso de alguma especie de attractivo, engano, ou *chamariz*, que o allicie, e o traga ao que pretendemos. He o hebr. *nagasch* [נגש], que significa vir, chegar-se, apropinquar-se, e na fórma *niphal*, *nigasch* [נגש] fazer vir, trazer a si, etc.

NORTE: a parte da terra correspondente á es-

trella polar. He o hebraico, ou fenicio *n'hor* [נאור] participio da forma *niphal* do verbo *hor* [אור] que significa *luminoso*, claro, illuminado, conspicuo; nome que os Fenicios, primeiros navegadores dos mares da Europa, provavelmente derão áquelle astro, ou *luzeiro*, que os guiava em suas navegações.

O

ODIA': vocabulo asiatico: significa o presente, que se offerece aos Reis e grandes senhores, quando se lhes vai falar. Em Bengala se diz *adiá*. Os barbaros do interior de Sofala lhe chamão *curves* ou *curvas*. Os Persas lhe dão o nome de *mocararios*, e os Mouros orientaes lhe chamão *xaquates*, ou *çaquates*. (V. *Couto*, *Santos Ethiop.*, etc.) (*Vest. Arab.*)

OLA: ou antes *hola*: significa propriamente *folha*, e no Oriente se dá este nome á *folha* da palmeira, de que se cobrem as casas na India, e se fazem differentes obras. Serve tambem de nella se escrever, e por isso dizem v. g. *ola de repudio*, como nós dizemos *carta* de repudio, ou *papel* de divida, e chamão *ola* o decreto do Principe, etc. Deste vocabulo oriental veio sem duvida o *folium* dos latinos. Em hebr *hholeh* [עלה] *folha*, do verbo *hhalah* [עלה] *subir ao alto* (V. *alar*).

ORLA : borda que circumda o objecto: especie de guarnição que se põe, ou está em roda delle. V. g. as armas de Portugal tem em volta do escudo a *orla* dos castellos: a *orla* da moeda he a borda que a cérca: os falcões tem a cabeça pintada, e a pinta he *orlada* de amarello: etc. He o proprio hebr. *hhorlah* [ערלה] que significa o mesmo, e que era, por isso, o nome que os Hebreos davão ao prepucio.

ORRACA : V. *Jagra.*

OSANNAS : V. *Hosanna.* (*Moraes.*)

OXALA' : interjeição : *queira Deos! praza a Deos!* etc. O douto *Sousa*, nos *Vest. Arab.* a deriva do arabe. Em hebraico porêm achamos *ochhalai* [אחלי] interjeição de quem deseja e supplíca, que os *Setenta* traduzem por ὄφελον (*utinam*, *vellem*, *vellim*) e a *Vulgata* e outros pelo latim *utinam*, que he a significação exacta do portuguez *oxalá*. Vem da raiz desusada *achhal* [אחל] ou, segundo outros de *chhalah* [חלה] na forma *piel*, *deprecari*, etc.

P

PAGODE : vocabulo indiano, com que se noméão os idolos do gentio da India, ás vezes os templos desses idolos, e tambem huma moeda de ouro que lá corre. (*Cout.* 4. 6, 6.)

Court de Gebelin diz que he o indiano *pout-gheda.*

PANGAIO: embarcação asiatica, que parece ser a que *Damião de Goes* chama *pangueiahoa.* Na linguagem da nossa plebe, e na prov. do Minho, dá-se talvez o nome de *pangaio* a hum rapaz de serviço, que presta para pouco, priguiçoso, negligente, mal amanhado, etc.

PAPEL: vocabulo de significação bem conhecida, que em grego se diz πάπυρος, e em latim *papyrus.* Parece ser originario do Egypto, donde he natural a planta assim chamada, em cuja casca preparada se escrevia.

PARAIZO: vocabulo persiano. Os Persas dizem *pardés*, ou antes *p'hardés*, lugar delicioso de arvores, flores, agoas, etc. em hebr. *p'hardés* [פרדס] com a mesma significação. Do persiano, ou hebraico o tomárão os Gregos, accommodando-o ao genio da sua lingua, e formando παράδεισος, a que corresponde em latim *paradisus*, *hortus*, *pomarium*, *viridarium*; e em portuguez *pomar*, *vergel*, *jardim*, etc.

PARAO': embarcação usada na India, donde nos veio o nome.

PARASANGA: V. *Farsanga.* (*Vest. Arab. v. parasanga*).

PARDA'O: moeda da Asia. *Bluteau* diz que valia 360 reis, e que se cunhava em Goa com a effigie de elRei D. Sebastião, e com o valor de 300 reis. Segundo Duarte Barbosa os pardáos de Naminga valião 300 reis pouco mais ou menos. [illegible] *Oleastro* (ao liv. dos

Numer. cap. 18.) parece indicar que os *pardáos* ou se fabricavão, ou corrião em Portugal; porque falando da liga de metaes que entrava nas moedas de alguns reinos da Europa, acrescenta «*apud nos* (Lusitanos) *nullus nummus mixtus est ex diversis metallis*, *nisi forte pardalli*, *quos nostri vocant* pardáos.» E da *Hist. da India* ms. de *Gaspar Corréa* consta, que esta moeda foi lavrada no reino em tempo de elRei D. João III., e mandada para a India nas náos, em que foi o Governador D. João de Castro.

PASCOA: ou *paschoa.* Significa entre nós a solemnidade annual da Resurreição do Senhor, e o tempo, em que ella se celebra. He vocab. de origem hebraica, derivado de *p'hesachh* [פסח] *transito*, *passagem*, *salto.* Exprimia entre os Hebreos a festa instituida por occasião da sahida do Egypto, e em recordação da *passagem* ou *transito* do anjo exterminador, que dando a morte aos primogenitos dos Egypcios, deixava em salvo (*passando*, ou *saltando* a diante) as cazas dos Hebreos, marcadas para esse fim com o sangue do cordeiro, que préviamente tinha sido immolado: figura prenunciadora da *pascoa* christãa.

PATA'O: homem fatuo, simples, tolo, insensato, que tudo crê, e quemquer o engana. Pode vir do hebr. *p'hatah* [פתה] o que foi enganado, o que foi seduzido, donde *p'heteh*, simples, parvo; *p'heti*, estulticia, fatuidade, etc. D'aqui julgamos poder-se tambem derivar o vocabulo *péta*, i. e. mentira, com

que se enganão os parvos, dizendo-lhe cousas incriveis, inverosimeis, etc.

PAZAR: V. *Bazar*.

PECHA: tacha, defeito, vicio. Do hebr. *p'heschahh* [פשע] prevaricação, transgressão, injustiça, maldade.

PEITAR: Em outra parte dizemos, que este vocabulo se pode derivar do grego πείθω, seduzir com palavras brandas; trazer alguem com geito ao nosso partido. Alguns porêm são de opinião, que o proprio vocabulo grego veio do hebr. *p'hetah* [פתה] *alliciar* com palavras lisongeiras, persuadir, seduzir (lat. *blandis verbis allicere; blande adducere*, *inclinare*, *seducere*, *suadere*) que são as significações do verbo grego, e tem grande analogia com as do portuguez *peitar*.

PERUCA: cabeleira postiça, que se usa para supprir a falta de cabêlo, ou para ornato da cabeça. Vem do hebr. *p'herochh* [פרע] coma, cabeleira penteada, e aceada (lat. *coma*, *caesaries compta et curiosius culta*) da raiz *p'herachh*, na fórma *paul*, *p'heruchh* [פרוע] *cabeça nua*, *cabeça descoberta*.

PESEGO: fructo bem conhecido: he o *malum persicum* dos latinos, que tambem ao pesegueiro chamavão *persica* (arbor), por ter vindo originariamente da Persia. Nós de *persicum* fizemos *pésego*, que muitos ainda dizem *pésigo*, com melhor, ainda que menos usada, pronunciação. A sua origem he a mesma do nome *Persia*, que em hebraico se diz *p'hars* [פרס].

PETA: V. *Patáo*.

PICHEL: vaso, ordinariamente de metal. Pode vir do hebr. *p'hishel* [פסל] vaso lavrado, jarra, concha, qualquer obra de esculptura.

PIZAR: esmigalhar; fazer em miudos bocados. Pode derivar-se do hebr. *p'hizzar* [פזר] romper, quebrar, espalhar, dispersar, etc.

POMBE: vocabulo usado no reino de Angola, que significa a pessoa, que vai ao sertão negociar a compra dos escravos. He proprio do idioma anbundo, e quer dizer mensageiro, internuncio, o que fala por outrem, ou em lugar de outrem, etc.

Q

QUEIMAR: reduzir a cinzas pelo fogo. *Malvenda* (ao *Genes.* c. 43. v. 30) diz que o hebr. *qamar* [כמר] he o mesmissimo hespanhol *quemar*, e o latino *cremare* (*est ipsissimum hispanicum* quemar, *et latinum* cremare). O portuguez não differe do castelhano, senão em adoçar mais a primeira syllaba com o diptongo, dizendo *quei-mar*, em lugar de *quemar*. Tambem se pode derivar de *chhemah* [חמרה] queima, incendio, abrasamento, que os *Setenta* traduzem por θέρμη, e a *Vulgata*, e outros por *calor*, e talvez por *sol*, *sic dictus quod omnia calefaciat*, diz *Guarin Lex. Hebr.*

QUEZILIA: ou como escreve *Moraes*, *quegila*.

Vocabulo da ling. anbunda, que significa a antipathia, que os negros tem com algumas cousas.

QUINTAL: *Mayans* o põe entre os derivados do hebraico.

QUITANDA: praça de comprar e vender; lugar, em que se compra e vende; lugar do mercado. He o bundo e angolense *quitanda* que significa o mesmo, e delle formão a voz verbal *cuta-quitanda*, feirar, regatear. V. os *Diccion.* destas linguas.

R

RÃA: pequeno animal amphibio bem conhecido, e frequente nos lagos, nas agoas encharcadas, á borda dos rios, etc. O seu nome he huma onomatopêa, e por isso commum a muitas linguas. Nós o trazemos aqui como de origem hebraica, por acharmos neste idioma a sua significação fundamental e primitiva, no verbo *ranah* [רנה] *sonare*, ou no outro *ranan* [רנן] *cantare*, *exclamare*, *cantillare*, etc.

RABBI: *Rabbino:* era entre os Hebreos o nome que davão aos mestres da lei. O vulgo chama *rabbinos* a todos os Hebreos. He o hebr. *rabbi* [רבי] *mestre; rabboni*, *meu mestre;* de *rabb* [רב] mestre, doutor, magnate, em geral, pessoa principal, e notavel.

RACA: he o proprio vocabulo, que se lê no *Evang. de S. Matth.* c. 5. v. 22. e que nós conservamos na traducção sem mudança «*qui dixerit fratri suo raca reus erit concilio*» *quem disser a seu irmão* «raca» *será reo no concelho.*» Voz chaldaica *raka* [רקא] ou hebraica *rak* [רק] que ambas significão tolo, insensato, desmiolado, cabeça ôcca (*capite vacuo*) etc.

RAÇA: quer dizer propriamente o tronco, cepo, cabeça de familia, donde alguem descende, e tambem se applica aos animaes: homem de boa *raça*, isto he, de boa familia; de boa geração; de boa gente: cavallo de boa *raça*, isto he, de *boa casta*. Vem do oriental e hebraico *rosh*, ou *rash* [ראש] *cabeça*; o que he *principal*; o que he *anterior* e *superior* a todos: donde o hebr. *raschit* [ראשית] principio, origem. Em outras linguas orientaes achamos *rash*, principe, cabeça dos grandes; *raez*, capitão; *raiaz*, governador de provincia; *raja*, principe, etc. (V. *Barros*, 4. 4. 16. *Couto* 4. 1. 7. etc.) Veja-se tambem *Sousa Vest. Arab.* v. *rez*, e *Vieira* na palavr. franceza *race*.

RAFA: vocabulo plebeo. Diz-se que padece *rafa* quem padece fome, quem carece do necessario para viver: que anda *rafado*, que traz a bolsa *rafada*, ou que tem *rafa* na bolsa, quem não tem dinheiro: diz-se vestido *rafado* o que he pobre, velho, tozado do muito uso, que indica indigencia, etc. Vem do hebr. *raphah* [רפה] andar abatido, decahido de animo e de forças, frouxo, debilita-

do, languento, com mostras de penuria. *Bluteau*, no *supplem.* lhe dá a significação de *fome*, e diz que he palavra da giria.

RAK: especie de agoaardente extrahida do côco, ou do arrôs, na India. Os Inglezes o trazião de Malaca, e com elle fazião o *punch*. Em francez, e outras linguas se diz *arrak*, e os nossos antigos chamavão *arraka* huma agoaardente da Persia, extrahida (diz *Bluteau*) do excellente vinho de Schiraz. He vocabulo de origem oriental.

RASGAR: romper, dilacerar, fazer pedaços hum tecido, hum vestido, hum papel, etc. Em outra parte o derivamos do greg. ῥαγόω, que tem a mesma significação. *Malvenda* porêm (a *Jerem.* c. 50. v. 34) notou a analogia do hespanhol *razgar* com o hebr. *raqhhatz* [רעץ] rasgar, romper, dilacerar. Pode ser que do hebr. passasse o vocabulo aos gregos, como sem duvida passárão muitos outros.

RECAMAR: (*Vest. Arab.*) He vocab. hebr., e mui frequente nas Script. S., de *rekam* [רקם] pintar á agulha, fazer differentes feitíos, talvez de differentes cores, na teia, com agulha, a que tambem chamamos bordar, ou broslar.

RE'CUA: numero de bestas de carga, que caminhão humas após outras, conduzidas por hum almocreve. *Malvenda* (ao 3. dos *Reis* c. 4. v. 28) explicando a significação do hebr. *reqash* [רכש] diz assim « si meum uteumque judicium est audiendum, arbitror, consentiente voce, esse id, quod hispanice dicitur *requa*, vel *reqas*, nempe longum agmen, seu

seriem mulorum, qui merces et commeatus in varia loca transvectare solent. » V. *Blut.* v. *récua.*

REDE: No art. *Coifa* dissemos que quando a coifa he feita e tecida com aberturas, como malhas de *rede*, se lhe dá este mesmo nome. Neste sentido o vocabulo *rede* pode vir do hebr. *rededi* [רדידי] veo, cobertura tenue, ligeira, e rara (lat. *velamen*, *velum*, *theristrum*, *peplum subtile*) com que as mulheres cobrem a cabeça; fita, ou faxa de seda, com que se ajuntão, recolhem, e prendem os cabellos. Vem este vocabulo no *Cantico dos Canticos* cap. 5. v. 7., e dizem os hebraistas que he formado do verb. *rhadad* [רדד] *dominari*, *potestatem habere;* por ser a cobertura da cabeça nas mulheres hum sinal da sua sujeição, e dependencia.

REGALO: Damos este nome 1.° ao manguito forrado de pelles, ou de seda acolchoada, em que as mulheres mimosas metem as mãos e os braços no inverno, por causa do frio, ou por delicia: 2.° ao prazer e satisfação, que sentimos quando no vestido, na comida, e em todo o trato da nossa pessoa gozamos de alguma cousa mimosa, delicada, deliciosa, e de exquisita curiosidade e gosto. 3.° ás cousas, que nos causão esse prazer. Assim, por exemplo, huma fructa excellente, e mui saborosa he hum *regalo:* e nós nos sentimos *regalados*, quando a vemos, cheiramos, ou comemos, etc. Este vocabulo nos parece derivado do hebr. *reghhaloth* [רעלות] que se lê em *Isaias*, cap. 3., aonde des de

o v. 18 até 23 se nomeão não menos que vinte e huma especies de ornamentos d'aquelles que compõem o que se chama *mundo das mulheres (mundus muliebris)*, em que se comprehendem roupas finas e delicadas, vestidos custosos, galantes, e loução; brincos, braceletes, pulseiras, anneis, joias, leques, cintos, e outros semelhantes atavios, galas, e louçainhas. Entre ellas se lê *reghhaloth*, plural feminino, que a *Vulgata* parece haver traduzido por *armillas*. Como porêm este vocabulo se não acha em outro algum lugar da Biblia, os interpretes e hebraistas desvairão muito sobre a sua verdadeira significação; porque huns o entendem em geral por *veos subtis*, e ligeiros, com que se adornão as mulheres; outros por certo ornamento com que cobrião as faces, para evitar os incommodos do frio, do ar, ou do pó; outros por huma especie de toucado enfeitado com fitas pendentes, fios, estrellas, ou lentejoulas de ouro; outros por braceletes, etc. Nós conjecturamos que d'aqui veio o nosso vocabulo *regalo*, cuja significação se applica a tudo o que he mimoso, delicado, delicioso, gostoso, etc. e ao sentimento de prazer que com isso experimentamos.

REMATE : *rematar* : V. *Mate*.

RETAMA : voz castelhana, que talvez se acha em algum escriptor portuguez (V. *Bluteau*). Significa a planta, que vulgarmente chamamos *giesta*. Do hebr. *rotham* [רתם] que significa o mesmo. Tambem he vocabulo arabico.

RETEZIA : *reteziar:* são vocabulos frequentes na linguagem da plebe do Minho, e exprimem a especie de contenda que ha entre duas pessoas, que a cada passo estão disputando, com frequente contradicção, encontrando-se em tudo, tendo a miudo reciproca collisão, etc. Pode derivar-se do hebr. *retzetz* [רוצץ] dar de encontro huma cousa com outra; pugnar, bater-se, quebrar-se reciprocamente, etc.

RIQUEZA : superabundancia de bens da fortuna, de terras, dinheiros, joias, baxellas. He o abstracto de *rico;* vocabulo que alguns etymologistas julgão derivado das linguas dos povos barbaros, que invadírão as Hespanhas no principio do sec. 5. : e com effeito o achamos, tanto na composição dos nomes proprios ostrogodos, wisigodos, wandalos, etc. *Theodo-rico*, *Amala-rico*, *Ala-rico*, *Rode-rico*, *Hunne-rico;* como na denominação de *rico-homem*, que entre aquelles povos exprimia hum alto grão de nobreza. Comtudo tambem no hebr. encontramos, e he frequente nos livros santos, o vocabulo *reqush* [רכוש] que significa substancia, bens, possessões, alfaias, em fim *riquezas;* e delle formárão *raqash* [רכש] ter, possuir, adquirir, etc. *Malvenda* já notou a analogia do hespanhol *riquezas* com o hebr. *requsch.* Em germanico *reich* significa poder, imperio, principado, etc.

ROMÃA : fructo bem conhecido, que em arabe, e persiano se diz *romman;* em antigo egypcio, ou coptico *he-rrman;* em hebr. *rim-*

mon, ou *rommon*. *Oleastro* (ao cap. 22 do *Deuteron.*) prefere a origem hebraica. Nós o julgamos derivado do hebraico, ou punico; porque o nome de *malum punicum*, que lhe derão os latinos, parece indicar que esta planta tinha sido introduzida na Europa pelos Carthaginezes.

ROQUE: palavra usada nesta especie de proloquio popular «*não tem rei, nem roque*» he o nome de huma peça do jogo do xadrês, e por consequencia, de origem oriental.

RUFIÃO: ou *refião:* alcoviteiro; homem dado a mulheres, etc. Parece vir do hebr. *rep'hion* [רִבְיוֹן] molleza, dissolução, delicias, delicadeza e afeminação mulheril.

RUIBARBO: ou *reubarbo*, ou *rheubarbaro*, ou *rhabarbaro:* raiz medicinal bem conhecida. Vem do persiano *rhabarbar*, que significa o mesmo. (V. *Vest. Arab.*)

RUIM: ou *roim:* o que he máo no seu genero, v. g. ruim caza, ruim genio, ruim homem, ruim gente, etc. He o hebr. *rohhim* [רעים] do verbo *rohhahh* [רעע] ser máo, ser improbo, etc.

S

SABAOTH: he hum dos appellidos (se nos he permittida esta expressão) que damos a Deos, dizendo *senhor Deos de sabaoth*, segundo a

frase ecclesiastica « *dominus Deus sabaoth*, que commummente se interpreta senhor Deos *dos exercitos*. Vem do hebr. *tzabah* [צבח] milicia, exercito. Applicando porêm a Deos este epitheto, pode entender-se por *exercitos* a milicia celeste dos anjos; a milicia dos astros; a universalidade ordenada de todas as creaturas do ceo e da terra, etc.; pelo que com grande prudencia advertio S. Jeronymo, que este vocabulo se não devia traduzir em outra alguma lingua, por não alterar a sua significação, e energia original.

SABUGO: a medulla do corno do boi, do cabo das bestas; a parte da espiga do milho em que o grão está embebido, etc. (V. *Moraes*). Parece vir do hebr. *sabuq* [סבוך] o que he ou está envolvido, implicado, intricado: do verbo *sabaq* [סבך] envolver.

SABBADO: he entre nós o dia da semana anterior ao domingo: do hebr. *sabbat* [שבת] *cessar*, *descançar*, *repousar*, e tambem *repouso*, *descanço*, *cessação de trabalho*, porque os Hebreos guardavão este dia, segundo a lei, cessando de toda a especie de trabalho. O domingo começou entre os christãos a substituir o *sabbado*, como dia de cessação dos trabalhos servis, e especialmente dedicado ao culto de Deos, logo des de o tempo dos apostolos, e Constantino M. o mandou guardar em todo o imperio por edicto geral do an. 321. da era christãa.

SACAR: Este vocabulo, tão usado na linguagem mercantil, em que se diz *sacar* fazendas, *sacar* mercadorias, *sacar* letras, etc. parece-

ser o proprio hebraico *sachhar* [סחר], negociar, traficar, feirar, fazer giro de negocio, girar por differentes partes, feirando, traficando, negociando. A significação mais restricta, que Moraes lhe dá, de tirar, *exportar fazendas para fóra do reino*, parece secundaria, e certamente não he applicavel v. g. ás letras de cambio, que nem sempre se *sacão para fóra do reino;* mas sim se negoceão, girão, etc. A expressão figurada do P. Vieira, que *as mentiras tem muita saca nas grandes cidades* quer dizer que girão muito, e por muitas mãos; que tem grande gasto, e sahida; que muitos as vendem, e com ellas negoceão, etc. V. *Moraes* v. *saca;* e *Vest. Arab.* nas palavras *saca*, e *açougue.*

SACCO: Tem-se notado a generalidade com que esta voz foi adoptada em muitos idiomas, e em todos com a mesma significação. Os Hebreos dizem *sak* [שק]; os Gregos σάκκος; os Latinos *saccus;* os Bretões *sach;* os Allemães *sak;* os Francezes *sac*, etc. etc. Esta generalidade e uniformidade parece indicar voz original e primitiva.

SAFIRA: pedra preciosa mui conhecida. Do hebraico *sap'hir* [ספיר] cousa bella, formosa, donde veio o greg. σάπφειρος, e o lat. *sapphirus.*

SAGUÃO: V. *Xaguão.*

SALA: ha nas nossas cazas, principalmente nas maiores, e nos palacios, varias divisões, algumas das quaes, mais espaçosas, e ordinariamente mais bem adereçadas, se chamão

salas: sala de espera, aonde estão os hospedes até que sejão conduzidos ao interior; *sala* de visitas; *sala* de lavor; *sala* de banquete; *sala* d'orchestra, etc. Bluteau deriva este vocabulo do hebr. *sala*, que significa (diz elle) *descançar*. Acaso teve em vista o hebr. *salah* [סלה] que muitos interpretão *pauza*, *intervallo*, *descanço*. Esta voz achase em alguns psalmos, como fóra do texto, e julga-se ser sinal de descançar a voz; de fazer pausa na musica, quasi como na nossa musica as chamadas *pauzas*, ou certos caracteres, que as designão. Outros derivão *sala* da ling. celtica, e outros do germanico *saal*. V. tambem *Vieira* na palavra italiana *sala*.

SALCHICHA: V. *Chicha*.

SANEFA: ou antes *çanefa:* faxa, ou peça atravessada no alto do cortinado. He o hebr. *tzanip'h* [צנף] ornamento da cabeça; especie de fita, faxa, ou diadema, com que alguns antigos Reis adornavão a cabeça: e tambem faxa, com que cingião a cabeça os summos pontifices do povo hebreo.

SANHA: ira violenta; ira com grande indignação, etc. Vem do hebr. *sanah* [שנאה] ira inveterada, odio, rancor; do verb. *sana* [שנא] ter odio, perseguir afincadamente com raiva, d'onde *sanu* [סנאו] o que está com odio contra alguem, sanhudo, etc. De sanha formamos *sanhudo*, *asanhado*, *asanhar-se*, etc.

SAPO: reptil muito conhecido. Vem do hebr. *tzab* [צב] que significa *bufo*, *rubeta*, em portuguez *sapo*. Já *Malvenda* notou a conso-

nancia dos dous vocabulos, e parece ter-se inclinado a adoptar a nossa derivação.

SARRAFAÇAL: damos este nome a hum ruim official de cortar, sarjar, serrar, etc. Tambem usamos dos verbos *sarrafar*, e *sarrafaçar*, e chamamos *sarrafo* a hum pedaço de taboa, cortado, ou serrado della. Vem do hebr. *sarrap'h* [שרף] que propriamente significa *queimar*, e se toma por tudo o que causa ardor, e inflammação, pelo que se entende algumas vezes da febre, do carbunculo, da peste, do ferro da seta, do carvão acceso, etc.

SATANAZ: o anjo reprobo, principe dos anjos máos, e inimigo dos homens. He o hebr. *satan* [שטן] adversario, accusador, insidiador; do verbo *satan*, adversari, donde o grego formou σατᾶν, o principe dos anjos máos. Em outras linguas orientaes se acha com significações analogas. *Diogo do Couto*, 5. 6. 3. diz que *diagal*, e *saitan* erão nomes que o gentio da India dava aos anjos da terceira ordem, *executores dos castigos de Deos*. *Plutarcho* refere que os Egypcios davão a Typhon o appellido de *seth*, isto he, *inimigo*. *Volney*, na *Viagem da Syria*, diz que ainda hoje alguns povos daquellas regiões honrão o *chaitan*, ou *satan*, isto he, o *genio inimigo e adversario*, etc.

SATRAPA: vocabulo persiano; quer dizer *grande senhor*, *governador de provincia*, etc.

SEMANA: periodo de sete dias, em que dividimos o tempo. Vem do hebr. *zeman* [זמן] tempo certo; tempo determinado; tempo

prefixo. *Malvenda* (ao liv. 1. de *Esdras* c. 10. v. 14) falando do verbo hebr. *zaman*, e do seu derivado *zeman*, diz que d'ahi vem o castelhano *semana* « *nos* (são as suas palavras) *voce consona*, *septimanam*, *et vocabulo hispanico*, *ab hebraeis ducto*, semana *significare arbitramur.* » Alguns quizerão trazer *semana* do latim *septem mane:* mas nem esta frase he latina; nem com ella se explica o que he *semana;* nem os Romanos ou Gregos usárão a divisão do tempo em semanas senão depois que abraçárão o Christianismo. Assim o nome *semana* he indubitavelmente hebraico, bem como o periodo por elle significado.

SENZALA: lugar, ou caza, em que habitão os negros: em conguêz, e angolense *senzala*, morada.

SERAFIM: anjo da primeira ordem, da primeira jerarquia. He o hebr. *sherap'him* [שרפים], que litteralmente significa *igniti*, *candentes*, i. e. *abrazados*, do verbo *sherap'h* [שרף] *accender*, *abrazar*.

SICLO: moeda e pezo hebraico: em hebr. *schikl* [שקל]. Delle diz S. Jeron. « *siclus autem*, *id est*, *stater*, *habet drachmas quatuor; drachmae autem octo latinam unciam faciunt* » por onde se vê que o *siclo* equival a meia onça latina.

SOFFETE: lê-se este vocabulo na nossa historia antiga, quando se fala da republica de Carthago, e dos magistrados, que com aquelle nome a governavão. He o fenicio, e hebraico *shop'hetim* [שופטים] plural de *schop'hete*,

nome que se dava aos Juizes de Israel, especie de magistrados supremos, que tinhão alguma semelhança com os *Archontas* da Grecia, ou com os *Dictadores* dos Romanos: *shop'het* [שופט] prefeito, governador, curador dos negocios publicos, juiz; de *shap'hat*, *julgar*. Póde conjecturar-se que aos *Soffetes* Carthaginezes serião semelhantes em autoridade e poder alguns celebres capitães Lusitanos, que antes dos Romanos, e no tempo delles governárão a nossa gente, como, por exemplo, o primeiro *Viriato*, a quem *Silio Ital.* chama « *regnator Iberae magnanimus terrae* »; o segundo *Viriato*, caracterizado por *Lucio Floro* como o *Romulo da Hespanha*, e outros.

SOMITIGO: ou *somitico*, ou *somitego*: (V. *Moraes*). Este vocabulo parece ter hoje quasi perdido a sua primeira significação, para tomár outra menos torpe e infame, entendendo-se do homem sordidamente avarento, misero, cainho, etc. A voz *somitigo* he corrupção de *sodomitico*, e este he tomado do hebr. *sedhom*, ou *sedhomah* [סדום, ou סדמה] nome da cidade de *Sodoma*, bem conhecida na historia do *Antigo Testam. Genes.* cap. 19.

SOPHÁ': ou *sofá*: leito de repouso; especie de estrado, algum tanto elevado, e coberto de hum tapete. He vocab. turquesco, do oriental *sophah*, *estrado*, *banco*, etc.

SOPHI: titulo de dignidade dos Reis da Persia, quasi como o *Faraó* dos Egypcios; o *Sultão* dos Turcos; o *Cesar* dos Romanos, etc.

SOVA: vocabulo frequente na historia do Con-

go, Angola, etc.: quer dizer *governador de provincia*, nome que se dá aos senhores ou governadores de hum certo territorio, quasi como os nossos antigos senhores de terras. O vocabulo quer dizer nas linguas daquelles povos *senhor*, *cabeça do povo*, etc.

SULTÃO: nome que os Turcos dão aos seus soberanos. Dizem alguns que he voz chaldaica, mas de origem hebraica, e o derivão de *shalet* [שליט] o que tem poder; o magistrado; presidente, regedor, donde vem *shaltan*, ou *shalton* [שלטן ou שלטון] o que he primeiro entre todos; o que a todos prefere em autoridade e poder; o que tem dominio e senhorio.

T

TACANHO: illiberal, misero, acanhado em dar e gastar. *Duarte Nunez*, e *Mayans* o julgão derivado do hebraico.

TAÇA: pequeno vaso por onde se bebe vinho, chá, caldo, etc. O douto *Sousa* nos *Vest. Arab* o deriva do arabe. *Vieira* diz que he o arabe, persiano, e turquesco *tas*, *poculum*, *scyphus*.

TALABARTE: V. *Talim*.

TALIM: especie de banda, que pende do hombro direito para o lado esquerdo, e ahi sustenta a espada, o bacamarte, etc. He o pro-

prio hebr. *thali* [תלי] que os interpretes da Escript. S., seguindo a versão dos Setenta, e a de S. Jeron. traduzem por *pharetra;* do verbo *thalah* [תלה] suspender, estar pendente. *Malvenda*, (ao *Gen.* cap. 27. v. 3) diz « suspicio mihi est, ne, consentiente voce, sit illud, quod hispanice dicimus *taheli*, nempe cingulum seu balteus, aureis aut argenteis bullis ornatus, quem transversum ab humero in latus milites, vel venatores, aut qui se fortes jactant, deferre solent. Sic dicitur a *talah*, suspendere, quia ex eo gladii, enses, et alia arma suspensa, et nunc sclopetos minores, seu pistolas deferunt. » Em outro tempo se chamava *talabarte:* depois se fez alguma differença entre *talabarte* e *talim*, ambos derivados da mesma origem (V. *Bluteau*). Ainda ha hum seculo, entre os povos do Malabar, costumavão as noivas trazer ao pescoço huma medalha de ouro, pendente de hum cordão de cento e oito fios, tingidos de côr de açafrão, com a imagem do idolo, que presidia ás nupcias, e a esta medalha davão o nome de *taly*, que he o mesmo que *pendente*. Era este hum dos ritos gentilicos, que alguns missionarios julgavão indifferentes, e que a Sé Apostolica muitas vezes severamente prohibio aos christãos neofitos.

TALINGAR: prender de modo que fique pendente, v. g. a amarra no argolão da ancora, o harpeo no élo, ou fozil da cadêa de ferro, etc. *Fernão Mend.* c. 36. « *dous harpeos talingados em duas cadêas de ferro*, isto he, prezos a ellas, *pendentes dellas.* » Em francez

étalinguer he termo de marinha: *étalinguer les cables* he *amarrar os cabos ao argolão da ancora*, etc. He vocabulo da mesma origem do antecedente. V. *Talim*.

TALISMAN: caracter, figura, ou imagem gravada, ou formada de metal, com certa correspondencia aos signos celestes, á qual supersticiosamente se attribue alguma virtude. Della usão os magos, feiticeiros, benzedeiros, e outros semelhantes impostores. He a voz persiana, ou antes arabe *talsman* [טלסמן] que em grego se diz τέλεσμα; em latim *astralis imago*; em francez *image constellée*, etc. (*Guarin*, *Lexic. Hebr.*)

TALMUD: hebr. *talmud* [תלמוד] especie de pandecta judaica, em que se contêm as doutrinas, ceremonias, e tradições dos Judeos, e especialmente as suas leis, e direitos sagrados, moraes, e civis. D'aqui vem *talmudista*, o que segue estas doutrinas e leis, e as aprende, ou nellas he instruido. Raiz *lamad* [למד] aprender, e na conjugação *piel* ensinar, instruir.

TA'MARA: fructo da palmeira. Do hebr. *thamar* [תמר] palmeira, e palma. « *Thamar* (diz *Malv. Genes.* c. 14. v. 7.) *palmam significare notum est, Lusitani dactylos* tamaras *vocant.* » A grande cidade fundada por Salomão, chamada pelos antigos *thadmor*, ou *thamor*, e que alguns suppõem ser a que os Gregos chamárão *Palmyra*, tomou o nome das palmeiras, que havia em grande copia no seu territorio. Por huma razão semelhante conjecturamos nós, que os Fenicios, ou He-

breos, ou Arabes das Hespanhas derão ao territorio de Murcia o nome de *Thadmir*, querendo por elle indicar a copia de palmas, de que tambem he fertil aquella região. « *Urbs Murcia* (diz o geografo *Nubiense*) *est metropolis terrae Tadmir, sitaque est in planicie, secus flumen Alabiadh, quod et eam interfluit, ponte cimbis fabrefacto aditum in illam praebente.* » etc.

TAMBAQUE: metal como cobre mui fino, que vem da China, e de lá trouxe o nome (V. *Blut.* v. *tambaca*).

TANGA: I: panno com que os negros cobrem o corpo, ou parte delle; especie de capa, ou manteo. Nas linguas do Congo e Angola *ntanga*.

TANGA: II: moeda que corria na India: voz persiana. V. *Vest. Arab.*

TAPEÇARIA: voz persiana. (*Vest. Arab.*)

TAPETE: voz persiana. (*Vest. Arab.*)

TARGUM: (em *Blut.* *Targo*, ou *Targho*) he a propria voz chaldaica *tharghum* [תרגום] *exposição, interpretação*. Dá-se este nome ás paraphrases chaldaicas da Escript. S., bem conhecidas das pessoas dadas aos estudos biblicos.

TARRAFA: especie de rede de pescar, que parece ser a que vulgarmente chamamos *chumbeira*. Do hebr. *tarap'h* [טרף] apprehender puxando; trazer a si por força; tirar a si com gancho, etc. donde *terep'h* [טרף] presa tomada na caça (lat. *captura ferarum*, *venatio*).

TELIZ: voz persiana. (*Vest. Arab.*)

TERCENA, ou *terecena*. *D. Franc. Manoel*, na

Epanafora Amorosa 3., falando deste vocabulo e sua significação, diz assim: « *Darsena*, e *arsenal* chamão os Venezianos o seu famoso *almazèm de galés*, donde se fabricão e guardão, a que nós dizemos *tercena; taraçana* e *ataraçana* os Hespanhoes. He nome celebre, a quem muitos tem por voz persiana, e dos Persas diffundida aos Arabes; porque *ters* em idioma persico significa navio, e *hane* caza, como se dissessemos *caza de navio*. Outros querem que seja nome arabico, quasi *obrador*, ou *caza de trabalho*, deduzindo-se da raiz *darsenáa;* e alguns dizem que hebreo, dizendo *darasináa*, que tudo differe pouco: cujas memorias trazemos porque se veja com quanta erudição aquelle sabio principe (o Infante D. Henrique) pôz o nome á sua villa: *Terçana naval*, ou *Terça naval*. » Até aqui D. Francisco Manoel; por onde se vê que o vocabulo *tercena* tem origem nas linguas orientaes. (*Vest. Arab.* v. *tarecena*, e *Vieir.* v. *terecena.*)

TEZOURA: instrumento de cortar, bem conhecido. He o hebr. *tzor* [צור] que significa pedra com fio mui agudo, de que os antigos Hebreos, e outros povos se servião para cortar; e tambem fio, ou gume talhante da espada, faca, cutello, etc. (V. *Exod.* c. 4. v. 25) Parece que os Hebreos usavão especialmente da pedra afiada (*tzor*) na operação da circumcisão, e ainda hoje os Falassas [Judeos) da Abyssinia usão de huma lasca de pedra, ou de huma pederneira muito afiada para fazerem a mesma operação.

TEXUGO: animal conhecido. *Oleastro (Exod. c. 25)* explicando a voz hebr. *thechhassim* [תחשים] parece conjecturar que della veio o portuguez *texugo*, lat. *taxus*.

TIARA: especie de mitra, ornamento da cabeça, insignia hoje propria do Papa, e antigamente usada dos Reis. He vocab. persiano.

TIL: nota ortografica mui conhecida e frequente no nosso abecedario e escriptura. A sua pequenez faz que se tome algumas vezes em sentido figurado por cousa tenue, minima, miudissima, etc. He o proprio vocabulo hebr. *til* [טיל] ponto, pequena linha, cousa tenue, miuda, subtil. D'aqui formamos *a-til-ar*, apurar, aperfeiçoar com miudeza; *atilado*, pontual, exacto até nas cousas miudas; aprimorado; que não falta nem a hum *til* de seus deveres, etc.

TINA: vasilha, como dorna, feita de leivas e arcos, com fundo, aberta por cima, que serve de guardar fructos; ou tambem vasilha de madeira, ou de metal, do mesmo feitio, talvez mais comprida que larga, de tomar banho. Pode derivar-se do hebr. *tena* [תנא] *canastro*, *cesta*, *seira*, *talha*, etc.

TÔA: dizemos andar *á tôa*, fazer algum negocio *á tôa*, isto he, sem plano, sem regra, sem designio certo, sem governo, ao acaso: levar o navio *á tôa*, ou dar *tôa* ao navio, he conduzilo, quando elle por si não tem governo. He o hebr. *thohhah* [תעה] andar vagando *ao acaso*, andar *sem governo*.

TOCAR: mover, tocar na alma, excitar affectos. Vem do hebr. *thaken* [תקן] que significa o

mesmo. Alguns o trazem do gothico *teken*, que tem identica significação, e que provavelmente veio do hebr., ou oriental.

TONINHA: *toninho*, ou *tonnina*: peixe frequente nas nossas costas. *Malvenda (Genes.* c. 1. v. 21.) diz que do hebr. *thanninim* [טנינים] ou *tannim* [תנים] (cetus) peixe grande, monstro marinho, vierão os vocabulos *atúm*, e *tonnina*, que se conservão no castelhano e portuguez. Parece provavel que nos viessem dos Fenicios, ou Carthaginezes. (V. *Atúm.*)

TÔRO: o tronco da arvore, direito, limpo dos ramos, e da rama: analogamente o corpo humano, destroncados ou decepados os membros, e tambem huma porção do tronco da arvore, quando esta se parte em dous, tres, ou mais *tóros*. Parece vir do hebr. *thoron* [תרן] que significa a *arvore da náo.*

TOURA: he o hebr. *thorah* [תורה] instrucção, doutrina, estatuto, lei; nome que os Judeos davão ao *Pentatheuco*, isto he, aos cinco livros da lei: e como, quando erão tolerados em Portugal, davão juramentos em juizo *sobre a sua lei*, dizião, que juravão sobre a *thorah*, donde veio dizerem os nossos corruptamente *toura*, perdendo talvez de vista a origem e significação do vocabulo. V. *Moraes* vv. *Toura*, *Tourinhas*, *Guinolas.*

TOZAR: cortar o vello aos animaes lanigeros. Vem, ao que parece, do hebr. *tzon* [צואן] *ovelha*, *cabra*, em geral qualquer animal dos que os latinos exprimião pelo nome commum *pecus*. Da mesma origem vem *tozão*, o vello desses animaes.

TUFÃO: *Diogo do Couto* 5. 8. 12. descreve o *tufão*, e indica a origem do nome, dizendo « este junco, indo demandar o porto do Chincheo, deo-lhe hum tempo muito grosso, *a que os naturaes chamão tufão*, que he tão soberbo e feróz, e faz tantas bravuras e terremotos, que parece que todos os espiritos infernaes andão revolvendo as ondas, e os mares. » E Fernão Mendes Pinto, cap. 50. tendo descripto huma destas tormentas conclue « *a qual tormenta os Chins chamão tufão.* Vej. tambem o *Trat. das cousas da China* de *Fr. Gaspar da Cruz*, cap, 29. Por onde parece que este vocabulo veio do Oriente. Os arabes dizem *tufan (Vest. Arab.)*; os gregos τυφών; os latinos *typhon*, etc. todos com a mesma significação, e todos do oriental *typhon*, vento impetuoso e ardente, etc.

TULIPA: flor formosa, vulgar nos jardins. Diz *Bluteau* que veio da Turquia, e que tem o nome de *tulipa* por se parecer na figura com os bonetes esclavonios, que os Turcos chamão *tulipant*, ou *tulipen*. *Sousa*, *Vest. Arab.* diz que he a voz persiana *tolipan*.

TURBANTE: vocab. persiano, e turquesco: faxa de linho, lãa, ou seda, que os Turcos trazem á roda da cabeça, e que talvez com suas differentes côres indica a seita musulmãa de quem a traz. Segundo *Vieira* he o persiano *toruan* ou *dolband*.

TURCIMÃO: Assim se lê no *Itiner. de Fr. Pantal.* o mesmo vocabulo, que *Moraes* traz em seis differentes artigos, segundo as variedades com que se acha escrito. *Sousa*, nos

Vest. Arab. escreve *turgeman.* Hoje se diz *drogman*, ou *dragoman*, do veneziano *dragomano.* Os Arabes dizem *terdjeman;* os Egypcios *tergoman;* os Francezes *truchement*, etc. Significa *interprete* ou *lingua.* A sua origem he o chaldaico *targum*, interpretação. (V. esta voz acima). Parece que deveriamos escrever e pronunciar *targumão.*

TORONJA: arvore, e fructa de especie media entre o limão e a laranja, maior, e mais carnuda. Pode derivar-se do hebr. *athrogh* [אתרוג] que no *Talmud Jerosolomit.* se diz *theronghia* [תרונגיא], segundo a observação de *Perez Bayer*, *de Num. hebreo-Samaritanis.* *Vieira* diz « *Toronja*, *ab arab. turunj*, *malum medicum.* »

V

VARANDA: dizem alguns que he vocabulo asiatico.

VÔDA: V. *Bóda.*

X

XACÔCO: dizemos que fala *xacóco* o que fala huma linguagem corrupta, quasi inintelligivel, misturando palavras barbaras, ou de

differentes linguas, mal pronunciadas, etc. He vocabulo que tomamos do conguêz, e bundo *xacóco*, que entre elles quer dizer *linguareiro*, *palrador*.

XADREZ: jogo, em outro tempo mui usado, cuja origem he oriental, e segundo opinião de alguns, propria da Persia, donde passou aos Arabes. Deriva o seu nome do vocabulo *Shah*, ou *Xa*, que na lingua persiana significa *Rei*, pelo que se pode chamar jogo Real, ou jogo dos Reis. O nosso grande Rei D. João II. era apaixonado delle, e com elle frequentemente se entretinha, como refere *Garcia de Rezende*, seu criado. Os nossos antigos dizião *enxadrés*. V. *Sous. Vest. Arab.*, e *Vieira* v. *xadrés*.

XAGUÃO: pateo descoberto no meio das cazas, aonde cahem com grande soído e estrepito as agoas dos telhados. He o hebr. *schahon*, ou antes *schawon* [שאון] cisterna, ou lugar, aonde vão ajuntar-se muitas agoas, cahindo com estrepito. Alguns interpretes o explicão litteralmente por *cisterna sonitus;* outros por *lacus tumultuosus*, e o antigo autor da versão hespanhola da Biblia por *algibe sonoro*. V. *Algibe*.

XALE: V. *Chale*.

XA-MATE: voz do jogo do xadrês. V. *Mate*.

XAQUE: voz do jogo do xadrês, para avisar quando o Rei está ferido de alguma peça, e evitar que se lhe dê o *mate*, ou *xa-mate*, com que se perde o jogo. V. *Moraes* v. *xaque*.

XARÃO: verniz usado na China e Japão, donde trouxemos o nome.

O

XERAFIM: moeda da Asia, ainda hoje usada. Em Ormuz era de ouro, e valia 300 reis pouco mais ou menos, segundo Duarte Barbosa.

Z

ZAINO: *Moraes* define este vocabulo « *cavallo zaino, castanho escuro, sem mescla.* » Na prov. do Minho he frequente dar o nome de *zaino* ao homem infiel ao seu amigo, que o lisongêa em presença, e o atraiçôa na ausencia; ao homem doloso, que não trata o negocio com lizura, etc. Diz *Bluteau* com *Covarrubias* que he vocabulo trazido da lingua hebraica, alludindo acaso ao hebr. *zannahh* [זנח] repellir, lançar de si com força, rejeitar com aversão, etc.

ZANAGA: damos este nome aos que metem hum olho por outro; aos que voltão hum dos olhos para a parte contraria ao natural. *Moraes* diz que he o vesgo, torto, zarolho. Vem do hebr. *zannahh* [זנח] que significa, como acabamos de dizer no precedente artigo, *repellir, lançar de si, rejeitar para a parte opposta, apartar-se com violencia*, etc.

ZANGA: aversão, antipathia, grima. Em outro lugar dissemos que se podia derivar do germanico *zanchen*, contender, rixar, debater. Em hebr. porêm achamos *zaghham* [זעם] ter aversão, ter em desprezo, tratar com

raiva, mostrar indignação e ira, e tambem, como nome, detestação, indignação, etc. Hum erudito Portuguez o põe entre os vocabulos de origem africana.

ZARGUNCHO: pequena lança de arremesso, usada dos Cafres africanos.

ZEIMÃO: vocabulo, com que a plebe da prov. do Minho denomina, como por desprezo, hum homem sem prestimo, desamanhado, indigno, incapaz de cousa boa, do qual dizem que he hum *zeimão*. Pode vir do hebr. *zamam* [זמם] homem máo, facinoroso, scelerado, de *zimah* [זמה] maldade, velhacaria, etc.

ZAGAIA: V. *azagaia*.

ZIGUEZAGUE: commummente se dá este nome a hum caminho, que não vai de hum ponto a outro *via recta*, mas fazendo voltas, em differentes, e talvez oppostas direcções, a fim de chegar ao termo com menos fadiga, ou risco. Assim, v. g., para subirmos ao alto de huma montanha aspera, e ingreme, não tomamos o caminho direito, mas fazemos giros, voltas tortuosas, torcicollos, *ziguezagues*, de maneira que gastando talvez mais algum tempo, ganhamos pouco a pouco a altura com menos trabalho, e cansaço. De hum rio, que faz caminho retorcido em differentes voltas, parecendo ás vezes que vai em direcção opposta ao seu curso natural, e tornando depois a tomalo, dizemos que vai fazendo *ziguezagues*, etc. He o proprio hebr. *siqhsaqh* [סכסך] que exprime mistura confusa de differentes cousas implica-

das entre si, talvez contrarias humas a outras, vindas de differentes partes, e com direcções differentes, mas que por fim vão terminar, ajuntar-se, e parar no mesmo ponto. Duas vezes somente se acha este vocabulo nos livros SS., em *Isai.* c. 9. v. 11, e cap. 19. v. 2.

ZIMBO: V. *Gimbo.*

ZINAS: este vocabulo, que não vem em *Moraes*, he frequentissimo na prov. do Minho, aonde se diz «*estamos nas zinas do inverno*» estamos *nas zinas do verão*, isto he, nos mais penetrantes frios do inverno, ou nos mais ardentes calores do verão. Parece vir do hebraico *tzinnah* [צנח] grande frio; frio de gelar; rigor do frio, e em geral, tudo o que punge e penetra; tudo o que he agudo, pungente, penetrante. Em germanico *zinne* exprime a parte mais elevada de hum edificio.

ZOINA: nome vil, que as mulheres da mais baixa relé dão frequentemente, na prov. do Minho, a outras taes, quando contendem entre si, querendo chamar-lhes *más mulheres*, *mal procedidas*, etc. He o hebraico *zonnah* [זונח] taberneira; e tambem mulher mal procedida, meretriz (*scortum*, *et vile prostibulum*, Levit. c. 21, v. 7.), nome que no liv. de *Josué* c. 2. v. 1. se dá a Raab, em cuja caza pousarão os exploradores mandados por Josué, e que os commentadores interpretão *meretrix*, *scortum*: do verb. *zun*, ou *zannah* [זון, ou זנח] que significa prostituir-se por dinheiro (lat. *prostare lasciviendi gratia*; *prostituere se mercedis causa*; *mereri corpore*, etc.)

APPENDIX.

NOTÃO-SE ALGUNS HEBRAISMOS QUE SE CONSERVÃO NO IDIOMA PORTUGUEZ.

1. São hebraismos as seguintes frases:

» *andar com todos os ventos.*

» *ter o coração ao pé da boca.*

» *doce como o favo de mel.*

» *lançar mão do alheio*, por *furtar.*

» *lançar para tras das costas*, isto he, *desprezar*, *ter em pouco*, *ter por cousa vil.*

» *metter mão á empreza*, *ao negocio*, isto he, *começalo.*

» *metter a mão* em algum negocio: i. e. *entrar nelle.*

» *roubar o coração a alguem*, i. e. ganhar-lhe a vontade, os affectos.

» *falar ao coração a alguem*, i. e. dizer-lhe cousas agradaveis, conformes á sua vontade; demover-lhe os affectos maviosos.

» *tem máo olho*, isto he, tem máo caracter; tem mostras de máo homem.

» *viver á sombra de alguem*, i. e. debaixo da sua protecção.

» *homem de nome*, isto he, de fama, de grande reputação.

» *andar com Deos*, isto he, succeder-lhe tudo bem.
» *cahir-lhe em sorte*, i. e. acontecer-lhe.
» não lhe perdôo *nem nesta vida, nem na outra.*
» não se desviou *nem para a direita, nem para a esquerda.*
» *o homem põe, e Deos dispõe.*
» *pôr os olhos em alguem*, i. e. favorecêlo, protegêlo.
» estimar huma cousa *como as meninas dos olhos.*
» *olho de agoa*, por nascente, ou golpe de agoa, que rebenta por alguma abertura da terra.
» *alma* por *pessoa*: v. g. esta provincia tem tantas mil *almas*.
» *fulano fala com fulana*, i. e. tem tracto illicito com ella; andão de amores.
» andou *dias e dias* nesta porfia.
» *tormenta do diabo*, isto he, muito grande.
» he *muito muito* rico; *muito muito* sabio, etc. estes superlativos são de genio hebraico.
» *mijar de medo*, ou *mijar-se de medo.*
» *olha: faze o que te digo.* O verbo *olhar*, que nesta e n'outras semelhantes frases parece ocioso, he hebraismo.
» he tambem hebraismo a repetição de hum nome ou verbo para significar multidão, demasia, ou excesso: v. g. veio *gente, gente, gente* » *comeo, comeo, comeo* até que rebentou » os avarentos tudo he *adquirir, adquirir* sem attentarem aos meios » etc.
» huma preposição antes de outra, que rege

hum nome, v. g. a porta *de sobre o muro* » andou *em derredor* da caza » sahio *de debaixo* das ruinas » he uso hebraico.

» esta frase « *que estaes a olhar?* » falando a homens ociosos, ou priguiçosos no trabalho, he hebraismo.

» *levantar a mão contra alguem* » he frase hebraica.

» o optativo supprido por huma interrogação parece do uso hebraico: v. g. *quem me dera ver-te* » *quem me dera poder-me explicar?* por oxalá que eu podesse ver-te, que eu podesse explicar-me!

» quando alguem nos pergunta v. g. *para onde vamos*, e lhe não queremos responder a verdade, dizemos « *vou para onde vou* » ou *vou para onde devo hir* » ou *vou não sei para onde.* Estes modos de falar são hebraicos.

» á lingua hebraica ajunta ás vezes á frase hum dativo emfatico, que parece superfluo. Assim por exempl. no Psalm. 118. v. 79 « *convertantur mihi timentes te* » aonde o *mihi* parece redundante. Nós dizemos analogamente « não *te sei* que faça neste caso » elle *se estava* no seu palacio muito descançado » os peixes la *se vivem* nos seus mares, etc. V. *Moraes*, v. *Intransitivo. Malvenda* diz que são *hebraismos* e *hispanismos;* e Marianna refutando os que pretendem achar na frase hebraica algum mysterio, ou subtileza, chama-lhe « *modus loquendi*, *hebraeis usitatus*, *sine alio mysterio.* »

» Quando os hebreos querem gabar a nobreza de alguem, dizem que he *ben-isch* [כני־איש] *filho de barão*, como nós dizemos *filho de algo*, e hoje *fidalgo*: aos homens de baixa sorte chamão-lhe *bene-adam* [בני־ארם] *filho de adam*, *filho de homem*. Jesu-Christo se denomina a si mesmo, neste sentido, *filho do homem*. *Filius Adam* (dizem os interpretes) *id est*, *filius hominis plebei*, *vilis*, *et abjecti*: *filius Isch*, *id est*, *filius Viri nobilis*, *fortis*, *strenui*.

» A lingua hebraica não tem a fórma neutra, e usa da feminina em lugar della: v. g. no Ps. 26. v. 4. « *unam petii a Domino*, *hanc requiram* » e no Ps. 118. v. 56. « *haec facta est mihi*. » Nós tambem dizemos « *esta me aconteceo* » *para esta não estava eu preparado* » *por esta não podia eu esperar*, etc.

» Estas frases tão usadas entre nós « fulano he *filho de Lisboa* » he *filho de Portugal* » he *filho do Brasil* » são proprias do idioma hebraico, que tambem diz « *filhos de Canaan* » *filhos de Memphis* » *filhas de Sion*, etc.

» O elegante uso, que fazemos, do verbo *amargar* nestas frases « bem *amargou* as honras que goza » ainda ha de *amargar* esses favores da fortuna » etc. he idiotismo hebraico.

» Outro uso temos, elegante e mui expressivo, na linguagem vulgar, quando de alguem, ou a alguem, que fez o mal, e teme, ou experimenta as suas consequencias, dizemos « assim o quiz, *lá se ave-*

nha» ou *lá te avém* ja que assim o quizeste. Esta frase parece tomada do hebr., aonde v. g. no *Genes.* c. 38. v. 23. lhe corresponde na Vulgata «*habeat sibi*» lá o tenha para si» que lhe préste» *lá se avenha.*» E este mesmo parece ser o genuino sentido das palavras, que os principes dos sacerdotes disserão a Judas, quando levando-lhes elle o preço da sua deslealdade e traição, e confessando que tinha peccado entregando *o sangue innocente*, lhe responderão «*quid ad nos? tu videris*» isto he, *que nos importa isso a nós? lá te avém.*» (*Matth.* c. 27. v. 4.)

»*Cerrar com o inimigo*» isto he, romper a batalha carregando o inimigo no primeiro conflicto; cahir sobre elle com força; accommetter com violencia, he frase hebraica.

»Tambem he hebraismo pôr, em lugar do adjectivo, o substantivo abstracto em estado de regencia, v. g. *homem de honra*, *de brio*, *de verdade*, por homem *honrado*, *brioso*, *verdadeiro*» homem de *trapaças* de *mentiras*, por homem *mentiroso*, *trapaceiro*» mulher de *mexericos*, de *beatices*, por mulher *mexeriqueira*, *beata*: no mesmo sentido dizem os Hebreos «*vir misericordiae*» *mulier stultitiae*» *lingua mendacii*» por «varão *misericordioso*» mulher *estulta*» lingua *mentirosa*» etc.

»He frequente nos nossos antigos documentos usar de certas frases, que podemos chamar distributivas, nas quaes se repete

duas vezes o nome do objecto, que se quer distribuir, indicando com isso que elle compete *por igual* a cada huma das partes da distribuição. V. g. tres bois, *de treze treze moios*, isto he, *cada hum* do valor de treze moios» duas cubas *de vinte vinte moios*, isto he, de *vinte moios cada huma*» lhes darão *dés*, *dés açoutes*, i. e. dés açoutes a cada hum, etc. Este uso parece hebraico. No Liv. dos *Num.* c. 28. vv. 13. e 29 «*decimam*, *decimam*, quer dizer, *cada hum a decima*» em *Ezechiel*, c. 10. v. 21 «*quatuor*, *quatuor facies uni*» quer dizer »*quatro faces cada hum*, etc.

» Tambem he frequente no hebr. repetir no plural, em estado de regencia, o nome do singular, para encarecer a sua grandeza e excellencia: assim, por ex., *vanitas vanitatum*» *canticum canticorum*» a *maior de todas as vaidades*» cantico *optimo*, *excellentissimo*. Nós temos este hebraismo, e dizemos v. g. esta he a *miseria das miserias*» *a desgraça das desgraças*» a *maldade das maldades*» i. e. a *maior das miserias*; *das desgraças*, *das maldades*.

» Encontrão-se a cada passo no hebr. frases, em que redunda hum pronome relativo, v. g. «*habitantibus in regione umbrae mortis*, *lux orta est eis*» aonde o relativo *eis* parece superfluo depois de *habitantibus*. Tambem este hebraismo he frequente em portuguez: v. g. «*aos homens* probos roubão-*lhes* o credito» *aos bons*, perseguem-*nos*» aos máos, espera-*os* o castigo, etc.

» Outras vezes põem os Hebreos hum nome em estado absoluto, e empregão depois no estado de regencia, que lhe competia, o seu relativo. V. g. « *Dominus* in coelo sedes *ejus* » por *Domini sedes in coelo* » Nós tambem dizemos a cada passo « *o dinheiro*, que me déste, ja dispuz *delle*; ja *o* gastei » isto he « ja dispuz do dinheiro » ja gastei o dinheiro, etc. » *o segredo*, ja todos *o* sabem » *o homem*, ja não ha rasto *delle*. »

» Estas frases « *vai-te lá*, não sabes o que dizes » *vamos*, examinemos o ponto » *vinde cá*, contai-me isso pelo miudo » são hebraismos.

» Era costume nas nossas primeiras escolas fazer aprender aos meninos, e repetir o *abc* ajuntando a primeira letra com a ultima, a segunda com a penultima, a terceira com a antepenultima, etc., e dizendo *a-x*, *b-u*, *c-t*, etc. Os hebreos praticavão o mesmo, e tambem dizião *aleph-tau*, *beth-schin*, *ghimel-resch*, etc. e talvez se servião desta permutação de letras para escrever em cifra certos nomes, que não querião declarar expressamente. Ha hum exemplo disto em *Jerem.* c. 25. v. 26. aonde com este artificio se nomêa o Rei de Babylonia.

» Na linguagem portugueza usamos a cada passo do adverbio *assim* com a significação do latim *ideo*, *idcirco*, *propterea*, *quapropter*, *ob id*, *ob hanc causam*. V. g. « sabido he que Deos não pode enganar-se,

nem querer enganar-nos: *assim*, falando elle, não ha que hesitar em dar inteira fé ás suas palavras.» Poucas vezes julgão os homens ácerca do merecimento das cousas, segundo os principios da recta razão, e sem respeito a seus affectos e interesses: *assim*, errão a cada passo, e muitas vezes com detrimento seu proprio. » Os antigos Rabbinos confessão que as profecias sómente havião de durar até os dias do Messias: *assim*, tendo cessado ha muitos seculos o ministerio dos profetas, deve-se reconhecer, que ja veio o Messias» etc. Este uso parece tomado do idioma hebr., que diz no mesmo sentido *el-qen* [אל־כן], como se dissessemos em latim *adsic*, se o latim o consentisse.

etc. etc.

CATALOGO

Das Obras impressas, e mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; com os preços, por que cada uma dellas se vende brochada.

1836.

I. Breves Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes, para formar um Museu Nacional, *folheto* em 8.º	120
II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a manufactura do Azeite em Portugal, remettidas á Academia por João Antonio Dalla Bella, Socio da mesma, 1 vol. em 4.º . .	480
III. Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, pelo mesmo. *Segunda edição accrescentada pelo Socio da Academia* Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, 1 vol. em 4.º	480
IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. em 8.º	960
V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historiæ Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. em 4.º	640
VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis et Criminalis Lusitani, 5 vol. em 4.º.	2400
VII. Osmia, Tragedia coroada pela Academia, 2.ª edição, *folheto* em 8.º grande	240
VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folheto* em 4.º	160
IX. Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, por Fr. João de Sousa, 1 vol. em 4.º, 2.ª *edição augmentada* por Fr. José de Santo Antonio Moura.	600
X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnaeanis nominibus illustratum, 1 vol. em 8.º	200
XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico desde o anno de 1789: cada anno 1 vol. em 4.º	360
O mesmo para o anno de 1838.	600
XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 5 vol. em 4.º	4000
XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza,	

desde o Reinado do Senhor Rei D. Diniz, até o do Senhor Rei D. João II. 5 vol. em *folio*. 9000

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folheto* em 8.° . gr.

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, por Francisco de Mello Franco, 1 vol. em 4.° . 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de Sua Magestade, e vertidos em Portuguez, por Fr. João de Sousa, 1 vol. em 4.° 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escriptas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 tomo em 8.° 480

XVIII. Flora Cochinchinensis, sistens Plantas in Regno Cochinchinae nascentes: quibus accedunt aliae observatae in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiaeque locis variis; labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiae Scientiarum Academiae Ulyssiponensis Socii: 2 vol. em 4.° *maior*. . . 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza; por José Anastasio de Figueiredo, 2 vol. em 4.° 1800

Additamentos, e retoques á Synopse Chronologica, por João Pedro Ribeiro, 1 vol. em 4.° 800

XX. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, por Francisco José de Almeida, 1 vol. em 4.°. . 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. em 8.° 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas mineraes das Caldas da Rainha, por Francisco Tavares, *folheto* em 4.° 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. em 4.° 6400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo. *Segunda edição*, 1 vol. em 4.° . . 400

XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, 1 vol. em *folio maior*. 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção ao Methodo das Fluxões, por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia, 1 vol. em 8.°. 240

XXVII. Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal, e suas Colonias, pelo Socio D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. *Terceira Edição*, 1 vol. em 4.° . . . 480

XXVIII. Tratado de Agrimensura, por Estevão Cabral, So-

Vendem-se em Lisboa nas lojas dos Mercadores de livros na rua das Portas de Santa Catharina.